



ESTUDOS
DA
EDADE MEDIA

PHILOSOPHIA DA LITTERATURA

POR

TMEOPMILO BRAGA



Livraria Internacional

DE

ERNESTO CHARDRON
98, Rua dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4
BRAGA

6203

1870



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS			
Data		8/6	9/19
Tombo		B.8	13/2
6903		me	

867.09

B.813 2

v. L.P.

IMPRESA PORTUGUEZA.

3416



A MR. MICHELET

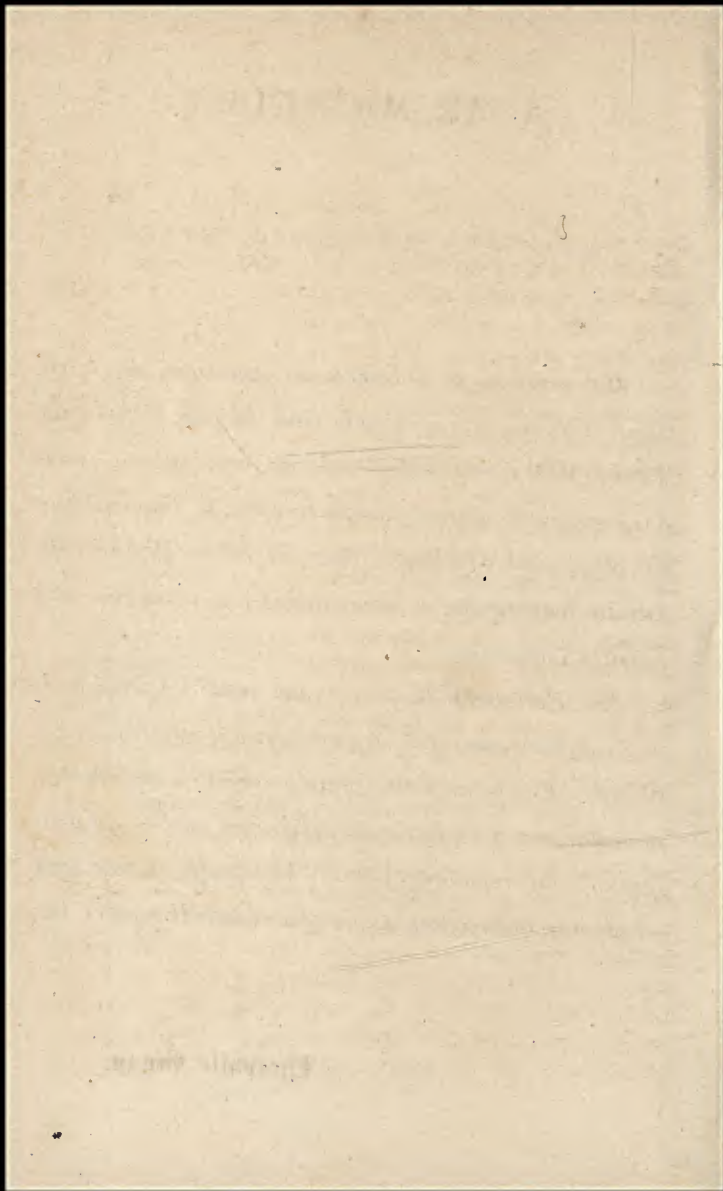
AUCTOR DA HISTORIA DE FRANÇA

Mal pensava que o homem do genio que, depois de Jacob Grimm, tem espalhado mais luz na historia da Edade Media, tanto sobre o direito, como sobre o genio das raças realisado nas grandes creações, se dignasse lançar olhos para o primeiro livro da minha Historia do Direito portuguez, e mais ainda, que o julgasse um trabalho importante.

Em Portugal o livro teve um grande defeito, o de dizer alguma coisa de novo, e de desnortear a rotina conhecida. Emquanto n'este pequeno ambito o espirito tem de lutar com a asphyxia da indifferença publica e a malquerença das reputações feitas, é bem que lhe succeda como ás plantas, que recebem a animação d'onde lhes vem a luz.

Theophilo Braga.





INTRODUÇÃO

Na philosophia da litteratura da Edade Media, predomina a seguinte lei historica: Entre as tradições classicas, propagadas com o uso exclusivo do *latim* das escholas, e a elaboração das *linguas nationaes* para exprimirem as paixões e necessidades da vida moderna, deu-se uma lucta contínua, continuada até ao seculo XIX entre as *fórmãs* de arte das Academias e o *sentimento* do *Romantismo*. Eis a lei que investigamos n'este livro, estudando a origem da maior parte das lendas seculares da Europa.

No Cyclo de Sam Graal, centro das tradições da cavalleria, vemos o espirito latinista da igreja apoderar-se d'este rico veio da poesia celtica. (Pag. 12) A vida da sociedade feudal, impressionada pelas grandes fomes e pestes devastadoras, acha-se descripta nos contos de fadas, ao passo que os chronistas eruditos consideram esse periodo da barbaridade como os seculos mudos. (Pag. 53) O predominio do latim nas escholas impõe a adoração dos poetas antigos, mas o genio local e nacional da meia edade cerca-os de uma efflorescencia de legendas suas, que servem de criterio da interpretação. (Pag. 24) A grande transmigração das lendas e contos orientaes, pela volta dos Cruzados nos seculos XII e XIII, faz realçar por um pouco no christianismo o espirito *aryano* e popular, corrigindo assim o elemento *canonico* e implacavel. (Pag. 77) A penalidade consuetudinaria do direito germanico anima a formação das lendas populares, distrae a imaginação com a realidade da vida. (Pag. 89) A igreja prega a condemnação irremissivel da rasão, que se emancipava pelo livre exame que preparou a Renas-



cença, vulgarizando a *lenda do Doutor Fausto*; a bondade popular modifica a condemnação perdoando ao sabio. (Pag. 89) Em Portugal manifestou-se o genio da aventura e o sentimento maritimo do christianismo, formando a verdadeira epopêa dos mares; em quanto na Europa inteira os historiadores seguem escrupulosamente a imitação de Tito Livio, a litteratura appresenta uma feição verdadeiramente original — João de Barros. (Pag. 115).

Mais outra vez triumpho o espirito da idade media, no amor e poesia mystica em que o elemento aryano e popular prevalece sobre o elemento canonico e romano, dando assim origem aos hymnos da egreja e á moderna poesia amorosa dos Povos do Meio Dia da Europa. (Pag. 136) Tambem o amor arrebatado, natural e immenso da idade media, tal como o sentiu Heloisa por Abailard, vem encher de luz um claustro do seculo XVII, quando o quietismo dos directores espirituaes desnaturava o sentimento. (Pag 183).

O genico comico da burguezia, a par das graves imitações classicas, torna-se outra vez mordaz no seculo XVII e XVIII, diante do despotismo das monarchias absolutas. (Pag. 214) A lucta da idade media continua-se ainda no seculo XIX; porém em vez de ser a emancipação das linguas nacionaes, é a revelação franca do sentimento, proclamada pelo *Romantismo*. (Pag. 243) Em Portugal historiamos esta revolução litteraria ainda pouco conhecida, para fazer-se ideia do movimento que lá fóra; a importancia que o criterio philosophico appresenta, em vez do exclusivo conhecimento da litteratura latina, está nas modernas descobertas da mythologia e das theogonias de todos os povos. (Pag. 1 a 12) Tal é a synthese dos factos que estudámos n'este livro, e d'onde ressalta a verdade da grande lei descoberta por Schlegell.



ESTUDOS

DA

EDADE MEDIA

MYTHOLOGIA IBERICA

ENDOVELLICO

Divindades pelasgicas no Mediterraneo — Religião cabirica dos Iberos — Seu character obscuro — Differentes hypotheses sobre *Endovellico* — Inscriptões lapidares do deos *Endovellico* e sua critica — *Endovellico* não é uma divindade ibero-phenicia, mas helleno-italica — Auctoridade de Creuzer — Contra-prova com o parentesco de outras divindades.

Depois dos immensos trabalhos sobre a classificação das raças humanas e das linguas, tem-se encontrado o criterio para resolver os pontos mais obscuros da mythologia de todos os povos, das suas epopêas e da sua historia. O mesmo genio aryano da grande migração indo-europêa, faz sentir a sua unidade em todas as creações, desde as theogonias terriveis da Scandinava até á confusão do pantheon romano, aonde mais se mos-



trava o genio assimilador de Roma, naturalizando todos os deoses dos povos vencidos. Entre nós, no seculo XVI eram impossiveis estas investigações; ou não se ía mais longe do acanhado evhemerismo, ou se resumiam a consultar a etymologia dos nomes segundo as radicaes gregas ou latinas. É o que vêmos com as interpretações que os nossos bons maiores deixaram sobre a divindade lusitana conhecida pelo nome de *Endovellicus*.

Nos fins do seculo XVI, Dom Theodosio I, Duque de Bragança, para reunir em Villa Viçosa todas as antiguidades que se achavam pelo Alentejo, mandou recoller oito lapides, que existiam em Terena, com inscrições votivas a *Endovellico*. Resende, nas suas *Antiguidades da Lusitania*, lançou-se em conjecturas; imaginou um *genius loci*; o seu commentador Diogo Mendes de Vasconcellos, aventou una hypothese ridicula com que combatia a opinião simples e infundada de Resende. Decompoz o nome de *Endovellico* em *intus*, *avellens*, para considerar esta divindade como protectora da extração das armas dos corpos dos soldados feridos na batalha. Nem mesmo que o nome fosse romano, bastavam estes dados para aceitar isto como verdade. Os que se voltaram para as etymologias gregas tomavam *Endovellico* como synonymo do *Deos Terminus*; e até o proprio La Clede, condemnando tam desvairadas opiniões, não o foi menos na sua, fazendo de *Endovellico* o *Deos do Amor*. Tal é o estado da questão, como a deixaram os escriptores que anteeederam



as modernas descobertas da ethnographia e da linguistica.

Os escriptores latinos desfiguraram todos os nomes primitivos dos povos da Peninsula; julgavam-os barbaros de mais, e ou por desprezo ou por ornato rhetorico, davam-lhes a forma urbana; de modo que esses nomes, taes como encontramos muitos em Strabão, differem immenso das construcções linguisticas do euskariano, determinadas por Wilhelm Humboldt.

Os primitivos habitantes da Peninsula foram os Iberos, raça pelasgica, refugiada para a banda dos Perynneos, entregue aos trabalhos minereos, e continuamente invadida pelos phenicios, carthaginezes e romanos. Os Celtas nunca chegaram a fundir-se completamente com o elemento iberico. Os motivos da perseguição dos Iberos, era o grande susto que infundiu a todos os povos a sua religião obscura e subterranea; o mesmo succedeu com os pelasgos. A sua religião era tambem desconhecida; Strabão diz: «Estes e outros povos que lhe confinam ao norte, adoram o *Deos sem nome* no tempo da lua cheia.» Todos os mais povos desconheciam os dogmas pelasgicos, temiam-nos; denominavam-no vagamente, *Sér*, Principio, com o radical celtico *End*, que significa *Dominus* e Deos, como trazem Du Cange e Bullet.

Encontra-se uma medalha, nas taboas numismaticas de Hespanha de Velasquez, com o symbolo de um joven, com a legenda em caracteres bastulos, e com

*



o radical *En*, designativo da Divindade (1). Designação que corresponde ao radical celtico. *Endovellico*, encerra por tanto esse radical, privativo de tudo quanto é grande ou divino. *Bel*, *Belus* ou *Baal*, é uma divindade phenicia, cuja introdução na Península pode explicar-se do seguinte modo: os phenicios vieram como aventureiros do mar, attrahidos pela tradição da abundancia de minas de ouro; entraram ao inverso dos earthaginezes, com uma mansuetude de quem vem estabelecer relações commerciaes. Na fusão dos povos, a primeira cousa que se dá é a conformidade dos costumes, e a identificação dos dogmas.

Os phenicios encontrando uma designação da divindade de um modo tão abstracto, *Deos sem nome*, como lhe chamava Strabão, a qual se conformaria talvez com os seus ritos, foram introduzindo o culto de *Bel* sem difficuldade. (2) Deve principalmente attribuir-se ao systema dos escriptores romanos de alatinarem os nomes, o formar-se uma nova divindade pela reunião das palavras de indole adversa, *End* e *Bel*, d'onde vieram a formar *Endovellicus*? Que ideia fariam porem os romanos ácerca das divindades da Lusitania? Strabão diz dos Lusitanos: «Hireo maxime veseuntur, quem et Marti, immolant sicut et captivos et equos.»

(1) *Mem.* de D. Antonio da Visit. Freire de Carvalho, Investigador Portuguez, n.º XXXIV.

(2) Citada *Mem.* Investigador, p. 156. *Bel*; *phal*, ou *phul*, significa *Senhor*, *Soberano*, noção vaga que absorvia a outra na synonymia.



Na gerarchia das divindades cabiricas da Península, encontra-se Marte designado pelo nome de *Nethon*, em irlandez *Neith*. Da divindade cabirica *Nethon*, fala Macrobio do seguinte modo: « Accitanii Hispanna gens, Simulacrum Martis radiis hornatum maxima religione celebrant *Neton* vocantes.» (1) Macrobio affirma que no culto egypcio se sacrificava um touro ao sol, e que a esta victima chamavam *Neton*. Flôrez, na *Espanña Sagrada*, (t. VII, fol. 9), affirma que os Accitanos receberam a voz de *Neton* dos Egypcios, e que significava touro, ou monumento em que adoravam o sol. Tem este nome os seguintes variantes *Necym*, *Necum*, *Nicom*. Creuzer, na *Symbolica*, (trad. de Guigniaut, t. II, p. 802 e 828) fala no Deos *Neith*. O sr. Visitação Freire de Carvalho é da opinião, que *Endovellico* seja esta divindade correspondente a Marte, vindo a ser: «o Sol Equinoxial da Primavera, a quem Achilles Tacio denomina o Planeta do Hercules Solar.» Segundo Cicero, entre os muitos Hercules, que eram o mytho do Sol, *Bellus* era o quinto. *Bellus* era portanto o Hercules Solar da India. Fôra d'ali que irradiara o culto de *Bel*, no tempo das emigrações phenicias. O *bode* e o *cavallo*, que os Lusitanos sacrificavam á sua divindade, são privativos do culto heliastico. Assim crêmos ter exposto a hypothese da origem e character d'esta divindade da Mythologia Lusitana, que passa pela mais corrente.

(1) Lib. I *Saturnal*, cap. 24. João Vossio, dá-lhe uma origem iberica: *De origine et progressu Idolatriæ*, lib. I, cap. 33.



Porem, não é esta ainda a verdade. *Eneualios* e *Hephoestes*, filhos de Hera, explicam claramente o mytho.

Creuzer, no livro da *Symbolica*, quando tracta das grandes divindades da Grecia e suas analogas na Italia, dá a melhor interpretação sobre o character de *Endovellico*, sem comtudo conhecer a questão. *Ares* ou Marte é o deos cujo epitheto, *Eneualios* ou *Enyalios*, quer dizer bellicoso. Falando dos seus epithetos, diz Creuzer: «Um dos principaes e mais antigos era o de *Enyalios*, que significava bellicoso, segundo a interpretação dos grammaticos. (*Iliad. XVIII, 221, ib. inter.*)

Mais tarde, veio a distinguir-se *Enyalios* de Marte, e fez-se um deos particular, subordinado a este que lhe dera nascimento, unindo-se a *Enyo* deosa da guerra. Os guerreiros, indo para a guerra, cantavam um hymno a *Enyalios*, e lhe offereciam sacrificios como a um deos protector das armas. (*Xenephonte, Anab. t. 8, 12; Cyrop. VII, 1, 3. Arrian. Exped. I, 14, 10.*)

Nas divindades da Peninsula tambem se encontra o nome de *Hypsistos*. O nome d'esta divindade vem confirmar a interpretação do character de *Endovellico*. Creuzer (na fol. 142, figura 275), traz a seguinte imagem: *Hera* ou *Juno*, com o sceptro na mão, está assentada em um throno de ouro, ao qual a amarraram por laços invisiveis. Seus dois filhos *Héphoestus* ou *Vulcano*, auctor de maravilhoso trabalho, e *Ares*, ou *Mars* (*Eneualios*), combatem entre si, com a lança e o escudo,



um para a retêr, o outro para a libertar. Do deos *Hypsisto* existe uma lamina, analisada por Don Juan Iriarte; é o deos, segundo Peres Pastor no seu *Ensaio sobre Endovellico*, mencionado por Sanchoniaton, (1) do qual diz, que antes era chamado *Elium*: « Quidam *Elium*, vocatus *Hypsistos*... Horum autem Pater *Hypsistus*. » Em uma cornarina achada no territorio de Almeida, o mesmo Don Juan Iriarte interpretou: « Deum tibi *Hypsistum*, ne me offendas. — Magnum numen. » *Hypsisto* em grego significa altissimo. A segunda parte da cornarina tem a mesma impreciação dada a Serapis: « Magnum nomen Serapidis. » D'onde se deduz naturalmente a hypothese da homonymia entre Serapis e *Hypsisto*. Grutero (2) traz uma columna em que Serapis se chama *Hypsimedon*, e *Attidi Hypsisto*, interpretando-se geralmente Serapis, Attis o excelso. (3) *Hypsistus* porem não é mais do que uma corrupção de *Hephoestus*, natural pela grande facilidade que ha entre a confusão do *phi* grego com o *psi*. Por tanto o encontro de *Hypsisto* na mesma religião em que andou a tradição de *Endovellico*, leva á evidencia a prova de que esta divindade não se deve procurar no olympo ibero-phenicio, mas que pertence exclusivamente á grande familia das divindades heleno-italicas. Falta-nos reproduzir as inscrições, em que se fundamenta este trabalho. Eil-as:

(1) Praeparat. Evangel. de Eusebio, Lib. I.

(2) Fol. 85, n.º 5.

(3) Peres Pastor, ob. cit. p. 100.



1

ENDOVELLICO
SACRVM. MAR
CUS. IVLIVS
PROCVLVS
ANIMO. LI
BENS. VOTVM
SOLVIL

2

DEO ENDOVELLICO
PRÆSTANTISS. ET PRAE
SENTISSIMI. NVMINIS
SEXTVS. COCCEIVS CRA
TERVS HONORINVS
EQVES. ROMANVS
EX. VOTO

3

ENDOVELLICO SACRUM ANTONIA
L. MANLIO. L. A.
SIGNVM ARGENTEVN.

4

DEO SANTO ENDOVELLICO NVN
ANIMO LIBENS VOTVM SOLVIL



5

C. IVLIVS NOVATVS
 ENDOVELLICO
 PRO. SALUTE
 VIVENNIAE
 VENVSTAE
 MANILIAE. SVAE
 VOTVM SOLVIT

6

ENDOVELLICO
 CRITONIA
 MAXVMA. EX
 VOTO. PRO
 CRITONIA. C. F.

7

DEO ENDOVELLICO. SAC
 IVNIA. ELIANA. VOTO. SVCCEPTO
 ELVIA. YBAS. MATER. FILIAE
 SVAE. VOTVM. SVCCEPTVM
 ANIMO. LIBENS. POSVIL

8

D. ENDOVELLICO. SA
 AD. RELICTICIVM. EX
 T. NVMIN. ARRIVS BA
 DIOLVS. A. L. F.



9

EN DOVELLICO
ALBIA
IANVARIA
.....

10

ENDOVELLICO SACRVM BIANDVVS
COELIÆ RVFINÆ SERVVS
A. L. V. S.

11

ENDOVELLICO
SACRVM
EX. RELIGIONE
IVSSV. LVMINIS
POMPONIA
MARCELLA
A. L. P.

12

ENOBOLICO TVSCA OLIA TAVRI F.
PRO QVINTO STATORIO TAVRO
V. A. L. S.



13

Q. SERVIVS Q. F. PAP.
FIRMANVS VOTVM
DEO ENDOVOLICO
S. L. M.

14

E. S.
P. MANIL
ATICTVS V. S.

15

HERCVLI P.
ENDOVELL.
TOLET. V. V.
OSCA
DEIS. TUTEL.
COMPEDII.
URSOS. TAUROS.
AVES MARINAS
QUONDAM. D. D.

Estas inscripções pertenceram ao eruditissimo Florez, que as recebeu do convento de Villa Viçosa de Portugal, e as offereceu ao citado Perez Pastor.



Resende nas *Antiquitates Lusitaniae* traz as 2.^a, 9.^a, 1.^a, 7.^a, 8.^a, 13.^a, 6.^a, 5.^a, pela ordem que as apresentamos. A 5.^a e 6.^a inscrição foram copiadas por Grutero das *Antiquidades* de Resende, mas erradas; a inscrição 13.^a foi copiada por Grutero, e de Resende a copiou Reinesio, (t. 2, fl. 1010) com alteração de letra: *Endovolico* em vez de *Endovelico*. A inscrição 14.^a é attribuida por Muratori a *Endolio*; foi achada em Porcuna e copiada dos apontamentos do padre Cataneo Perez Pastor que a dá como duvidosa. A inscrição 15.^a é falsa; nunca existiu na Casa professa da Companhia de Jesus de Toledo, e foi forjada maliciosamente. M. Freret nas *Memorias da Academia das Inscripções*, baseou sobre ella as suas investigações acerca de *Endovellico*. Entre as muitas opiniões sobre o character d'esta divindade, Perez Pastor fal-o Deos da medicina, *Bellinus*, fundando-se nos votos *pro salute*, dando-lhe assim irmandade com Apollo e Serapis.



O CYCLO DE SAM GRAAL

O EVANGELHO DE NICODEMUS centro das lendas cavalleiricas do cyclo de Sam Graal e da Descida aos Infernos — Sua origem oriental — Como se prende ás tradições epicas da Tavola-Redonda — O Purgatorio de Sam Patricio — Transformações dadas pelos Minnesanguer — Apropriações do Christianismo.

O *Evangelho de Nicodemus* é uma d'aquellas produções apocryphas dos primeiros seculos da Egreja, em que pela primeira vez foram recolhidas as crenças populares relativas á paixão de Jesus; encontra-se ali o germen das grandes legendas que circularam na idade media, e a sua influencia na arte christã é um facto que demonstra a origem popular. Compõe-se de duas partes distinctas; una encerra a narrativa da condémnação, da paixão e ressurreição, a outra conta a descida aos infernos e o combate de Jesus contra as potencias das trevas para salvar os patriarchas. É justamente em cada uma d'estas partes que se pode ir determinar a origem da cavalléria mystica do *Saint Graal*, e essas visões sem numero de Tundal, Alberic, S. Patricio e Dante ás regiões das sombras. Tanto uma como outra d'estas legendas appresentam caracteres da imaginação oriental, e quasi que, prescindindo da fatalidade do genio indo-europeu, se pode sem hypotheses violentas notar as origens communs.

O *Evangelho de Nicodemus* é de facto de origem oriental. Gustave Brunet; o traductor dos *Evangelhos*



apocryphos, dá como certo, ser o seu auctor de raça judaica (1). Affirmo-nos o legendario dando-se elle proprio a conhecer: «Eu, Emen, Hebreu que era Doutor da Lei entre os Hebreus, estudante das sagradas Escripturas; aplicando-me na Fé, ás grandezas das Escripturas de Nosso Senhor Jesus Christo, revestido da dignidade do santo baptismo, e procurando as cousas que se passaram e que fizeram os judeus sob o governo de Poncio Pilatos; achando a narração d'estes factos escripta em letras hebraicas por Nicodemus, interpretei-a em letras gregas, para leval-a ao conhecimento de todos os que adoram o nome de Nosso Senhor Jesus Christo...» (Preambulo) Encontra-se este Evangelho traduzido em quasi todas as linguas da Europa, em allemão, inglez, francez, e italiano; Assemani foi o primeiro, que na sua *Bibliotheca Orientalis* notou em diversos autores syriacos e coptas vestigios das narrativas que o formam. Silvestre de Saey traduziu uma relação arabe, e existem manuscritos armenios no Vaticano, fontes da legenda. Nos *Actos de S. André e Sam Paulo*, traduzidos por Dulaurier, Sam Paulo desceu ao seio do abysmo; e este fragmento copta appresenta similhanças notaveis com a segunda parte do *Evangelho de Nicodemus* (2).

A popularidade do *Evangelho de Nicodemus*, introduziu nas tradições da Armoria, e nas legendas da

(1) Pag. 215 dos *Evâng. Apocr.*

(2) Vid. comparações e noticias bibliographicas em Gustave Brunet, *Obr. cit.* p. 215-229.



Tavola-Redonda a crença brilhante do *Saint Graal*. As tradições druidicas do vaso de Taliesin, guardado por Gwion, o anão, harmonisavam-se; era facil o confundirem-se entre si. A existencia de El-Rei Arthur era vaga, phantasticos os seus paladins; prestava-se melhor do que nenhuma outra legenda a esta assimilação do espirito ecclesiastico, e ás allegorias mysticas. Em vez da altiveza heroica dos senhores feudaes no cyclo de Carlos Magno, os cavalleiros do *Saint Graal* iam pelo mundo á busca do maravilhoso Talismã, esse vaso sagrado que recolhera o sangue de Christo, quando lhe trespassou o peito a lança de Longuinhos; são como sombras fluctuando em um nevoeiro confuso, proseguindo um ideal intangivel, que não é d'este mundo; é uma cavalleria casuistica na sua *fidelidade*, não tem o ponto de *honra*, mas o escrupulo divino: se perdem o deslumbramento diante do vaso sagrado tornam-se indignos da sua guarda; se não procuram cômprender o mysterio que elle encerra, nunca lhe ha de ser revelado. No *Evangelho de Nicodemus* se lê: «Um soldado, chamado Longuinhos, tomando uma lança, lhe feriu o lado d'onde caíu agua e sangue.» (Cap. X.) Tal era o conteúdo no Vaso precioso que se mostrava aos cavalleiros errantes, ao cabo de longas peregrinações, só quando chegavam a attingir a sunma perfeição na terra.

Um romance francez de cavalleria, *Histoire du Roi Perceforest*, traz como um episodio o *Evangelho de Nicodemus*. A legenda da lança do soldado ia ampliando-



se na tradição; acha-se já mais definida e circunstanciada em um livro impresso em 1497: *Passion de N. S. Jesus Christ, faicte et traicté par le bon maistre Gamaliel et Nicodemus son neveu, e le bon chevalier Joseph Dabrimatie translatee du latin en françois*. Eis a tradução do Evangelho: «Comme apres que Ihesuerist fut trespasse Annas et Cayphas allèrent autour de la croix veoir si estoit mort. Et tantost Annas et Cayphas et plusieurs aultres des Juifz allèrent enuirou la croix pour veoir si Ihesuerist estoit mort et les aultres non, et Cayphas dist à Centurion quil faillit pereer le costé dunc lance, et Centurion dist que riens non feroit pour tout le monde, ear il auoit veu les plus grands merneilles que onques ne vit ne ouyt dire pour mort de nul homme, et tantost ung Juif que auoit nom Longis et estoit aueugle et si estoit un gentilhomme de Romme qui le prit par la main et luy dist: Venlx-tu recouruer la veue; oui, dist il, sil se peut faire, et le Juifz print une longue lancee et fist toucher le fer de la lance au coste de Ihesuerist et lui dist quil boutast fort, et tantost em yssit sang et eaue meslee et descendit du long de la lancee iusques aux mains de ee Longis et il en toueha ses yeulx, or tantost apres quil touchè à ses yeulx, il vit elèrement et tous ceulx qui virent le miracle eheurent par terre et disoient que mal leur estoit pris, ear il auoient liure à mort Jhesuerist, e Joseph Dabrimathia prist ung vasseau là où il retint le sang de Jhesuerist et retint



la lance et la mist en la cite de Hiêrusalem.» (1) Esta glosa contem a summa de toda a legenda do *Sam Graal*; as imaginações da idade media liam assim no Evangelho apocrypho; cada palavra era una situação nova que a phantasia ia bordando no fervor da crença. No Capitulo xiv e xv do *Evangelho de Nicodemus*, vem a historia de José de Arimathia, que sepultou Jesus, que o veiu livrar do carcere, e lhe mostrou acima dos ares, aonde o arrebatou, coberto de orvalho o lençol em que o discipulo o tinha envolvido.

Assim a grande legenda popular do *Sam Graal*, confundida mais tarde no cyclo da Tavola-Redonda, para occupar as imaginações e distrahir-as das façanhas dos guerreiros do cyclo carlingiano, teve origem no *Evangelho apocrypho* de Nicodemus.

Foi d'este mesmo Evangelho popular que saíu a legenda da descida aos infernos, que a raça celtica adoptou no *Purgatorio de Sam Patricio*, que encheu de visões o mundo, até se fixar na forma epica da *Divina Comedia*. O *Sam Graal* encontra-se como veremos tambem nas tradições druidicas. O *Sam Graal*, era uma pedra preciosa, de um brilho maravilhoso que havia caído da corôa de Lucifer. Fez-se d'ella o vaso que José de Arimathia possuia no tempo de Jesus; n'elle se guarda o cordeiro pascal, e se recolleu o sangue caído da ferida da lança de Lon-

(1) D'après G. Brunet, p. 224, aonde cita algumas passagens pela rasão da extrema raridade.



ginhos no lado de Jesus. A guarda d'este vaso dava todas as felicidades possiveis; quem o contemplava ficava joven; guardal-o, era o mais alto favor que se podia obter no mundo, só concedido aos que se distinguiam por sua humildade, pureza, bravura e fidelidade.

José de Arimathia trouxe-o do Oriente; esteve seculos inteiros sem guarda, pairando nos ares, nas mãos dos anjos e das virgens. *Titarel* encontrou-o e construiu o castello na floresta do Monte Salvaz, aonde o entregou á guarda dos cavalleiros do Templo. Depois de corrompida a christandade, os anjos arrebataram outra vez o *Sam Graal* e o seu templo para o reino de Preste João das Indias. Tal era o ideal dos cavalleiros errantes, milicia celeste e solitaria, que vieram no meio das tradições encrgicas do cyclo de Carlos Magno, espalhar o langor mystico na alma popular. Como todas as grandes legendas do christianismo, é esta tambem de origem oriental. Julga-se que lhe deu a primeira redacção em prosa arabe na Hespanha Flegtanis; em França, Guyot no seculo XII lançou mão d'ella, tendo encontrado a legenda de Flegtanis n'um mercado de Toledo; foi o primeiro que a revistiu de uma forma poetica no Occidente. Chrétien de Troyes confundiu-a com a legenda de Arthur e da Tavola-Rdonda. Vilmar, na sua *Historia da litteratura germanica*, faz o paradigma das situações que se encontraram entre a legenda e os mythos orientaes. O monte Meru indiatico, é o Albord dos Parses, d'onde Ormuz vê



partir o sol e a lua, correspondem ao Monte Salvaz da legenda do *Sam Graal*; Sanyasi, o brahmane que atingiu na terra a mais alta perfeição, corresponde ao guarda de *Sam Graal*. Os *Chiliastas*, ou *millenarios*, que idearam o reinado de Christo, fundiram na religião as legendas do Paraiso. Assim a legenda oriental veiu assimilando a si os differentes elementos do christianismo, modificando-se pelas ideias de cada epoca; os christãos não lhe poderam tirar o colorido oriental, apagando-lhe as ideias arabes; os Normandos popularisam-na mudando-lhe o character cavalheiresco, vindo pelos trovadores a formar a grande epopêa religiosa da idade media.

A legenda de *Sam Graal* tem por fundamento o mysterio da Eucharistia; tal é a fórma que lhe deu o miunesänger Wolfran d'Eschenbach, no *Titurel*, em que representa o ideal da cavellaria christã, e no *Perceval* o typo moral do homem que perdeu a perfeição, e ao cabo de longos erros a alcançara como limite dos seus trabalhos. No romance de *Perceval*, mais do que em nenhum outro, se vê a tendencia das legendas celticas a tomarem successivamente um character christão. (1) O christianismo adoptara todas as crenças divinizando-as. Roma, no paganismo, tambem assim se tornara o Pantheon dos povos vencidos. *Peredur*, o que anda á procura da urna, torna-se um heroe christão. O vaso celtico, que *Taliesin* diz que estava collocado no templo de

(1) Demonstrado por M. H. de Villemarqué.



uma deosa, patrona dos bardos, resumia em si o thesouro dos conhecimentos humanos, a sciencia do futuro, a poesia, a prudencia, e o mysterio do mundo; tal veiu a ser o *Sam Graal* de José de Arimathia, de que o christianismo se apropriou no druidismo. A lança de Longuinhos, que no *Evangelho apocrypho* de Nicodemus trespassa o lado de Christo moribundo, era a mesma lança, que no periodo da grande luta entre os Bretões e Saxões, symbolisava a guerra eterna contra os invasores, sobre a qual o iniciado bardico dava o juramento. (1) Gwion, o anão, maioral dos anãos da Bretanha, de origem cabirica, é que guarda esse vaso mystico, que encerra agua da advinhação e da sciencia; o vaso apresenta analogias profundas com a taça mystica dos Cabiras, attribuida a Dschemschid, que a descobriu quando abriu os alicêrces d'Estakhar, tambem attribuida a Baccho, a Hermes, a José, a Salomão e a Alexandre, espelho magico do mundo, e vaso da salvação. (2) Em muitas outras circunstancias se vê sempre o espirito do christianismo adoptando as legendas populares pagãs, tornando-as suas. O culto das fontes era tambem das crenças celticas; a antiga fonte sagrada (holywell) da abbadia de Glastonbury, foi sanctificada, dedicando-a a S. José de Arimathia, que veiu substituir a divindade celtica. (3)

(1) Aproximações de M. Alfred Maury, *Fées*, p. 62.

(2) Creuzer, *Symbolica*, trad. de Guigniaut, t. I, p. 440; Strabão, X, f. 472. D'après Maury op. cit. p. 84.

(3) Maury, *ibid.* p. 42.



O caracter d'esta poesia do *Sam Graal*, phantastico, e despido de realidade, tinha uma tendencia allegorica, que o levava para os devaneios mysticos. Sam Francisco de Assis, o *trovador da Ombria*, um dos creadores do monachismo no Occidente, chamava aos seus mais zelosos companheiros: *Estes são os meus Paladins da Tabela Redonda*. Em criança aprazia-se com as aventuras que lia nos livros da cavalleria; sonhava que havia de ser principe, e via-se em palacios soberbos, cheios de armas que haviam de pertencer a elle e aos seus cavalleiros. Foi este esposo da Pobreza, que deu realidade ás vagas abstracções da cavalleria celeste.



[Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page. The text is too light to transcribe accurately.]



VIRGILIO NA EDADE MEDIA

§. I

FORMAÇÃO DAS LENDAS MARAVILHOSAS DE VIRGILIO, tiradas quasi sempre das suas *Eclogas*, mais lidas do que a *Eneida* nas escholhas antigas — O christianismo e o paganismo — Lendas grotescas de Virgilio — Lanuce — Pederasta, na ecloga segunda — Propheta na ecloga quarta — Desenvolto; como se interpreta na ecloga terceira — Feiticeiro, na ecloga oitava — Virgilio foi o poeta pagão que mais pressentiu os sentimentos do christianismo.

Cada seculo tem o seu poeta, uma alma que é a synthese dos sentimentos de que está possuido. Como Dante, que é hoje o poeta grandioso e profundo adoptado pelo seculo XIX, Virgilio foi o querido, o eleito na idade media. Na confusão dos sentimentos novos, na incerteza da vida, na desolação das grandes pestes, no retiro austero mas silencioso dos claustros, os versos de Virgilio foram um desabafo da alma entristecida. Era a biblia do coração, que curava um pouco a terrivel acedia da monotonia. Aquelles que deviam as consolações intimas procuraram agradecer-lhe com a bemaventurança. Como poderia perder-se uma alma que cantava como os anjos? dizia a lenda celtica, repassada de bondade. Á força de viver com o poeta da melancholia, a idade media fel-o á sua imagem, como tudo aquillo que se adora. Enlevada



por uma unica sciencia, que algeniara a rasão, a theologia, fez de Virgilio um Padre da Egreja, vindo annunciar o Verbo, como um propheta, a par da Sybilla; impellida pelos grandes sentimentos cavalheirescos da honra e do amor, fez de Virgilio um galanteador da côrte, sete annos preso pelo amor de uma dama. Agitada pelas superstições terriveis da magia e da astrologia judiciaria, pelas lendas tenebrosas do diabo, fez de Virgilio um feiticeiro, um encantador, que encheu o mundo de maravilhas; quando tambem comecou a edade media a dominar todos estes terrores e a afastal-os com o riso do sarcasmo e da desenvoltura, que apparecem nos coutos decameronicos da burguezia, communicou a Virgilio, ao poeta immaculado, esse character mordente e sensual, fel-o uma especie de Aretino. As lendas são como stataclites; crescem por juxta-posição em volta de um unico ponto. Vejamos d'onde partin o instincto que rodeou o nome de Virgilio de tão desencontradas tradições, e quaes os factos que dariam elemento para a formação das legendas.

Na festa do *Asno*, assim designada por apparecer entre os prophetas da Lei velha Balaam montado na sua jumenta (1), Virgilio era tambem invocado para vir testemunhar o Messias. «*Vocatores: Maro, Maro, vates Gentilium, da Christo. — Virgilius in juvenili habitu, bene ornatus, respondeat: Ecce polo demissa*

(1) Opinião de Du Cange, *Glossarium*, vbo. *Festum Asinorum*.



solo.» O nome de *Vates*, designa perfeitamente a ideia que formavam de Virgilio, propheta e poeta. Com elle era tambem invoeada a Sybilla: «Tu, tu Sybilla, vates illa. — *Sybilla coronata, et muliebri habitu ornata, dicat: Judieii signum tellus sudore.*» A edade media unia o ridiculo aos sentimentos mais sublimes; Virgilio agora é representado com as côres do grotesco e com esta licença chasqueadora da nova burguezia animada pelas Universidades e Communas, que se nota em todos os velhos fabularios com que satyrisava os senhores feudaes e a Egreja. Albert de Eib na segunda parte da sua *Margarita poetica*, conta a historia de uma meretriz romana «laquelle ayant suspendu Virgile à my estage «d'une tour dans une corbeille, il fit esteindre pour «s'en vanger tout le feu qui estoit à Rome, sans qu'il «fust possible de le rallumer si l'on ne l'alloit prendre «ès parties secretes de cette mocqueuse, et ce encore «de telle sorte, que ne pouvant se communiquer cha- «cun estoit tenu de l'aller veoir et visiter, etc. (1)» Seguindo Gabriel Nandé, Gratian du Pont imprimiu em Tholouse em 1534 um poema sobre esta anedota:

«Que dirons nous du bon Virgile,
Que tu pendis si vray que l'Evangile,
Dans ta corbeille jadis en ta fenestre,
Donc tant marry fut qu'estoit possible estre.
A luy qui estoit homme de grand honneur,
Ne fis pas un tres grand deshonneur,

(1) Naudé, *Apologie pour les grands hommes*, Chap. XXI, pag. 614.



Helas si feis, cas c'estoit de dans Rome,
 Que là pendu demeura le pauvre homme,
 Par ta cautelle et ta deception,
 Un jour qu'on fit grosse procession
 Parny la ville, donc dudit personnage
 Qui ne s'en rit ne fut estimé sage.» (1)

Este facto tem uma grande analogia com a lenda de Heliodoro, já observada por Görres na *Mystica diabolica*. O espirito byzantino das velhas legendas de feiticaria mostra vestigios sensíveis na de Virgílio, principalmente na apropriação da historia de Thalia, mulher de Herachida, que perseguia Heliodoro Mago por mandado de Constantino Copronymino e Constantino Prophyrogeneta (2).

O caracter desenvolto da idade media encontra-se até nas lendas da Virgem. Umaz vezes ella visita na solidão da cella o pobre monge, limpa-lhe as chagas, dá-lhe o leite de seus peitos (3); protege tambem dous amantes, que se evadem da prisão, onde deixa dous demonios em vez d'elles, que levam a honra e o dinheiro do pobre marido (4); compassiva, d'outra vez vem tocar vespuras e matinas pela sacristã que foi correr aventuras amorosas fóra do mosteiro. O *Fabliau* é essencialmente licencioso e sarcastico; o que mais se respeita, é justamente o que apóda e moteja. É a reacção da liberdade burgueza protegida, chasqueando o

(1) D'après Naudé, op. cit.

(2) Gorres, *Mystica*, tom. III. pag. 109 e 128.

(3) Gautier de Coinsy, *Les Miracles de la Vierge*.

(4) Lenient, *Satyre en France au moyen âge*, pag. 103.



clero e os senhores feudaes que longo tempo a trouxeram esmagada.

As *Eclogas* de Virgilio, mais lidas do que a *Eneida*, por isso que as encontrámos mais imitadas, deram origem a quasi todas as lendas em que o poeta nos apparece como andromaniaco, apaixonado por Alexis, o amor da fórma, puramente grego, voluptuoso mas não lascivo, que a edade media como asceta não comprehendia.

A Ecloga II de *Alexis* deu origem á lenda da noite da Natividade de Jesus, em que morreram todos os sodomitas, sendo Virgilio tambem d'esse numero (1).

A Ecloga III dá origem a outro conto desenvolvido, em que Virgilio expande uma certa ironia fina, que não era da sua época, e menos do seu character. Varus, poeta tragico, era casado com uma dama muito erudita, com quem Virgilio tinha conferencias particulares. Virgilio offereceu-lhe uma tragedia, que ella apresentou como sua ao marido. Varus apropriou-se da obra e recitou-a em publico. Os commentadores, que espremem todos os textos, e querem achar uma intenção em cada palavra para personalisar o auctor, descobriram n'estes versos da Ecloga III uma referencia á aventura licenciosa:

(1) Naudé, *Apologie*, Chap. XXI, pag. 628 e 29, onde cita a auctoridade de um famoso juriconsulto, apud Emmanuel de Moura, lib. de *Ensaln.* sect. 3, cap. 4, n. 12.



An mihi cantando victus non rederet ille,
 Quem mea carminibus memisset fistula. caprum?
 Si nescis, meus ille *caper* fuit (1).

Virgilio considerado como padre da igreja tem a sua lenda fundada na Ecloga iv. Nem sempre a palavra selvagem e aspera de Tertuliano se ergueu para abafar a harmonia dispersa das lyras do paganismo. Nem sempre o architecto da *Cidade de Deos* soltou dos labios o *dulcissime vanus* (2) para stigmatizar a poesia antiga! Lactancio e Sancto Agostinho procuraram na Ecloga natalicia de Virgilio o presentimento do Messias. Quizeram reconhecer a encarnação do Verbo n'aquelles versos sybillinos:

Ultima Cunaei venit jam carminis aetas;
 Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
 Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna,
 Jam nova progenies coelo dimittitur alto.

E quando Sancto Agostinho (3) perguntava, se aquelle Poeta fecundissimo, ao falar da *nova progenies*, não dava um testemunho de Christo, mostrava a contrariedade do coração humano, renovando o culto que

(1) Servius, *in Virg. Ecl. III*, vs. 20: «Aiunt hoc; Varus tragediarum scriptor. habuit uxorem litteratissimam, cum qua Virgilius adulterium solebat admittere: cui etiam dedit scriptam tragediam, quam illa marito dedit tanquam a se scriptam. Hanc recitavit pro sua Varus: quam rem Virgilius dicit per allegoriam. Nam tragaediae praenium *caper* fuit.»—Servio rejeita a hypothese da allegoria.

(2) S. August. *Confess.*

(3) Contra Judeos.



lhe fizera soltar uma lagrima sobre o episodio doloroso da rainha Dido. Tambem San Basilio procurava nas harmonias profanas de Hesiodo a vereda que leva á perfeição e virtude. San Fulgencio estuda Menandro. S. Gregorio Nanzianzeno medita sobre esses monumentos, restos de uma civilisação extincta. Muitos hymnos da igreja nasceram dos côros das tragedias gregas. Dante, que tambem apparece na penumbra da cidade media com a mesma altivez de um Doutor da egreja, *eximio theologo*, volta-se na sua viagem mysteriosa para Virgilio dizendo: — Por ti eu fui poeta, por ti eu fui christão. — Foi a Ecloga IV, que salvou Virgilio da barbaridade palimpsestica da idade media, foi o motivo da sua sanctificação.

Na Ecloga VIII parece ter a meia idade encontrado o elemento para todas as lendas de feiticaria de Virgilio. No seculo xvii ainda Virgilio era com calor accusado de magia; Naudé procurou defendel-o contra todos os ataques de Bodin e Lancre. A magia de Virgilio não era a goetica tenebrosa, era a fascinação da harmonia, como Naudé presentiu, que ia fazendo esquecer o dogma evangelico dos livres canonicos pelos codices dos poetas antigos. Virgilio era a alma da Renascença.

A origem d'esta diversidade de lendas de magia encontra-se em um livro de Gervais, chancellor do Imperador Othão IV, intitulado *Otia Imperatoris* (1)

(1) Acha-se nos *Scriptores rerum Bronswicarum*, de Leibnitz.



em que conta como Virgilio fez uma mosca de bronze e a collou sobre uma das portas da cidade de Napoles, e durante os annos que lá permaneceu nenhuma outra mosca pôde entrar na cidade; como fez um açougue onde a carne se não corrompia; como collou sobre as portas da cidade duas estatuas de pedra, uma chamada Alegria e bella, outra Tristeza e feia, com tal poder, que o que entrasse pelo lado em que estava a primeira todos os negocios lhe corriam bem, e o contrario com a opposta. Tambem sobre uma montanha de Napoles levantou uma estatua de bronze com uma trombeta na bôcca; resoava com o vento de septentrião, afastando para o mar e o fogo dos vulcões. Fez os banhos, cujas inscrições mysteriosas destruiu a eschola de Salerno; inventou um brazeiro commum; fez uma enguia d'ouro, que deitou n'um poço para livrar a cidade de Napoles de uma praga de sauguesugas, fez um jardim onde não chovia, e um palacio cercado de ar immovel que lhe servia de muro, onde construiu uma ponte de bronze pela qual ia aonde queria; e um campanario em que a torre se movia com o sino.

Attribuia-se-lhe as estatuas chamadas *Salvação* de Roma, que sacudiam uma campainha, quando se meditava algum ataque á republica. Raro é o escriptor da idade media que nos não apresente Virgilio como feiticeiro; era o terror que preocupava todos os espiritos. Naudé resume os principaes: Laver fala do seu *Ecco* (1); Paracelso, das suas imagens e figuras ma-

(1) Liv. I *des spectres*, chap. 6.



gicas (1); Helmoldus da representação de Napoles, que encerrou n'uma garrafa de vidro (2); o auctor da *Imagem do Mundo*, da cabeça que fez para saber as cousas futuras (3), Petrarcha (4) e Theodorico á Niemi (5) da gruta de Napoles feita a pedido de Augusto; Vignere fala do seu alphabeto (6); Tritheme do seu livro das taboas e calculos para conhecer o genio das pessoas (7); Marlow, no *Fausto inglez*, allude ao sepulchro construido pelo poeta.

Com as tendencias polytheistas a antiguidade não podia deixar de adorar Virgilio; o cantor da natureza era celebrado no *Loureiro* que fôra o horoscopo do seu ascimento. O loureiro, segundo Donato na vida de Virgilio, era sagrado para as mães.

- (1) Tom. I. Op. trat. de imaginibus, cap. 11.
- (2) Lib. IV, Hist. slav. cap. 19.
- (3) Peropén. quaest. decade III, c. 2, quest. 3.
- (4) In itinerario.
- (5) Lib. 2, de Schiemat, cap. 19.
- (6) Pag. 330 de ses Chiffres.
- (7) Antipal. liv. I, cap. 3.



§ II

SANCTIFICAÇÃO DE VIRGILIO.—Ao passo que o christianismo canonico se mostra amaldiçoador, o christianismo popular aspira á bondade do perdão. — Horoscopo do nome de Virgilio, para contradizer as lendas docameronicas. — Vinda de Sain Paulo ao tumulo de Virgilio. — O hymno da egreja de Napolcs. — Outras lendas populares em que apparece o sentimento do perdão. — Judas e Fausto perdoados. — Os poetas pagãos sanctificados. — Seneca, Silio Italico, Lucano. — A bondade celtica procura rehabilitar Virgilio.

Dois elementos poderosos e contrarios se debateram sempre na fórma do christianismo : o elemento judaico ou *semita*, essencialmente dogmatico, arrasoador, sem paixão, severo, implacavel nas conclusões logicas, anathematisador como os antigos prophetas de Israel, manifestando-se em um purismo artificial a que se chamou canonico; e o genio *aryano*, da grande raça indo-europêa dos povos que adoptaram o christianismo e lhe communicaram a universalidade pelo sentimento, pela imaginação e enthusiasmo, pelo instincto da aventura, pela bondade da alma popular, pelo fervor que leva a multidão, pela compaixão de todas as dores, pela necessidade de traduzir em formas palpaveis aquillo que adoravam; todo este conjuncto de sentimentos deu origem ás admiraveis creações da arte moderna, que sustentaram e propagaram o christianismo até ao Concilio de Trento, em que o elemento *canonico* venceu



para sempre a espontaneidade popular. (1) A Igreja condemnara irremissivelmente o velho mundo e as civilizações antigas, proclamando a maxima de que fóra de si não havia salvação; a mente popular foi lenta e obscuramente rehabilitando as intelligencias supremas da antiguidade, por isso que via n'ellas o genio como uma manifestação divina.

Como pagão, Virgilio fóra condemnado pela igreja á perdição eterna. Porque não havia de salvar-se uma alma que cantava como os anjos, perguntavam os monges dos claustros bretões? Os meios artificiosos como a compaixão natural foi illudindo a severidade canonica são curiosos, levam ao enternecimento. Foi um processo lento, como todos os costumes abusivos que vão a pouco e pouco dominando a lei inabalavel. O Cyclo dos romances de *Sam Graal* apropriou-se de *Alexandre*, typo dos romances com forma erudita da idade media, e fal-o ir bater ás portas do Paraiso, já fatigado de conquistar o mundo. Quer tambem conquistar o céo e impor-lhe tributos. Ninguem lhe responde de dentro. Ao fim de tanto bater, apparece-lhe do dentro um velho, que lhe dá em resposta uma pedra de cevar: «Esta pedra peza menos do que qualquer pedaço de terra, com tudo alevanta o ferro: E' assim o homem que revolve o mundo, mas que, depois de morto, um punhado de terra vale mais do que elle.» — Com esta comparação Alexandre Magno sente-se abalado e converte-se; as-

(1) Desenvolvido na minha *Historia da Poesia do Christianismo*, inedita.



sim alcançou o perdão e entrou no gremio da bema-venturança. (1)

Que inventaria a imaginação ingenua e creadora da idade media para salvar Virgilio? Como pagaria com o céo, aquelle que lhe suavisara tantas dores, que lhe explicara a fatalidade das lagrimas? Ávida por explicar tudo, tendo diante de si a natureza inteira, apenas conhecida pelas impressões, e ainda não submetida á observação e á analyse, a idade media pairava em uma especie de encantamento; querendo explicar o que era, volvia-se ás relações exteriores das cousas. Tal foi a causa do symbolismo architectural, e da maior parte das lendas agiologicas, formadas ás vezes sobre uma simples interpretação de nomes.

Na lenda popular primitiva, Virgilio é o typo da candura e pureza da alma; a melancholia de seus numeros, a poesia radiando todos os sentimentos maviosos presentidos por elle antes do christianismo, dão-lhe uma aureola de virgindade. Como conciliar a contradicção; qual a origem d'esta ideal? Funda-se por certo no *horoscopo do nome*, como se usava na idade media. Nas vidas dos santos vemos muitas vezes os factos construidos sobre a interpretação do nome do personagem penegyricado.

De um hymno da igreja a San Christovam [*Christoferens*] se formou a legenda, cujo fundamento é a significação do nome:

(1) Gervinus, *Geschichte der deutschen Poesie*, t. 1, p. 221; d'après Ozonan, *Obr. compl.* t. V. p. 360.



« O Sancte Christophore,
 Qui portasti Jesum Christum
 Per mari rubrum,
 Nec franxisti crurum,
 Et hoc est non mirum,
 Quia fuisti magnum virum. »

Tambem a resurreição de Sam Renato é fundada sobre o sentido litteral do nome; o baptismo era considerado como segundo nascimento, *nativitas secunda*. Ulgar, Bispo de Angers, n'um hymno composto em 1125 assim o descobre:

De morte : pner revocatus
 Nec mora, foecundam sacrat Maurilius undam
 Et quasi bis natum, vocat hunc de fonte *renatus*.

A Sam Vicente, nome que, como o de Sam Victor Martyr, (1) vem do radical *vincere*, visitado na prisão, uma voz bradou: *O Vicenti invictissime!* trocadilho sobre o nome, que origina e inspira aos hagiographos a lenda do transitio. O mesmo processo se encontra na origem do character magico attribuido a Virgilio, proveniente, segundo Bayle, de um avô que se chamava *Magus*. (2)

(1) A S. Victor de Marsella, vem Christo visital-o á sua prisão: *Pax tibi, Victor noster, ego bem Jesus qui in sanctis meis injurias et tormenta sustineo. Viriliter age et esto robustus, ego enim tecum um fortis adjutor in proelio et fidelis pest pugniam et victoriam, remunerator in regno...* etc.

(2) *Dicc.* vbo Virgilio, d'après Naudé, p. 621, combatendo a pretendida vida de Virgilio, attribuida a Donato.



A virgindade de Virgilio, o ideal da candura de sua alma, é tambem fundado na etymologia do nome; em Napoles, pela suavidade e pureza de seus costumes chamaram-lhe virginal, do nome grego *parthenias*. (1) Nas mythologias antigas, mesmo no christianismo, os grandes homens nasciam sempre de uma virgem; a lenda de Homero é o modello da de Virgilio; o poeta mantuano devia tambem nascer de uma virgem. O Bispo de Avranches suppõe a confusão do nome de Virgilio com o de Virginio. (2) A sua modestia condiz com a inspiração das eclogas, a vida simples, descuidada innocente, a despreocupação de todas as formulas ceremoniosas, a infancia esquecida nas alegrias do campo, educada pela amenidade d'elle.

Uma das lendas mais bellas da egreja, é a da vinda de Sam Paulo á Italia; o Apostolo revolncionario e imaginoso, que espalhou o christianismo por uma eloquencia do coração, apaixonada e viva, alma de

(1) *Cetera saue vita et ore et animo tam probum fuisse constat, ut Neapoli Parthenias vulgo appellatur. — Dorato, in vit. Virgil.*

(2) *Cur Virgilius Napolitanis dictus sit Parthenias, causam hanc esse suspicari quis possit; non quod virginali esset modestia, ut vulgo fertur, sed quod virgine natum, heriude ut Homerum, credi voluerint. Probabile sane hoc est, sed ne quidem dissimulem, longe est probabilius ac simillimum veri, sic dictum esse a Graecis, pro eo quod romana lingua appellatum eum putabant Virginium, non Virgilium, cum ignorent nominis hujus significationem et originem, á Virgillis hoc est ramis seu surculis, pelitam; unde et virgetá Ciceroni; dicuntur arborum seminaria; prioris vero nominis vim notionemque probe calleant. — Huet, Alnetam, *Quaest.* — Lib. II, cap. XV, p. 239.*



poeta, genio grego que despiu o christianismo da estreiteza judaica, o alargou pelo mundo, e, em vez de seita philosophia e abstracta, o tornou communicativo e popular, veiu um dia cansado sentar-se no Pausilippo, no devancio saudoso que inspira o ruido do mar; sentou-se sobre a sepultura veneranda de Virgilio e chorou sobre ella dizendo:

«Não ter eu vindo mais cedo, para salvar esta alma tão pura, tão apta para receber a semente do Evangelho! Uma alma que nas trevas do mundo pagão, teve primeiro do que ninguem o presentimento do christianismo.» É bello o hymno da Igreja de Napoles aonde se canta a tradição do Apostolo; formou-o a multidão em um verso *accentuado*, segundo o genio das linguas romanas, e fez com que fosse recebido na lithurgia canonica:

Ad Maronis mausoleum
 Ductus, fudit super eum
 Pium rorem lachrynae,
 Quem te, inquit, reddidissent,
 Si te vivum invenissent,
 Poetarum maxime?

A bondade popular não suporta a maldição; Judas, o discipulo traidor, condemnado ao soffrimento eterno, encontrou no coração do povo um sentimento de perdão, n'aquella lenda que se aproveitou de uma acção boa da sua vida. Judas havia dado a um pobre um pedaço do seu manto para se cobrir; mergulhado nos tormentos infernaes, esse acto unico faz com que venha em cada semana refrescar-se nos gelos do pólo,



consolando as carnes requeimadas com esse retalho do manto humedeado. (1)

O *Fausto*, que nas lendas representa o livre exame, condenado pela igreja, antes de encontrar a remissão da tolerancia, dada pela philosophia do seculo XVIII, na lenda portugueza do seculo XIII salva-se por intereessão da Virgem. Já Dante procurava salvar Homero, Lucano e Silio Italico, na *Divina Commedia*. No primitivo romance de *Santa Iria*, a creação do povo differe da lenda ecclesiastica, principalmente pelo sentimento do perdão:

— Oh santa Iria, meu amor primeiro
Se me perdoares serei teu Romeiro
«Não te perdô-o ladrão, carniceiro
Que me degolaste que nem um cordeiro.
Da minha garganta fez um piccadeiro,
Da minha cabeça fez um machadeiro.

Entrara p'ra dentro mui apaixonado,
Saíra p'ra fóra, já *bem perdoado*:
Vestiste-te de verde, também de amarello,
Assim Deos me queira, como eu te quero. (2)

Foi também este sentimento de bondade, que tornou San Francisco um segundo Jesus, o Christo da idade media. Elle cantava o hymno a *seu irmão sol*, com a enehente e effusão de um brahmane cantando um hymno védico a Agni. Falava com a natureza, fazia-se entender por ella; era a pobreza o seu ideal, a dama

(1) Vide Du Meril, *Poesias populares latinas*.

(2) *Cantos populares do Archipelago açoriano*, p. 364, n.º



que servia. Ninguém como elle, falou com tanta poesia; ninguém soube como elle servir-se de uma lingua rude e informe para exprimir os sentimentos mais apaixonados da alma. Foi este solitario poeta da Ombria, que deu ao christianismo a feição poetica que o sustentou por mais alguns seculos. Como não saberia defender Virgilio da maldição canonica, se não tivesse a ignorancia dos grandes creadores! Fale por elle o genio celtivo.

A poesia celtica, toda suavidade e amor, o genio do lar e da concentração da familia, está caracterizada profundamente nas lendas ecclesiasticas, como na de Sam Keivin e a andorinha, que veio fazer o seu ninho na mão do santo que estava adormecido. Sam Bonifacio compadece-se da alma de Aristoteles; Sam Patricio chora, commiserando-se dos antigos poetas da Irlanda mortos sem a graça do baptismo. (1) E Virgilio? Virgilio que cantava como os anjos, como não havia de ser perdoado? a sua melancholia fôra um pressentimento do christianismo. *Sunt lacrymae rerum!* Kadok, scismando sobre a península de Rhuy, enlevado na contemplação da graça divina com S. Gildas, sentindo a melancholia religiosa dos mares, tinha debaixo do braço o Virgilio que o acompanhava e que ensinava de eór aos seus discipulos. As lagrimas foram-lhe caíndo silenciosas dos olhos.— Porque choras? «Choro por que o auctor d'este livro, que eu amo e que me cau-

(1) Villemarqué, *Legende celtique*, p. 202.



sa um prazer tão vivo, está talvez na eterna dôr. — Talvez? com certeza! insistiu Sam Gildas. É dos reprobos sem duvida. Julgaes que Deos peza estes fabuladores, differentemente dos outros homens?» A este tempo uma rajada impetuosa levou o livro de Kadok para mar.

Era como a justificação da severidade do santo. Kadok permaneceu mudo, consternado, e prometten na escuridão da sua cella não comer, nem beber, emquanto não soubesse como Deos recompensava aquelles que cantam no mundo como cantam os anjos no céu. Suspirando, adormeceu. Então uma voz argentina segredou-lhe nos arcs: «Ora, ora por mim; não te causes de orar, para que eu cante eternamente as misericordias do Senhor.» (1) Ao outro dia o santo encontrou em um salmão, trazido por um pescador de Belz, o livro de Virgilio que o mar escondera. Esta tradição suavissima da Armorica, e a do santo que tudo abençôa, são uma encarnação da alma candida da poesia celtica.

(1) Rees. *Vita S. Cadoci*, fl. 80, d'après Villemarquê.



§ III

VIRGILIO E A RENASCENÇA. — As sortes virgilianas. — O genio comico da burguezia. — Como é interpretado Virgilio pelos padres da Egreja. — Analogia da interpretação do Daute. — Virgilio na *Divina Comedia*. — Virgilio representado nos velhos *Mysterios* do theatro da Europa. — Espírito byzantino de algumas lendas de Virgilio.

A grande *individualidade* dos espiritos, na idade media, foi a causa das creações diversissimas de legendas, dos ritos e superstições, do grutesco, das suzcrânias feudaes e dos symbolos juridicos. Era o primeiro acordar da consciencia. Sempre a lei eterna descoberta por Vico: *Quando o espirito do homem se acha mergulhado na ignorancia, faz de si mesmo a norma do universo.* (1) As legendas de Virgilio são um corollario d'este principio; o poeta apparece-nos como um cavalleiro em um velho romance de Hespanha, punido por haver abusado dos sentimentos da filha do rei. (2) O terror da feitiçaria, que se apossara das inaginações da idade media, e as levava á formação do ideal completo do Diabo que via como uma maravilha tudo o que não era usual e comprehensivel, perseguindo os sabios e philosophos como feiticeiros, fez tambem de

(1) Vico, *Sciencia Nova*, Liv. I, principio XXXII, p. 50 da tradução franceza.

(2) Mandou el-rey prender Virgilios (*Romancero*, 550) Vid. Ticknor, *Hist. de la Litter. Hesp.* p. 120, traducção de Magnabal.



Virgilio um eneantador. (1) As *sortes virgilianas*, em que interrogavam o poeta áeerea do futuro, abrindo ao acaso os seus versos, era a vontade de reduzi-lo á imagem dos credulos, assimilhal-o, confundil-o até. (2) Conta-se de Falkland e Carlos 1, quando visitaram a bibliotheca de Oxford, que abriram a *Eneida*, e a *sorte virgiliana* (liv. IV, vers. 614; livro IX, vers. 152) foi o presagio das desgraças futuras (3) Tambem os padres da igreja, que reprovavam estas superstições feitas em Homero e Virgilio, (4) as usavam nos psalterios e vidas dos sanctos.

O espirito da edade-media tinha já sanetificado Virgilio n'aquelle legenda profunda de San Paulo, tão popular na Italia, como diz Ozanan, (5) cantada em uma sequencia da igreja de Mantua, na qual o apostolo das gentes, visitando o sepulchro do poeta em Napoles, chora por não ter vindo mais cedo, porque o teria convertido á fé. Procurando destituir o polytheismo antigo, o echristianismo dera a santificação a todas as eousas; o proprio *Fausto*, enjo espirito na legenda é o stigma da rasão que proeura submetter tudo aos seus processos, salva-se, não pelo pantheismo artistico

(1) Alfred Maury, *Magie et Astrologie*, p. 192. corroborado por Graesse. e Wright.

(2) Idem, p. 156.

(3) Ludovic Lalanne, *Curiosités des traditions*, pag. 19, not. 2.

(4) Spartien, cap. 2; Lampridius, eap. 15; Trebellius Polion, 10.

(5) *Sources poétiques de la Divine Comédie*, p. 137.



de Goëthe, mas pela tolerancia do povo; a legenda mais verdadeira do *Fausto* é a nossa de Frei Gil de Santarem, que se salva por intercessão da Virgem. A egreja, que invocava tantas vezes a auctoridade dos escriptores profanos, tinha remorsos de condemnal-os ao fogo eterno; salvava-os pela casuistica. Perguntavam se o peccado original era motivo para a pena do fogo? Sam Thomaz negava; as almas do limbo no fim do mundo haviam de vir povoal-o novamente depois do juizo. (1) Dante põe Homero e outros poetas pagãos no limbo; a Stacio no purgatorio; pouco faltava para entrar na gloria celeste. Nos versos de Virgilio consultava-se o futuro, como nos versiculos da Biblia; era a sanctificação do poeta pela sua alma. Todo o character da idade media se reflecte sobre o poeta de Mantua; a Renascença tem por elle uma sympathia viva, identifica-se com elle, retrata-se no sen amado. Dante faz-lhe dizer: «Se eu fosse un vidro estanhado não reflectiria melhor a tua imagem.» Esta *individualidade*, que formava o grotesco, o *ridiculous* objectivo, palpavel, proveniente da exaggeração do terror incutido pela egreja (*ubique daemon*), que invertia as cousas mais santas, e as encarava pela face comica, como a festa dos *Tollos* e do *Asno* na liturgia, as *goteiras* nas cathedraes, e a penalidade symbolica e risivel no direito costumeiro, ridicularisava tambem os objectos que mais amava, sacrificando tudo ao genio da parodia.

(1) Ozanam, *Sources*, onde cita S. Anselmo, Guilherme de Paris, Cajetan, A Lapide e Tirinus, p. 431, nota.



Aristoteles e Virgilio são maçaqueados pelo instinto grutesco que inspira as legendas. (1) Esta antiguidade moderna, como se pode chamar á edade media, lia Virgilio tambem a seu modo. Como periodo de infancia, essencialmente symbolico, interpreta-lhe o pensamento como um symbolo. Nos periodos poeticos a humanidade não podia deixar de usar o symbolo: era a poesia que dava forma aos sentimentos do *verdadeiro* e do *justo*, forma contingente e limitada, mas profunda, porque o *bello*, esta harmonia de todos os attributos na substancia eterna, mostrava-se-lhe nas cousas. As formas eram concretas, um meio da revclação. Ao mundo chamavam *cousa bella*; no ideal religioso *mundus* significa o que é puro. Assim a edade media commentava Virgilio segundo o seu espirito. Bernard de Chartes (2) explicava a descida de Eneas ao inferno pela insuflação da alma no corpo, onde as paixões a atormentavam, e onde os sentidos, como mais tarde o julgava S. João da Cruz, eram a *noite escura* em que estava mergulhada: «Et quia profundius philosophicam veritatem in hoc volumine declarat Virgilius... etc.» Era esta tambem a intelligencia de Dante, porque elle dá a mesma chave da allegoria do seu poema em uma carta a Can-Grande della Scalla:

«Convém saber, que o sentido d'esta obra não é simples, mas complexo. O primeiro sentido é o que se

(1) Montfaucon, *Antiquid. expliq.* t. III, p. 111.

(2) *Frag.* de Cousin à la suite d'*Abailard*, p. 462.



mostra á letra, o segundo é o que se occulta sob as consas enuneçadas pela letra; ao primeiro se chama litteral, o segundo é allegorico e moral. Conforme estas considerações é evidente que o assumpto deve ser duplo, para que se preste alternativamente aos dois mencionados sentidos. O pensamento da alma litteralmente comprehendido é o estado das almas depois da morte, pois tal é o ponto sobre que o poema versa em toda a sua extensão. No sentido allegorico o poeta trata do inferno d'este mundo, em que nós erramos como peregrinos, com o poder de merecer e desmerecer, e o assumpto é o homem, em quanto por seus meritos ou demeritos está submettido á justiça divina, remuneradora ou vingadora. O genero de philosophia, a que o autor se inclinou é a philosophia moral ou a ethica, porque o fim que se propôz é a practica e não a especulação gratuita; e se em alguma passagem parece especular é com o fim da applicação, segundo diz o Philosopho (Aristoteles) no livro segundo da *Metaphysica*: os praticos se entregam por vezes á especulação, mas accidentalmente, com o intento na applicação immediata.»

No seculo XIII predominava a allegoria. Um facto tinha sobre a explicação natural o sentido mystico. O numero era o symbolismo: 3 era o numero sagrado, 7 o numero fatal. Alguns criticos procuram a rasão por que Dante escolheu o 9 para o numero dos circulos, antepondo-o ao numero 7. A rasão está n'aquella ideia que se fazia do principio do mal dominando a ear-



ne. O corpo humano, é, n'alguns escriptos mysticos, chamado a *cidade de nove portas*. Assim se diz no *Bhagavad-Gita*: «Cunctis operibus animo diuissis comode sedet temperans mortalís in urbe novem portis instructa, neque ipse agens nec agendi auctor.» Livre de todo o cuidado da acção, o verdadeiro devoto permanece tranquillamente sentado na *cidade de nove portas* (o corpo) sem activar e sem fazer obrar os outros.

O apparecimento de Virgilio na *Divina Comedia* tem sido julgado geralmente como um symbolo; não faltam hypotheses dos eruditos e commentadores. Dante, para os interpretes politicos, ama o poeta imperial, porque elle representa a forma de governo aspirada pelos gibellinos (1); representa tambem o ultimo limite a que a rasão do homem pode chegar sem o auxilio divino da revelação e da graça. Virgilio era julgado como o poeta mais sabio do mundo; os seus versos resumiam a sciencia antiga; para Macrobio é como um *pontifex maximus* do paganismo moribundo (2), é o depositario dos velhos costumes, tradições e ritos da Italia (3); os juriconsultos invocavam tambem a sua

(1) Fiorentino, trad. introduc. p. vii.

(2) «Virgile puisa largement. pour son *Éneide*, dans les annales des pontifes.» Vict. Leclerc, *Dissert. sur les annal. des pontifes*, 1 part. p. 14. Bannier, *Mytholog. expliquée par l'hist.* t. 1, p. 416.

(3) Ozanan, *Origines de la Divine Comedie*, p. 437.



auctoridade (1) no foro e na lei. Um grammatico de Ravenna, Viglar, chegou a sestentar a infallibilidade de Virgilio; os Padres e Doutores da egreja pretendem achar n'elle um propheta inspirado. Dante formava esse ideal de Virgilio; dil-o n'aquelles tercetos, que põe na bocca de Stacio:

« Foste o primeiro que me guiaste ao Parnaso, para beber em suas nascentes, e o primeiro que me esclareceste ácrea de Deos.

« Tu fizeste como aquelle que caminha de noite, levando atrás de si uma luz que lhe não serve, mas que mostra aos outros o caminho.

« Quando disseste: « O século se renova, a justiça volta com os primeiros dias da humanidade, e uma raça nova desce do céo,»

« Por ti eu fui poeta, por ti eu fui christão. Foste tu que me levantaste o véo que me occultava a verdade (2).

Virgilio é ali o symbolo da rasão humana, que dirige o poeta perdido na floresta, imagem da humanidade, (3) accommettida pelas paixões. Virgilio é a passagem natural, insensível da arte classica para a arte romantica, a união mysteriosa do sentimento va-

(1) Sicut cum *poetam* dicimus, nec addimus nomen, subauditur apud graecos egregius Homerus, apud nos *Virgilius*. Justinian. Inst. 1, 2. § 2.

(2) *Purgatorio*, xxii.

(3) Sigalas, p. 565.



go e da forma, de um modo que não prende a imaginação mas a eleva a um outro ideal. Dante determina o enlace, a transição, imprimindo-lhe o seu *eu* ativo, arrojado, sentenciando os reis e os pontifices, evocados ao som da trombeta que arranca das mãos do Eterno. Dante foi o primeiro que deu á arte romantica a *individualidade* que a caracteriza.

Virgilio, em um *Mysterio* do seculo XI fundado na parábola das *Virgens loucas*, apparece entre os prophetas da antiga lei, que vêm, como o Oceano e as forças da natureza no *Prometheu*, testemunhar o dogma novo. O vate canta no côro dos prophetas o *Benedicamus*. (1)

Como não havia o christianismo de receber no seio o poeta, quando se fôra abrigar na sua cidade, a Roma que naturalizou o orbe, essencialmente assimiladora e unitaria :

Quella Roma onde Christo é Romano, (2)

tambem santificada no hymno que Prudencio poz na bôcca de Sam Lourenço martyr: «Oh Christo, concedei aos vossos romanos que a sua cidade seja christã, já que por ella déstes a mesma fé a todos os povos da terra. Todas as provincias estão unidas em um mesmo symbolo; o mundo se ha submettido; que a ci-

(1) *Theatre francaís au moyen-âge*, p. 2.

(2) *Divina Commedia*, Pur. xxxii, 102.



dade senhora se submetta por sua vez. Que Romulo seja fiel; e que Numa creia em vós.» Era este o pensamento da igreja, o espirito do christianismo, todo sanctificação. Nas legendas piedosas, Trajano, Plinio e Stacio alcançam a salvacão eterna, já pela intercessão de Gregorio Magno, já pelo martyrio e expiação. (1)

O espirito byzantino das velhas legendas de feiticaria mostra vestigios sensiveis na lenda de Virgilio feiticeiro, principalmente na apropriação da historia de Thalia, mulher de Heraclida, que perseguia Heliodore Mago por mandado de Constantino Copronymo. e Constantino Prophyrogeneta. Segundo a legenda, Virgilio encerrou debaixo d'uma porta de ferro todas as serpentes dos arredores de Napoles; postou um caçador de bronze diante do Vesuvio armado de uma seta, e logo que a desfrecharam, o vulcão começou a derramar a lava; fez uma mosca de bronze que devorava todas as outras; bahias e pontes suspensas nos seus jardins. (2) Virgilio é o centro dos typos mais notaveis da magia; Elingsor, sobrinho de Virgilio, segundo o verso 1965 do poema de *Percival*, é a lenda com a côr cavalheiresca.

As raças extinguem-se, as civilisações succedem-se, como n'uma metempsychose interminavel. Cada progresso na forma que revela o sentimento religioso, é um producto dos esforços anteriores: ao *naturalis-*

(1) A. Fleury, *Senèque et S. Paul.*

(2) Gorres, *Mystica*, t. 111, p. 128.



no succede-se o *antropomorphismo* e o dogma *abstracto*, com a mesma fatalidade de uma deducção de principios. É assim tambem na arte, ao ideal da plastica, segue-se a contemplação subjectiva do lyrismo. A poesia do christianismo é a synthese da abstracção hebraica e da sensualidade grega. Na Renascença, periodo de formação, estes elementos apparecem-nos distinctos. As fabulas mais brilhantes que a antiguidade nos transmittiu são, no dizer de Voltaire, a da *Matrona de Epheso* e o mytho sagrado de *Psyche*.

Psyche vâa nas azas do amor e vae segredar na solidade a confidencia intima, o delirio ingenuo que ha de tornal-a immortal. É um sonho da mente divina de Platão, embalado aos sons das vagas myrteas vindo quebrar-se brandamente no promontorio do Sunium ; é um extasis de Dyotima no *Banquete*, que os discipulos divulgaram. Só no *Asno d'ouro*, de Apuleio (1) é que apparece pela primeira vez este mysterio intaugivel da alma. Do seculo IV em diante começaram os padres e doutores da Egreja a servirem-se de uma imagem tão diaphana e brilhante para as suas allegorias mysticas.

Psyche é então a alma que abandona os encantos do mundo, e simples, nua de todo o sentimento profano procura Eros na soidão do seu amor. Jesus recebe a amante á sombra de sua cruz, e vendo quanto ella soffre dá-lhe a immortalidade da gloria. Foi o mytho hellenico

(1) Lib. IV.



que despertou a interpretação allegorica do *Cantico dos Canticos*, sob o ponto de vista exclusivo por onde o consideraram os exegetas dos XVI e XVII. A donzelinha de Sulem era a alma, e o apaixonado que a introduzia nos seus reaes aposentos, Jesus.

É o pensamento da deducção logica da arte e das religiões das formas antigas. A poesia de Dante, toda dramatica, na rudeza legendar, é como um dialogo de Platão acordado do somno do mundo antigo no scio do christianismo, dialogo a que respondem Sam Boaventura, e o philosopho mais profundo do seculo XIII, Sam Thomaz. As varedas que elle ás vezes toca, as proposições que avança e que só foram descobertas e confirmadas em seculos posteriores, entreviu-as no acaso da inspiração dotado quasi sempre do caracter prophetic do extasis. A *Divina Comedia* é o producto da alliança entre a Mystica e a Scholastica, duas grandes scições da actividade do espirito na edade media. Dante recebe a inspiração poetica das legendas religiosas. A legenda do inferno tinha-se desenvolvido successivamente desde o *Purgatorio de Sam Patricio*, e a visão de Oenus e Tundal, até á visão do monge Alberich. Foi Dante que descobriu na selva escura o *ramus aureus* de Virgilio, que dava entrada no reino das sombras; é justamente na mesma nuvem da rainha Dido que lhe apparece essa criação pura e sublime da Francesca de Rimini. Virgilio entra frequentemente nas legendas da edade media; é elle que dirige o poeta ao

*



encontro de Homero, o *poeta soberano*, e que lhe mostra a pleiada brilhante ante a qual se prostra de admiração. Era o espirito da Renascença dirigido por Virgilio; vem retemperar de novo a alma humana na contemplação da natureza; é como a *dolce color d'oriental zaffiro*, de que fala o gibellino. A lenda popular da descida ao inferno, que já apparece no Evangelho apocrypho de Nicodemus, parece provir do canto sexto da *Eneida*. A edade media sujeita, como o pobre jumento de Buridan á argucia do celebre dilemma escolastico, fluctua incerta entre a possessão e o extasis. O diabo é o seu ideal mais completo. Nas legendas, Virgilio tem todos caracteres da edade media; é igualmente adorado e ludibriado.



OS CONTOS DE FADAS

TRADIÇÕES DOS SÉCULOS MUDOS. — As fomes, as pestes e as grandes atrocidades a que alludem os *Contos de Fadas*. — O mundo feudal retratado n'esses contos, que só tarde se recolheram. — Um Conto de Fadas no *Nobiliario*. — As *Tres Cidades de Amor*, conhecidas no seculo XVI. — Perrault não foi inventor dos contos de Fadas, mas simples collecter. — Origens orientaes. — Contos recolhidos da tradição portugueza.

Antes de serem reduzidos á prosa das linguas modernas os antigos cantos populares, (*Decameron*) existiam varias tradições e narrativas não rythmadas, em que o povo repetia os sonhos e pezadellos da longa noite da idade media: antes das novellas decameronicas, vulgarisaram-se os *Contos de Fadas*. Os criticos da *Historia litteraria de França* supõem-lhes uma origem oriental; decorreram seculos sem que se conhecesse este alimento que o povo dava á sua imaginação; um dia, um litterato do seculo XVII lembrou-se de recolher alguns d'estes contos. Foi Perrault; na *moralidade*, que acrescenta em verso no fim de cada um, confessa a sua origem anonyma. Pelos poucos contos que recolliera se vê que ainda hoje andam no tradição; taes são a *Gata Borralheira*, o *Gato de Botas*, e a *Bella do bosque*.

Estas tradições, pelos factos historicos a que remotamente alludem, tiveram origem no taciturno seculo X. Os Contos de Fadas contam vagamente grandes *fomes*, em que os paes levam os filhos ao engano para



as florestas para ali os desampararem ; outros se vêem personificados na terrível raça dos *Ogres*. Conservam todo o maravilhoso do paganismo, sem um minimo vislumbre do christianismo. O mundo feudal acha-se ali retratado na sua crueza ; o marido sacrifica a mulher á sua brutalidade, como na *Griselidis* ; o pae deseja com sensualidade de porco a filha, que se defende com subterfugios, como *Peau d'Ane*. Estes *contos de fadas* não são uma puerilidade de crianças ; são como os restos de uma theogonia, que servem de riso para outro povo que tem novas crenças ; encerram grandes revclações historicas dos *seculos mudos*, como caracterizou Vico ao seculo IX e X. Entre nós a tradição conserva a sua pureza ; ao abrir-se o *Nobiliario* do Conde Dom Pedro se acha o conto da *Dama Pé de Cabra* ; um dos mais bellos, não recolhidos por Perrault, é o conto das *Tres Cidras do Amor*. No seculo XVI era tão vulgar entre nós, que o licenciado Soropita allude a elle no *Descobrimento das Ilhas da Poesia* : «senão quando, falando com reverencia, appareceram por prôa as *Tres Cidras do Amor*.» (p. 103) Falando da imaginaria povoação, diz :

«Primeiramente, assim no tapete da obra appareceram certos aventureiros, pagens da lança da tolice, cujo officio é esentar *contos proluxcs* de uns certos manganazés desencadernados, que primeiro que prengem um lanço do que querem contar, irão cem vezes a Roma ; e os ditos meios assim lhes aguardam pelo fundo da obra, como se de suas mãos houvesse de sahir



as tabuas de Apelles. E se vem á mão, ou por a historia não ser tão branda que se deixe faeilmente eouversar, ou pelos seus entendimentos serem de ferro, tal que não eortarão por um queijo freseo, ao cabo de os pobres historiadores torceram o queixo trezentas vezes e metterem toda a munição que podem para se declararem, ficam elles tão virgens do negocio, eomo se nunca ouviram nada.» (p. 103.)

Os nossos homens de letras estiveram sempre em contradição com a alina popular ; as suas obras são imitações de esehola em vez de creações do genio nacional. É inutil consultal-os sobre este ponto.

Walekenauer, em uma *Dissertação sobre os Contos de Fadas*, assigna-lhe o seguinte fundamento historico: «Depois do grande abalo eausado pelo vazio que deixara no mundo a queda do imperio romano, os povos da Germania e da Seytia europêa se precipitaram sobre o grande eollosso derrubado. Então, as tribus uonadas do norte da Asia, conheeidas sob o nome geral de Tartaros, não podendo ser retidas, saíram dos seus desertos, e não ccessaram, duraute muitos seenlos da edade emedia, de avançar para as regiões mais florescentes, de atacar os estados mais poderosos que terminaram por conquistar. Sob o eommando de Gengiskan e de Tamerlan, fundaram os mais vastos iuperios que tem sido vistos no mundo. Grandes earnificinas, crueldades inauditas, tornaram memoraveis estas prodigiosas revoluções. Os Tartaros, para quem a Asia já não bastava, penetraram nas partes orientaes da Europa,



e fundaram na Russia, na antiga Dacia e na Panonia, novos estados: d'aí, fizeram ainda excursões pela Allemanha, na Italia e na França. Por toda a parte espalharam o medo e inspiraram um horror geral. Os mais antigos e os mais crueis d'estes devastadores tornaram-se os mais celebres, e seus nomes serviram para designar todos os outros. D'este modo se reuniram os nomes dos antigos Hunnos, e dos ferozes Oigours para designar os Madgiars, tribu tartara, vinda das bordas do Wolga, que se assentou mais no interior da Europa. Na Dacia e na Panonia chamaram-lhe então *Hunni-Gours*, e a sua terra *Hunni-Gouriu*: (1) d'aqui veio o nome de Hungaros e Hungria. Estes *Hungaros Hunni-Gours*, *Oigurs*, são os *ogres* dos contos de fadas; são esses seres ferozes, que devoram as crianças e gostam da carne humana tenra e saborosa.»

Os *lobis-homens*, dos Contos de Fadas também tiveram origem da tremenda penalidade dos Codigos barbaros, em que o homem, depois de ter perdido pelo crime a garantia civil, era comparado a um lobo nocturno, contra quem se podia descarregar impunemente. No conto de *Chapéosinho vermelho*, é um lobo que sustenta a peripecia terrível; na *Gata Borralheira* (Cen-

(1) D'aqui se deriva para nós a palavra *Onagro*, besta selvagem dos Contos de Fadas, e não do grego *onos*, asno, e *agros* campo, como diz Moraes. O mesmo reparo cabe a *Bescherelle*, que deriva *ogre*, do grego *argios*, selvagem, infundadamente como se vê pelas conclusões de Walckenacr. Nenhuma etymologia pode ser verdadeira se não tiver algum fundamento historico.



drillon) encontra-se o velho symbolo juridico dos esponsaes feitos pelo acto de *calçar um sapatinho*. Todos estes contos encerram o viver e sentir de uma sociedade que nos é desconhecida, mas que existiu; pertecem por assim dizer á baixa idade media. Quando foram casualmente colligidos por Perrault, apenas se estimaram como uma formosa puerilidade. Quando a erudição tomou conhecimento d'elles, começaram por indagar a sua origem anonyma, mostrando que eram conhecidos antes de Perrault. Victor Le Clerc, assigna a estes Contos de Fadas uma origem oriental; Walckenaer porrem, dá-lhes uma origem bretã, dizendo que a fusão com a mythologia scandinava, armoricana e com as tradições dos arabes, se dera na Armorica, pelos fins do seculo XI ou principios do seculo XII.

Diz Victor Le Clerc: «Perrault não inventou os seus contos: o *Petit Poucet*, *Barbe Bleu*, *Riquet à la Houppe*, vieram do Oriente. Na *Belle au Bois dormant*, se encontra um episodio do romance de *Perceforest*; na *Cendrillon*, uma reminiscencia da aventura de Rhodopés, que, por ter perdido um dos seus sapatinhos, desposou um rei do Egypto; no *Chat botté*, está a *Chate de Constantin le Fortuné*, que Straparole tirou do *Pentamerone* napolitano. *Peau d'Ane*, tambem não é de Perrault. Bem se sabe que a historia de *Peau d'Ane*, conhecida de Scarron e de Moliere, indicada por Boileau desde 1669, e que La Fontaine onvia contar com um prazer extremo dezeseis annos antes dos Contos de Perrault, não é nem pode ser uma invenção



do redactor d'estes contos. Eis que reconhecemos a *Peau d'Ane* nos versos latinos de Gotfried, (1) que poderia dever a ideia menos ás *Metamorphoses do Asno* de Apuleio, do que ás fabulas indianas, das quaes circularam na Europa traduções latinas a contar do seculo XI. » (2)

Em quanto Victor Le Clerc indaga as origens dos Contos de Fadas, publicados por Perraut, o velho auctor declara no fim de cada pequena narrativa a sua proveniencia. No Conto de *Barbe-Bleu* diz:

Pour peu qu'on ait l'esprit sensé,
Et que du monde on sache le grimoire,
On voit bientôt que cette histoire
Est un conte du temps passé.

No Conto da *Belle au bois dormant*, Perrault está em opposição com a moral da fabula:

La fable semble encor vouloir nous faire entendre
Que souvent de l'hymen les agréables noeuds
Pour être différés, n'en sont pas moins heureux.

Je n'ai la force ni le coeur
De... prêcher cette morale.

Na moralidade do conto de *Riquet à la houppe*, diz, revelando que elle andava na tradição oral:

(1) Gotfried de Tirmont, *Asinarius vel Diadema*.

(2) *Hist. des Lettres et des Beaux Arts, pendant le XIV siècle*, por Victor Leclerc et Renan.



Ce que l'on voit dans cet écrit
 Est moins un conte en air, que la verité même.

No conto de *Adroite Princesse*, Perrault, dedicando-o á condessa de Murat, revela a sua origem: « Não duvido que ignoreis que este conto é famosissimo; mas não sei se conheceis o que nos diz a *tradição a respeito da sua antiguidade*. Ella nos assegura, de que os Trovadores ou Contadores da Provença, inventaram *Finette* muito tempo antes de Abailard, e do conde Thibaut de Champagne, terem produzido contos.» E na moralidade accrescenta:

« Cent et cent fois ma gouvernante,
 Au lieu de fables d'animaux,
 M'a raconté les traits moraux
 De cette histoire surprenante. »

As criadas que o contavam, levavam pelo menos a sua hora, como elle proprio confessa:

« Comtudo não era assim que m'ò coutavam quando eu era criança; a narrativa durava pelo menos uma boa hora. »

No conto de *Peau d'Ane* vem a confissão de collector, em como andava e andarâ na tradição:

Mais tant que dans le monde ou aura des enfants,
 Des mères et des meres grands,
 Ou en gardera le mémoire. »

Os Contos de Fadas nasceram justamente no momento em que se constituia a nacionalidade portugue-



za, por isso encontramos memoria d'elles logo nos primeiros seculos da monarchia. A lenda terrivel do *Rei Lear*, apresentada por Shakespeare em una tragedia, encontra-se no *Nobiliario* do Conde do Pedro :

«Quando foi morto rei Balduc o voador, reinou seu filho, que houve nome Leyr. E este rei Leyr nom houve filho, mas houve tres filhas mui formosas e amava-as muito. E um dia houve suas rasões com ellas e disse-lhes, que dissessem verdade — qual d'ellas o amava mais? Disse a maior, que não havia cousa no mundo que tanto amasse como elle, e disse a outra que o amava tanto com si mesma, e disse a terceira, que era a mais meor, que o amava tanto como deve amar filha a pae. E elle quiz-lhe mal porém, e por isto não lhe quiz dar parte no reino. E casou a filha maior com o duque de Cornoalha, e casou a outra com o rei de Tortia, e não curou da meor. Mas ella, por sua ventura casou-se melhor que nenhuma das outras, eá se pagou d'ella el-rei de França, e filhou-a por mulher. E depois, seu pae d'ella em sua velhice filharam-lhe seus genros a terra e foi malandante, e bouve a tornar á mercê d'el-rei de França e de sua filha a menor, a quem não quiz dar parte no reino. E elles receberam-n'ó mui bem, e deram-lhe todas as cousas que lhe foram mister e honraram-no mentre foi vivo, e morreu em seu poder. E depois se combateu el-rei de França com ambos os cunhados de sua mulher e tolheu-lhes a terra. E morreu el-rei de França e não leixou filho vivo. E os outros dons a quem tolhera a terra ouveram senhos fi-



lhos e apoderaram-se da terra toda, e prenderam a tia, mulher que fôra d'el-rei de França e meteram-na em um carcere e ali a fizeram morrer.» (1)

Um outro Conto de Fadas se encontra no *Nobiliario* de Conde Dom Pedro, aproveitado já pelo sr. Herculano nas *Lendas e Narrativas*, mas inferior na graça e espontaneidade primitiva. E' o conto da *Dama-Pe-de-cabra* :

«Dom Diego Lopez era mui bom monteiro, e estando um dia em sua armada e attendendo quando viria o porco, ouviu cantar muito alta voz uma mulher em cima de uma penha : e elle foi para lá e viu-a ser mui fermosa e mui bem vestida, e namorou-se logo d'ella mui fortemente, e perguntou-lhe quem era. E ella lhe disse que era uma mulher de muito alto linhagem ; e elle lhe disse, que pois era mulher d'alto linhagem, que casaria com ella se ella quizesse, cá elle era senhor d'aquella terra toda. E ella lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunea se sanctificasse, e elle lhe outorgou, e ella foi-se logo com elle. E esta dona era mui fermosa, e mui bem feita em todo o seu corpo, salvando que havia pé forçado, como pé de cabra. E viveram gram tempo e houveram dous filhos, e um houve nome Enheguez Guerra, e a outra foi mulher e houve nome dona...

(1) Monumentos Historicos, *Scriptores*, Fasc. II, p. 238. Adoptamos a orthographia moderna por ser mais legivel, conservando a dicção pittoresca.



«E quando eomiam juntos, dom Diego Lopez e sua mulhêr, assentava elle a par do seu filho, e ella assentava a par de si a filha da outra parte. E um dia foi elle a seu monte, e matou um poreo mui grande e trouxe-o para sua casa, e poze-o ante si hu sia comendo eom sua mulhêr e eom seus filhos: e lançaram um osso da mesa e vieram a pellejar um alão e uma podenga sobre elle de tal maneira, que a podenga travou ao alão em a garganta e matou-o. E Dom Diego Lopez, quando esto viu, teve-o por milagre, e signou-se e disse: *Santa Maria, val, quem viu nunca tal cousa.* E sua mulher quando o viu assim signar lançou mão da filha e do filho, e dom Diego Lopes travou do filho e nom lhe quiz deixar filhar: e ella reeudiu eom a filha por uma fresta do paço e foi-se para as montanhas em guisa que a não viram mais, nem a filha.

«Depois, a eabo de tempo, foi este Dom Diego Lopez a fazer mal aos mouros e prenderam-n'ò e levaram-n'ò para Toledo preso. E a seu filho Enheguez Guerra pesava muito esta prisão, e veiu falar eom os da terra porque maneira o poderiam haver fóra da prisão. E elles lhe disseram, que não sabiam maneira porque o podessem haver, salvando se fosse ás montanhas e achasse sua mãe, e que ella lhe daria eomo o tirasse. E elle foi lá só em eima do sen eavallo, e achou-a em eima de uma penha; e ella lhe disse:

«— Filho Enheguez Guerra, vem amim eá bem sei eu ao que vens.

«E elle foi para ella, e ella lhe disse:



«— Vens a perguntar como tirarás teu pae da prisão.

«E então chamon um cavallo que andava solto pelo monte, que havia nome Pardallo, e chamou-o por seu nome; e ella meteu um freio ao cavallo que tinha, e disse-lhe que não fizesse força pelo dessellar, nem pelo desenfrear, nem por lhe dar de comer, nem de beber, nem de ferrar: e disse-lhe que este cavallo duraria toda a sua vida e que nunca entraria em lide que não vencesse d'elle. E disse-lhe que cavalgasse em elle e que o poria em Toledo ante a porta hu jazia seu pae logo em esse dia, e que ante a porta hu o cavallo o puzesse que ali descesse e que acharia seu pac estar em um curral, e que o filhasse pela mão e fizesse que queria falar com elle, que o fosse tirando contra a porta hu estava o cavallo, e que desde ali fosse que cavalgasse em o cavallo e que pozesse seu pae ante si, e que ante noite seria em sua terra com seu pae; e assim foi. E depois a cabo de tempo morreu Dom Diego Lopes e ficon a terra a seu filho dom Enheguez Guerra. E alguns ha em Biscaia, que disseram e dizem hoje em dia que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* (agouro?) de Biscaia. E cada que é o senhor de Biscaia em una aldeia que chamam Vesturio, todollos *devemtres* (entranhas) das vacas que matam em sua casa todollos manda pôr em nna peça fóra da aldeia em una penha, e pela manhã não acham hi nada e dizem que se o não fizesse assi que algum nojo recberia d'elle em essa noite em al-



gum escudeiro de sua casa ou em alguma coisa de que se muito doêsse. E isto sempre o assim passaram os senhores de Biscaia até á morte de Dom João o torto; e alguns o quizeram provar de o não fazer e assim acharan-se mal. E mais dizem hoje em dia hi, que jaz com algumas mulheres hi nas aldeias, ainda que não queirain, e vem a ellas em figura de escudeiro, e todas aquellas com quem jaz tornam *escooradas*. » (agouradas? 1)

Este mesmo conto ainda se repete na tradição popular no romance da *Encantada e Caçador e a Donzella*, vulgarissimos em quasi todas as provincias do reino e illas. (2) Depois de termos recolhido estes velhos monumentos da tradição medievica, começamos a colligir da versão oral alguns contos feéricos; eis dois dos mais conhecidos, que appresentamos como typos do genero :

(1) Mon. Hist. *Scriptores*, fasc. II, p. 258.

(2) Vid. os estudos sobre este romance, no *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, t. III, p. 176 a 180; t. IV, p. 397 a 402.



I

As tres Cidras do amor

(Da tradição oral)

Era uma vez um principe, que andava á caça. Ar-
dendo em sêde, encontrou no seu caminho tres cidras.
Abriu a primeira, e de repente lhe appareceu n'aquel-
le sitio uma formosa menina, que disse logo para o ca-
valleiro :

— Dá-me agua, senão morro!

O principe olhou em volta de si; eram tudo flores-
tas, e sem um veio de agua para acudir áquella flor
que se murchava. Mal acabara a menina de proferir
aquellas palavras, que no mesmo instante expirou. O
principe não póde demorar-se ali mais tempo com
pezar e saudade da visão que lhe fugira. Resta-
vam-lhe já duas cidras, e como a sêde o continuasse a
apertar, partiu a segunda cidra, e uma segunda meni-
na, ainda mais ferrosa, appareceu diante d'elle, di-
zendo :

— Dá-me uma gota d'agua, senão morro.

O cavalleiro sentiu retalhar-se o coração pôr ter
partido tão cedo aquella cidra, sem ter procurado um
regato aonde podesse saciar a criatura a quem ía dar
vida.



Foi continuando a sua carreira pela floresta dentro, e, ao cabo de balseiras infinitas, sentiu um ruido de agnas como de uma nascente viva. Aproximou-se mais; era de facto uma fonte limpida aonde os viandantes cansados, e o povo de uma aldeia não distante, concorriam. O principe sentou-se á beira da agua e partiu a ultima das cidras. Maior foi o seu espanto quando viu uma menina, mais bella do que as outras todas, romper o encantamento, e mostrar-se nua na sua belleza celestial. O pudor e ingenuidade da donzella fez com que o principe lhe desse o seu anel de esposo, e partiu d'ali immediatamente para o palacio a fim de trazer-lhe os mais ricos vestidos e appresental-a na côrte.

Em quanto o principe estava longe, a menina olhou de cima de um cômodo para a nascente das agnas, e ali se espelhava toda a sua beldade.

N'este instante chegon uma preta a encher uma cantarinha n'agua, e ao vêr aquella imagem diviua ali reflectida, julgou que era ella propria, que se transformara, e exclamou, quebrando o pote :

— Menina tão bonita não deve andar a acarretar agua.

A donzella não pôde conter o riso, e foi esse riso que matou a doce illusão da preta vaidosa. Enraivecida, encobriu a sua furia, e com palavras meigas chamou a menina para o pé de si, e começou-lhe a catar na cabeça. Quando a apanhon descuidada, meteu-lhe



um alfinete no ouvido, o que immediatamente fez com que se tornasse em forma de pomba.

Quando o principe chegou, em vez da bella que deixara, achou uma preta feia e repellente, e não queria hereditar no que via.

— Que é da menina que en aqui deixei?

— Era eu, disse a preta, o sol erestou-me, emquanto o principe aqui me deixou.

O namorado esperando que aquella eôr lhe passaria, entregou os vestidos que trouxera do palacio, e levou-a consigo.

Ficaram todos admirados do gosto e má escolha do principe, e elle mesmo tinha vergonha, mas não queria faltar á sua palavra, por isso supportava calado essa calamidade.

No jardim do rei andava o hortelão regando as flores, quando de uma vez viu vir pelo ar uma pombinha branca e perguntar-lhe :

— Hortelão da horteleria, como passa o rei e a preta Maria?

— Comem e bebem e levam boa vida.

— E a pobre pombinha por aqui perdida!

O hortelão de el-rei veio ao paço dar parte do extranho successo. El-rei ficou maravilhado do acontecido; mas não suspeitava o que seria. Deu ordem ao jardineiro para que lhe armasse um laço de fita.

Ao outro dia passou pelo jardim a pombinha batendo as azas :



— Hortelão da hortelaria, como passa el-rei e a preta Maria?

— Comem e bebem e passam boa vida.

— E a pobre pombinha por aqui perdida!

O hortelão armou um laço de fita.

— Pombinha real não cae em laço de fita.

Foi-se d'ali o hortelão muito triste dizer a el-rei, que a pombinha não caíra no laço de fita.

— Pois arma-lhe um laço de prata.

Armou-lhe o hortelão o laço de prata nos alegretes do jardim, e quando ao outro dia appareceu a pombinha, logo conheceu o laço que estava armado e fugiu, dizendo:

— Pombinha real não cae em laço de prata.

Ficou ainda mais triste o rei quando soube que a pombinha não fôra apanhada; e disse para o hortelão:

— Arma-lhe agora um laço de ouro.

N'esse mesmo dia desceu o rei ao jardim para tomar o fresco da manhã, e encontrou a pombinha caída no laço. Começou a affagal-a, e ao passar-lhe a mão pela cabeça conheceu que ella tinha cravado um alfinete comprido no ouvido.

Conseguiu tiral-o, e n'esse mesmo instante appareceu a menina que elle deixára mansinha ao pé da fonte. Perguntou a causa de todas as suas desgraças, e a menina cantou-lhe como a preta Maria se vira na fonte, e quebrou a cantarinha, e lhe eatou na cabeça, e lhe enterrou o alfinete no ouvido.



O rei pergunton-lhe o que queria que se fizesse á preta Maria :

— Quero que se faça da sua pelle um tambor para toear a rebate, quando eu saír á rua, e dos seus ossos uma esçada, para eu deseer ao jardim.

O rei fez escrupulosamente a vontade da menina, e reeebeu-a por esposa, e deu-lhe metade do sen reino, foram muito felizes, tiveram muitos filhos, e aeabaram santamente.



A Cacheitinha

(Da tradição oral)

Um pae tinha tres filhos ; quando já estavam crescidos chamou-os e disse-lhes :

— É tempo de pensar na vida. Ide correr pelo mundo a vossa ventura. Dou-vos algum dinheiro para as jornadas que tiverdes de fazer. — E foi a uma velha area, puchou por um sacco de dobrões e dividiu-os igualmente pelos tres. Depois abençoôu-os, e partiram na madrugada do dia seguinte.

O irmão mais velho tomou por nma estrada imensa, quasi intransitavel, deserta e sem abrigo. Depois de andar até ao cair do sol, encontrou a final um viandante cansado tambem de caminhar. Foram durante o caminho conversando para se distrahirem do cansasso e do enfado. Quasi ao vir da noite viram fumar ao longe uma choça, e dirigiram-se para lá.

— É bem que pernoitemos aqui; (disse o filho aventureiro) o caminho é longo, sem ninguem, e a geada da noite pode matar-uos.

— Melhor é audarmos sempre, replicou o companheiro.



— Ao menos paremos aqui para comer.

— Não ; eu ainda levo aqui para nós ambos, e dá que farte.

O rapaz olhou para o outro, e não lhe vendo alforge, nem sacco, perguntou-lhe espantado e com ar de riso :

— Mas onde é que levas essas provisões ?

O caminhante levava uma toalha enrolada na cinta, e disse :

— Esta toalha, quando eu a estendo, offerece-me soberbas ignarias quando digo — *Põe-te meza!*

O rapaz meteu-se a caminho confiando no encantamento. Lá quando era noite fechada, veio-lhes a vontade de comer; sentaram-se ás abas de um regato, e mal que o viandante proferiu as palavras mysteriosas — *Põe-te meza!* — immediatamente appareceram muitas peças de veado e javalis, vinhos exquisitos, fructas deliciosas, baixella de ouro, enfim tudo quanto encheria de inveja um grande rei. Os dois viandantes comeram com todo o seu vagar. Já satisfeitos, veio-lhes a vontade de dormir, e a mesma toalha se transformou em uma abrigada tenda de deserto, como a não tivera el-rei Saul nos arraiaes israelitas.

Ao outro dia, cortou cada um para seu lado e não se tornaram a vêr. Aconteceu porem que o rapaz perdendo-se no caminho, embrenhando-se por entre arvoredos cerrados, veio dar ao pé de uma grande barroca, aberta pelas aguas correntes, na borda da qual



estava dormindo o que fôra seu companheiro de jornada; dentro da tenebrosa furna trabalhavam para saír alguns lobos em malta, para acommetterem o viandante adormecido. O rapaz aeordou-o á pressa, puzeram ambos os lobos em retirada, e o outro reconhecido offereceu-lhe a toalha do encanto, em paga de tamanho serviço que acabara de receber.

Assim voltou o filho á casa paterna mais depressa do que esperava, rico do maior thesouro que se pode imaginar.

O filho segundo metera-se tambem a caminho o não fôra menos feliz. Encontrou um pobre velho, cansado, que ia tangendo a sua burra. Travaram conversa para encurtarem o caminho:

— Então você é tão velho, e em logar de ir montado na sua burra vae a pé?

— Se não heide ir a pé? Esta burrinha é a minha felicidade; não me tem deixado sentir nem trabalho, nem miseria.

— Se ella fosse uma *burra* de dinheiro, então em tal caso merecia esse cuidado.

— E merece, porque eu nunca disse: *Mija dinheiro!* que o não derramasse por si quasi de enclurrada.

O pobre rapaz bem quizera comprar-lhe a burra, mas não era possível. Quando chegaram a uma encruilhada separaram-se; e foi cada um seguindo o seu destino.

N'aquella mesma noite o filho segundo perdera-se na floresta; depois de andar e tornar a andar, veiu a



um sitio d'onde ouvira gritos de agonia. Escutou; ouvia-os já de mais perto. Deu-lhe vontade de acudir. Era um bando de salteadores que haviam agarrado o companheiro de jornada, e o maltratavam para dizer aonde levava o dinheiro. O pobro velho não queria descobrir o segredo da burrinha. O mancebo que acudiu, deu sobre os bandidos, matou uns, feriu outros, fugiram alguns, e depois de se achar só em campo, pôz o velho em liberdade. O velho agradecido entregou-lhe a sua burra, e assim voltou tambem para a casa do pae outro filho não menos rico do que o primeiro.

O filho mais moço tinha, é verdade, menos experiencia, mas não lhe faltava juízo. Encontrou, ao cabo de dias de caminhada, um homem que levava ás costas uma cacheira e mais nada. Mas esta cacheira, possuia a virtude de soltar-se no ar, e despedir um corropío de pancadas em quem fosse malvado e criminoso.

O rapasinho foi ouvindo contar as virtudes d'aquella cacheira, e não lhe foi preciso ter fé muito tempo, que não visse logo a confirmação em um bando de ladrões que os vinha acommetter.

O rapaz estava encantado com aquella móca:

— Quer você vender-me a cacheira.

— Vendo, mas não tens dinheiro com que a pagues.

— Dou-lhe todo o dinheiro que levo.

— E quanto dinheiro levas.

— Todo o que me deu meu pae, para ir correr a minha ventura.

Ali fizeram o contracto, e o rapaz voltou para casa



do pae, muito ufano com a sua cacheira ás costas depois de ter apprendido as palavras: — *Desanda cacheira!* — que era como obedecia ao eneanto. O pae assim que o viu perguntou-lhe o que trazia da sua viagem:

— Trago esta cacheira.

— E para que serve esse pau torto?

— Assim que se diz: — *Desanda cacheira!* descarrega logo bastantes caetadas em quem é malvado e criminoso.

— E como é que a aleançaste?

— Comprei-a com o dinheiro que levei.

— Bem se vê que eras o mais novo, e o que tinhas menos juizo. Teu irmão mais velho trouxe um rico thesouro, que é a nossa felicidade; o outro teu irmão trouxe dinheiro sem fim, e tudo de graça, e só tu é que foste dar dinheiro por esse pedaço de pau!

O pobre rapaz ficou muito triste e inconsolavel.

Havia uma grande festa na igreja da sua freguezia. O irmão mais velho, que andava sempre com a toalha, ao entrar na igreja, temendo que ella perdesse ali o eneantamento, deu-a a guardar a uma velha que estava á porta, e recommendou-lhe que nunca dissesse: *Põe-te meza!*

Se bem o pediu, peor fez a velha; assim que voltou costas, a velha proferiu logo as palavras, e ao vêr appareer diante de si uma rica mesa posta, lembrou-se que já não precisava mais de pedir esmola e foi esconder a toalha em casa.



Quando voltou de novo para o adro, vinha tambem para a egreja o segundo irmão, trazendo ao pé de si a burra que despejava ouro. Deu as redeas á velha, recommendando-lhe que tivesse mão n'ella, e que por nada dissesse: *Mija dinheiro!*

Mal virara costas, quando a velha logo disse as palavras encantadas. Começaram de lhe correr aos pés os dobrões a rôdo.

Partiu d'ali á pressa e foi esconder a burrinha.

Os dois irmãos saíram da egreja, procuraram a velha e não a acharam. Imagine-se a tristeza e desespero de ambos. Vieram para casa gritando como possessos. O pae ia-se d'esta mundo com a noticia da desgraça.

Disse então o irmão mais novo:

— É tempo de fazer valer esta cacheira. Ella sabe quem é malvado e criminoso, e então é natural que descubra quem tem os nossos thesouros.

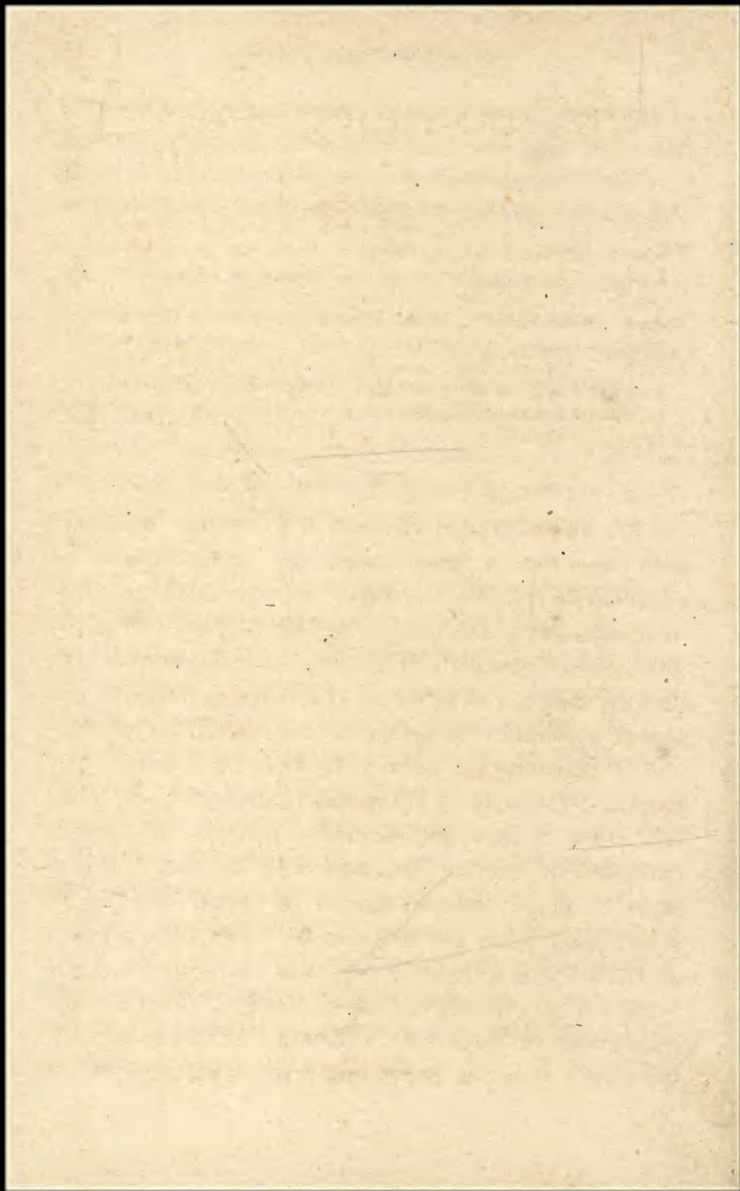
E foi para a porta da egreja. A velha que o conhecia, veio offerecer-se-lhe para guardar a cacheira:

— Pois bem, guarde-m'a e não digas — *Desanda cacheira!*

Apenas entrou para a egreja começou a cacheira ás pancadas na propria velha; acudiu o rapaz, mas a cacheira não parou de a zurzir em quanto ella não restituiu o que tinha roubado.

E assim, por causa da desprezada cacheira é que tornaram a obter os thesouros, que teriam para sempre perdido.





LENDA DO JUDEU ERRANTE

INFLUENCIA DAS FABULAS E CONTOS ORIENTAES NA EDADE MEDIA DA EUROPA. — Origem oriental da lenda de Ashavcro. — Seu apparecimento na *Chronica Anglicana* de Matheus de Paris. — O *Judeu Errante* na Allemanha e a Carta do estudante de Wittenberg. — Diversos personagens considerados como *Judeu Errante*. — A Igreja aproveita-se da lenda do povo. — Como deve ser interpretada a lenda do *Judeu Errante*. — A penalidade canonica das peregrinações no seculo XI e XII; a penalidade heroica do *banido* no direito consuetudinário dos povos da Europa; a condemnação do povo de Israel. — Transformações e fim da lenda.

A lenda do Judeu Errante é de origem oriental; veiu como toda a grande serie dos contos tirados de *Hitopadessa* e *Pantchatantra*, reproduzidos no *Gesta Romanorum*, *Disciplina Clericalis* e *Decameron*. Na *Bibliotheca Oriental* de Herbelot, encontra-se uma tradição d'onde parecem ter os christãos do Oriente ido buscar o primeiro pensamento da legenda, vindo assim a transmigrar para a Europa pelo seculo XII. Ouçamos Herbelot: « Pelo anno 15 da hegira, um principe arabe, Fadhil, embrenhou-se por um vale dentro, onde esteve orando. Ouvindo todas as suas palavras repetidas elaramente, exclamou: — Quem quer que tu sejas, que repetes a minha oração, se és anjo a graça de Deos seja comtigo! se pertences aos espiritos malignos, nada quero de comunum comtigo. Se és um homem como eu, mostra-te. » Então Fadhil viu um velho calvo, com um bordão na mão, semelhante a um



derviche, que lhe disse: — Sou Zerib, o filho do Propheta Elias. Jesus Christo deixou-me em vida n'este mundo, e aqui permanecerei até que elle volte uma segunda vez. Aguardo o Senhor, que é a fonte de todos os bens, e por sua ordem móro por detraz d'esta montanha.» Disse o velho, quando Fadhil lhe perguntou se Jesus tornaria a apparecer: — No fim do mundo, isto é, quando os homens e as mulheres viverem uns com os outros sem distincção de sexo; quando a superabundancia dos viveres não impedir a carestia; quando fôr espalhado o sangue dos innocentes; quando os pobres mendigarem sem obter esmolas; quando houver desaparecido a misericordia; quando puzerem a Escriptura Santa em musica; quando os templos de Deos verdadeiro e unico estiverem cheios de idolos.» Eis a lenda creada pela imaginação arabe; Zerib, não tem sobre si o pezo da maldição, como o Ashaverus.

A Igreja do Oriente queria uma *testemunha viva* do tempo de Jesus; nas velhas tradições, Elias e Enoch haviam escapado ao poder da morte; foi assim que a tradição arabe se foi naturalmente acomodando até ficar d'aquelle modo como a contou o prelado armenio. Bastava alterar-lhe a interpretação para se dar uma nova côr á legenda. Asahverus representava o povo banido, sobre quem caíra o sangue do justo, pezando com uma maldição sobre a sua cabeça e a de seus fillos. Andava errante, de terra em terra, sem um momento de repouso. A imaginação popular não comprehendia o valor mythico d'esta narração; via só a



testemunha viva; como era faeil radicar-se a legenda, não faltaram visionarios e hallucinados que viessem de terra em terra representando o foragido, o typo popular do sapateiro de Jerusalem.

Matheus de Paris, na *Historia Anglicana*, foi o primeiro que falou na legenda de Ashaverns, já popular no seculo XII:

«Em 1228, veiu a Inglaterra um Arcebispo da grande Armenia; dirigiu-se para o mosteiro de Santo Albano, aonde foi aeolhido com respeito pelo abbade e pelos monges. Entre outras eonsas, perguntaram-lhe áccerca do famoso Joseph, de quem se fala muitas vezes entre o vulgo, o qual estava presente ao tempo da paixão do Salvador, lhe falou e ainda vive como testemunha da fé ehristã. O Arcebispo respondeu contando o faeto circumstaneiadamente; e depois de ter falado, um cavalleiro de Antioehia, que fazia parte do seu sequito, para lhe servir de interprete, e que era conhecido de Henrique Spiguruel, um dos familiares do senhor abbade, traduziu as suas palavras, e disse em lingua franceza:

«— O meu senhor eonheee muito bem esse homem; antes de ter partido para o Occidente, o dito Joseph comeu na Armenia á mesma meza com e senhor Arcebispo, que o viu e ouviu falar muitas vezes.

«Como lhe perguntassem, o que se passara entre nosso senhor Jesus Christo e o dito Joseph, replieou: — Quando Jesus foi levado do jardim das Oliveiras para o Pretorio á presença de Pilatos, para ser julgado,



Pilatos não o achando culpado, disse aos judeus que o accusavam: «Levae-o e julgae-o segundo vossa lei.» Mas os judeus redobrando os gritos, Pilatos deu a liberdade ao ladrão Barrabás, e lles entregou Jesus para ser crucificado. Os judeus arrastaram-no para fóra da sala do Pretorio; e quando elle caín sobre o limiar, Carthaphilus, que era o porteiro do Pretorio, o empurrou insolentemente com uma punhada nas costas, dizendo-lhe com um riso de escarneo: «Vae mais depressa, Jesus, vae-te: porque é que te demoras?» E Jesus voltando para elle um rosto severo, replicou: «Eu vou, mas tu esperarás até que eu torne!» Ora, segundo a palavra do senhor, Cartháphilo espera ainda a vinda de Jesus Christo. Tinha pouco mais ou menos trinta annos, ao tempo da Paixão; e sempre, cada vez que chega ao fim de cem annos, é acommettido de uma extranha enfermidade, que parece incuravel, a qual o torna tão novo como era no tempo da Paixão. No entanto, Carthaphilo, depois da morte de Christo, fez-se christão, foi baptisado pelo apostolo Ananias, e tomou o nome de Joseph.

«Hoje este Joseph habita ordinariamente uma ou outra Armenia: e os differentes paizes do Oriente; é um homem de santa conversação e de grande piedade, falando pouco e com circumspecção, de tal forma que não abre a bocca, a não ser que lhe peçam bispos ou pessoas religiosas com quem passa a vida; então fala das cousas de outro tempo, e conversa voluntariamente sobre a Paixão e a resurreição do Filho de Deos;



narra todas as particularidades da resurreição, conforme o testemunho dos que resuscitaram com Christo, e que tem apparecido a muitas pessoas em diversos logares; tambem conta como os apóstolos se separaram para irem pregar o Evangelho, e diz todas estas cousas sem nunca se rir, sem leveza de palavras, sem apparencia alguma de odio ou de queixa; porque, sempre em lagrimas, e cheio de medo do Senhor, espera sem cessar que Jesus Christo venha na sua gloria julgar os vivos e os mortos, e elle treme de o achar ainda irritado contra si na hora do juizo final. Correm em multidão de todas as partes do mundo, ainda as mais afastadas, para vêr e ouvir este santo homem; se são pessoas dignas que o interrogam, satisfaz com laconismo ás suas perguntas; recusa todos os presentes que lhe offerecem, e contenta-se com uma comida frugal e com uma vestimenta modesta. Carthaphilo tem uma esperanza de salvação eterna na ignorancia em que estava a respeito do filho de Deos, que fez esta supplica a seu Pae: «Perdoae-lhes, por que não sabem o que fazem.» Lembra-se que Sam Paulo tambem peccou como elle, e mereceu a graça, bem como Sam Pedro, que negou o Mestre por fraqueza ou por cobardia. Confia em obter a indulgencia divina, e compraz-se n'esta esperanza, que o não deixa attentar contra seus dias.» Matheus do Paris termina a narrativa imaginosa do prelado do Oriente: «Affirmou quo isto era assim, dando testemunho da verdade; e comb era um prelado respeitavel, cujo veracidade era garantida



por um breve do papa, as suas palavras fizeram impressão sobre os ouvintes, e a narrativa pareceu selada com o eunho da rasão.» (1)

A tradição espalhou-se até França, Paizes Baixos e Allemanha. Na *Chronica* de Matheus de Paris está o typo primitivo, aonde se pôde conferir a unidade da legenda, que na Allemanha encontrou a sympathia da alma popular, que apenas lhe mudou o nome de Carthaphilo em Ashaverus. Os theologos aproveitaram-se da lenda do povo e forçaram-n'a para a conciliar com a letra do Evangelho; sustentaram uns que era o judeu errante esse Maleho a quem Sam Pedro eorton a orelha no Jardim das Oliveiras; outros que era Gestas, o mau ladrão, que andava expiando as suas culpas pelo mundo; outros, que era o proprio Pilatos, e esta versão se tornou algum tanto vulgar, por isso que ha muitas terras aonde se pergunta insultuosamente pelos ossos de Pilatos. (2)

Himpel diz que até ao seculo XVI nenhum outro documento, a não ser a *Chronica* de Matheus de Paris tornon a falar do Judeu Errante. Na relação de Dudulaeus, *De um Judeu que erra desde o tempo de nosso Senhor Jesus Christo por um fadario singular*, quando appareceu em Hamburgo tinha um aspecto de homem de estatura elevada, fronte seeea, cabellos desgrenhados, vestido de mendigô, dizendo que fôra sapateiro

(1) Obr. cit. t. III, p. 391, etc.

(2) Bibliophilo Jacob, *Une nuit dans les bois*.



em Jerusalem. Existe uma carta allemã datada de 29 de Junho de 1564, que contém a narrativa de um estudante de Wittemberg que, no inverno do 1524, viu em uma igreja de Hamburgo um homem de cabellos compridos que lhe caíam sobre os hombros, descalço, de cincoenta annos de idade, ouvindo um sermão com recolhimento; indagou quem era, e soube que era um juden chamado Ashaverus, sapateiro de officio, que presenciara a morte de Jesus, e que desde esse tempo ficara vivo, correndo diversas terras. (1) A narrativa de Paulo de Eitzen, que assim se chamava o estudante de Wittemberg coincide perfeitamente com a tradição do seculo XIII, conservada por Matheus de Paris. Nas versões francezas, Paulo d'Eitzen, é conhecido por *Francisco Lysen* ou *Van Eysen*, o que explica o curso da tradição. Boulenger na *Historia sui temporis* conta que o Judeu Errante fôra carreiro; Em 1564, tinha já o nome de *Gregorio* e de *Buttadaeus*; em 1774 mudára outra vez de nome fazendo-se chamar *Isaac Laquedem*.

Nas edições populares da narração do proscripto a efflorescencia legendar tornava-se cada vez mais vecejante; em 1602, no livro da *Relação maravilhosa de um Judeu nascido em Jerusalem, por nome Ashaverus, que pretende ter assistido ao crucifixamento de Christo*, se conta que o judeu conduzira os tres Magos a Belem,

(1) Esta carta acha-se traduzida por Charles Nisard, *Histoire des Livres populaires*, t. I, cap. VIII, p. 80.



que vivera com Sam João Baptista no deserto, e que trabalhara de carpinteiro na cruz de Christo.

Dudulaeus, Hadech e Matheus de Paris acreditaram na existencia do judeu errante. Nos costumes da idade media havia uma certa realidade para acreditar em uma existencia vagabunda; estava então na sua maior e terrifica preponderancia a pena canonica das excommunhões, e sobre tudo a pena das peregrinações e romagens. Sam Gregorio de Nyssa fala contra este abuso, e da excessiva alluvião de gente que ia visitar os santos logares. Santo Agostinho condemnou tambem esses erros expiatorios: «O Senhor não disse: Vae ao Oriente e procura a justiça; nevega até ao Occidente para receberes o perdão das tuas culpas.» O seculo XI foi o seculo das peregrinações; faziam-se votos cavalheirescos em accesso de devoção que tinham de ser cumpridos, e que se herdavam pelos filhos, como se herdava um crime na penalidade heroica. A volta dos peregrinos do Oriente trouxe bastante das lendas, que povoaram a Europa. Tambem no direito dos Codigos barbaros, o criminoso não podia ser tocado; era lançado fóra da garantia civil, dava-se-lhe o mundo para correr livre como o lobo, podendo ser morto pelo primeiro que o encontrasse. No solo germanico, aonde nasceu este direito do *banido*, floresceu melhor do que em outra parte a lenda do Judeu Errante; o bibliophilo Jacob attribue esta assimilação ao grande numero de judeus que existiam na Alemanha, mais do que em qualquer outro estado da Enro-



pa. Tres grandes causas vulgarisaram a lenda oriental, que deu origem ao conto de Ashaverus: A penalidade canonica das *peregrinações*, e os votos de fazer uma viagem ao Oriente; a penalidade germanica do *banido*, admittida no direito consuetudinario de todos os povos da Europa; e a presença e perseguição dos Judeus durante a edade media. Na imaginação do povo as lendas do Cyclo de Sam Graal, em que José de Arimathia divagava pelo mundo, facilmente se transformaram n'este outro José, que andava errante no universo como uma testemunha viva da paixão de Christo. A mansuetude que leva o judeu de terra em terra perde-se com o tempo; a sua passagem veiu a tornar-se como um aviso do céo, como uma maldição. Jacob Grimm, recolheu uma lenda popular na Allemanha, que fala do *Judeu eterno*:

«O Judeu Errante passou uma vez por uma cidade e disse: — Quando eu passar por aqui uma segunda vez, aonde agora ha casas e ruas, não haverá senão arvores e pedras; e quando eu passar por aqui uma terceira vez não haverá mais do que nevoa e gelo. E ao presente, em Matteburg, só se vê nevoa e gelo.» (1) Assim o povo começou a ligar o seu apparecimento ás tradições sobre o fim do mundo. Antes de entrar na Allemanha a lenda do Judeu Errante, já lá era conhecida a do *Caçador eterno*, inspirada pelo sentimento da

(1) Jacob Grimm, *Tradições allemães*, t. I, p. 535, trad. franceza de 1838.



penalidade do *banido*. Eis como a recolheu Jacob Grimm, achada em um canto do velho tropeiro Michael Behan: «O Conde Eberhard de Wurtemberg foi um dia sósinho fazer uma calvagada na Floresta Verde, para-se dar o prazer da caça. De repente ouviu uma forte explosão e um grande ruído, como se passasse um caçador; tomou grande medo, e depois de se aprear, subiu para cima de uma arvore e perguntou ao espirito se lhe queria fazer mal? — Não, respondeu o phantasma; eu sou um homem como tu, e estou diante de ti inteiramente só; eu era antigamente um fidalgo. Tinha uma paixão tão grande pela caça, que pedí a Deos para me deixar caçar até ao fim de mundo. O meu voto foi desgraçadamente cumprido, e já vão quatro centos e cincoenta annos que ando seguindo uma só e mesma antilope. Ninguem conhece agora a minha raça e a minha nobreza. O conde Eberhard lhe disse: — Mostra-me o teu rosto para vêr se conheço o ar da tua familia. — Então o espirito se lhe amostrou; o rosto não era maior do que um punho; estava ressequido como uma folha, e rugoso como uma esponja. Passado isto continuou a seguir o mesmo capréolo e desapparecen.» (1)

Nas tradições populares da Allemanha tambem se repetem as reminiscencias da penalidade heroica. Diz Grimm: «Acredita-se que aquelle que commetteu um crime digno de pena de morte e a quem não cortaram

(1) Jacob Grimm, *Tradições Allemãs*, t. I, p. 478.



a cabeça em vida, é condemnado a errar depois da morte com a cabeça debaixo do braço.» (1)

O espirito critico do seculo XVI veiu fazer mal á lenda do Judeu Errante. Em 1689 o Doutor Schultz foi o primeiro que negou a sua existencia. Quando Goëthe no seculo XVIII tentou a alliança da philosophia com a poesia, tomou para tela do seu grande poema a lenda de Ashaverus, antes de decidir-se pela do *Fausto*. Desde esse dia ficou pertencendo á interpretação dos grandes mythos da humanidade.

(1) Idem, *ibid.* p. 479.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs and is mostly obscured by the low contrast of the scan.



LENDA DO DOUTOR FAUSTO

A EGREJA CONDEMNNA O LIVRE EXAME, TAL É A ORIGEM DA MAIOR PARTE DOS PACTOS DIABOLICOS. — Como a razão se emancipa de tutela theologica. — Apparecimento das doutrinas de Aristoteles na Europa. — Analogia da vida de *Fausto*, descobridor da imprensa, com a do Doutor. — Helena, symbolo da Renascença. — A lenda allemã do *Fausto*, traduzida por Palma Cayet. — Sanetificação dos poetas antigos do paganismo, e de Trajano. — Como a lenda canonica condemna irremissivelmente o *Fausto* italiano e o *Fausto* hespanhol. — Comparação com o *Fausto* portuguez ou Frei Gil de Santarem. — A bondade celtica do genio portuguez salva Frei Gil por intervenção da Virgem. — O pantheismo de Goethe no seculo XVIII fez a redempção do *Fausto*.

O ideal da humanidade é a synthese dos sentimentos que a agitam; ella retrata-se em creações successivas, que symbolisam cada progresso, cada uma das suas faces mais profundas, nas legendas eternas do Prometheu, Ashaverus, Fausto e Dom Juan. O primeiro esforço do homem para submeter a natureza, animal-a por si, reduzil-a á sua imagem, segundo essa fatalidade mysteriosa da metaphora instinctiva, pertence á vida heroica, está representando na acção. Prometheu rouba o fogo celeste para animar a argilla, relucta, estorce-se sobre os fraguedos a que está agrihoado, á espera de quem o liberte. Em quanto o abutre lhe róe as entranhas, cria-se uma outra força, que os deoses mais tarde hãode tambem amaldiçoar, por-



que não a poderão prender — é a actividade do pensamento.

A lenda de *Fausto* é a segunda jornada de Prometheu. De um acto ao outro do grande drama da vida, representa-se um longo intermedio, é o homem vencido na lucta material, deixando-se levar, arrastar pela fatalidade. Ashaverus prosegue em seu giro interminavel; passa em uma noite tempestuosa, e interrompe a vigilia do sabio sob a forma de Mephistopheles, traz-lhe as agonias de seu irmão do mundo antigo, e n'um abraço communica-lhe a sentença do seu fadario, deixa-lhe no espirito a ideia, que se evolve e desenvolve n'uma actividade incessante. Fausto precipita-se impellido pela vertigem do infinito; prescruta todas as causas, toca os problemas insoluveis; a razão audaciosa não é suplantada pelo raio, e prosegue destruindo, para conhecer, aquelle que o fulmina. A força da causalidade serviu-se do braço e do raciocinio; um verga prostrado na fadiga, o outro eleva-se; sente mais vigor, á medida que o absoluto, o impossible procuran interromper-lhe o vôo.

A Egreja nos primeiros seculos, apodava de inutil a sciencia, pela bocca de S. Paulo; era a esterilidade semitica communicada ao christianismo, em cujo seio nascera. Mais tarde, quando a grande raça creadora e poetica dos *aryas* o absorveu, e lhe deu um caracter de humanidade, as tendencias mysticas do velho pantheismo oriental, de que elle se reveste, levam-no ainda a desprezar a sciencia como um orgulho e vai-



dade do homem, como destruindo a simplicidade do espirito, que só o pode elevar até Deos; o christianismo, então, prêga o abandono da actividade, da vontade, procura aniquilar a rasão como principio de todo o erro.

Atacada nas eontroversias religiosas, a Egreja, para salvar o dogma contra as seitas que se alevantam, dá um pouco da liberdade a esta eserava, a rasão, a *ancilla Theologiae*. Teme a sua força, e tral-a sempre agrilhoada; quer dar-lhe o embruteeimento da inercia. Ella espera quem a liberte, na sua impaciencia de Euménide. Foi Aristoteles o seu redemptor; os arabes haviam recolhido a tradição scientifica, perdida no mundo antigo, cultivavam a Astronomia, a Algebra, a Optica e a Medicina, seiencias de observação das leis physicas do mundo, o criterio mais seguro para a verdade. A alchimia, abstrahindo das praticas supersticiosas dos tempos da rudeza e do maravilhoso, é este primeiro ensaio da analyse dos corpos, cuja synthese, mal determinada, se dirigia, através das variadas descobertas, ao ponto unico da transformação dos metaes em ouro. A Egreja anathematiza este esforço da rasão; no canon 36 do concilio eumenieo de Laodicêa estigmatizou os que se dedicassem ao estudo da Mathematica e da Astrologia. No seculo ix, quando as escholas dos judeus e arabes de Hespanha vulgarisavam os livros de Aristoteles, o canon 42 do concilio de Tours obrigava os padres a ensinarem a inefficaeia das praticas da magia para dar saude aos homens e aos ani-



maes. A Medicina era a sciencia mais detestada, por que reagia contra a vontade de Deos, de cuja mão vinham os bens e os males.

A Hespanha longo tempo foi olhada como o foco da nigromancia; o ouro e as riquezas, alcançadas pela industria de Pisa, Genova, Florença e Veneza, em troca das especiarias ricas do Levante, os capitaes que o espirito da empreza e o genio especulativo dos judeus accumularam, para a sociedade feudal e theocratica, que não comprehendiam o trabalho livre, tinham a sua origem nos pactos diabolicos. O que a rasão descobria era estigmatizado como embuste; a sciencia uma atrocidade, com que o pac da mentira procuráva ensoberbecer-nos. Silvestre II, Alberto Magnns, Rogerio Bacon tiveram a reputação de feiticeiros. Ainda no seculo XVI, Gabriel Nandé escreve a apologia dos grandes homens accusados falsamente de feiticeria.

Para radicar no espirito do povo o terror pela liberdade de pensar, a Igreja fez a lenda de *Fausto*; de origem particular, desenvolve-se, generalisa-se a ponto de symbolisar não só os perigos do livre exame, mas até esta fatalidade da natureza dupla, o pensamento activo e incessante, transpondo o tempo e sendo limitado por elle.

O maior impulso para a emancipação da rasão, depois do apparecimento de Aristoteles na Europa moderna, foi a descoberta da imprensa. João Fausto reproduz a Biblia com uma promptidão sobrehumana; os copistas espantam-se, as Universidades inquirem, os



monges pavorrentos verificam letra por letra a identidade dos exemplares. O artista dera vida as linhas cabalísticas nos typos. Proclamaram-no um feiticeiro; elle desaparece na confusão egoista de uma grande peste. É por certo sobre a vida do pobre emprehendedor de Mayence, que começa a *localisar-se*, a particularisar-se a legenda. O povo tem sempre necessidade de localisar os factos; era assim para o sentimento da Igreja, longo tempo imposto e apregoado, mas sem achar uma acção que o representasse ao vivo. A vida de João Fausto e a do Doutor de Weimar tem grandes analogias; é talvez por ellas que se ha procurado determinar a origem, que, embora não tenha essa realidade por fundamento, apresenta um caracter de verdade.

A arte classica na Renascença introduz um elemento sensual na legenda de Fausto, que se desenvolve progressivamente; é o Don Juan, a fatalidade no amor. O doutor, embebido nas suas vigílias, evoca o typo da perfeição plastica, Helena, a alma da Grecia, a arte, o bello na sua essencia. E ama-a com aquella paixão, que canta Marlow:

«Eis o rosto que fez apparelhar mil navios e queimar as torres immensas de Ilion?

«Doce Helena, torna-me immortal com um beijo... Seus labios aspiram minha alma. Vêde como ella vò.

«Vem, Helena, vem dá-me a minha alma.

«É aqui que eu quero viver, porque o céo está sobre estes labios, e tudo o que não é Helena é vão.»



D'este abraço do doutor Fausto e Helena, antes do pantheismo da arte no seculo XVIII fazer nascer Euphorion, como personificação da civilização moderna, já esse beijo inflammado gerára Don Juan, o filho prodigo das graças e amores. Symbolisa a fatalidade irresistivel, que attrahia os espiritos para o estudo dos velhos monumentos classicos, que a imprensa restaurava, a que a Egreja chamára *dulciana*, e que, com pezar seu, bem o conhecia, roubava bastantes intelligencias ás controversias theologicas. Don Juan tem a perdição no olhar; a alma não resiste a uma fala branda, sentida; o anjo que desee do céo, e na encarnação de uma mulher proeura salvá-lo, perde-se tambem com elle.

É o symbolo da arte na Renascença. Este amor pelas bellezas de Homero, de Virgilio, de Cicero e Platão um seculo antes seria uma heresia. (1) A Egreja deixa embalar-se na harmonia do paganismo; para justificar a sua infallibilidade proeura ver nos velhos modelos o presentimento das verdades christãs. O cardeal Bembo esquece o dogma austero, o ascetismo da *Imitação*, lança-se na chorêa das musas pagãs, desvaira nos jogos do amor brincão e travesso, que andára perdido nas varzeas amenissimas de Hellade. Elle representa o velho da elegia de Moscho. Angelo Poliziano, Marsilio Ficino, Poggio, Bracciolani, Lorenzo Valla, Janozzi Monetti, restaurando o platonismo e o estoicismo, an-

(1) Alfred Maury, *Magie*, pag. 214.



tepondo-os mesmo á moral evangelica, são outros tantos amores, que se encadeiam na scrie das aventuras d'aquelle typo fatal, gerado no beijo do Doutor Fausto e Helena. As especulações neo-platonicas davam á imaginação uma parte mais extensa do que á rasão. Cornelio Agrippa adopta a cathegoria neo-platonica para a sua hierarchia dos espiritos. (1) Paracelso, Nostradamus, Jeronymo Cardan representam a exaggeração especulativa, o fanatismo scientifico. A Egreja continúa o seu combate interminavel contra os pensadores (2), personifica-os em um typo geral, um alvo para onde se dirigem todos os tiros — o Diabo.

A legenda allemã comprehendera no apparecimento e nos amores de Helena o facto da Renascença, mas não sabia determinar-lhe a ideia. Ouçamol-a na sua verdade rude, como a traduziu para francez, no seculo XVI, Palma Cayet:

«No domingo os estndantes, sem serem convidados, vieram a casa do Doutor Fausto para cearem com elle, e trouxeram consigo iguarias e vinho, porque eram gente franca. Logo que o vinho começou a alegrar, caíu a conversa sobre a belleza das mulheres, e um começou a dizer que não queria ver outra mulher bella depois de Helena da Grecia, porque a sua belle-

(1) *De occulta philosophia*, liv. III, cap. XVII.

(2) «A lenda do Fausto remonta á epoca da Reforma, epoca de agitação febril . . . » Weber, *Historia da litteratura allemã*, p. 208.



za fora causa da ruina total da cidade de Troya, sustentando que devia ser por certo muito bella, por isso que tantas vezes fôra roubada, e que por ella se tinha feito um tal levante.

«O Doutor Fausto responden: Já que tendes tamanho desejo de ver o bello semblante da rainha Helena, mulher de Menelau, e filha de Tyndaro e de Leda, irmã de Castor e Pollux, que foi a mulher mais bella da Grecia, eu quero que ella se vos apresente, que vejaes pessoalmente o espirito em suas formas, a sua estatura, como era em vida.

«N'isto o Doutor recommendouaos companheiros que nenhum dêsse palavra, nem se levantassem da meza para galanteal-a, e saiu da estufa.

«Então quando tornou a entrar, a rainha Helena vinha após elle, tão admiravelmente bella, que os estudantes não sabiam aonde estavam, tanto se achavam perturbados e transportados fóra de si.

«Helena appareceu com um manto de purpura negra e preciosa, os cabellos destrançavam-se até baixo, tão exeellentemente bellos, que bem pareciam ser ouro fino, e tanto se espalhavam, que desciam abaixo dos quadris, ao grosso da perna; com os olhos bellos, negros, um olhar amoroso, uma pequena cabeça bem conformada, seus labios rubros como cerejas, com uma boquinha, um longo collo alvo como um cysne, um semblante bellissimo e setineo, o corpete delicado, direito e porporcionado! Emfim, fôra impossivel achar-lhe uma unica imperfeição. Ella mostrava-se por toda a



sala do fogão, com um ademan airoso e gentil, engraçado e dengue, de tal forma, que os estudantes ficaram abraçados de amor, e, se não soubessem que era um espirito, não faltaria um impulso que os levasse a tocá-la. Depois Helena saiu com o Doutor Fausto da estufa.

«Para que o espirito satisfizesse o Doutor Fausto, com a sua miseravel carne, apresentou-se-lhe pela volta da meia noite, como se estivesse acordado, com a apparencia da bella Helena da Grecia, tal como antes a mostrara aos estudantes, e se reclinou sobre o seu seio, com uma estatura egual então, e com um semblante amoroso e fascinador. Quando o Doutor Fausto deu por isto, sentiu a vontade presa de tal maneira, que se apaixonou d'ella, e fel-a sua amante, com tal ardor, que só a via no mundo, e d'ella teve um filho, com que o Doutor Fausto se alegrou muito. . . .»

A lenda allemã chama a este filho Justo Fausto; Goëthe fez d'elle um symbolo, Euphoriou, a encarnação da civilisação moderna; porem, o mesmo pensamento de um modo mais preciso, o filho da voluptuosidade de Helena e da profundidade sombria de Fausto, é aquelle Don Juan, lubrico, desdenhoso, distrahido, esquecido do céo pelas bellezas do mundo, é a *Renascença*. É a evocação da belleza esculptural antiga, longo tempo esquecida com as tradições da arte classica. Don Juan é profano, o seu amor é todo da forma, como na poesia grega.

A Renascença antepõe os poetas pagãos aos padres



da Igreja; a Igreja querendo salvar a sua supremacia, para aceitar-os inventa um processo de canonisação, vai santificando-os pouco a pouco. Mais tarde o mesmo Don Juan tem no eco quem interceda por elle, uma essencia angelica, que se humanisa na encarnação de uma mulher, para salvar-o pelo amor. A lenda do Fausto, formada nos claustros, segundo Claudio Durieux e Klingner, deve ser tambem influenciada por este sentimento relevante da Igreja popular. Fausto deve logica e fatalmente ser perdoado.

Assim parece incompleta, por se achar sómente n'ella reflectido o anathema da Igreja á rasão investigadora, e não apparecer a tendencia aryana de sanctificação, que tudo perdôa e rehabilita diante de Deos; tendencia um tanto exaggerada depois que se procurou salvar os poetas pagãos, que não haviam visto os alvares do christianismo, ao ponto de thribular os animaes, como se vê no hymno cantado na festa do *Asno*. O Doutor Fausto perde-se sem remissão, tanto na lenda allemã, como no drama vulgarissimo de Marlow, na Inglaterra. Deseoberta a lei de formação das legendas, pode-se bem, sem risco de erro, recompô-las a *priori*. Desde os primeiros seculos, a Igreja procurou sanctificar os antigos poetas; em Virgilio, Lactancio e Sancto Agostinho queriam achar um nuncio do Messias; San Paulo, ao visitar o seu tumulo na gruta do Pansilippo, n'aquella lenda sublime do christianismo, chora amargamente por não ter vindo mais cedo para salvar essa alma melancholica, tão disposta



para sentir a suavidade do Evangelho. Plínio Junior é considerado como um martyr, e chega a alcançar o titulo de veneravel; na paixão apocrypha de Sam Tito, attribuida ao jurisconsulto Zenão, conhecido de Sam Paulo, se conta a lenda da sua conversão ao christianismo, (1) pelo milagre do sancto Bispo de Creta, diante do qual caíu por terra o templo que o proconsul dedicava a Jupiter; espantado com a extranha maravilha, elle se converte com seu filho. Nas *Adversaria* de Luitprand, Plínio tem o epitheto de veneravel. (2)

A Igreja ha tambem procurado recompensar o espirito de tolerancia do imperador Trajano, tirando-o das penas eternas pela intercessão de Sam Gregorio Magno. Era o pensamento de Luitprand: «*Valde probabile est inspirasse Dominum S. Gregorio ut oraret pro Trajano ut salvaretur, quia edictum contra christianos, portatu Plinii Secundi, proconsulis in Bithynia, mitigari jussit.*» (3) A formação da lenda é attribuida ás virtudes e equidade do imperador, mais do que á sua tolerancia religiosa, como se vê da biographia anonyma de Sam Gregorio, quasi contemporanea do papa, segundo os Bollandistas, e pelo que Dante apresenta em um

(1) Bolland, t. I, 4 januar. — Vid. sobre este ponto *S. Paul et Senèque*, de A. Fleury, p. 30, not. onde cita todos os auctores que trazem esta legenda.

(2) Oper. Antwerp. (1640.) p. 512, *Adversaria*, § 292.

(3) É tambem o pensamento de Fabricio, *Biblioth. lat.* t. III, Ernesti, p. 418 e 419.



baixo-relevo, feito pela mão de Deos sobre um rochedo do Purgatorio. (1) Trajano, em uma entrada triumphal em Roma, á detido por uma pobre viuva, que vem lavada em prantos pedir-lhe justiça para o assassino do seu filho unico. Trajano manda procurar e trazer preso o malvado, e conhece ser seu proprio filho. Então diz á viuva se quer que o mate, ou antes recebel-o pelo que perdera. A desgraçada era mãe, e aceita-o perdoando. O biographo anonymo conta que o sancto Pontifice, passeando no Forum em Roma, viu este factu esculpido em um monumento, e segundo João Diacono, tocado de tamanho rasgo de justiça, rogou fervorosamente a Deos para que fizesse voltar ao mundo a alma de Trajano, e obteve a salvação d'ella. João Diacono, na vida de San Gregorio Magno, diz que o Pontifice, tendo proclamado nos seus livros como inefficazes as orações pelos mortos impenitentes, não rogara, mas que chorava: «*Non legitur pro Trajano Gregorium exorasse, sed tantum flevisse.*» (2)

S. Thomaz de Aquino, o Anjo da Eschola, explica o factu theologicamente, suppondo una resurreição, em que o Imperador tivesse tempo de se arrepender: «*De Trajano potest dici quod sit revocatus ad vitam et suscepta gratia veniam consecutus.*» (3)

(1) *Purgatorio*, c. 4

(2) Vita S. Greg. lib. II, cap. V. 44, Bolland, Martii, t. II pag. 159.

(3) Thom. in *Sententiarum*, lib. IV, Distinct. XLV, art. III, Oper. t. XVIII, p. 144, edic. Venet. 1593.



Este caracter feminino de bondade das raças celticas, coadjuvado pelo espirito da suavidade evangelica, procura a salvação de Judas; o condemnado den o seu manto de esmola a um leproso, e é elle que o refrigera, quando sáe uma vez por semana do inferno, e anda errante pelos gelos polares. A legenda de San Brendan suavisa-lhe assim o tormento eterno. (1)

3063
Dante colloca tambem Stacio no Purgatorio; o gibellino de Florença tinha pelo poder do genio o dom supremo de condemnar á reprovação eterna e de elevar ao paraizo. O Doutor Fausto na lenda catholica e no drama inglez de Marlow perde-se, não tem remissão. O sobresalto e anciedade, com que espera a ultima hora de vida que lhe resta, segundo o pacto de Mephistopheles, arranca-lhe uma imprecação de desespero, Ajax fulminado contra a rocha, mas que ainda ali ameaça os deoses vingadores; cada momento que se escôa no relógio fatidico é uma incerteza nova; elle arrepende-se compungido, prostrado; tudo debalde! Fausto é o irmão do Prometheu; mas excede-o na agonia. Na tragedia antiga, o Oceano e as forças da Natureza vêm visitar, consolar o prisioneiro dos frague-dos do Caucaso; Fausto, desprezando o corpo, deixando-o aos vermes da terra, pede aos astros, ás nuvens, ás montanhas uma consolação para o seu espirito, e a natureza emmudece diante do reprobó. É de uma grandeza shakespeareana, como diz o traductor francez

(1) Ernest Renan, *La poesie des races celtiques*.



do drama de Marlow, este monologo final. O Doutor está só :

«Oh Fausto! não te resta mais do que uma hora de vida, e agora vás ser condemnado para sempre! Permanecei quietas, vós, oh esferas sempre moventas do eéo, a fim de que o tempo páre, e nunea chegue a meia noite. E tu, olho esplendido da natureza, levanta-te, levanta-te mais, e faze um dia eterno! ou ao menos, que esta hora seja um anno, um mez, uma semana, um dia ordinario, para que Fausto possa arrepende-se e salvar sua alma.

O lente, lente currite, noctis equi.

«Os astros movem-se continuamente, o tempo vóa, o relógio vae soar, o demonio chega, e Fausto deve ser condemnado. Oh! eu queria atirar-me para o eéo, quem me prende? Vêde, eis o sangue de Christo que gotteja no firmamento; uma gotta sómente para me salvar. Oh Christo meu! Não me dilaeeres as entranhas porque eu chamo meu Christo. Não importa, eu quero ehamal-o ainda. — Oh! deixa-me, Lueifer! Onde está elle agora? ido! E no alto vêdes um braço ameaçando, e numa frente furiosa? Montanhas, eollinas, vinde, vinde e eaí sobre mim, e subtraí-me á terrivel eolera do eéo. Não? Eu quero despenhar-me no boqueirão da terra; que o chão se abra! Oh! não, elle não me quer dar refugio. Vós, astros que presidistes ao meu nãseimento, e cuja influencia contém a morte e o inferno,



atraí Fausto como um vapor para as entranhas d'essa nuvem, que se condensa ao longe, de sorte que, quando me vomite no ar, os membros possam cair de sua garganta procellosa, mas que a miuha alma suba e se eleve até ao céo! (*O relógio dá uma pancada.*) Oh! meia hora passada; pouco vai para a hora. Oh! se é de força que a alma soffra meus peccados, imponde-me um fim ás penas incessantes. Que Fausto viva no inferno mil annos, cem mil annos, mas que tenha por fim a salvação. Nenhum termo está assignado ás almas dos condemnados. Porque não fui eu uma creatura sem alma? Ou para que é a alma que tenho immortal? Oh Pythagoras! se a metempsychose fosse verdadeira, esta alma desprender-se-hia de mim, e eu seria mudado em alguma alimaria bruta. Todas as alimarias são felizes, porque, quando morrem, suas almas se dissolvem immediatamente nos elementos; mas a miuha, é de força que viva para ser eternamente torturada no inferno. Maldictos os paes que me geraram! Não, Fausto, maldito tu mesmo, maldito Lucifer, que te priva da gloria do céo. (*Sóu meia noite.*) Meia noite! meia noite! Agora, corpo, desfaze-te no ar, senão Lucifer arrebatate subito ao inferno. Oh alma, torna-te algumas gottas de agua, e cae no oceano, perdida para sempre. (*Estampido de trovões. Entram os demonios.*) Oh; piedade! céo! não me encareis com este ar assombroso. Cobras, serpentes, deixae-me respirar um momento! Não bocejês, inferno medonho! Affasta-te, Lu-



eifer! eu quero queimar os meus livros! Oh Mephistopheles.» (1)

É impossível uma expressão mais viva e energica para a agonia suprema do donitor Fausto; Marlow eleva-se ao pathetico estupendo da tragedia antiga, e ás ironias acerbas do desespero, que Shakespeare arranea dos seus typos. A lenda catholica é absurda no modo como conta o desenlaee do pacto tremendo; porque não vê a lucta de uma alma que tudo domina, que só não pode prender o tempo que a arrebatava; vê no sabio um malvado, que é vietima da obstinação do seu erro. Ella condenna o espirito que tudo examina, e proclama a ignorancia piedosa, embalada nos favores celestes.

Em uma nação que produziu Maehiavello, e onde os maiores artistas foram grandes politicos, a ambição devia de ser o movel para a alma do Fausto, em vez da aneia de profundar tudo, e da sêde de sciencia que devora o Fausto allemão. O Fausto italiano é essa lenda do seculo vi da egreja, em que um monge chamado Theophilo fez um pacto com o diabo para conseguir uma grande dignidade ecclesiastica. No seculo x, Rhoswitha esereveu um drama latino, que se pôde tomar como a primeira forma litteraria da grande legenda. Que character teria o *Fausto* em Hespanha, a terra das serenadas apaixonadas e dos duellos sombrios? Dava

(1) Trad. de Marlow, por François Victor-Hugo, p. 248 not. 26.



a sua alma ao diabo pelo *amor*, tornava-se um demónio de amor como o Don Juan, por quem se perdiam todas as mulheres. O Fausto em Hespanha é o estudante Cypriano; Calderon assim chamou a confusa tradição em uma das suas mais bellas comedias: «O *Magico* de Calderon só consente no pacto diabolico pelo amor. Justina é bella, candida como a Margarida de Goethe, mas resiste; o pensamento do céo, que a eleva, afasta-a dos desvarios do mundo. Ella sente um impulso intimo que a precipita nos braços do amante, e lucha comsigo, refugia-se no templo, ora fervorosa, implorando os divinos auxilios. Calderon tem a inspiração do catholicismo e procura fazer triumphar a virtude. Que arrobos de lyrismo e de paixão não exhala a auçiedade de possuil-a. O Diabo não pôde faltar ao pacto irrevocavel, tem de a entregar nos braços d'aquelle que lhe sacrificon a felicidade da sua alma. Justina está fortalecida pela graça. O Diabo com o requinteda sua logica torna-se tambem sophista; serve-se de um embuste. Mostra-a coberta com um véo. Cypriano tem nos braços Justina: — Agora, bellissima Justina, n'este sitio occulto em que os raios do sol não penetram, nem os bafagens puras do ar, a tua belleza é o tropheu dos meus estudos, nada temo, tudo arrisco para possuir-te. Custas-me a alma! Pequeno preço para tamanho encanto. Ergue o véo da tua beldade, o sol rasga tambem as nuvens e ostenta sens raios scintillantes. (1) — Na vertigem da paixão vae para erguer-

(1) Jornada III.



lhe o véo, e dá com um esqueleto. — Mas, ai! infeliz, que vejo? um cadaver hirto, mudo, que me espera entre seus braços. Quem póde em um instante desvanecer os primores do rosado e do purpureo em feições desmaiadas da palidez caduca? — O esqueleto responde como um padre da egreja, que anathematiza as alegrias do mundo e comprehende a vida pelo ideal que tem da morte: Assim, Cypriano, são as glorias d'este mundo? Esta criação de Calderon, estava no espirito de uma sociedade catholica; é ainda a tradição grotesca da idade media, do *Diabo Venus.*» (1) O Diabo da Comedia de Calderon é o filho do seculo XVI; representa o protestantismo. (2) O povo hespanhol formou outras lendas de pactos diabolicos.

A lenda de Sixto V, em parte similhante ao quadro nocturno e medonho da morte de Bonifacio VIII, que Dante traçou com côres sinistras no *Inferno*, é uma criação inspirada pelo horror da vida e ultimos momentos do doutor *Fausto*. Eis como de Thou a expõe:

«Os hespanhoes levaram contra este papa (Sixto V) sua vingança mesmo alén da morte; nada esqueceram para diffamar-lhe a memoria por libellos que contra elle espalharam, e dos quaes tenho alguns entre mãos. Sixto, diziam elles, por intermedio da magia, tinha de longo tempo commercio com o demonio; fizera

(1) Vid. a minha *Poesia do Direito*, p. 105.

(2) Du Meril, *Hist. de la Comedie*, Periode I, p. 21.



um pacto com este inimigo do genero humano de se lhe entregar, com tanto que o elegessem papa e lhe dêsse seis annos do reinado. Com effeito Sixto foi elevado á cadeira de San Pedro, e durante cinco annos que em Roma governou assignalou seu pontificado com acções que ultrapassam os limites do espirito humano. Alfim, ao cabo d'este termo, o papa adoeceu; e vindo o demonio lembrar-lhe a sua palavra, Sixto se irritou contra a má fé do mensageiro infernal, porque o termo do ajuste não tinha passado, pois ainda faltava um anno. (Em que contava talvez fazer penitencia?) Mas o diabo lembrou-lhe que no principio do seu pontificado condemnára um homem, a quem, segundo as leis, faltava um anno para ser sentenciado á morte, e que apesar d'isso o fizera executar dizendo, que lhe dava um dos seus; que este anno, junto com os outros cinco prefazia os seis annos, que promettera; com o que Sixto, embaraçado, e não tendo que responder, ficou mudo, e, voltando-se para a cabeceira do leito, se dispoz para a morte no meio das agitações terriveis que lhe causavam os remorsos de consciencia.» (1) No episodio de Dante, o diabo, depois de conseguir um equal triumpho, exclama orgulhoso da argucia que desenvolvera, e que aprendera nas controversias da scholastica :

«Tu non pensavi ch'io loico fossi.»

(1) *Hist. universelle*, trad. franc. t. XI, p. 794, 795.



O vago que Dante deixa nas cousas mais terriveis era o grande segredo da arte; era assim que no episodio de Ugolino apresentava a ultima expressão do pathetico depois dos tragicos gregos.

Na poesia portugueza encontramos o germen da lenda de Fausto personificada em frei Gil de Santarem. Será a mesma ideia, seguindo o curso eterno, e em cada logar denominando-se diversamente? É assim na lenda de Simão Mago e S. Pedro, substituidos mais tarde por S. Leão Thaumaturgo e Heliodoro; (1) á medida que a lenda se vae espalhando pela Sicilia, quando passa pelas campinas sulphurosas do Vesuvio, toma para seu heroe Virgilio, fundador de Napoles. Analysemos a lenda de Frei Gil, como a encontramos na *Chronica de S. Domingos*, de Frei Luiz Souza. Nasceu Gil Rodrigues no logar de Bouzella, termo da cidade de Vizeu, pelos annos do senhor de 1190, de paes illustres por sangue, por terra e fazenda no reino. Deu-se com particular affeição á Medicina, e el-rei D. Sancho o enriqueceu sendo bem moço com varios beneficios ecclesiasticos. Foi estudar para Paris; não faltou quem dissesse que se dedicava a esse estudo para entrar em muitas casas, aonde não podia ir como mancebo. Na viagem appareceu-lhe uma figura humana, e, fingindo que levava o mesmo caminho, foram conversando, o diabo persuadindo-o a que se servisse do seu talento e levasse boa vida, propria de sua idade, «— que a arte

(1) Gorres, *Mystica*, t. III, pag. 122 da trad. franc.



magica era só a que fazia um homem estimado nas cortes, valido dos reis, e de todo o resto do mundo quasi absoluto senhor.»

Corroborava o dieto com exemplos de varios personagens; que a magia, auxiliada pela Medieina que elle já sabia, surtiria grandes resultados, encobertos com as forças naturaes da physica, e que lhe daria a fama de um grande philosopho. Assim o foi persuadindo, e, logo que o viu disposto, lhe impoz o deixar a fé, fazer uma escriptura d'isso, assignada eom o proprio sangue. O paeto do doutor Fausto assignado tambem eom o sangue, tem o character do symbolismo antigo; era d'esse modo que se eelebrava a *irmandade heroica* dos guerreiros do norte. O saugue é o symbolo mais geral da confraternidade; na Islandia, entre os arabes, segundo Herodoto, entre os reis armenios e Iberos do Cancaso, segundo Taeito, entre os Seythas, nos antigos latinos, na Escossia, por quasi toda a parte e em todos os povos se eueontra. (1) Segundo a lenda allemã, vertida por Palma Cayet, o doutor Fausto tomou uma faca, e feriu-se em uma veia da mão esquerda, *vena praecordialis*, que os Irlandezes, como refere Mathiens de Paris (*ad annum 1236*), abriam para firmarem as alianças. Na lenda de Frei Gil, a eseriptura, tambem firmada com sangue, não tem a sua origem nas tradições do norte; veiu-nos pelas raças orien-

(1) Michelet, *Origines du Droit*, cap. IV, pag. 195, 200, onde traz citados todos os auctores que se referem a este ponto.



taes que occuparam a Hespanha. Era tambem d'esse modo que os arabes promettiam observar a fé jurada? Frei Gil residiu sete annos nas covas de Toledo; dirigiu-se depois a Paris, onde foi admiração de todos, e lá tomou o gráo de doutor, embalado no esquecimento do céo pelo ruido da sua gloria. A conversão de Gil é uma imitação, usada em todos os processos dos legendarios, da conversão de S. Paulo. Apparece-lhe um cavalleiro uma noite, quando estava absorvido n'uma vigilia remota, entre os livros da sciencia e as retortas infernaes. Foi surdo ás primeiras admoestações, até que o cavalleiro appareceu novamente e lhe disse: «Muda de vida, homem; senão morto és.» E immediatamente Gil se sentiu ferido no imo seio; assim vemos manifestar-se o amor divino nas lendas piedosas, como em Thereza de Jesus, Cecilia Giuliania, Margarita Columna, Ozana de Mantua, Maria Villana, Clara de Bugni, Angela da Paz, em quasi todos os mysticos, feridos com settas de fogo. Os creados acudiram ao grito d'aquella dor repentina, e o Doutor lhes ordenou que queimassem os livros, e, reduzidos a cinzas, se poz a caminho de Paris. Desde esse dia notou-se-lhe uma differença profunda de character; jovial, como era, de ironico tornou-se mudo, carregado, taciturno; não comia nem bebia, affligido por uma insomnia constante. Entrando em Castella, veio a Palencia, onde a humildade dos frades de San Domingos o compungiu a ponto, de ir logo procurar o prior do mosteiro e em confissão geral renegar de todos os desconcertos da sua vida.



A peniteneia fôra a primeira condemnação; fugiu do mundo, escondendo-se no habito da austeridade religiosa. O hieromante ala-se por todos os grãos da aseese mystica; submette-se aos trabalhos mais grosseiros, eiuge-se de eilieio apertado sobre as eárnes, e, como se conta em uma lenda da vida eremetica, lança a chave do cadeado em um rio. Pelos annos de 1221 veiu a Portugal já professo. Não havia consolação para a sua alma; não era só a lembrança dos diversos passados, como o recordar-se de que nas mãos do diabo estava depositada a escriptura da sua alma, que assignará com o proprio sangue!

A interessão da Virgem é o seu refugio. Podemos dizer que Frei Gil é a faee cavalheiresea da lenda do Fausto; o ideal da mulher na edade media toea a realisação mais perfeita no eulto da Virgem; já nas legislações symbolieas a mulher podia abrandar a justiça, salvar o senteneiado da morte pelo seu amor. Na formação do ideal da Virgem ella tem este mesmo eaeacter: o nigromante eonvertido, ora fervorosamente para que interceda diante de seu filho. No meio das peniteneias, o diabo não eessa de combatel-o, de atterral-o com apparições disformes, monstruosas, de que se encontram a cada passo exemplos nos Bollandistas e agiographos. O diabo mostra-lhe a visão do inferno em visagens espantosas. Como se mostrava aos padres do deserto, revestindo as formas do paganismo, ostenta-se-lhe transformado em *Centauro*, que era a exprobação dos seus estudos antigos; e trava combates en-



carneçados, em que o fervor piedoso o salva, apesar de todos os iusultos e blasphemias que escuta. O *Centaurro* ou o *sagittario* era o symbolo do diabo na edade media, como se vê em um baixo-relevo da egreja de Sam Gilles, monumento byzantino do seculo XII. (1) O *satyro*, capripede, felpudo, feio, representava completamente o diabo, porque a exaggeração do terrivel descambava no grotesco, o elemento ridiculo que trouxe mais tarde a tolerancia que lhe destruiu o ideal. (2)

Satanaz procura incital-o á desesperação, mostrando a inefficacia das supplicas, inutilizadas pela escriptura. Um dia, depois de uma lucha tremenda, a ultima, prostrado em terra diante da Virgem, recebe a escriptura que firmára, e desde então a paz entrou em sua alma. Recebe-a, vendo-a cair pela corda do sino. O *sino* tem um symbolismo juridico extenso nas communas antigas; resumia todos os factos da vida: *Vivos voco; mortuos plango; fulgura frango!* A *corda do sino* servia nas investiduras ecclesiasticas. (3) Martene refere a investidura de um bispado pela *corda do sino*. Na servidão voluntaria ás egrejas, no nosso direito antigo, enrolava-se a *corda do sino* ao pescoço, e ficavam assim reconhecidos oblatos.

Pela *corda do sino*, por onde lhe vinha o pacto fu-

(1) A. de Laborde, *Monum. de la France*, t. 2. p. 126; d'après Alfred Maury, *Legendes*, p. 176.

(2) Vid. as propriedades do *Satyro* nas *Tradições teratologicas*, de M. Berger de Xivrey, p. 475 e seqq.

(3) Michelet, *Origines*, p. 183. Martene, *De antiquis ritibus Ecclesiae*.



nesto, frei Gil se constituia *escravo* da Virgem, como conta o chronista de Sam Domingos. Aqui vemos plenamente representado o poder sanctificador da Egreja; o desenvolvimento da lenda portugueza segue todas as phrases do sentimento mystico até á illuminação extatica. A lenda allemã é mais profunda, porque não tem o character monachal da de frei Gil; a origem d'ellas ambas provém do mesmo anathema á sciencia e ao livre exame; os encantos que a imaginação descobre são invertidos em paixões rcaes, representadas materialmente. O prazo dos vinte e quatro annos de vida, que concede Mephistopheles, dá á legenda uma côr sombria de fatalidade.

Só o pantheismo da arte no sculo XVIII podia salvar o Doutor Fausto, apesar do pacto irrevocavel; o mal não subsiste diante do bem absoluto. O traductor do drama de Marlow justifica a remissão do *Fausto* em Goethe, porque não é elle quem evoca o espirito infernal, como o Fausto da lenda popular; apparece-lhe sob a forma de um cão. Isto é applicavel em toda a extensão á lenda portugueza, em que o viajante, acompanhando-o na jornada, tenta frei Gil. Quando acaba o prazo do pacto de Mephistopheles, o diabo não extranho ao progresso da epoca, ri-se de si e da sua pretendida maldade. (1) O pantheismo tudo rehabilita.

* (1) «De todos os seres outr'ora amaldiçoados, a que a tolerancia do nosso sculo ha levantado anathema, Sátan foi, sem duvida, quem ganhou mais com o progresso das luzes e da civilização universal. Elle se ha amansado pouco a pouco na sua



A Virgem, o ideal da idade media, que redime Frei Gil, perde o caracter christão, torna-se um typo geral e complexo, é o *femenino eterno* (*Das Ewig-Weinbliche*) de Goethe.

viagem desde a Persia até nós, despindo toda a malicia de Ahrimane. A idade-media, que não comprehendia a tolerancia, o fez, por capricho, feio, maligno, torturado, e para cumulo de desgraça, ridiculo. Milton comprehendeu este pobre calumniado e começou a metamorphose, que a alta imparcialidade do nosso seculo devia completar.» ERNEST RENAN — *Estudos de Hist. religiosa.*



POESIA DA NAVEGAÇÃO

PORTUGUEZA

DO ESPIRITO AVENTUREIRO DAS EXPEDIÇÕES MARITIMAS NO CHRISTIANISMO. — Logar dos *Lusiadas* entre as grandes epopeas da humanidade. — A *Historia Tragico-Maritima* germen de uma epopea popular. — *Nau Catherineta*. — Sentimento religioso na poesia dos mares. — João de Barros apresenta nas suas *Decadas* o espirito da empreza maritima. — Ilhas encantadas. — O genio maritimo na Architectura.

Quando esse fanatismo sublime da *Honra* hallucinava os espiritos na idade media, e o *Amor* e o *Valor* eram o ideal dos feitos epicos e a inspiração do lyrismo que embalava com uma harmonia magica a formação dos estados, como no mytho profundo de Amphion e Orpheo, um povo, que vivia n'um recanto da Europa, agnia ainda implume em seu ninho, estava destinado a continuar as tradições maritimas dos aédos do Archipelago. Era de Ulyssea que haviam de partir os novos aventureiros, que herdavam pela fatalidade antiga o genio das expedições longiquas do arguto rei de Ithaca. O impulso dos sentimentos da cavalleria refluira sobre o coração da Peninsula; era preciso uma área mais ampla para a acção gigante que provocavam, um campo onde se não podesse marcar os limites do torneio. O mar, o mar ostentava-se-lhe diante! O *Valor* levava este povo a affrontar as tormentas escuras, a ir arrancar pela conquista as perolas do Oriente, como

*



n'um voto denodado, para cingir a fronte da sua dama; o *Amor*, que lhe inflammava a crença, subia mais alto, a dama que levava em seus pensamentos, invocada nos lances imprevistos, era a *Patria*, o doce nome da patria, que lhe acordava n'alma esse sentimento puro, estreme, introduzível em todas as linguas—a *Saudade*.

Eis como no seculo xv, no cyclo das grandes navegações, fala El-Rei Dom Duarte d'este sentimento tão peculiar ao nosso povo:

«E porém me parece este nome de *suydade* tan proprio que o latim, nem outra linguagem que eu saiba, nom he pera sentido similhante. De se haver algumas vezes com prazer, e outras com nojo ou tristeza, este se fez, segundo me parece, porquanto *suydade* propriamente he sentido que o coração filha por se achar partydo da presença de alguma pessoa ou pessoas que muyto per afeição ama, ou o espera cedo de veer; e esso medes dos tempos e lugares em que per deleitação muyto folgou; dygo afeição e deleytaçom, porque som sentimentos que ao coração pertencem, donde verdadeiramente nace *suydade*, mais que da razom nem do siso. E quando nos vem alguma nembrança dalgu tempo em que muyto folgamos, nom geeral, mas que traga ryjo sentydo, e por conhecermos o estado em que somos seer tanto melhor, nom desejamos tornar a el por leixar o que possuímos; tal lembramento nos traz prazer, e a mingua do desejo por juizo determynado da razom nos tira tanto aquelle sentydo que faz *suydade* que mais sentymos a folgança por nos



nembrar o que passamos, que a pena da myngua do tempo ou pessoa: e questa *suydade* he sentida com prazer mais que com nojo nem tristeza.» (1)

Da saudade nos diz Dom Francisco Manoel de Mello :

«Parece entre os Portuguezes a *saudade* por duas causas, mais certas em nós que em outra gente do mundo ; porque d'ambas essas causas tem seu principio. Amor e ausencia são os paes da *saudade*; e como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e *nossas dilatadas viagens occasionam as maiores ausencias*, d'ali vem, que donde se acha muito amor, e ausencia larga as *saudades* sejam mais certas, e esta foi sem falta a razão porque entre nós habitassem como em seu natural centro... He a *saudade* uma mimosa paixão da alina, e por isso tão sutil, que equivoicamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dôr da satisfação. He hum mal, de que se gosta, e hum bem, que se padece, quando fenece, troca-se a outro maior contentamento, mas não que formalmente se extinga: porque se sem melhoria se acaba a *saudade*, he certo que o amor e o desejo se acabaram primeiro. Não he assi com a pena: porque quanto he maior a pena, he maior a *saudade*, e nunca se passa ao maior mal, antes rompe pelos males; conforme succede aos rios impetuosos, conservarem o sabor das aguas

(1) *Leal Conselheiro*, cap. XXV, p. 151. El-rei Dom Duarte analisa psychologicamente este sentimento.



muito espaço depois de misturar-se com as ondas do mar mais opulento. Pelo que, diremos que ella he hum suave fumo do fogo do amor, e que do proprio modo que a lenha odorifera lança hum vapor leve, alvo e cheiroso, assi a *saudade* modesta, e regulada dá indicios de hum amor fino, casto e puro. Não necessita de larga ausencia: qualquer desvio lhe basta para que se conheça.» (1)

A *Honra*, o ideal supremo da acção heroica, tocava a rigidez da abnegação e do desinteresse, na santidade de Pacheco, de Affonso de Albuquerque, de Dom João de Castro. Os paladins errantes eram as Armadas; ellas iam, como diz Jacintho Freire, ao longe d'aquella parte da Africa, que corre do Cabo da Boa Esperança até ás portas do Estreito do Mar Roxo, rodeando o mundo em distancia de mais de vinte mil leguas.

Estes sentimentos novos, em que o genio do Oriente se deixava surprehender e confundir com o Occidente, haviam de crear por certo uraa nova poesia. Era a poesia da grande navegação, a unica verdadeiramente portugueza, apesar de se lhe não sentir o perfume balsamico na aridez classica dos nossos quinhentistas. A poesia intima de um povo, os sentimentos, as aspirações, é a que se encontra ás vezes menos em seus poetas. É assim em Roma; aí nos mais antigos poetas, em quem se esperava encontrar uma poesia propria,

(1) *Epanaphora da Hist. portug.* p. 286. Vid. Nunes de Leão, *Orth. da ling. port.*



não influenciada pela musa attica, o verso saturnino *accentuando-se* na sua ingenuidade rude, n'esses mesmos é palpavel a falta de nacionalidade. Roma, *patria legum*, como lhe chamaram os antigos jurisconsultos, tinha outra poesia immensa, a mais profundamente humana, cuja acção é a vida — a *Poesia do Direito*.

Um facto equal se dá comnosco; sómente em Camões se acha concentrado o espirito da grande poesia da expedição; é pela tradição conservada por elle, que ainda vivemos entre as nações modernas.

A poesia dos mares tem o character mystico e heroico da idade media. A purificação da alma pelo baptismo, este renascimento para a sociedade universal, a iniciação da vida futura, está symbolisada em uma gota de agua. A egreja primitiva, rude mas crente, deu aos seus cantos a unção religiosa dos mares. Dil-o este canto de benção da fonte baptismal: (Ex Missali gothico-gallicano.)

«Stantes, fratres carissimi, super ripam vitrei fontis, novos homines adduc eis de terrâ litori, mercaturos sua commercia. Singuli navigantes pulsent mare novum, non virga, sed cruce: non tactu, sed sensu; non baculo sed sacramento. Locus, quidem, parvus, sed gratia plenus. Bene gubernatus est Spiritus Sanctus. Oremus ergo, etc.» (1)
«Sus, irmãos carissimos, sobre a borda da fonte vitrea; que da terra á praia venham fazer troca e commercio. Navegando, cada um pulse o mar novo,

(1) Martene, *De antiquis ritibus Ecclesiae*, t. I, p. 175.



não com o remo, mas com a cruz, não com a mão mas com o sentido, não com a vara mas com o sacramento. O logar é pequeno, em verdade, mas está cheio de graça. O Santo Espirito foi dirigido por um bom piloto.» — N'esta formula baptismal, Michelet, o propheta do passado, pressente o genio das invasões e expedições maritimas conservadas no Christianismo como uma tradição da Odysee. (1) O baptismo era designado pelos epithetos *nativitas secunda, vitale lavacrum, unda genialis*. Santo Agostinho avança, que a passagem pelo mar é já um baptismo: «Per mare transitus baptismus est.» (2) Na vida de San Damaso, ha o mesmo pensamento: «fratres quoque nostri, in typi baptismi per medium mare transierunt.» (3)

Como não havia a Egreja sanctificar os mares, quando que era feita como um navio, voltada para o Oriente? «Ecclesia sit ad instar navis, et ad Orientem conversa.» (4) O Christianismo deu tambem uma personali-

(1) *Origines du Droit*, p. 10.

(2) *Serm.* 213, c. 8.

(3) *Biblioth. PP. Max.* t. XXVII, 63.

(4) Mandava assim uma Constituição Apostolica: «Bispo, quando reunires a assemblea dos servos de Deos, vigia, *patrão d'este grande navio*, para que a decencia e a ordem aí sejam observadas. Os diaconos, como outros tantos *remadores*, designarão os logares aos *passageiros*, que são os fieis... Primeiro que tudo, o edificio será longo, *á maneira de navio*, e voltado para o Oriente... No meio se assentará o Bispo, tendo de ambas as partes as cadeiras dos seus padres. Os Diaconos em pé, vestidos de modo que possam ir aonde fôr preciso, farão ás vezes *te marinheiros que manobram o navio*. Terão o cuidado de, no resto da assemblea, os leigos observarem a ordem prescripta, e



dade ao navio, concedendo-lhe o baptismo. O symbolo do navio, segundo Maury, é de origem christã. (1) Nos poetas da Igreja, as imagens são de preferencia tiradas da poesia do mar. A cruz, em Sam Paulino de Nola, é comparada a uma *ancora*; a ancora, na Igreja symbolisa o que ha de mais bello — a esperança. Nas illuminuras dos miniaturistas antigos, um navio representa a igreja; o *mastro* é a cruz, os diabos figuram os *ventos*.

As peregrinações, os votos denodados, o santo sepulchro substituindo o *Saint Grual*, as descobertas maritimas, as tormentas, os phenomenos estupendos do mar, os piratas, as missões evangelicas em regiões distantes, trazem ao christianismo esse character de aventura, cuja manifestação profunda é de um lado a *Jurusalem Libertada*, do outro os *Lusiadas*. Independentemente da nacionalidade da epopêa portugueza, occupa este lugar entre as grandes epopêas da humanidade. Os *Lusiadas* são o poema da grande navegação, são, como já lhe chamaram, a Odysea do Christianismo.

Nos historiadores portuguezes encontra-se o sentimento vago, a agitação da aventura maritima: Damião de Gões descreve as impressões profundas que

que as mulheres, separadas dos outros fieis, guardem silencio. No centro, o leitor do alto de um logar elevado, lerá a livros da antiga lei, e depois da leitura, um outro começará o canto dos psalms, que será continuado pelo povo... Depois os padres, uns apoz outros, e finalmente o Bispo, *piloto do navio*, exortarão o povo, etc. *Constitut. Apostol.* II, 57.

(1) *Legendes pieuses au moyen-âge*, p. 102.

causou na Europa a descoberta do *Novo Mundo*: «Das quaes navegações admiração foi então tamanha, que por esse respeito vieram a estes reinos muitos homens letrados e euriosos, dos quaes uns vinham com tenção de ir ver estas terras, provineias e novos costumes dos habitadores d'ellas; ou para tambem ajudarem a descobrir outras eom esperança de proveito que d'isso podia seguir; ontros vinham sómente para verem as cousas, que d'estas nossas provincias os nossos traziam; ou para esereverem o que ouviam d'aquelles que das taes navegações tornavam; por cuja industria e estylo se divulgavam então pelo mundo os easos e aeonteimentos espantosos, eom que se, eada dia, a nossa nação portugueza se eneontra: o que estes homens estrangeiros faziam, ou de suas proprias vontades, ou mandados de eidades, republicas e priniepes desejosos de saberem a eerteza de tamanhas novidades.» (1) Não era a sêde do ouro, mas um instineto eavalheireseo que nos levava (2).

Camões é o poeta da geographia; a terra, desereve-a elle eom a mesma paixão eom que contempla os phenomenos esplendidos do mar. Só a observação pessoal e immediata, eomo diz Humboldt, podiam attingir a verdade da grande eopea; é eomo um sonho de uma noite dos tropieos, embalado entre effluvios suaves quasi impereceptiveis das flores da India. O emi-

(1) *Chronica do Principe D. João*, c. 6, fol. 4.

(2) Humboldt, *Cosmos*, t. II, p. 60, trad.



nente naturalista da Allemanha extasia-se ao vêr as descrições brilhantes da metereologia; no sen entusiasmo chama-lhe um pintor inimitavel, *no sentido proprio da palavra, um grande pintor maritimo.*

A aventura, que entretece o poema, tem uma certa impressão de fatalidade. «No mar tanta tormenta, tanto damno! tantas vezes a morte apercebida! — Oh maldito o primeiro que no mundo, primeiro velas poz em seco lenho.» Ha ali o sentimento religioso das expedições maritimas do cyclo heroico christão. Que fervor o do nauta angustiado, que offerecia a vela rota pelos ventos, só para chegar a beijar a terra de seus paes!

O santelmo vem pressagiar-lhe a bonança. A Virgem é a estrella do mar; eansado do fragor das procellas, e dos parceis occultos, o marcante a invoca: *Ave, maris stella!* Quando a hymnologia da egreja do Occidente tocava a sua expressão mais pura e brilhante, do seculo XII ao XIV, começaram a ouvir-se aquella antiphona sublime e anonyma como todas as grandes obras, a que os italianos chamam o cantico dos marinhos a *Salve Regina*, onde o ideal de Maria ainda conserva o sentimento mais bello, que o mysticismo lhe tirou, o *sentimento de mãe*. Era á mãe da misericordia para quem se erguia a celeuma nas vascas da procella.

Esta poesia dos mares tem uma epopêa cyclica interminavel — o naufragio. Encontra-se espalhada pelas paginas da *Historia Tragico-Maritima dos Ga-*



leões da India, na sua expressão popular, eoneituosa, crente; quasi que se surprehendo ali o genio de uma nação no labor mysterioso da sua grande epopêa (1).

O horror dos escolhos de que se foge, a tormenta que negreja no horisonte, o santelmo que vem pousar no tope do mastro a annunciar a bonança, as ondas urrando violentas a despedaçarem-se nos promontorios, que desenham formas incertas através da penumbra da cerração, o perfume da terra que se pressente e mal se avista, o amor da patria e a fé viva fortalecendo na aventura, ois o colorido da nossa epopêa nacional, o que lhe dá um logar importante entre as epopeas da humanidade. Humboldt foi o primeiro que veio alargar os horisontes da critica, mostrar que os *Lusiadas* antes de serem um padrão nacional, são sobre tudo um poema humano.

O incitamento que levava aos perigos e incertezas do mar os descobridores, era o *serviço de Deos*, como elles proprios confessam. Dil-o Vasco da Gama a Dom Manoel; Colombo sonha a America como um novo dominio para onde se devia estender o Christianismo.

Os descobridores, antes da partida, tinham uma preparação religiosa; Vasco da Gama véla com os outros capitães na igreja de Belem. No sabbado, dia em que tinham de largar, muita gente veiu á despedida,

(1) Vide no *Romanceiro Geral*, pag. 191, um estudo sobre as origens da lenda da *Nau Catherineta*; e nos *Cantos do Archipelago*, p. 426, a confrontação da tradição popular com a *História tragico-Maritima*.



na piedosa romagem da Virgem, cuja invocação é o templo. João de Barros descreve a scena da partida, não como um historiador official e frio, mas com a alma popular, que se agita com os grandes sentimentos da sua epoca. Os aventureiros, que se atiram aos mares, desconhecendo as terras em que hão de afferrar, como a eleição dos mezes em que esperem as monções propicias em que devam partir, saem em proeissão, acompanhados dos sacerdotes que psalmêam invocando o céo, preparando-os para a viagem d'onde talvez não mais voltarão, quem sabe? o povo vae atraz respondendo com sua voz confusa e santa, á ladainha, até aos bateis. Chegados ao pé do mar, o silencio foi a linguagem suprema do sentimento profundo de um povo, que chorava, de joelhos, possnido de um sentimento do infinito, que o tornava grande e capaz de se arrojara as mais difficeis emprezas.

Ajoelhavam-se á borda da agua, como diante do baptisterio immenso, em que a humanidade adquiria uma fé mais viva em suas forças.

Os novos argonautas confessavam-se, commungavam antes de se submeterem á empreza em que podiam succumbir; ha n'estes factos um certo vago triste, um presentimento de trabalhos e de morte, um *ordalio* gigante, em que o mar é chamado a provar a grandezza d'este povo que se lhe confia. Estes factos continnos da vida, a agitação da incerteza, imprimiram um earacter melancholico no povo portuguez, determinam



em nós o elemento *celtico*, simples, bom, humano, que provêm quasi sempre de uma certa superioridade.

As lagrimas sentidas, derramadas no dia da partida, pelos que estavam na praia do Restello, ao verem aventurar-se aos mares os ousados descobridores, a confissão geral, as procissões, as penitencias e vigílias, o viatico recebido, como por quem vae commetter a viagem das regiões ignotas do sepulchro, formam o grande poema não escripto, que é a alma do povo portuguez. Os aventureiros tem aquella melancholia dos espiritos fervorosos que desciam ao *Purgatorio de S. Patricio*, incertos, receiosos se tornariam a voltar á vida salvos, esperando a hora em que voassem a gosar a visão beatifica, ou se ficariam mortos de terror e pelos peccados nas sombras da caverna tremenda; elles tambem se preparavam com jejuns para emprehenderem a viagem assombrosa. Os nossos descobridores são assim; partem, embrenham-se no pelago insondavel, não para se eertificarem da santidade de sua alma, mas para annunciarem á humanidade os resplendores divinos do seu futuro.

Os nossos poetas não representaram como deviam este sentimento, cuja melancholia celtica lembra o *Purgario de S. Patricio*, aberto por toda a vastidão dos mares; nos historiadores, onde menos se devera esperar, é que nos aparece em toda a ingenuidade da verdade extrema. Como João de Barros descreve a partida: «No qual acto foi tauta a lagrima de todos, que n'este dia tomou aquella praia posse de muitas que



n'ella se derramam na partida das armadas, que cada anno vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir: d'onde com rasão lhe podemos chamar *praia de lagrimas* para os que vão, e terra de prazer aos que vem. E quando veiu ao desfraldar das velas, que os mareantes segundo seu uzo, deram aquelle alegre principio de eaminho dizendo: *boa viagem*: todos os que estavam promptos na vista d'elles, com uma piedosa humanidade dobraram estas lagrimas: e começaram de os encomendar a Deos, e lançar juizos segundo o que cada um sentia d'aquella partida. Os navegantes, dado que com o fervor da alma e alvoroço d'aquella empreza embarcaram contentes, tambem passado o termo do desferrar das velas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos, e lembrando-lhe que sua viagem estava posta em esperança, e nem em tempo certo nem logar sabido; assim os acompanharam em lagrimas como em o pensamento das cousas que em tão novos casos se representavam na memoria dos homens. Assim que uns olhando para a terra e outros para o mar, e junctamente todos occupados em lagrimas e pensamentos d'aquella incerta viagem: tanto estiveram promptos n'isso, té que os navios se alongaram de porto (1).»

Os geographos da edade media introduziram na sua sciencia o maravilhoso, que o espirito do christia-

(1) *Decada* I de Barros, Liv. 4.^o, folh. 63 v. Edição do Lisb. de 1628.



nismo ou da egreja alentava com a condemnação do livre exame.

Nos antigos chronicons vemos tradições de *ilhas encantadas*; Colombo sonha a America, como um illuminado; o argumento da sua fé, são os versiculos dos prophetas hebreus. Os nossos navegadores partem, levados já pela consciencia da individualidade, confiados nos dados da sciencia, que a imaginação não deixa ainda desprender-se completamente do maravilhoso. João de Barros faz sentir tudo isto. A aventura de mar é tambem cavalheiresca; os grandes capitães são a flôr d'ella; fazem do mar e da conquista uma eschola de *Valor*. João de Barros estuda todos os sentimentos da poesia cavalheiresca para escrever o romance do *Imperador Clarimundo*, «uma pintura metaphorica de exercitos e victorias humanas, a fim de aptar o estyllo» aos feitos dos nossos argonautas. Assim preparado, a obra sáe-lhe espontanea; elle mesmo a compara a estas vegetações que a terra produz sem ser violentada pelo colono. Thesoureiro e Feitor das cascas da India, a occupação e negocio de suas armadas e commercios não lhe esterilisa a alma para sentir e reproduzir o periodo mais brilhante da nossa historia.

Quando os historiadores da Europa, no seculo XVI, proeuravam imitar em suas narrações as efflorescencias rhetoricas de Tito Livio, fazendo a historia toda esculptural e fria, sem movimento a não ser de exercitos automaticamente em batalha, e da vida intima sómente as ephemerides da corte, nós temos um eseri-



ptor que narra os factos mais pela impressão recente, do que pelo encargo official.

Sente a grande agitação de um povo inteiro, vae com elle por mares desconhecidos á busca de novas regiões, chora tambem as lagrimas da despedida, saúda as maravilhas do mar, que se produzem no horizonte como um pressagio de felicidade, soffre os horrores das tormentas e dos cabos, alegra-se á vista da terra desejada. É João de Barros. A sua historia revela mais profundamente o nosso genio maritimo, do que todos os poemas, segundo a expressão verdadeira de Edgar Quinet. Os nossos eriticos, por um d'estes erros inqualificaveis, obstinam-se a chamar-lhe o *Tito Livio portuguez*, a elle que é o nosso poeta das navegações e descobertas, superior a todos os historiadores hespanhoes do seu tempo, que tanto se violentaram para merecer essa graciosa antonomasia.

Os grandes sentimentos que a vida aventureira dos mares inspirava, faziam com que a alma se possuísse tambem de uma certa grandeza e consciencia de si. Vasco da Gama, o typo do heroe em cujo caracter predomina a *fidelidade*, o sentimento cavalheiresco que mais se aproxima da idade humana, chega a persuadir-se da superioridade communicada aos seus companheiros pela empreza arrojada que commettiam. Quando, na costa de Cambaia, um tremor de mar abalou de subito toda a armada, deixando-os cheios de espanto e confusão, anima-os com palavras que só tinham valor na imaginação exaltada: «Amigos, pra-



zer e alegria! o mar treme de nós! não hajaes medo, que isto é tremor de terra.» (1)

Os nossos historiadores, quando narram os successos audaciosos, sentem-se coloristas; a phantazia e a paixão desvaira-os na aridez da chronica; quando menos pensam fazem nm poema.

A grandeza do feito communica-se ao que o emprehende; todos os reformadores e inventores impõem mais ou menos nm character divino; a historia, ao dar-lhes a immobilidade eterna da esculptura, na sua ingenuidade de infancia, persuade-se tambem da mesma qualidade. Jacintho Freire diz, que os mares gemiam sob o pezo das nossas armadas; analysada intimamente esta phrase tem só nm valor sentimental, patriotico, que exclue todo o artificio e arrebique de um tropo rhetorico. As tormentas não acanhavam os animos denodados dos mareantes; ao rugir dos pampeiros e estalar dos mastros, cantavam unindo as suas vozes com as harmonias das borrascas. Dom Francisco Manoel de Mello descrevendo o naufragio que fez com Dom Manoel de Menezes, quando uns faziam confissões, votos e testamentos, e outros mais previdentes que piedosos armavam jangadas para o lance extremo, «tirou Dom Manoel os papeis que comsigo trazia, entre os quaes abriu um, e voltando-se para mim (que já dava mostras de ser afeiçãoado ao estudo poetico) me disse socegadamente: *Este é um soneto de Lope de Vega, que elle me deu, quando agora vim da corte; louva n'elle ao Cardeal*

(1) Barros, *Decadas*, lib. 3. fl. 224.



Barberino legado a latere do Summo pontifice Urbano VIII. A estas palavras seguiu a lição d'elle, e logo seu juizo, como se fora examinado em uma Academia; tanto que por rasão de certo verso, que parecia ocioso n'aquelle breve poema, percorreu ensinando-me o que era *pleonismo e Acirologia* e no que differiam; com tal socco e magisterio, que sempre me ficou viva a lembrança d'aquelle acção, como cousa muito notavel: sendo tudo explicado com tão boa sombra, que influencia em mim grande descuido do risco; d'onde vim a entender, que esse fim, devia demover commigo tão extranha pratica para o tempo.» (1)

Nas peregrinações maritimas, o aventureiro vae dando os nomes aos logares, tirados do sentimento que o alentam. O cabo da *Boa Esperança!* nome que hade ficar eterno; a paragem tormentosa, affigurava-se na imaginação com todos os horrores tradicionaes da geographia maravilhosa da idade media. A *Terra de boa gente*, o rio dos *Bons signaes*, traduzem aquelles momentos indiziveis de satisfação, em que se mostrava possivel a realidade da empreza audaciosa.

Tambem nos Autos de Gil Vicente ha este sentimento da poesia maritima, principalmente na trilogia das *Barcas do Inferno, Purgatorio e Paraizo*. Era o pensamento do seculo de Dom Manoel. No Auto da *Barca do Purgatorio* os anjos cantam ao compasso dos remos o romance:

Remando vão remadores;

(1) D. Francisco Manoel, *Epanaph. trag.* p. 253. *



O sentimento que agitava o coração de um povo de argonautas, está também representado na sua Architectura. É no mosteiro de Belém, como diz Edgar Quinet, que está encerrado o pensamento do povo portuguez: «A architectura é gothica, mas o rasgo de genio está em ter-lhe associado todos os caracteres da vida do mar; cordões de pedra, que ligam uns com os outros os pilares gothicos, altos mastros de mezena que sustentam as ogivas, os florões e as naves, enquanto a vela da humanidade se infua, no seculo XVI, com a viração do céu.

«E' a casa de Deos, da idade media, mas aparelhada como um navio a largar. Se se entra no interior do claustro já as fructas e as plantas dos continentes novamente descobertos, os côcos, os ananazes, as *pampelimussas*, estão colhidas e dependuradas nos baixos relêvos. O espirito da aventura, do perigo, da sciencia, do descobrimento, respira-se n'estas paredes, mais do que em uma Chronica. É a impressão d'este memento indizível de enthusiasmo, em que Cristovam Colombo, Vasco da Gama, Magalhães, Dom João de Castro, entoavam de joelhos *gloria in excelsis*, ao amainar o panno á vista de terras desconhecidas. Aqui as sercias gothicas nadam em mar de alabastro, acolá macacos trepadores de Ganges se bambôam no cabo da nave da igreja de San Pedro. Os perequitos do Brazil adejam em volta da cruz do Golgotha. Sobre os brazões correu lagrimas. Ajuntae mappas-mundi de marmore, astrolabios e esquadros aos crucifixos, machados de aborda-



gem, eseadas, por toda a parte maçame, nós de cordas enroladas que amarram as columnas, as pilastras, e sentireis na menor particularidade uma igreja marítima, a nau empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio dos desalentos do homem singra em paz, vento em popa, por mares nunca d'antes navegados.» (1)

Eis o caracter da architectura *manuelina*, determinado pela intuição viva de Quinet. A architectura *manuelina*, distingue-se pela *esphera armillar*, divisa que D. Manoel tomou sendo ainda principe; é uma architectura que se conserva tradicional no meio do impulso classico dado pela Renascença; as linhas puras da imitação grega não se prestavam ao capricho e brincado dos ornatos symbolicos tirados das novas regiões e das conquistas; o artista, possuido do sentimento marítimo do christianismo, procurou amalgamar os moldes academicos, que então decretava a Italia, com a criação franca e expansiva do gothico ogival. Foi este afferro á tradição que deu origem em Portugal a um dos mais bellos monumentos do *gothico florido*. Como se vê pela arte, assim ficamos em politica: um povo extinto, procurando dar signaes de vida pelo culto e veneração do passado; esse respeito vac decaindo de dia para dia, envolvido no estyllo rhetorico de alguns escriptores e declamadores mercenarios.

(1) Quinet, *Obras completas*, t. 1x, p. 235.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in several paragraphs, with some lines appearing to be underlined or separated by small gaps. The overall appearance is that of a document page with very low contrast.



A POESIA MYSTICA AMOROSA

§. I

POESIA MYSTICA NA ITALIA. — Exageração das doutrinas do dualismo. — A vida contemplativa. — Inspiração do amor. — Os *Canticos* de San Francisco de Assis. — Auctoridades sobre as suas poesias. — Jacopone de Todi conhecido em Portugal. — Character das suas poesias. — Tradução antiga do *Stabat Mater*. — Mystica da Arte. — Ideal de Miguel Angelo. — Sua evolução artistica. — Elemento pagão na arte moderna. — Herança do genio.

Corrido, apupado pelo vulgo, o cantor sublime do *Stabat Mater*, devorado por uma agonia intima, errava pelas ruas como doudo, para soffrer todos os saracismos ; um dia, quando aspirava a paz do claustro, e as portas se fecharam repellindo-o, foi a poesia, a irmã dos tristes, que veio rehabilitar-o, revelar o sentimento recondito, ceeste, de que estava possuido. É tambem a poesia que faz com que se estudem ainda hoje as subtilezas da theologia affectiva.

A exaggaração das dontrinas mysticas sobre o dualismo, essa lucta incessante do espirito com a carne, sanetificon as mortificações do corpo pela vigilia e sacco, cilicios, jejuns, orações ardentes, a ponto de se abstrahir do gozo dos sentidos, de supplantar os instinetos, de abnegar da vida ! Assim a natureza esplendida e



luxuriante era uma voluptuosidade eriminosa ; o rego-sijo e sêde de amor, que ella desperta, uma infracção á regra austera da perfectibilidade. Era preciso a solidão para a alma fruir uma existencia intima, recon-dita, e arrebatarse a Deos, como o prisioneiro que vê do fundo do carcere o pequeno ambito do céo que os algozes lhe furtam á vista.

Na solidão cessava a actividade e com ella a ener-gia ; a alma reconcentrava-se, chrysalida silenciosa em seu casulo, aspirando á liberdade, á soltura dos limos da terra, á identificação em Deos ; a vontade fervo-rosa era o unico impulso que empregava para regres-sar, como a pomba, para a Arca do Senhor.

Cá em baixo a vida era um desterro, o *lacrymarum valle*, tão expressivo dos hymnos da Egreja. A vanta-de firme, o querer sem limite, que se confunde com a fé, originava esses arrebatamentos d'alma, que sentia Thereza, esposa de Jesus. A meditação da vida dolo-rosa de Christo, fazia sentir dores tão intensas, como as do divino Mestre. O Seraphim de Assis, como a lenda monastica deixa vêr nos quadros dos antigos mosteiros, achou em si os mesmos stigmates. O silen-cio exaltava a vida interior, e o tropel das ideas que se succediam produzia uma irritação cerebral, que a vigilia, a mortificação e a leitura piedosa auxiliavam para extenuar o systema nervoso. A mulher, sobre tudo, menos curiosa da rasão sufficiente das cousas, sujeita a padecimentos hystericos, enamorando-se da frente altiva e conjuntamente modesta do Christo, co-



mo a representavam os pintores da idade media, era mais propensa ao esquecimento da vida exterior, em que a alma livre se absorve na essencia da divindade. O extasis originado pelo fervor piedoso, este entorpecimento dos sentidos, este scismar profundo á cendencia de concertos ígnotos das cytharas angelicas, occupam a languidez e *acedia* da vida contemplativa.

Alguns mysticos designaram pela palavra *sympathia* o commercio espirital que tinham com as imagens dos templos, que lhes fazia vêr pintadas no rosto d'ellas ora a tristeza profunda, ora a alegria indizível, conforme a perfeição da alma na ascése divina. É o que succedia a santa Rosa de Lima, contemplando a Madona que tinha nos braços o *bambino*; Ozana de Mantua, á vista de uma imagem linda, ficava em extasis. Eram as bellas imagens de Jesus, inspiradas pelo espiritalismo da estatuaria christã, que faziam abraçar na labareda do amor religioso as virgens sepultadas na flôr da idade nas solidões do claustro. Bellas, falavam-lhes aos sentidos, e é por isso que o amor divino apparece sempre com um caracter sensual, como nos desvarios sublimes de Thereza de Jesus. Assim tambem o amor divino manifestava-se outras vezes pela afinidade electiva que une dois corações. Sam Francisco de Assis, o trovador das montanhas da Ombria, o novo Jesus da Renascença, era amado por Clara, a virgem que deixa a familia, o mundo, para seguir-o. A lucta dos sentimentos da canção:

In fuoco l'amor mi mise



parece o combate de um anhello do céo, que triumphava de uma tentação fugitiva e terrena.

Aquelle delirio apaixonado da *Noche escura* de Sam João da Cruz, não será uma confidencia do seu amor por Santa Thereza, a carmelita doutora, que lhe propunha subtilezas asceticas para o ouvir dissertar do amor do céo? O mesmo nas cartas de Sam Francisco de Salles a madame Chantal.

Não se póde negar a actividade no extasis; elle originou as epopêas mysticas das religiões da India, e as glosas mais ardentes da Sapho do christianismo. A vida contemplativa não varia com os climas: tanto na natureza risonha do Meio Dia, como na aridez do deserto, ou na monotonia phantastica das regiões glaciaes, lá existe. É contemplar a fronte do arabe que sonha com o oásis; no norte Swedenborg é o grande apostolo e o propagador d'esse estado morbido da alma. Mas no extasis não se dá a abstinencia dos prazeres dos sentidos; o *dolce far niente* em que a alma vaga é um sensualismo.

Que immensa lueta contra as tentações da carne, nos anachoretas embrenhados no fundo da Thebaida, discipulos de Paulo, Jeronymo e Pacomio! É atroz a narração dos agiológicos, quando memoram suas mortificações; uns acanaviavam-se, outros comiam a herba que nascia na caverna em que se tinham encerrado para sempre. A contemplação na vida eremitica apresentava ao espirito o principio do mal para combater com as palavras do Mestre: *orate, vigilate!* eram fre-



quentes as aparições de Satanaz, revestido das formas de donzellas as mais seductoras e apetecidas. N'estas tentações difficeis de vencer, era mais brilhante o triumpho da vontade. Até certo ponto a vida coutemplativa explica-se no cyclo heroico da Egreja militante. Na decadencia e corrupção do Baixo Imperio, quando a sociedade se esphacelava, como o cadaver tabido e infecto, os homens justos e crentes, não devastados pela dissolução em que estavam envolvidos, fugiam para o deserto. Mas o deserto devastava a alma, fazia presentir com maior ardor a existencia de um mundo de luz e amor, a que só se podia voar purificado pela provação; foi isto que arrojou immensos martyres aos circos de Roma para divertir os senhores do orbe, cançados, mas não saciados das orgias. No deserto, na mudez e solidão das cellas dos cenobios, o desejo da morte era uma voluptuosidade; e quando chegava a hora do passamento, a serenidade se reflectia no rosto macerado do monge, que parecia adormecer ao som das musicas ecclestes para acordar no empyreo. Os pintores religiosos, cujo nome muitas vezes a abnegação do mundo e da gloria escondeu, souberam depositar sobre a tella a paz tranquilla d'aquelle para quem ía raiar o dia do Senhor. Inspirava-os a acção de presença, que fazia tambem escutar aos que cercavam o moribundo, as mesmas notas imperceptíveis que lhe embalavam o passamento. A auréola beatifica do extasis veiu dar alma á pintura, espiritualisar a imagem. D'antes a imagem parecia collada no fundo



do quadro, não se podia abraçar; mas a claridade suave que a envolveu depois fez adivinhar-lhe as formas, levou o artista a descobrir que o desenho é a luz. Também se encontra na vida do claustro, ao lado da elevação mystica, a contemplação esthetica. A suspensão do monge ante o seu quadro, como succedia a Beato Angelico, quando via a obra que os anjos tinham vindo completar; ou como succedia aos que meditavam á luz avara da ogiva diante da imagem de Madoua, bella e risonha, como então a figuravam, era o amor ideal e puro que nascia do sentimento da arte. Manifestava-se sob outro aspecto a contemplação: o extasi scientifico. Basta vêr os estudos e investigações incansaveis dos alchimistas no fundo dos claustros, a contar do seculo XIII, trabalhando no meio dos perigos da superstição que odiava a magia; como não seriam violentas as emoções de Basilio Valentino, de Bacon, ao levantarem o véo da natureza, ao vê-la nua e a mostrar-se-lhes a occultas? Era esta a contemplação mais dolorosa, e a que fatigava mais o espirito já causado de procurar.

A Italia foi sempre fecundissima em poetas crotico-mysticos. San Francisco de Assis, o irmão Pacifico, Jacomone de Verona, Lourenço de Medicis, Jacopone de Todi, Campanella, Savonarola, formam uma pleiada brilhante. Jeronymo Savonarola, o tribuno christão, arrasta apoz si o povo com a magia dos cantos; a poesia era a sybilla, que lhe ditava o vaticinio, e a consolação na soledade do espirito.

Poeta plebeu e religioso, revolucionario pelos seus



canticos mysticos, comprehendeu o futuro e sentiu-se propheta. A cadeira pontificia treneu com o ecco dos vaticinios, porque o grande dia da Reforma encetada pela Egreja atacava as orgias dissolutas e incestuosas dos Borgias, protegidas á sombra da thiara. Tremeu, porque a voz de João Hus, repetindo-se pela bocca fulminante do prior de Sam Marcos ía fazer desmentir as doutrinas do discipulo, que negou tres vezes o mestre, que não consentira que lhe lavasse os pés aquelle que proclamára na ceia final o principio da egualdade. Das cinzas venerandas que ficaram da fogueira de João Hus, renasceu, como a phenix da antiguidade, este apostolo incansavel, mas com mais vigor para a lucta, com mais alma para o sacrificio.

É este um vulto heroico da Egreja militante. A sabedoria divina desceu sobre elle, não como as linguas de fogo no cenaculo; veio com o fogo da crença intima que o robustecera.

Por isso soube comprehendel-o o povo.

Coube-lhe porém a sorte de todos os atletas. Abraçado em seu desejo, antevendo no supplicio, por um dom ineffavel da providencia, a manhã do dia do Senhor, vergou no flagicio, saudando a sua obra, com mais intrepidez do que o grito repulsivo do *Morituri te salutant!* que os discipulos de Epicteto soltavam ao passar diante dos Cesares no circo. A lenda piedosa, revestida do colorido rude da idade media, fez-lhe a apotheose do transito. É assim que se perpetúa a memoria do justo, a quem a justiça de Deos não permit-



tiu que andasse associada á dos Domingos de Gusmão, Pedro de Arbnés, Jaques Clément, de que andam obessas as laudas sneculentas dos Bollandistas, dos grossos in-folios de Baronio, Bellarmino e Ribadaneyra. Mesmo afastado d'estes itinerarios do céo, tentaram os seus adversarios polluir a memoria do justo, do obreiro, sustentando que o poeta foi menos martyr do que impostor. Estes juizos oppostos, esta antithese innata de nossa natureza defende em parte o povo, que depois de o haver segnido pela *via dolorosa* arrebatado pela vehemencia das suas palavras, veiu depois apupal-o ao estálido dos ossos na fogueira.

Campanella, é o genio audacioso da Renaseença, espirito ardente d'esse scenlo de acção, inimigo da rotina tradicional das escholas, alma de Platão, tambem adversario de Aristoteles! Vinte annos gemidos no fuudo de nma lobrega masmorra, e immensos flagieios de todo o genero, não lhe enfraqueeram a imaginação e o entusiasmo, nem lhe apagaram a erença. A poesia foi o seu piedoso passatempo; era ella quem o vinha receber na vida, quando o attribulado baixava da *Cidade do Sol*, aonde o remontava a phantasia delirante. E a sua poesia melancholica, tenue como as lagrimas que a inspiravam, é repassada d'aquella uncção religiosa, como uma urna de alabastro, em que a amante guarda a essencia do nardo para derramar aos pés do esposo. E que seria d'elle, se o mysticismo o não houvesse embalado nas horas mais dolorosas da vida?

Mas o verdadeiro poeta do amor e da devoção, o



que primeiro falou ao povo a linguagem da alma em uma lingua ainda incerta e confundida com os despojos do latim, foi San Francisco de Assis. Os seus versos radicaram mais o Christianismo na alma, do que todas as definições dos concilios.

Hurter falando das suas poesias diz, que a caridade lhe inspirou os canticos espirituaes, que primeiro que ninguem compoz em italiano; e que elles o collocam entre os melhores poetas do seu tempo (seculo XII); exprimindo a união mystica da vontade, do pensamento e do sentimento do homem com o Christo, de uma maneira tão terna, tão sublime, nada n'este genero os excede. De todos os canticos, só um é ineontestavelmente authentico, é o *Cantico do Sol*; os outros, posto que appresentem a mesma côr e simplicidade, não têm serios fundamentos de veracidade, e d'entre os numerosos cantos que se compozeram para celebrar os seus extasis e stigmatas, nada mais natural do que distinguirem-se esses que hoje são attribuidos ao poeta. (1)

(1) Opusculorum, t. III, pag. 55.

Testemunhos ácerca dos canticos de S. Francisco :

«Cantica multa modulatus est, quibus more psatis et sponsae caelestis, nunc confitebatur amico, nunc judicem deprecabatur, nunc Pater interpellabat, nunc Creatorem supremo culto et summa religione venerabatur.»—Henriens Willot, in *Athenis orthodoxorum Patrum Seraphicae Religionis*, litera—F.

Vid. Petrus Rodulphus Tossianos, lib. 3, *Seraphicae Religionis de Scriptoribus Ordinis Minorum*.

Vid. Antonius Possevinus, lib. I. *Aparatus sacri*, vbo.—*Franciscus*.

Além do padre Mariano Florentino, ha muitos outros quo

Combate do amor divino, por S. Francisco de Assis

In foco l'amor mi mise,
 In foco l'amor mi mise,
 In foco d'amor mi mise
 Il mio Sposo novello,
 Quando l'anel mi mise
 L'Agnello amorosello.
 Poiche in prigion mi mise,
 Ferimeni d'un coltello,
 Tutto il cor mi divise.

In foco l'amor, etc.

Divisemi lo corc,
 El corpo cadé in terra.
 Quel quadrello del amore,
 Che balestra disserra,
 Percosse con ardore
 Di pace fece guerra.
 Moromi di dolciore.

In foco etc.

Moromi di dolciore.
 Ne ven' maravigliate,
 Che tai colpi mi son date
 Da lanciae innamorate;
 E'l ferre è lungo e lato
 Cento braccia sappiate
 Che m'ha tuto passato.

In foco etc.

citam os versos que escrevia para consolação de S. Clara, e de suas companheiras na clausura; estes versos, diz o collecter dos Opusculos do santo, pereceram pela injuria do tempo, ou antes pela incuria dos frades.

A. p. 56 dos *Opusculos* vem o hymno ao sol em prosa italiana. Ozonam achou-lhe a cadencia poetica.



Poi, si fer le lancie spesse,
Che tutto m'aguonizaro:
All'hor presi un pavesse,
Ei colpi più spessaro.
Che niente mi difese;
Tutto mi fracassarò
Con tal forza le stesse.

In foco etc.

Distesele si forte,
Chi'ò diffi dai scontarle
Onde campai da morte.
Ti muovi contra ragione,
Gridando molto forte,
Un' trabucco rizzoe,
Chi mi diede nuove sorte

In foco etc.

Le sorti che mandava
Eran pietre pionbate,
Che ciascheduna gravava
Mille libre pesate:
Si spesse le grittava,
Non le harei mai numerate,
Nulla mai mi fallava.

In foco etc.

Non m'harebbe mai fallato,
Si ben tirarre sapeva:
In terra era io sternato,
Aita non mi poteva;
Tutto ero fracassato,
Nientre più mi sentiva,
Com' huomo ch'era passato.

In foco etc.



Passato non per morte,
Ma dà diletto ornato;
Poi rimessimi si forte
Dentro il corpo tornato,
Che segni quelle scorte,
Che haveano guidato
Nella superna Corte.

In foco etc.

Poiche tornato fui,
Tosto armato mi fui;
E à Christo feci guerra,
Cavalcai in sua terra
Scontrandomi con lui,
Tostamente l'afferro,
Mi vendico di lui,

In foco etc.

Poiche fui vendicato
Io feci con lui patto;
Perche prima era stato
L'amor molto verace
Di Christo innamorato:
Or' son fatto capace,
Sempre lo cor forinato
Di Christo consolato
Infra l'amor mi mise.

In foco etc.

A lucta de amor que apparece n'este cantico, é por S. Bernardino de Sena julgada como a descripção do extasis amoroso em que Sam Francisco recebeu as chagas de Christo no monte Alverne. No t. IV, Serm. 4, de S. Bernardino de Sena, vem um cantico á ascenção de Christo attribuido ao sancto trovador da Ombria.



O exemplo do ascetismo de Francisco arrastava após si as almas fervorosas; Clara, donzella de Assis, aos dezoito annos de idade foge com outras virgem para receber das mãos do poeta o habito da penitencia. Exaggerava a maceração da carne a tal ponto, que o poeta a admoestava á moderação. As poesias que compunha para consolação d'ella e suas companheiras perderam-se, talvez pela acção do tempo, ou pela incuria dos monges, como diz João de la Haya no principio dos canticos de Sam Francisco. (1)

Uma das provas que encontramos para mostrar o grande conhecimento que em Portugal havia antigamente da litteratura italiana, é a traducção de muitos *Canticos espirituaes* de Jacopone de Todi, que se encontram na Chronica monastica de Frei Marcos de Lisboa. (2) E' um d'aquelles trovadores christãos da Italia, que substituiram o amor do céo á galanteria dos paladins da terra; elles meſmos, no meio das instituições das *cortes de amor* e dos *Passos honrosos*, intitulavam-se estrenuos cavalleiros de Christo. Foram elles que soltaram pelo canto a lingua do povo italiano, falando-lhe das delicias do amor divino. Sam Francisco adoptava as canções para a predica; elle mesmo se chamava um *jogral* de Jesus. Jacopone de Todi é um dos que formaram a lingua de que Dante se serviu para a *Divina Commedia*; largo tempo esquecido, era

(1) Ozanan, *Os poetas Franciscanos em Italia*, no seculo XIII.

(2) *Obras del beato Jacopone*, edição de Lisboa, de 1575, por Belchior Maciel.



em Portugal traduzido, e commentado em uma forma pittoresca e graciosa no seculo XVI.

Chamado tambem Jacopone da Benedetti, franciscano do seculo XIII, era celebre pela graça dos canticos espirituaes; a sua vida é o excesso da abnegação sublime. Expoz-se ao ridiculo de todos, fez-se passar por idiota, para soffrer os sarcasmos dos que o insultavam, durante dez annos. A ordem de Sam Francisco não o querendo acceitar, convenceu-se da elevação do seu espirito, quando o poeta lhe apresentou um cantico sobre o desprezo do mundo. A sua abnegação continuou. Era impetuoso, ardente o seu amor por Jesus.

Envolvido na contemplação, e vendo Christo, fonte de todo o amor, desprezado, irritava-se no fervor religioso e apostrophara contra Bonifacio VIII, como se vê d'estas palavras do seu poema: « *O Papa Bonifacio, molt ha giocato al mondo.* » Esta audacia proveo as iras do Papa, principalmente quando tomou posse da thiara, por lhe haver interpretado desfavoravelmente o sonho do sino que cobria o orbe. Bonifacio vibrou sobre elle a excomunhão, e o arrojou para a escuridade de uma masmorra, perpetuamente alimentado de pão e agua. É isto o assumpto de um poema de Jacopone. Depois da morte de Bonifacio VIII, foi posto em liberdade. A' hora da morte, como o eysne abrazado de amor, expirou cantando o nome de Jesus. Os seus canticos, longo tempo esquecidos, começaram a ser apreciados devidamente. Affo consi-



dera alguns canticos de Sam Francisco como pertencendo-lhe. (1)

Eis um dos hymnos mais celebres da Igreja, attribuido a Jacopone de Todi:

Stabat Mater

«Chorosa ao lado da Cruz
De que pende o filho caro,
Estava a mãe de Jesus.

A sua alma consternada
De parte a parte atravessa
De dôr uma aguda espada.

Oh como vos vejo afflicta,
Oh como triste vos vejo.
Mãe de Deos, virgem bemdita!

Como convulsa tremia
Quando do innocente filho
As acerbas penas via.

Dos olhos o largo pranto
Que horrem ha, que embargar possa,
Se a Virgem padece tanto?

(1) Os *Cantici* del Beato Jacopone da Todi saíram a luz em Florença, 1490, e em 1819 sob o titulo de *Le poesie spirituali* del Beato Jacopone da Todi. Em Portugal em 1575.

Sobre este poeta vid. Wadding, *Annal. Min.* edit. Lugdun. 1626, t. II, pag. 705, 710, e t. III (1636) p. 50 a 56; Gorres, *Mystica Christã*, t. II, p. 152-169.

Chavin de Malau, *Hist. de S. Francisco de Assis*, Schlosser, *Os poemas de S. Fr. de Assis*, Francfort 1842; e Ozonan.



Que homem ha que refinando
Sua tristeza não vá,
Se a Virgem padecc tanto?

Moido e desesperado
Viu do filho o tenro corpo,
A' dura columna atado.

Viu o seu doce Jesus
A alma beindita arrancando
Nos desamparos da cruz.

Eia Mãe! fonte do amor,
Fazei que eu chorando sinta
A força da vossa dôr.

Fazei que o incendio que abraza
Vosso coração, me inflamme,
Para que a Jcsus compraza.

Santa mãe! com a vossa mão
Do filho as abertas chagas
Gravae no meu coração.

Porque de tantas feridas
Não serão commigo as penas
E comvosco repartidas!

Quanto a vida me durar
Do crucificado Deos
Quero os tormentos chorar.

A' cruz mudo, que eu beijo,
Nas lagrimas que verteis
Acompanhar-vos desejo.



Por que de sorte melhore,
Virgem das virgens fazei
Que cu sempre convosco chore.

Fazei que no coração
Traga mais que na memoria
Do Filho impressa a paixão.

Fazei, que como embriagado
De sua cruz, cu me veja
Do amor de Deos devorado.

Do Juizo no grande dia
Seja por vos defendido
Benignissima Maria.

E que da Cruz, santa Cruz,
Escudado a alma illumine
A graça de meu Jesus,

Para que cante a victoria
Do corpo o espirito solto
Gozando da sua gloria.» (1)

A elevação da alma até á *transhumanção* de Dante, que os mysticos obtinham pela ascese da via purgativa, illuminativa e unitiva, entreviu-a tambem Miguel Angelo no acaso da inspiração, quando em uma de suas poesias disse, que viver é desbastar a mole até descobrir a forma occulta n'ella. Assim o artista do *Pen-*

(1) Traducção de J. Dias Talaya Soto-Mayor, publicada em 1783 em Lisboa, em folha volante.



seroso se elevou do concreto ao espiritual puro, dos *frescos* da Capella Sixtina á melancholia de suas esculpturas, e d'aí ao bello abstracto, ao ideal da fôrma sem real na natureza, á verdade subjectiva do typo que não tem archetypo sobre que se funde — a Architectura.

Se o tempo não houvesse limitado as evoluções d'aquelle grande astro, iria gravitar em volta de outros mundos, transcendendo o espaço na onda sonora da poesia. A linha que se lhe mostrara na sua perfeição, submettel-a-hia a uma lei, entraria na essencia d'ella, e desde esse instante era geometra; d'aí baixára á essencia das cousas, e essa iniciação suprema, como diz Michelet, (1) cra a manifestação do genio metaphysico.

O ideal no mysticismo de Miguel Angelo é o amor, como o sonhára Platão no *Banquete*: «Belleza eterna, increada, não caduca, isenta de decadencia como de augmento, que não é bella n'esta parte e fcia n'aquella, bella sómente em tal tempo, em tal lugar, em tal relação, bella para estes, feia para aquelles. Belleza que não tem fôrma sensível, que não é tal pensamento ou tal sciencia particular, que não reside em nenhum ser differente de si, como um animal ou a terra ou o céo ou qualquer outra cousa, que é absolutamente identica e invariavel, por si mesma, da qual todas as outras bellezas participam, de sorte que o nascimento d'ellas

(1) *Origines*. Introd. p. LXVII.



ou sua destruição não lhe traz nem diminuição, nem aumento, nem a minima mudança» (1).

Vittoria Colonna realiso para o artista este sonho do vidente do Sumnium, como Beatriz na alma de Dante. Vittoria Colonna! que alina para dal-a a tamanho artista, *l'uom di quatr'alme*. Como a poetisa saberia inspirar o poeta, arrebatat com a melanholia de sua saudade o pintor, dar a vida toda ao estatuario para animar o marmore, revelar as perfeições da linha ao arehiteeto! Vittoria Colonna fala de amor eomo Dyotima, a estrangeira de Mantinea abrasada pelo sol do christianismo. Os seus sonetos são um dialogo apaixonado de Platão; Miguel Angelo deixa-se vencer, como aquelle poeta da antiguidade que se deixára vender tambem por Corina. Ella possue-se do amor do eéo, foge-lhe na suspensão de um extasis amoroso. O artista ao vêr passar o saimento d'aquella por quem fôra poeta, resumiu todo o seu amor na vaga aspiração d'estas palavras: «Não ter eu bajjado aquella bocea!»

Os sonetos de Miguel Angelo são a sua *Vita Nuova*. Dante e Miguel Angelo, foram duas almas gêmeas, saíram de um mesmo pensamento do eterno. Ambos poetas, ambos eredores, tem o sentimento profundo da solidão, essa melanholia do genio que paira ermo n'uma região superior. A arte para ambos foi

(1) Platão, trad. de Victor Cousin, t. vi.



uma corôa de espinhos, mas corôa eterna, immarees-sível.

As poesias de Miguel Angelo nasceram quando a sua alma, abysmada de tanto crear, se deixava caír na passividade, até ser tocada pela dôr; cantava só quando se tornava humano; mas o seu canto era uma reminiseencia do ideal, era um vôo para elle nas azas do platonismo puro. Esta passagem do humano para o divino em que a carne se faz verbo, eis todo o mysticismo; realisa a mystica da arte christã no seu esplendor. O quadro gigante do *Juizo Final* é o retrato da edade media, escorecido com o earacter de tristeza sinistra que lhe imprimiu o echristianismo, é como a synthese da trilogia dantesea, em que se erige tambem em arbitro supremo do universo.

Na *Divina Comedia* está a epopea completa do mysticismo; a trilogia representa as tres escalas da aseese religiosa. Miguel Angelo estudou aí o sentimento, a tradição affectiva que se revela em todas as suas creações, do mesmo modo que Dante a estudou em Boécio e na tradição dos padres da igreja.

Os restos do paganismo, que transparecem na religião nova, conseguiu o artista determinál-os na sua obra. O grito tremendo que se repetiu por toda a parte *Os deoses vão-se*, foi uma mentira, foi um sonho dos echronistas antigos para mostrarem a energia dos martyres da igreja primitiva e o triumpho do verbo sobre a theogonia pagã.

A doutrina stoica foi a precursora do christianis-



mo ; uma predispozera os espiritos para a outra. Se o judicioso Tacito fala dos christãos com desprezo é por que, seguindo a maxima de Aristoteles sobre a escravidão, a julgava indispensavel para a manutenção da republica, e a religião nascente proclamava a egualdade.

Se vêmos tambem o circo salpicado do sangue dos martyres, não é pelo odio á doutrina, é o genio romano da decadencia a inebriar-se nos espectaculos de feras, e sem ter mais escravos no ergastulo para atirar á saturnal do imperio. As religiões haviam fraternisado ; o neophyto adorna o altar onde tem a Virgem a par de Cupido e Venus confundidos por uma piedade rude ; o imperador Galerio manda aos christãos que orem por elle ao seu Deos.

Esta verdade foi revelada pela arte á historia ; é visivel no poema de Sanazarro de *Partu Virginis*. Todos os criticos exagerando os encomios á pureza de sua latinidade, digna da *urbanidade* do seculo de Augusto e do mimo de Virgilio, laumentam o defeito capital da união do paganismo com o christianismo. De facto no poema *De Partu Virginis* as nereydes vem receber nos braços o Menino que apparece á luz, e confundidos na turba dos pastores vem os faunos e os satyros ; é isto o que dá um caracter de verdade legendar ao idylio de Sanazarro. Os sete dormentes, que se escondem no mundo pagão e acordam no seio do christianismo, representam esta reminiscencia da arte classica na arte romantica, que tambem Camões sentira ;



é o seu primor, a sua característica. Edgar Quinet interpreta o Homero das linguas vivas, vendo ali a união do Occidente com o genio do Oriente, o enlace do antigo com o novo mundo. Camões deu a conhecer a indole do seu poema: é a tradição da vida aventureira dos mares passada da lyra de Homero e dos rhapsodos do archipelago para o seio do christianismo. Aonde o elemento pagão se torna mais sensivel na arte, é na inspiração da comedia popular do moderno theatro europeu.

Miguel Angelo revelou na estatuaria o mesmo pensamento, deixou reflectir na fronte do *Moysés* um vislumbre do bruto offuscado pelo raio da intelligencia divina. O elemento pagão na poesia é determinado pela allegoria, na pintura vem como anachronismo ás vezes rude e sublime.

Na *Cupula de Sam Pedro* realisou o artista o pensamento do mysticismo, reflectido n'aquelle estado em que a alma paira entre a mystica illuminativa e unitiva, quando está como suspensa entre o céu e a terra, prestes a absorver-se em Deos. A *Cupula* é o hymno heroico da igreja triumphante, é a expressão aérea e immensa do amor divino.

Como todos os mysticos, que se possuem da alegria do pantheismo e parecem confidenciar com a natureza inteira, Miguel Angelo sente esse delirio pela igreja de *Santa Maria Novella*; celebra pela arte o hymineu mysterioso do estatuario da Grecia, chama-lhe sua *sposa*.



Voando para o céo na elevação dolorosa da melancolia, sua alma parecia pairar incerta para não levar consigo todo o thesouro da poesia mystica ; app' receu n'esse dia Shakespeare, como Elyseu para receber o manto do propheta que se remontava no carro de fogo.



§. II

POESIA MYSTICA NA HESPAÑHA. —Caracter da velha litteratura hespanhola. — Sua influencia em Portugal. — Feição geral da vida dos poetas hespanhoes. — Frei Luiz de Leão. — Character dos seus cantos religiosos. — San João da Cruz e a *Noite escura da alma*. — O elemento semita e o elemento aryano influenciando na manifestação canonica e poetica do Christianismo.

As litteraturas são a manifestação fatal do genio dos povos. Enquanto os espiritos quintilianescos mediam com o esquadro da rhetorica as creações do sentimento, as litteraturas não passavam de uma habil eufrosidade, em que as faeuldades inventivas se resumiam na paciencia e eonstancia para imitar os modellos gregos ou romanos. Enquanto estes criticos da férula reinaram, amedrontando a moeidade com as suas poetieas e com ejações elassieas a proposito, a faee historiea das litteraturas immergera-se na sombra. A eabelleira dos Popes, dos Laharpes, dos Castilhos infundia terror a quem tentasse libertar-se da senda batida. Que attentado o de Lessing, quando um dia se atreveu a saendir o ehinó de Raeine, aonde se aeenmulara uma admiração de seculos!

O espirito critico veiu da Allemanha; de lá veiu o impulso para estudar todas as litteraturas, não afferindo-as pela craveira dos elassicos gregos ou romanos, mas pelo genio loeal, nacional, pela influencia dos elimas e das raças. Sob este ponto de vista, as litteratu-



ras mais ricas eram as que tinham sido mais desenhadas pelos rhetoricos e academicos.

A idade de ouro da litteratura franceza ficou reduzida a uma macaqueação constante da antiguidade; se a França quiz apresentar n'este grande concurso da critica moderna alguma cousa de seu, teve de recorrer aos *Fabliaux* e aos interminaveis poemas dos seculos XII e XIII. Sobre tudo a Hespanha foi a que levou a palma na riqueza e originalidade das suas creações. O ardor hespanhol havia-se emancipado das regras aristotelicas e horaeianas. Foi o sabio Bouterweck que fez esta revelação immensa. Os filhos da Hespanha não sabiam que thesouros infindos tinham em casa. Da Hespanha saíram os *Romanceiros*, a ultima criação epica da humanidade, longo tempo do dominio exclusivo do povo, que estava alheio ás influencias academicas. Quando os escriptores da Europa, como Du Puymaigre, Puibusque, Germond de la Vigne, quando Ticknor e outros vieram fazer o inventario da esquecida litteratura hespanhola, conheceram que todo o theatro europeu saíra d'ali. De facto, na ordem das creações artisticas o drama denota sempre o ultimo grau do desenvolvimento do espirito. Não ha, repetimos, litteratura mais original nem mais rica. Hoje as empresas editoras tem tornado conhecido dos leitores, ávidos de explorar esse mundo novo, as obras mais gemmas do geio hespanhol. Tem prestado o mais relevante serviço á litteratura de todos, apresentando á nova geração a vareda da originalidade. A nós os por-



tuguezes interessa sobremaueira o eonheeiimento da ara se-
 teratura do povo visinho; a sua antiga litteraturio eh
 seeulo xv era lida e estimada em Portugal no ttexem
 po de Dom Duarte. Quijot

No *Catalogo dos seus Livros de uso* encontramos rmes,
 tadas as obras do Areipreste de Hita, o *Condé de estina*,
canor de Dom João Manoel, a *Historia general*; e m
tina, de Rojas, está imitada entre nós na eome. a ale
Eufrosina, de Jorge Ferreira de Vaseoneellos; o theat
cioneiro geral de Gareia de Resende é fundado sob turas
 modello do *Cancionero* de Baena; as comedias de ado er
 Vicente são tambem imitadas da eglogas pastoris-se d'
 Juan de la Eneina. A suavissima lingua de Hespara a
 era preferida pelos nossos escriptores quinhent eosa
 Camões, Sá de Miranda, Bernardes, Lobo, Jorge paixã
 Monte Mayor, usaram-na eom predileecção. É pela hoes
 teratura que se faz mais sensivel a irmandade dos a na i
 povos; o genio artistico presentira o que a po nas
 obstinada e eega não tem querido cõprehender. ca de

Quem ergue a eabeça de cima dos moldes esta vê na
 dos da litteratura elassiea, sente um alento de v ue
 embrenhar-se na floresta virgem d'esta rica litter ue
 As almas seismadoras aeham ali a paixão mystica, s Ur
 sua expressão mais pura, eomo Bunian na Inglaterra de
 eomo madame Guyon em França, eomo em Italia as l
 capone de Todi ou os *Fieis do amor* não deseobriravi, e
 Basta lêr a *Noite escura da alma*, de S. João da Cros do
 as *Glossas* de Santa Thereza, as eanções de Fray Ls do
 de Leon, os sonetos e romanees saeros de Lope de Vas, e



o dara sentir na sua ingenuidade o sentimento mystico christianismo. Onde ha litteratura que apre-
tao t exemplares de *Novellas* que hombreiem eom o
Quijote, com a *Picara Justina*, com o *Lazarillo*
amosrnes, com as *Aventuras de Marcos Obregon*, com
e de *Justina*, o primeiro drama, sem rival na perfeição e
e m que está fundido em um molde eterno o
ne. a alcayota e trota-conventos.

; o theatro hespanhol tem dado elementos a todas as
sobituras. O *Dom João* de Mestre Gabriel Telles está
de ido em todas as formas da arte moderna; apo-
storis-se d'elle Molière para a comedia de intriga, By-
Espaara a poesia do scepticismo, Mozart para a opera
ent eosa onde está resolvido o problema da allian-
forgo paixão e do character pela musica. Os escriptores
pela lhoes viveram uma vida singular, que os coad-
dos a na inspiração espontanea e original; um escre-
po nas ao estrepito de um combate naval, como a
cr. ca de Lope de Vega; outro, nas dores do capti-
s esta vê na phantasia os lineamentos da criação mais
e v. que a mente do homem ha concebido, tal é a
ei. que Cervantes; todos são aventureiros, gradua-
stica, as Universidades, perseguidos de amores, trium-
glato de duellos de capa e espada. Cansados das
talia as batalhas, que perturbaram tristemente o se-
obriravi, e alentados por uma fé viva no meio dos de-
da Cros do tempo, vão morrer na sombra do claustro,
ray Ls do altar, amortalhados em vida, no resto dos
e de Vias, com a eugula monastica. Os livros d'estes



escriptores são a vida d'elles contada com siceridade, sob o véo da allegoria. Quem os lê sob este ponto de vista encontra um prazer novo. Tal foi o modo como Fauriel nos ensinou a lêr a *Dorothea* de Lope de Vega. São todos admiraveis como poetas mysticos.

Fray Luis de Leon é um dos mais ardentes poetas espirituaes da Hespanha; angustiniano, nascido em Granada em 1527, versado nas linguas orientaes, expositor da Escripura na Universidade de Salamanca, a poesia foi a causa da sua perseguição. Preso cinco annos nos carceres da Inquisição de Valladolid, pelo pretexto de haver traduzido o Cantico dos Canticos, o silencio e retiro parece haverem-lhe dado a unção mystica de suas poesias. Na ode da *Noite serena* descreve a ancia é pena que lhe causa a contemplação do céo matizado de myriades de estrellas. A alma ancia por desprender-se da prisão do corpo

«qué desventura
La tiene en esta cárcel baja, oscura?»

Nas suas odes religiosas não tem o fervor de Santa Thereza ou de Sam João da Cruz, a paixão ardente que faz com que a interpretação piedosa esteja muitas vezes escondida sob o delirio profano. Respira-se uma consolação íntima, um regosijo ineffavel com a serenidade da alma do poeta. Ha quasi sempre vida exterior nos seus cantos: ha um desejo indefinivel e vago, mas activo; assim a alma deseja elevar-se na onda so-



nora das harmonias celestes, para vêr das alturas como giram os orbes no espaço, como o carro de Deos percorre a imensidade. Depois, a mortificação vem alegria, para assim derrubar o carcere que a desterra d'aquelles bens. A ode sobre a *Ascenção* é o pranto dos discipulos de Christo ao apartarem-se do mestre: «O quadro, diz Quintana, (apenas critico de detalhe) é grande e completo, e só consiste em umas poucas de pinceladas dadas com mestria.» A languidez e falta de cadencia, que lhe acha Quintana, é o melhor merito d'esta elegia; esse descuido e morbidez, que transparece em toda ella, é propria do estado em que fica a alma, fatigada da contemplação extatica da lenda evangelica:

Ode de Fray Luiz de Leon

A LA ASCENSION

¿Y dejas, Pastor santo
 Tu gray en este valle hondo, oscuro,
 Con soledad y llanto,
 Y tú, rompiendo el puro
 Aire, te vas al immortal seguro?

Los antes bien hadados,
 Y los agora tristes y affligidos,
 A tus pechos criados,
 De ti desposeidos
 ¿A dó convertirán ya sus sentidos?

*



¿Que mirarán los ojos
 Que vieron de tu rostro la hermosura,
 Que no les sea enojos?
 Quien oyó tu dulzura,
 ¿Qué no tendrá por sordo y desventurà?

¿Aquesto mar turbado
 Quién lo pondrá ya freno? ¿quién concierto
 Al viento fiero airado?
 ¿Estando tú cubierto
 Qué norte guiará la nave al puerto?

¡Ai! nube envidiosa
 Aun de este breve gozo, ¿qué te aquejas?
 ¿Dó vuelas pressurosa?
 ¡Cuán rica tú te aléjas!
 ¡Cuán pobres, y cuán ciegos, ay, nos dejas!

Os canticos de Sam João da Cruz são verdadeiras eclogas, se lhe tirarmos o titulo; mas eclogas voluptuosissimas. Têm pontos em que excedem em pompa e esplendor de imagens o luxo oriental do *Cantico dos Canticos*. A paisagem do quadro é quasi a mesma do epithalamio de Salomão. Os dialogos da *Esposa* fazem lembrar as expressões apaixonadas de Santa Thereza; as falas consoladoras do *Esposo* as do seu Coadjutor na reforma da ordem carmelitana. Nada ha de profano n'este juizo. Nada mais natural do que o amor entre S. Thereza e S. João da Cruz, como o de S. Francisco de Sales e Mad.^{me} Chantal. Devorados pelo mesmo desejo, aspirando ao mesmo goso ideal, para elles o amor era a harmonia, a perfeição. Christo tambem amou a Magdalena, e essa pagina, a mais subli-



me da sua vida, é a que falta na Escriptura. Sente-se n'esta ecloga a paixão vehemente, o delirio de um mundo que parece fugir; considerada como poesia pastoril, excede em novidade e graça a maior parte das peças bucolicas. Não pertence á antiguidade classica; parece um hymno de algum diwan da Persia interpretado por um padre da Igreja. As expressões de Hafedh não são mais fogosas e sentidas:

A noite escura da alma

Em uma noite escura,
Com ancias, em amores inflammada,
Oh ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Tendo já minha casa socegada;

A escuras, segura,
Desconhecida, por occulta escada,
Oh ditosa ventura!
A escuras, velada,
Tendo já minha casa socegada;

Pela noite ditosa,
Em segredo, que nada ali me via;
Nem eu alguma cousa,
Sem outra luz nem guia
Se não a que no coração ardia.

E esta me guiava
Mais certa do que a luz do meio dia,
Para onde me esperava
Quem eu bem conhecia,
Em parte onde ninguem apparecia.



Oh noite, pois guiaste,
Oh noite grata mais do que a alvorada,
Oh noite que enlaçaste
Amante com amada,
Amada no amado transformada.

Em meu peito florido,
Que puro para elle só guardava,
Ficou adormecido,
E eu o embalava,
Ramo de cedro o ar fresco tornava.

A aura da campina,
Quando já seus cabellos esparzia,
Com sua mão divina
Em meu collo feria,
E todos meus sentidos suspendia.

Quedei-me e olvidei-me,
O rosto reclinado sobre o amado;
Cessou tudo, e deixei-me,
Deixando meu cuidado
Entre alvas açucenas olvidado. (1)

Filho do genio *semita* essencialmente prosaico, o Christianismo só se tornou sentimental depois que o assimilaram as raças *aryanas*, que lhe deram um caracter de generalidade humana. (2)

Sem esta transformação profunda e insensível, nunca passaria de uma seita philosophica, e offuscar-

(1) *Obras del venerable y mystico doctor S. Juan de la Cruz*, p. 301, edição de Barcelona, 1635.

(2) Adolphe Pictet, *Les Origines Indo-Européennes*, t. I, p. 9.



se-hia na historia. O mysticismo tornou-o communi-
cativo; fel-o comprehensivel á rudeza popular. O mys-
ticismo christão é um presentimento dos velhos poe-
mas da India. O *Bagavad-Gita* e a *Imitação* ensinam
a mesma escala para a elevação divina. Entre os pa-
dres da Egreja e os poetas illuminados do Oriente
houve por certo um elo da tradição, que fez convergir
o pensamento para o mesmo ponto: a contemplação
pantheista foi despertada pela identidade dos caracte-
res que constituem a raça.

Contam os chronistas allenães uma lenda ingenua
de um artista tyroliano, que pintava em uma das cu-
pulas de Inspruncke, elevada a duzentos pés de altu-
ra, um retrato de Sam João; para melhor apreciar o ef-
feito de uma mão que acabára de esboçar, o pintor re-
cuou alguns passos, esquecendo-se de que por detraz
de si estava o abysmo. Caiu, e julgava-se perdido,
quando immediatamente a mesma mão em que pinta-
va, veio sustel-o, alogando-se docemente até depol-o
no solo. Era a crença na verdade da arte que o salva-
va. No meio da abstracção e aridez dos dogmas, foi
tambem a poesia que illuminou o vazio das almas d'es-
tes pobres mysticos, dando-lhes por crença a verdade
da paixão.



§. III

A POESIA MYSTICA EM PORTUGAL. — Comparação com a poesia hespanhola. — Frei Agostinho da Cruz. — Pantheismo poetico. — Dois sonetos espirituacs anonymos. — O mysticismo no seculo XVII — Frei Antonio das Chagas. — As suas elegias. — O extasis, fim supremo da elevação mystica, considerado pela sciencia moderna como uma doença nervosa.

Todo pantheista, o mystieismo não podia deixar de receber uma forma poetica. Na *via purgativa*, pela abnegação, pelo desprezo do mundo, pelo esquecimento de si, a alma desprende-se do real, aspira á idealidade; na *via unitiva*, depois de sentir a illuminação d'esse ideal que busea, o entusiasmo fal-a esvaír-se em hymnos que entôa, deixa-lhe o vacuo após a vertigem, o tédio da inanição, e essa indiferença que os contemplativos desereveram terrivelmente com o nome de *acedia*. A alma no impulso intimo para o eéo, não pode desprender-se do real: tal é a origem da sensualidade do amor divino.

O mystico para exprimir a elevação do espirito, o jubilo interior, a aspiração ardente, materialista a ideia na imagem, saerifica a imagem ao symbolo. Assim o lyrismo, todo subjectivo, expressão do sentimento ainda o mais vago e indefinível, é ás vezes frio, monoton, obscuro; e quando é suseitado pelo entusiasmo, toma o character da inspiração hymnica, objecti-



va, onde na esseneia permanece a mesma monotonia, pelo tropel de imagens semelhantes que fluetuam em volta de uma mesma ideia. Na fórma, apparece a variedade, a novidade, que seduzem o ouvido. Sam Fran-eiseo de Assis para falar da sua paixão por Jesus, na odesinha inspirada pela vertigem do amor divino, sem poder determinar o ideal de sentimento tão mavioso, desereve uma lucta, em que se mostra vencido, ferido, abrazado. Sam João da Cruz, na *Noite Escura*, para exprimir o mesmo amor purissimo, eono póde sentil-o um eoração fervoroso, symbolisa a alma, que no silen-eio do ermo se remonta a Deos, na virgem que dese a eseada do lar paterno, na hora mais remota da noi-te, para vir abraçar o amante que a espera. Nos ver-sos de Santa Thereza de Jesus, Sapho vehemente do Christianismo, que se precipita n'um pelago d'amor e morre por não poder morrer, aí é sublime o delirio d'esse amor do céo; parece ás vezes um amor earnal, insaciavel, que a fatiga. Depois eleva-se nas azas dia-phanas do espiritualismo e paira na serenidade do ex-tasis para receber a eorôa de esposa nas nupcias do cordeiro.

A poesia mystica portugueza tem um earacter dif-ferente. Quem ler as poesias de Frei Agostinho da Cruz, monge da Arrabida, ou as eneontrar dispersas pelos ehronicons da sua ordem, e respirar n'ellas o perfume de melanholia, parecer-lhe-ha sentir a expressão elegia-ca de Bernardes; deseobre quasi que são irmãos pelo genio e pelo sangue. A um inspira-o a saudade da



terra, o outro canta a saudade do céo; um atira-se ao bulicio do mundo fascinado pela gloria, e ella desfaz-se-lhe diante dos olhos como uma vã sombra; o outro embrenha-se na soledade, amortalha-se no burel aspero da penitencia, vae cavar longe a sepultura, e deixa escoar-se a vida entre as dores da maceração e do cilicio, na vigilia continua, como a luz vivida da alampada nocturna que arde consummindo-se lentamente.

Frei Agostinho da Cruz é o poeta da vida monastica. O desgosto do mundo arrasta-o para o ermo, abnega dos louvores do seculo, muda de nome para ser desconhecido.

Os seus canticos escreve-os para consolação dos amigos, como Franciseo, o Seraphim de Assis, os cantava ao povo pela Italia. É por elles que fala da sua alma; os seus canticos não tem aquella paixão vertiginosa e ás vezes quasi sensual das palavras de Santa Thereza de Jesus; a sua alma não delira como a alma de Sam João da Cruz, quando busca pelas selvas o esposito. Estes são os poetas do extasis; Agostinho é o poeta da penitencia, cada verso é um gemido de mortificação. Como todos os poetas mysticos fraternisam com a natureza, elle reprehende a corça que o visita, como Franciseo de Assis reprehende os passarinhos; estreita os laços da amisade, como os solitarios com as feras do deserto.

E' n'estes sentimentos que o Christianismo se mostra poetico e sublime, quando ensinava ao povo os



dialogos com que havia de dirigir-se ás alimarias da terra, como se vê d'esta formula tirada de um manuscrito de Saint-Gal, para reunir um enxame de abelhas.

E' assim que se havia de falar á abelha mestra:

« *Adjurote, mater ariorum, per Deum regem cœlorum et per illum Redemptorem, filium Dei, te adjuro, ut non te altius levare, nec longe volare, sed quam plus cito potest, ad arborem venire; ibi te allocas cum omni tuo genere, vel com sociâ tuâ; ibi habeo vaso parato, ut vos ibi in Dei nomine laboretis.* » (1)

Este pantheismo caracteriza toda a poesia mystica. Frei Agostinho da Cruz canta a infância de Jesus; é o ideal da pobreza, como o não excedêra Lope de Vega no dialogo da Virgem, quando adormece nas palhas o Menino.

Os seus sonetos tendem para aquelle espiritalismo a que os elevára Camões; cada um d'elles é como uma prece fervorosa. A fórma classica do *bucolismo* não dá realce algum aos seus dialogos espirituaes; foi o contagio da sua época.

A allegoria da alma e do esposo em Sam João da Cruz é toda biblica, eleva-se quasi sobre a pastoral de Sulem; não a desfeiam requebros da eschola italiana.

De todos os poetas portuguezes é Frei Agostinho da Cruz o menos lido; e é nos seus versos, que mais se encontra o esforço da poesia do christianismo para desprender-se das ficções do velho d'Asra.

(1) Baluze, *Capit.* t. II, pag. 663.



Eis dois sonetos admiraveis, ambos anonymos, que resumem para nós o genio da poesia mystica portugueza:

Conhecimento proprio

Quem sou eu, que assim vivo descuidado?
Quem sou eu, que não vivo arrependido?
Quem serei, que não ando apercebido?
Não sei aonde irei dar tão mal parado.

Fui quem não foi, do nada fui formado.
Sou quem não sou, sou nada conhecido;
Serei quem fôr a nada reduzido,
Que em fim lá vae parar todo o creado.

Sôpro fui, vento sou, e heide ser vento,
O sopro é não, o vento cousa crrada;
Mentira a vida, e nada o pensamento.

Em fim, que eu fosse sombra respirada,
Ou seja, ou venha a ser algum momento,
Nada fui, nada sou, e serei nada. (1)

A Christo crucificado

Se sois riqueza, como estaes despido?
Se Omnipotente, como desprezado?
Se Rei, como de espinhos coroado?
Se forte, como estacs enfraquecido?

(1) Soneto encontrado no Ms. n.º 317 da Liv.ª da Universidade.



Se luz, como a luz tendes perdido?
Se Sol divino como eclipsado?
Se Verbo, como é que estaes calado?
Se vida, como estaes amortecido?

Se Deos, estaes como homem n'essa Cruz!
Se homem, como daes a um ladrão
Com tão grande poder pôsse dos céos?

Ah, que sois Deos e homem bom Jesus!
Morrendo por Adão em quanto Adão,
E redimindo Adão em quanto Deos. (1)

O mystieismo não podia encontrar uma epocha mais adequada para as suas elevações e subtilezas do que o seculo XVII; escreviam-se por toda a parte livros de piedade. Os requintes do gongorismo prestavam-se á revelação das finezas do amor divino. Pela descoberta da imprensa os eopistas de devoção haviam-se tornado auctores. A face do mystieismo n'esta epocha é toda especulativa, eomo o foi na csehola de Alexandria. Apareeceram as palestras e as theses dos eonventos, os easos, os eserupulos, e quanto o sobre admiravel Paseal soube cobrir de um ridiculo eterno. Ao lerem-se as poesias espirituaes de fr. Antonio das Chagas, que se eneontram no, de arrebieado prolixo, livro do padre Manuel Godinho, sobre a vida do veneravel religioso, conhece-se e seculo XVII na poesia e na erença.

(1) Ms. do seculo XVII.



O delirio de imagens e sentimentos, ás vezes sublime, que caracteriza a poesia de seiscentos, expande-se nas suas elegias. O *conceito* parece ter nascido da especulação mystica. A Peninsula é a terra do mysticismo; é o genio do Oriente, a exaltação febril da imaginação que nos ficou, como o aroma de una urna de alabastro, que guardou uma essencia tenuissima. A Allemanha vaporizou o dogma na abstracção philosophica.

A poesia mystica é o grito da alma absorvida pelo infinito; a poesia espiritual é menos apaixonada, tem mais descripção do que lyrismo. E' o caracter da poesia religiosa portugueza desde o pontifice S. Damazo, S. Martinho de Braga, frei Agostinho da Cruz e S. Francisco Xavier. (1)

Soror Brigida de Santo Antonio, no seu canticco sobre o amor divino, (2) eguala por vezes os mais vertiginosos transportes da Carmelita Doutora. Tambem Soror Clara de Jesus, religiosa do mosteiro da Madre de Deos, morre recitando aquelle terceto de Santa Thereza de Jesus:

Vivo sin vivir en mi
Y tan alta vida espero,
Que muero, por que no muero. (3)

(1) Werfer appresenta o apostolo das Indias como um dos principaes hymnologos do seculo xvii, e auctor do hymno *O Deos, ego amo te*, etc. Attribute-se-lhe vulgarmente o soneto de Santa Thereza: Não me move, Senhor, para querer-te, etc.

(2) Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano*, tom. 3, pag. 876.

(3) Obras, 1.^a part. pag. 579, edic. Plantiniana.



Possuido do horror do claustro, para Frei Antonio das Chagas é o habito a mortalha, a cella onde se abriga a sepultura; deprime-se, compara-se ao guzano que se esconde no tumulo que vae abrindo. Os desvarios de uma mocidade turbulenta passam-lhe pela imaginação, como uma nuvem que tolda um céu esplendido e aberto. A primeira elegia é uma allusão á sua vida mundana. Antonio da Fonseca Soares, tal fôra o seu nome no seculo, sacrificava a sua musa ás distrações lascivas; abnega d'essa gloria, quando procura o esquecimento das *loucas cantilenas*, que tantas Magdalenas haviam feito. (1) A sua vida é o logar commum da de todos os ascetas; o agiographo não cessa de tirar-lhe o horoscopo do nome, para fazer em tudo o paralelo com Antão Solitario. *Respondent rebus nomina sœpe suis*, disse Ovidio. Pelos nomes do baptismo se descobre o sentimento mystico da familia na idade media. Em todas as edades religiosas existia este horoscopo como se vê nas leis de Manu; (2) na meia idade era elle frequente, porque a ascese consistia na *imitação*. (3) O mesmo horoscopo do nome se encontra nas lendas

(1) Vid. as obras ineditas de Frei Antonio das Chagas, ms. n.º 384 da livraria da Universidade. O verso octosyllabo popular, com a assonancia, é frequente na forma poetica do seculo xvii denominada *romance*. Vid. as *Transformações do Romance popular*, no tomo v do *Cancioneiro e Romanceiro geral portuguez*, p. v a LIII.

(2) Leis de Manu, pag. 32, § 31, 33.

(3) Vid. o canto XII do *Paraiso* de Dante, terceto: O padre suo, veramente Felice, etc.



de S. Christovão, de S. Renato. Como Antão, e poeta varatojano ficou, quando adolescente, orphão de paes ; o que S. Jeronymo diz do patriarcha do deserto, o apologista vae applicando a fr. Antonio das Chagas.

As doutrinas mysticas que professava acham-se nas cartas a suas irmãs, tambem religiosas, e em varios apophtegmas espirituaes. Sobre o primeiro passo da ascese diz o poeta : « os bens d'este mundo falso e enganoso dita é não chegar-os a possuir mais do que para os desprezar : nem ha para que fazer caso mais que d'aquillo que por Deos se deixa, e só por se deixar se estima. » Aonde a sua linguagem é conceituosa e equivoeca é na descripção, aliás bella e difficil, do amor divino e do estado psychico. O amor divino é o ideal de toda a poesia mystica, o sentimento, como diz Hegel, que só determina o absoluto na forma.

O religioso poeta em tudo encontra imagens para exprimir a saudade do céo : « O caminho de uma alma para Deos parece ás vezes espiritualmente como os caminhos da terra ; uma hora se vae por campos de flores, outr'ora por matas de espinhos, ora por valles, ora por serras ; o negocio de quem caminha consiste em não parar e ir por diante, ou seja por serras asperas ou por valles apraziveis, ou por flores de consolação, ou por espinhos de tribulação, apesar de que picam e magoam. A sua esposa disse o Senhor, que então lhe parecia uma flor, quando a vira entre os espinhos. » Vendo o sol cantava um hymno, como a *seu irmão*



Sol os sabia modular o seraphim de Assis. A terra e o mar, as sombras e a luz, as fontes, os rios, e os descantes das aves, motivavam-lhe os pensamentos do amor divino. As flores lembram-lhe a brevidade da vida, e ella — «que é mais do que uma flor que se murcha, que é mais do que uma luz que se apaga e que é mais do que uma sombra que foge, uma figura que desaparece! Como nau que não sente o curso do caminho que vae fazendo, como setta que em um ponto travessa os pontos a que tira, como ave que um momento penetra os ares que vôa. Assim como entre espinhos nasce a rosa, assim entre as afflicções a graça.»

Outras vezes, arrebatado na vchemencia d'esse amor, eleva-se na inspiração hymnico-dithyrambica de alguns cantos da Egreja; o epitheto converte-se em estrophe, é a ladainha. O que a doutrina mystica de fr. Antonio das Chagas tem de futil e ridiculo mostra-se já nos titulos das suas obras; tinha um tanto d'aquella faculdade inventiva de Escobar, cuja aberração para o *quietismo* originou a poesia obscena do seculo XVIII.

As elegias de fr. Antonio das Chagas, umas vezes sublimes de sentimento, outras, manchadas de equivoos, levam-nos a fazer uma ideia mais justa da poesia d'essa epocha, tanto tempo desprezada e escarneida pelos espiritos pautados nos canones aristotelieos e tropeços horacianos. A novidade de imagens, o arrojado das metaphoras denotam sempre uma actividade intellectual. Aqui o poeta mystico vae penitente chorar



retirado *nas covas de seus olhos*. — Ubique daenton! — foi o ecco que restrugiu pelo vacuo do mundo, quando os deoses se foram. Por isso em tudo ha uma tentação para o poeta religioso, que tem um amor escondido com a natureza que iucessantemente combate e a final auquila em si; um ribeiro que desliza entre flores, compara-o, inspirado pela tentação, a um *aspide de prata*.

Toda a poesia mystica deixa sempre esta impressão de desgosto.

Como se deduz das palavras de S. Thereza, o extasis é um sonnuo voluptuoso das potencias d'alma arrebatada ao seio de Deos, sorvendo a largos tragos a sabedoria eterna. Esta união deslumbra os sentidos, cansados de uma aspiração vehemente; o corpo desfallece com a alegria ineffavel, os olhos não vêem, a dor não interrompe o colloquio mysterioso, e o espirito diffunde-se pela immensidade, pairando até absorver-se na vida gloriosa; Santa Thereza a exactica mais celebre do seu seculo descreve no decurso de suas obras as varias especies, desde o *vôo d'alma* até á *arrebatação súbita*, á *suspensão intima*. Alguns mysticos foram vistos no momento da elevação. Possuindo uma vontade poderosissima, uma fé estreime, abstrahindo de tudo que encerra tentações terrenas, humilhados pelo seu nada diante da face do Senhor, o corpo languescer, fica inunovel, a vida parece interromper-se, os olhos fulguram com um resplendor ethereo, o semblante anima-se de uma serenidade e placidez beatifica. Assim



Moysés vendo do alto da montanha a terra promnetida e sem poder chegar-lhe, assim o caminhante sequioso do dezerto, vendo ao longe a verdura das palmeiras, e temendo que o simun mirrador o sepulte na móle de areia antes de poder saciar-se, são a imagem perfeita que nos dá uma idea dos sentimentos incoer-civeis da alma contemplativa.

Era o extasis o mais alto favor do céo, concedido aos seus eleitos; os legendarios trasbordam com a exposição monotona d'esses arrebatamentos. S. Paulo é arrebatado ao terceiro céo, e subiram tambem por essa escada de Jacob, Catherina, Rosa de Lina, Magdalena de Pazzi, Gertrudes, Brigida, e a maior parte dos que povoam os Agiologios, que Roma ufana da sua prepotencia collocou *inter divos*. O corpo privado da actividade e energia, deixa o espirito livre nas suas abstracções. A penitencia austera da vida elaustral, exaltava o *systema nervoso*, a imaginação; o terror do principio do mal na sua lucta interior, o medo das penas inconsolaveis da condenação eterna arrastavam para os mosteiros os espiritos ainda tocados das paixões do mundo, mas seduzidos por tantes favores celestes. Havia tambem no extasis um terror, uma antecipaçoão que o tornava mais frequente — eram as tro-pelias de Satanás. Julgaram alguns ascetas, que o diabo, então senhor absoluto na edade media, assim como representara diante de Christo, no alto do templo, emporios e grandezas vãs, dizendo:

Haec omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me *



concedia ás vezes seus extasis para illudir as almas devotas e incautas, para espalharem doutrinas heterodoxas, ouvidas no arrebatamento da visão. Era Sylla e Carybides este dualismo, em meio do qual a alma ia peregrinando no tormentoso roteiro do céo.

O amplo e quasi exclusivo desenvolvimento da Theologia, tinha entorpecido o progresso das outras sciencias, ao ponto mesmo de, senhora absoluta e despótica, lançar o stigma de malevolas, inpias e inúteis áquellas sciencias que mais concorreram para a marcha da humanidade. Lançada nos campos da subtiliza, gerou uma immensidade de livros fnteis e casuisticos; a Renascença veio abrir novas veredas para o espirito, começou-se a indagar e a rehabilitar a natureza. Foi quando explicaram o phenomemo natural do extasis; a physiologia viu n'elle uma nevrose. Os medicos fundados na auctoridade da eschola de Hyppocrates e nos factos, descobriram a analogia entre o extasis e a possessão demoniaca. A sciencia roubava um dos themas mais inexgotaveis da escolastica. Os raios do Vaticano caíam sobre a cabeça do que proclamasse abertamente este *naturalismo*, e só no seculo XVIII é que foi unanimemente abraçado. Qualquer outro sentimento, sem ser de amor divino, produz esse estado dos pietistas. Joseph Franch e Georget definiram-no physiologicamente.

Bérard, considera-o como uma exaltação viva de certas ideias absorvendo a tal ponto a attenção, que as sensações externas são suspendidas, os movimentos vo-



luntarios impedidos, a acção vital muitas vezes relaxada. M. Favrot (1) divide-o em trez classes, comprehendendo o extasis mystico, o extasis cataleptico, e o extasis prophetico. As molestias nervosas communicam-se. Desde que S. Francisco de Assis, no dia da Exaltação da Cruz, sobre o monte Alverne sentiui impressas em si as chagas de Christo, que desejara no seu extasis, appareceram depois possuindo-as S. João da Cruz, S. Christina, Santa Lucia, Rita de Cassia, Santa Helena. Pierre Pomponat demonstron este phenomeno ainda usual no. nosso seculo. (2) E' notavel serem estes factos mais frequentes nas mulheres, em quem predomina uma constituição nervosa mais exaltada, influindo o hysterico na assiduidade das hallucinações. Alguns extaticos fizeram a narração dos seus arrebatamentos, em perfeita harmonia com os symptomas descobertos pela physiologia. Nas pessoas seculares, apparecia tambem devido ao terror do dualismo christão, e ao aperto das multidões nas solemnidades das cathedraes. Os extasis prolongados, como vemos descriptos nas legendas dos santos, em que vinham legiões de anjos visitar o seu espirito, em que sentiam os concertos das cytharas celestiaes, não eram mais do que a catalepsia. As religiões do Orien-

(1) Na sua *These de la catalepsie, de l'extase e de l'hysterie*, Paris 1833.

(2) Aug. Saint Hilaire, *Voyage dans le District des diamants*. T. I, pag. 146.



te tinham tambem seus extasis, que nos foram comunicados pelo genio *aryano*, e tão profundamente que, no seculo XVIII, no reinado de Voltaire, ainda appareceram convulsionarios.



AS CARTAS DA RELIGIOSA

PORTUGUEZA

CARACTER AMOROSO DOS PORTUGUEZES, segundo Lope de Vega, Espinel, Sévigné e Dom Francisco Manoel de Mello. — Valor das Cartas da Religiosa. — Opinião de Saint-Beuve. — Quem era a Religiosa portugueza. — Historia dos seus amores. — O marechal Schomberg em Portugal em 1663. — O conde de Chamylly e Marianna Alcoforado. — As tradições de familia. — Vida claustral no seculo XVII. — Abandono de Marianna. — Fim dos amores. — O sentimento natural e espontaneo eguala as maiores revelações artisticas. — Homogeneidade de Marianna e da *Julietta* de Shakespeare no amor.

I

É fado mau da litteratura portugueza! o que ella tem de mais bello é justamente do que não apresenta titulo que mostre a sua posse. A nossa incuria tem deixado perder os originaes das creações mais completas da arte; conhecemos o *Amadis de Gaula* pela traducção hespanhola; lemos as inimitaveis *Cartas da Religiosa portugueza* na traducção franceza de Subligny. Não nos cançaremos de reivindicar o que é nosso; o barão José Maria de Sousa Botelho, quando em 1824 publicou uma traducção das *Cartas*, teve este intuito: «Tendo-se perdido os originaes d'estas Cartas, maravilhava-me que, decorridos tantos annos depois da sua publicação, nenhum portuguez tentasse restituil-as á nossa lingua, e de reivindicar por qualquer modo uma



propriedade nacional.» Em outro logar mostraremos ao leitor o processo intrincado para a restituição da posse do *Amadis*, contra a perfidia dos bibliographos estrangeiros. Das *Cartas*, todos os eriticos confessam que valem pelo sentimento e não pela forma; é pois essa parte eterna e immareessivel que nos pertence. Só a ellas escolhemos como typo do genero epistolar; o titulo que lhes dá entrada na historia da litteratura é o que exclue as cartas de Vieira, as de Dom Francisco Manoel e as do Cavalheiro de Oliveira.

As *Cartas de uma Religiosa portugueza* podem hombrar com as de Heloisa; o amor da edade media é o mesmo dos tempos modernos, e sê-lo ha da eternidade. Em um livro, em que as obras d'arte se estudam segundo o genio da raça e da nacionalidade, estas *Cartas* são um documento de profunda verdade. Eis a alma peninsular na sua expansão ferosa; um raio do sol do Oriente illuminou o interior soturno e frio da cella monastica; o coração palpitou ainda debaixo da pedra tumular. Pode-se dizer com Goëthe na *Noiva de Coryntho*: «De que valem o sal e agua quando o coração palpita com mocidade.»

Dos povos da Peninsula, o portuguez é o que tem mais pronuneiado o earaeter celtico: *aventureiro* e *amorofo*. Na comedia de *Dorothea*, diz Lope de Vega: «Eu, senhora, tenho olhos de eriança e alma de portuguez.» — D'onde nos viria esta fama de apaixonados e sensiveis? Vicente Espinel, na *Vida del escudero Marcos de Obregon*, diz em uma passagem — «*namoraba*



quantas encontraba; de maneira que no habia portuguezs más azucarado que yo.» (1) Dom Francisco Manoel de Mello tambem conheceu este facto.

A sensata madame de Sévigné allude á mesma sensibilidade: «il me parle de son coeur à toutes lignes; si je lui faisais réponse sur le même ton, ce serait une *Portugaise*.» (2) E moderadamente Balzac, nas creações verdadeiras da *Comedia Humana*, personifica em um portuguez *Ajuda-Pinto*, todo o ardor da alma peninsular.

Eis como o grande critico Saint-Beuve considera as *Cartas de uma Religiosa portugueza*:

«Em 1663, aconteceu querer a politica de Luiz XIV socorrer Portugal contra a Hespanha, mas por uma maneira indirecta; ministrou por debaixo de mão os subsidiõs, favoreceu as levas, e uma multidão de voluntarios para ali correrem. Entre este pequeno exercito, commandado por Schomberg e o pobre exercito hespanhol que lhe disputava o terreno, houveram, de parte a parte, bastantes marchas e contra-marchas de exiguo resultado, muitas escaramuças e pequenos combates, entre os quaes, parece que uma victoria. Quem se lembra hoje de tudo isto? Mas o leitor curioso, que só procura o seu encanto, não se tem que não diga,

(1) Pag. 189, ed. de 1868.

(2) Letr. 162, de 19 de julho de 1671.



que tudo isto foi bom, por que d'isto deviam de nascer as *Cartas de uma Religiosa portugueza.*» (1)

A lucta constante para a renovação de uma nacionalidade, considerada como accessoria, diante de uma obra de arte! Parece injusto; mas se repararmos que o genio nacional nada lucrou com a restauração, e desde 1640 até hoje tem levado uma vida valetudinaria, dá vontade de esquecer a tradição heroica, para absorver essas manifestações profundissimas do amor da pobre *Religiosa.*

II

Ignorou-se muito tempo o nome da *Religiosa portugueza*, que escrevera essas Cartas, únicas capazes de rivalisar com as cartas mais apaixonadas de Heloisa. Ella porém não receia dizer o seu nome: «Deixa, infeliz *Marianna*, deixa de te consumir em vão, e de procurar um amante que não tornarás mais a vêr; que atravessou os mares para fugir de ti; que está em França no meio de prazeres; que não pensa, nem um só momento nas tuas dôres; que te poupa bem todos

(1) Saint-Beuve, *Mademoiselle Aissé.*

O genio amoroso dos portuguezes, revela-se tambem na linguagem vulgar; para elles o *amor* é motivo de tudo, parece que uma *sympathia* origina todas as acções; assim o *amor* tem nas locuções usuaes o sentido de causa, ou porquê: Por *amor* do tempo; por *amor* da chuva; por *amor* do medo: por causa do tempo, da chuva, do medo.



estes transportes, e não se importa de nada.» (1) Na segunda Carta que escreve, remata-a também: «A vossa *pobre Marianna* não pôde mais... sente-se desmaiado acabando esta carta... adeos, adeos, tende piedade de mim.» (2) O erudito Boissonade completou este nome com o appellido de familia, que encontrou em uma nota manuscrita da primeira edição de 1669, cujo exemplar possuía: «Sobre o meu exemplar de edição das *Cartas portuguezas* de 1669, ha esta nota, de uma letra que me é desconhecida: *La religieuse qui a écrit ces lettres se nommait Marianne Alcoforado, religieuse à Beja, entre l'Estremadure et l'Andalusie. Le chevallier à qui ces lettres étaient écrites était le comte de Chamilly, dit alors comte de Saint-Leger.*» (3)

Esta nota é escripta por algum contemporaneo do Conde, que então se entretinha na alta sociedade, dando-se ares pela paixão *immensa* que inspirára. Letra desconhecida, no dizer de Boissonade, quer dizer, letra já não usada, letra do fim do seculo XVII. O amor do Conde de Chamilly durou apenas um anno; enviado a Portugal em 1663; partiu para França no anno de 1664; as cinco cartas que recebeu de Soror Marianna foram escriptas no decurso do anno de 1665; não haviam bem quatro annos, que já percorriam a Eu-

(1) Lettre, I, p. 50. Edição de Paris de 1853.

(2) Pag. 60.

(3) Journal de l'Empire, du 5 janvier, 1810, a proposito do *Manual* de Brunet. Citado segundo José Maria de Sousa Botelho.



ropa na celebre edição de Colonia de Pierre Marteau, anterior á edição de Paris, de 1669 de Claude Barbin. Valeu á *pobre religiosa* o não ser conhecida a lingua franceza em Portugal, senão, sobre o desgosto do injusto desprezo de Chamilly, pezaria mais na sua vida o escandalo da publicidade. O Conde, militar desalmado e imbecil, deixou-se levar pela vaidade; na edição de Haya de Corneille de Graef, de 1690, o editor declara no prologo pela primeira vez a quem ellas eram dirigidas: «*Le nom de celui auquel ou les a écrites est M. de Chamilly. . .*» Este mesmo editor declara que as traduzira em francez Cuilleraque; o abbade de Saint-Leger, na edição de 1796, diz que o militar confiára as cartas ao advogado Subligny para as traduzir. O barão José Maria de Snsa Botelho, na sua edição de 1824, diz, a proposito da noticia de Boissonade, que procurou na *Historia genealogica da casa de Bragança* noticia d'esta familia. De facto o nome d'essa familia existia, tendo-se fixado no Alentejo, onde é a cidade de Beja, depois da morte do pagem-nobre Antonio Alcoforado, assassinado pelo Duque de Bragança Dom Jayme, quando matou por ciunes sua esposa Dona Leonor de Mendonça, filha dos Duques de Medina Sidonia, em 1512.

A familia do morto saú de Villa Viçosa, onde se dera o tragico successo, vindo estabelecer-se pobremente em Beja. Diz Dom Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia genealogica*: «Ficou a familia do morto desgraçada, e os Duques depois a soccorriam com cui-



dosa piedade.» (1) Isto mesmo se acha confirmado vagamente nas cartas de Soror Marianna. «Em murmurava contra a *mediocridade da minha condição*; julgava muitas vezes que a afeição que parecia teres por mim vos causaria algum mal;» (2) Por effeito da pobreza da familia, talvez para sacrificar o dote da donzella ao primogenito da casa, Marianna entrou muito criança para o convento: «Em estava criança, e era credula; tinham-me fechado n'este convento desde a infancia...» (3) Na carta primeira dá a conhecer que tem um irmão; (4) assim não é sem fundamento a hypothese. Quando o Conde de Chamilly conheceu Marianna, tinha ella a infancia e credulidade de que fala; e já «detestava a tranquillidade em que tinha vivido antes de o conhecer.» (5) Por tanto, teria a pobre religiosa a freseura dos quinze annos, dezoito, quando muito; as snas Cartas, ditadas por um temperamento peninsular, tem a paixão dos trinta annos. A novidade dos seus annos é que lhe den força para cortar sublimemente com a paixão que a matava; — lançou fóra todas as prendas que lhe restavam de um amor mentido, e reneçou da morte e do desalento a que tão cêdo fôra condemnada.

A historia dos amores de Soror Marianna deduz-se

(1) L. x, p. 585.

(2) Lettre V, p. 90.

(3) Let. V. p. 94.

(4) Pag. 53.

(5) Let. III, p. 67.



simplesmente das suas Cartas; ha n'ellas duas partes distinctas que absorvem a attenção do leitor, uma é *externa*, de allusões a factos que se passaram entre ambos; outra é *intima*, do fôro da alma, tão transcendente como a observação mais bem feita do dominio da metaphysica. Falaremos de ambas.

Como vein este francez a Portugal, e para que? Como naseeram esses *amores* no coração da desolada religiosa? Vejamos tambem o retrato do militar feito pelo Tacito do mundo moderno, o Duque de Saint-Simon.

O Marechal de Schomberg vein cominander a tropa franceza mandada a Portugal por Luiz XIV, a pedido da regente Dona Catherina. O Marechal Turenne revistou a officialidade, vindo para Portugal, com um reforço para as fronteiras, Noël Boutou de Chamilly, Conde de Saint-Leger, capitão de cavalleria. Esta eircumstancia não poueo influir para a paixão de Marianna; depois de abandonada, olhava ainda com saudade para os sitios não longe de Mérida, por onde o vira tantas vezes passar a cavallo.

Chamilly era natural de Brabant, oriundo de uma familia nobre de Burgonha. O retrato que o Duque de Saint-Simon deixou d'elle nas suas *Memorias* coincide perfeitamente com a ideia revelada por Soror Marianna no momento do desespero.

Militar, acostumado á vida rude das armas, não sabia vêr na mulher nun ser delicado, uma flôr que precisa de desvello e cuidado. Uma organisação robusta



criara-lhe necessidades materiaes, exigencias da carne. A mulher para elle era simplesmente um prazer. Satisfeito, nada mais restava do ente apeticido e idolatrado. O genio das armas excluiu o amor n'aquella alma pezada e permitta-se o termo, um tanto *chata*. «Era um homem gordo e encorpado, diz Saint Simon, extremamente distincto pelo seu valor, por muitas acções e até celebre pela defeza de Grave.

«Falou-se d'elle em diversas occasiões ; era um decidido homem de bem e vivia em tudo honradamente ; admirava como era tão broma, e sua mulher, bastante espiritosa, via-se ás vezes embaraçada. Em novo servira em Portugal, e a elle foram escriptas as famosas *Cartas portuguezas*, por uma Religiosa que lá conheceu e que endoudecera por elle.» (1)

Soror Mariana, (inagine-se sempre uma rapariga de quinze annos,) conheceu tarde este character. Era irremediavel o resultado: tinha-lhe sacrificado honra, futuro, e sobre tudo a religião, o abysmo mais tenebroso que se abria diante d'ella. Marianna accusa-dos «indignos pretextos da sua partida» (2), dizendo: «atraçoaste-me todas as vezes que me dizias que serias arrebatado se te visses a sós commigo.» (3)

«Só ás minhas impertinencias devo vossos enthusiasmos e vossos transportes; fizestes a sangue frio o proposito de me inflanumar; consideraste a minha paixão só

(1) *Memorias*, cap. ciii.

(2) Pag. 62.

(3) Pag. 62.



como uma *victoria* e o vosso coração nunca foi toeado... Não sois vós bem desgraçado? não tendes bem pouca delicadeza, por não ter sabido aproveitar senão *d'esta maneira* as minhas manifestações?» E prosegue: «Tenho pena, por amor de vós sómente, dos prazeres infinitos que perdestes: era preciso que vós os não quizesseis gosar? Ah! se os conhecesseis, sem duvida acharias que são mais sensiveis *do que o de me ter enganado.*» (1)

O caracter do Conde de Chamilly está conforme eom a aceusão de Marianna e com a sentença de Saint-Simon. Aquella alma banal nem sabia mentir, dizendo uma palavra de vida a quem lhe pedia amor: «Toda a gente se eondoe do meu amor, e vós fiaeas n'uma profunda indifferença... sem me escrever senão cartas frias, cheias de repetições, metade do papel sem ser escripto, grosseiramente parece que morreis com vontade de as vêr acabadas...» (2) As cartas que Chamilly escrevia eram ridieulas, com protestos de amizade e de civilidades impertinentes. Falar de amizade a uma mulher que ama é feril-a mortalmente. Marianna conhece comtudo que o eonde é assim porque não eomprehende mais: «Detesto a vossa boa fé» diz ella. (3)

Quaes seriam os pretextos frivolos e indignos que o capitão francez dera áquella eriança fehada na flôr

(1) Pag. 63.

(2) Pag. 75.

(3) Pag. 86.



da idade nas grades do um mosteiro? Talvez uma mentira? uma eseuza? A *pobre Marianna*, como ella a si propria se ehama, diz-lhe amargamento: «O vosso procedimento não é de um homem eapaz.» (1) Saint-Simon caracteriza-o bem duramente, e o seu estigma está de acordo mais uma vez eom as queixas da mulher abandonada: «Ao vel-o, ao ouvil-o, ninguem se poderia persuadir que elle inspirasse um amor tão desmesurado, eomo o que é a alma das famósas *Cartas portuguezas*, nem que elle mesmo eserevesse as respostas a essa Religiosa.» (2) Marianna fala pela mesma boeca: «Eu me deixei encantar por qualidades bem mediocres.» (3) Saint-Simon julgava-o até ineapaz das respostas, já consideradas eomo ridieulas pela amante; estas respostas não são por ecerto as que pela primeira vez appareeram na edição de J. B. Loyson em 1671, embuste de livreiro, ainda assim soffrivelmente arranjado, para a espeeulação.

Como imbecil, o Conde de Chamilly eonsentiu na publicação das *Cartas* por um motivo de vaidade. Nada melhor, para um homem quo ehegara pela sua espada a ser Marechal de França, do que mostrar a todos que foi ainda mais feliz eom o amor, o amor onde tem naufragado as almas mais completas. Á indignidade ou á vaidade, devemos a esse falso senti-

(1) Pag. 91.

(2) Obras, t. XI, p. 5, ed. 1791.

(3) Pag. 91.



mento o possuirmos uma rica e ineonseiente obra de arte. Marianna Alcoforado bem eonheee que nos sa-lões de Paris elle se póde vangloriar do grande amor que inspirara: «Não sereis vós tão eruel em vos servir do meu desespero para vos tornares mais amavel e para fazer vêr que eausaste a maior paixão do mundo?» (1) mas, na sua dôr, transforma-lhe o motivo de vaidade em vergonha: «Estou de aeecordo que me le-vaes vantagem em tudo, e que me fizestes naseer uma paixão que me faz perder a rasão; *mas deveis ter com isso pouca vaidade.* Eu era eriança e era credula; ha-viam-me feehado n'este eonvento desde a infância; não tinha visto senão gente desagradavel; nunea tinha ouvido os louvores que me davas incessantemente; parecia-me a mim que a vós devia os encantos e a belleza que me aehavas, e que me fazias eomprehen-der; eu ouvia dizer bem de vós; todos me falavam em vosso abono; vos fazieis tudo quanto era préeiso para me fazer amar. Mas a fual rompeu-se-me o encanta-mento...» (2) Eis aí fieam retratados os dois heroes d'este drama doloroso do amor que vamos observar: uma alma pura, sedenta de luz, e um offieial eostuma-do á desenvoltura da easerna que se aeha em uma terra extranha e se quer eevar na primeira vietima desprevenida.

(1) Pag. 66.

(2) Pag. 94.



III

A familia dos Alcoforados vivia em Beja pelo meado do XVII; a pobreza e as tradições de um desastre domestico conservam-a n'uma especie de afastamento.

Pelo que se pôde deduzir, constava a familia do ideal indiano, pae, mãe e filho. Mais tarde o nascimento de uma menina veio trazer novos cuidados ao pequeno lar. Segundo as ideas do tempo e dos costumes da idade media, Marianna tinha para remedio da mediocridade de condição em que nascera — o Convento.

As esposas do cordeiro immaculado devem ter por dote a sua pobreza do mundo. E para que o mundo não começasse a seduzir a donzella, desde a mais tenra infancia as conversas familiares tendiam a fazer nascer n'aquella alma o gosto e o desejo do claustro. Lembravam-lhe a cada instante a sua pobreza, e talvez se não esquecessem de alludir mysteriosamente aos perigos do amor profano, ainda presentes nas tradições sombrias da familia. Marianna Alcoforado entrou muito criança para o convento; foi por assim dizer levada ao engano. «*Eu como menina cria*» diz o romance popular que appareceu na tradição oral do tempo d'ella, o romance da *Freira arrependida*. Marianna quando entrou para o convento, teria pouco mais de nove annos de idade. Ella confessa que nunca

*



vira ao pé de si senão gente desagradavel; confessa que a clausuraram ainda na infancia.

Nunca ninguem lhe elogiara a sua belleza; quando fôra vista pelo mundo, as graças da candura ainda não deixavam entrever a fascinação da mulher. Assim o eoração virgem havia de perteneer ao primeiro que soubesse pôr em relevo os encantos de Marianna. E entregava-se com o sentimento humilde de reeoncehimento, julgando dever tudo o que valia ao primeiro que a exaltasse! De facto assim aconteceu com a terrivel logica da paixão. Marianna viveu na clausura uma vida tranquillã, despida de interesses, vasia. Reinava então nos conventos a medonha moral dos Molinistas; o *quietismo* sensual tornara-so a asee-se religiosa. A pobre rapariga bem se queixa da monotonia da sua tranquillidade. Aquella alma estava no momento, na crise em que o amor se gera, do mesmo modo que o carvão se transforma no diamante. A imaginação começara de trabalhar; as eonsas do mundo exterior appresentavam-se eom um aspecto novo, fazendo eontraste com o vasio de dentro, com o tedio e aborrecimento do estado de *accèdia* em que caíra. Cavalleiros e donzeis povoavam o mundo dos sonhos em que ella vivia aeordada. Era para ali que o seu ideal a chamava. Mas quem hade ir amar uma religiosa: «bem sei que uma religiosa de ordinario é poueo amavel. Pareee-me comtudo, se se é capaz de rasão na escolha que se faz, se deveriam antes inclinar a ellas do que ás outras mulheres. Nada as distrae de pensa-



rem incessantemente na sua paixão; ellas não são desviadas por mil cousas que dissipam e que occupam no mundo. Julgo que não é muito agradavel vêr aquelles que se amam, sempre distrahidas por mil bagatellas; é preciso ter bem pouca delicadeza para soffrer, sem se desesperar, que ellas não falem senão de partidas, de convites e de passeios. A cada instante se está exposto a novos cinmes: as seculares são obrigadas a attenções, a condeseendencias, a conversações. Quem pode affiançar que não tem algum prazer n'estas occasiões, e que soffrem sempre os cuidados dos maridos com um extremo desgosto e sem nenhum consentimento?» (1)

Marianna tinha muitas vezes desejado ser amada. Não o era; proeurára o motivo; confrontara-se com as outras mulheres, e decidira a sua superioridade. Como o amor de uma religiosa é mais puro; sem attenções e cortejos da sociedade, pensando sempre no objecto amado no silencio da cella! A sua alma estava como a chamma latente; um leve sôpro faria romper a labareda, o incendio.

N'este estado psychico o melhor remedio é uma confidencia; é o remedio de todas as dôres moraes. Dona Brites, alguma senhora professa em quem a neecessidade de empregar as grandes faculdades affectivas que possuia a fizeram estremecer Marianna, foi a sua confidente: «Eu a tinha aeostumado a confideneias,» diz a abandonada religiosa, citando mais de uma vez o no-

(1) Lettre. v, p. 88.



me de Dona Brites com um earinho de filha. (1) Uma eirêumstaneia fortnita arrojou a simples creatura ao amor; ella ia passar horas esqueidas da tarde no mirante do mosteiro d'onde se avistava Mertola, sobre o Guadiana, a outo leguas de Beja. As tropas francezas andavam pela fronteira de Portugal; entre a offieialidade distinguia-se Chamilly, conheeido com o nome de Conde de Saint-Leger. Era um militar perfeito, bravo, invencivel; mostrou-o na defeza de Grave em 1675. Falava-se d'elle com elogio por toda a parte; da sua graça, do sen valor. O proprio Saint-Simon o apresentava como muito honrado. Marianna, na solidão do mosteiro, quantas vezes não desejava ser amada; e amada por aquelle destemido capitão de cavalleria franceza! O que a mulher mais ama no homem é a força. Todas estas cousas fizeram naseer na alma de Marianna a paixão por Chamilly, ainda antes de ser amada: «Eu ouvia dizer bem de vós; toda a gente me falava em vosso favor...» (2) E ella era eriança; nunea tinha visto senão gente desagradavel. Amava.

É assim a Desdémona de Shakespeare; ouviu eontar os trabalhos de Othello, e apaixonou-se pelo mouro! Santa verdade do sentimento, harmoniosa eoordaneia do eoração com a arte!

Marianna Aleoforado ia muitas vezes com as outras religiosas observar do mirante do mosteiro de Be-

(1) Let. V, pag. 83, e 84; p. 75, L. IV.

(2) Let. v, p. 94.



ja as evoluções militares da tropa franceza nos campos de Mérida. Foi ali que se namorou, quando o formoso cavalleiro desfillava segundo a tactica da guerra. Ella mesma conta o principio da paixão: «Muitas vezes eu vos vi passar n'este sitio com um ar que me encantava; eu estava no mirante no dia fatal em que começava a sentir a paixão desgraçada. Parecia-me que vós me querieis agradecer, apesar de me não conheceeres; persuadia-me de que me tinhas notado entre todas aquellas que estavam eommigo. Logo que paravas, eu imaginava que vos aprazia que eu vos visse melhor e que admirasse o vosso garbo quando impellias o cavallo. Sentia-me tomada de susto quando o fazias passar por um lugar difficil; emfim eu me interessava secretamente por todas as vossas acções. Eu bem sentia que me não eras indifferente, e tomava como para mim tudo o que fazias.» (1)

Como viria o Conde de Saint-Leger a atar as suas relações com Marianna? que elle era conhecido do irmão da Religiosa podemos suspeital-o pela primeira carta. Porem é mais natural que o militar lhe eserevesse; as visitas no palratorio eram então muito faceis. Namorava-se muito nas grades, haviam freiraticos de profissão, e em alguns conventos era quasi que obrigação secreta o ter um amante, com quem se celebravam desposorios nos folguedos da epoea. Os requintes do *seiscentistas* em grande parte é devido ás subtilizas

(1) Let. iv, p. 75.



do amor dos conventos; os namorados faziam milhares de *romances* alambicados, arrezados. (1) Os frades e missionarios distrahiam-se do asectismo compondo eoplas para as suas confessadas.

Soror Violante do Céu brilha com este gosto nos seus *Divinos e humanos versos*.

Frei Jeronymo Vahia, e Frei Antonio das Chagas ainda na austeridade da penitencia, não se esqueciam de invocar as musas do paganismo. De dois missionarios, quando Frei Antonio da Chagas pregava em Odivellas, diz o Bispo do Grão Pará: «Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo.» (2) Este estado de consas era devido ás doutrinas *molinistas*, e á influencia absoluta dos Directores espirituaes, que celebravam o noivado mystico com as religiosas.

Esta aproximação da carne era para veneer a tentação. Na lueta estava a virtude; a proveação sensual dava logar ao triumpho do espirito.

Conta o Bispo do Grão Pará, que certo religioso de uma vez dissera a Ignacio Barbosa:

« — Eu vejo dansar as raparigas e nenhum abalo . sinto.

(1) Vid. *Memorias* do Bispo do Grão Pará, p. 95.

(2) Pag. 96 das *Mem.* Se consultarmos a legislação, encontramos um Decreto de 16 de Setembro de 1662 contra a familiaridade suspeita com Religiosas; outro Decreto de 9 de Novembro de 1662 com providencias contra a familiaridade das Religiosas; egual Decreto de 26 de Junho de 1663, e uma Carta Regia de 12 de Setembro de 1663 prohibindo a divagação das Religiosas com o pretexto de ares e banhos, mandando promover a observancia da clausura.



— Vossa paternidade deve de ser *molinista*, respondeu Barbosa. Eu confesso, que me é preciso pôr os olhos em terra e lembrar da morte.» (1)

O *systema theologico* de Molinos existiu em Portugal, pelo menos praticamente na desenvoltura dos mosteiros. O que temos apontado explica as primeiras confidencias de Marianna com o Conde de Chamilly. O militar quantas vezes lhe não mostrára o desejo ardente de se vêr só com ella!

A sua natureza bestial fazia farejar sómente a carne: «*vous m'avez dit que vous étiez ravi d'être seul avec moi.*» (2) O animal devorava a preza. O Conde de Saint-Leger entrara no mosteiro; antes de Marianna se lembrar da sua deshonra, da infamia da sua familia, do attentado á religião, via antes de tudo com a sollicitude de mulher os perigos que o capitão corria, para se vêr só com ella na cella estreita, como tantas vezes desejava: «Morria de medo que me não fosseis fiel; eu queria vêr-vos a cada instante e isto não era possível; *andava perturbada com o perigo que corriais entrando n'este convento*; eu não vivia emquanto estavas no arraial. . .» (3)

Chamilly vinha a Beja na folga que obtinha da fadiga da guerra.

O perigo a que elle se expunha era, quando muito, o ser queimado pela inquisição; porem Marianna tem

(1) P. 86 das *Mem.*

(2) Lettre III, pag. 62.

(3) Pag. 90.



mais coragem. Para ella cabe o que diz o Livro dos Cantares, *o seu amor é violento e terrível como a morte*. Ha n'ella a natureza oriental que sabe culaçar o mysterio da morte com o amor: «tenho a minha reputação perdida, expuz-me ao furor de meus paes, á severidade das leis n'este paiz contra as religiosas, e á vossa ingratição que me parece a maior de todas as desgraças. Porem, bem eonheço que os meus remorsos não são verdadeiros, que eu quereria, da melhor vontade, ter corrido por amor de vós maiores perigos, e que eu sinto um prazer funesto por ter arriscado a minha vida e a minha honra. Tudo o que eu tinha de mais precioso não devia estar á vossa disposição? E não devo de estar contente de o ter empregado como o fiz?» (1) Em outras passagens Marianna allude aos momentos em que o tinha na cella: «nunca mais vos vereis na minha cella com todo o ardor e toda a expansão que me mostravas.» (2)

Desprezada pouco tempo depois, Marianna é impenitente no seu amor: «Comtudo eu não me arrependo de vos ter adorado; estou contente de me terdes seduzido; vossa auzencia rigorosa, e talvez eterna, em nada diminue o impeto do meu amor; quero que todos o saibam; não faço d'isso mysterio, e estou encantada de ter feito tudo o que fiz por vós contra toda a especie do bem estar; pondo toda a minha honra e a

(1) L. III, p. 64.

(2) Pag. 56.



minha religião só em amar-vos perdidamente, toda a minha vida, por isso que eomêeei a amar-vos.» (1)

Ás vezes a pobre bem se queixa d'elle não a ter sabido amar senão brutalmente; confessa que podia dar-lhe prazeres mais vivos, mais intensos do que o *de ter abusado d'ella*. (2) Só para isso, não faltavam mulheres: «Acharieis n'este paiz alguma mulher que fosse mais bella, com a qual tivesses eguaes prazeres, *por isso que não os procuravas senão grosseiros...*» (3) Marianna sentia ainda nus restos de devoção; ás vezes a religião e o amor debatiam-se no vasio da sua alma; de todo aquelle eombate fiaram só terriveis eserupulos: «Eu sinto vivamente a vergonha dos erimes que me fizeste eommetter; mas que! já não tenho a paixão que me eegava para desconhecer a enormidade! (4) O Conde de Chamilly resolveu sair á pressa de Portugal; qual seria o motivo? Ainda não havia bem um anno que trazia amores eom Marianna Aleoforado. Andavam-lhe na eabeça as medonhas legendas do *Que-madero* de Hespanha, e sabia, eomo toda a gente, a verdade que disse o Bispo do Grão Pará nas suas *Memorias*: «Sempre é bom servir ao tribuual do Santo Offieio e estar bem entablado eom a orden.» (5)

Qualquer denuneia faria com que o Conde de

(1) Pag. 59.

(2) Pag. 63.

(3) Pag. 72.

(4) Pag. 73.

(5) Pag. 90 das Mem.



Saint-Leger fosse lançado no carcere da Inquisição, e arremessado á fogueira; era então recente a historia dos amores de Simão Pires Solis no mosteiro de Santa Clara de Lisboa, e repetia-se o dito do *calado é o melhor*. O Conde temeria tambem o punhal dos Alcoforados: «eu receiava por vós a colera dos meus parentes...» (1) com que Marianna chegou uma vez a ameaçá-lo? (2)

Estaria o conde compromettido para casar em França? elle revelára a Marianna uns amores que deixara na patria: «Vós me fizestes, haverá cinco ou seis mezes, uma incrível confidencia; declarastes-me com a maior boa fé, que tinheis amado uma dama no vosso paiz.» (3)

Todas estas rasões influiram para que Chamilly partisse precipitadamente para França. E' preciso accrescentar a isto a incapacidade moral de sentir uma paixão, e a rudeza do seu character.

Elle porem apresentava a Marianna outras rasões; *rasões de cabo d'esquadra*, como diz o vulgo, desculpas de mau pagador: «quizestes aproveitar-vos dos pretextos que descobristes para regressar a França... Um navio estava a partir... Porque não o deixastes partir? A vossa familia tinha-vos escripto... Não vos lembraes de todas as perseguições que eu soffri da minha? A vossa honra vos obrigava a abando-

(1) Pag. 90.

(2) Pag. 93.

(3) Pag. 78.



nar-me... Fiz eu algum caso da minha? Estavas obrigado a ir servir o rei... Se tudo o que se diz d'elle é verdade, não tem necessidade do vosso soccorro e bem vos teria dispensado.» (1) Marianna exprobra-lhe: «Sabendo que não estarias sempre em Portugal, para que quizeste escolher-me para tornar-me tão desgraçada.» A infeliz conhece que não são aquellas as rasões que o afastam para tão longe — sim a impossibilidade de ter uma affeição seria. Tendo-lhe feito o sacrificio da sua virgindade, que lhe deu em compensação? «Que fizeste para que me agradasse? Que sacrificio me fizeste? Não procuraste sempre mil outros prazeres? Renunciaste por ventura o jogo e a caça? Não foste o primeiro a partir para a campanha? Não regressaste depois de todos os outros? Expuzeste-vos por lá estouvadamente, tendo-vos eu rogado de vos acautelar por amor de mim. Nem procurastes meios de vos estabelleceres em Portugal, sendo como eras aqui tão estimado; uma carta de vosso irmão vos fez partir sem hesitar um momento; e não soube eu, que durante a viagem andavas na melhor disposição possível?» (2)

Este irmão de Chamilly que lhe escrevera era casado, como se vê pela carta em que lhe pede o retrato d'elle e da cunhada, como cousas que lhe pertencem e por isso as estima. Ainda não havia um anno, que Ma-

(1) Pag. 73.

(2) Pag. 92.



rianna se lhe tinha entregado toda; mal pensava, diz ella, que os seus favores o obrigariam a fugir quinhentas leguas, a expor-se a naufragios para deixal-a: «Eu não esperava de ninguém este tratamento.» (1)

A auseneia produzira em Marianna um vazio immenso; andava inconsolavel; a familia queria mostrar-se severa contra o pequeno escandalo. Já se fallava, murmurava-se: «A minha familia, os meus amigos, e este convento me são insuportaveis!» (2) Estes desabaços, escriptos a quem os não comprehendia, revelam a grande oppressão em que jazia. De alegre e feliz, como andava, todos a achavam demudada. Definbava de saudade, de uma saudade impossivel: «Toda a gente repara para a mudança do meu genio, das minhas maneiras, de minha pessoa. Minha mãe falou d'estas cousas com azedume, e depois veio ás boas. Eu não sei o que lhe respondi; parece-me que lhe confessei tudo. As mães mais severas, tem piedade do estado em que eu estou, mereee-lhe alguma consideração e algumas attensões para mim! Todos se sentem condoídos do meu amor, e só vós permaneeis n'uma profunda indifferença!...» (3)

Dona Brites, a sua confidente, procurava distrahil-a; queria trazel-a para fóra da cella, d'onde nunca mais saíra; levou-a para o mirante que olhava

(1) Pag. 80.

(2) Pag. 74.

(3) Pag. 75.



para Mertola, mas a vista do sitio fel-a debulhar em ehoros. Era de manhã; o resto do dia passou-o lavada em lagrimas, desfalecida, sobre a cama. Desde a partida de Chamilly nunea mais teve saude; tinham-lhe arraueado a fibra mais viva do eoração. Nunea saía da eella, e levava o tempo todo a olhar para uma miniatura do eonde. O retrato em vez de lhe dar alivio desesperava-a, mostrava a impossibilidade de tornar a vêr o que lhe levava a flor da sua boeea. As outras madres falavam muito d'este amor para cauterisar a magoa: «Algumas religiosas, que sabem o estado deploravel a que me arrojastes, falam-me muitas e muitas vezes de vós.» (1)

Queriam distrabil-a, enearregaram-na de madre porteira do eonvento: «Ha poueo fizeram-me porteira d'este eonvento; todos os que falam eommigo pensam que eu estou douda; eu não sei mesmo o que lhe respondo; e era preciso que as religiosas fossem mais doudas do que eu, para me julgarem capaz de cuidar em alguma eousa.» (2) No meio da sua afflicção, todos eonheciam que aquella paixão a matava; foi desde esse instante que sua inãe lhe falou com bondade; disseram que eserevesse ao Conde de Saint Leger. N'aquelle tempo não haviam as eommunieações do correio; as cartas iam por mão propria. O irmão de Marianna offereeu-se-lhe para fazer chegar ás mãos de Chamilly

(1) Pag. 60.

(2) Pag. 58.



uma carta: «Confesso que a occasião que meu irmão me proporeionou de eserever-vos eauson-me alguns momentos de alegria, que me suspendeu por um momento o desespero em que estou...» (1)

As cartas de Chamilly eram dictadas por uma alma baixa; como poderiam responder á eterna sêde do amor? «Não enehaes as vossas cartas de cousas inúteis, e não me eserevaeis a dizer que eu me lembre de vós.» (2) Se ella o podia esquecer! Pedir isto era ignorar a dedicação d'aquella alma. Chamilly tinha partido antes de acabar a campanha; a religiosa perguntava por noticias a todos os officiaes: «Um official francez teve a caridade de me falar esta manhã trez horas só de vós; disse-me que a paz de França estava feita. Se assim é, porque me não vindes busear?» (3)

Na sua viagem para França, o navio em que ia o conde foi assaltado de uma tempestade na altura do Algarve; ella soube isto pelo logar-tenente do capitão que vein visital-a. Desde que o Conde partira até então ainda não lho escrevera. O logar-tenente vendo tamanha dor d'alma, esperou que ella lhe eserevesse uma carta; foi a quarta, uma das mais affietivas: «O official que hade levar esta carta, me diz pela quarta vez que tem de partir. Como é impertinente! sem duvida, deixa tambem alguma desgraçada n'esta terra.» (4)

(1) Pag. 63.

(2) Pag. 52.

(3) Pag. 60.

(4) Pag. 80.



O Conde de Chamilly escreveu algumas vezes a Marianna; as suas cartas eram cerimoniazas, cheias de protestos de amizade, com uma frieza convencional. Bem se vê que a não amava. Ha na dor relampagos de intuição; a grande vertigem tem uma lucidez repentina. Marianna conheceu a final a vileza d'aquelle character; vae banil-o da sua alma, e começa a quinta carta: «Eu escrevo-vos pela ultima vez...»

Vae quebrar o retrato e os braceletes que reøebera da mão de Chamilly, todas aquellas prendas do amor; por fim entrega-as a Dona Brites para que nunca mais lh'as deixasse vêr: «Sabei que eu tenho para mim, que vós sois indigno dos meus sentimentos e que agora conheço todas as vossas más qualidades.» (1)

A abandonada religiosa tem alma de peninsular; queria vêr sangue em castigo de tamanha traição. Ella ameaça-o com o punhal: «Que perfidia! Acreditaes que me podeis enganar impunemente? Se o acaso vos trazer a esta terra, declaro-vos que vos entregarei á vingança dos meus parentes.» O instincto fidalgo dos Alcoforados renascia. Sobre este nome pezava uma fatalidade de morte.

Assim a paixão acabou dignamente na alma de Marianna, com mais grandeza, do que todas as disposições do *Fôro velho de Castella*, que regulava o desagravo das offensas dos fidalgos. O vulto de Marianna perdeu-se para sempre na penumbra da cella, com mais

(1) Pag. 86.



tristeza do que sentira Marcella quando viu passar pelas Carmelitas o enterro do velho Lope de Vega seu pae. A enrgia de Marianna era o ultimo arranco de vida; d'ali em diante nunca mais o coração teve força de levantar a lagem do tumulo.

As *Cartas* appareceram pela vaidade do Chamilly; expoz á irrisão do seu tempo a loucura de uma alma sincera. A grande justiça das edades encarregou-se de lhe imprimir o ferrete da torpeza e da mediocridade, e á pobre Religiosa deu-lhe a corôa immarcessivel da Satty, que se abraçou no fogo do seu amor.

IV

Não ha cousa que mais repugne á verdade do que o *sentimentalismo*; Rousseau via no sentimento, antes de tudo, uma occasião para estyllo. Quando em uma carta a d'Alambert exalta as *Cartas de uma Religiosa portugueza*, tem para si que ellas são escriptas por um homem :

«As mulheres, diz elle, não sabem descrever, nem mesmo sentir o amor. Sómente Sapho, e uma outra, que eu saiba, merecem de ser exceptuadas. Apostaria tudo, em como as *Cartas Portuguezas foram escriptas por um homem.*» É preciso saber quaes as cartas a que Rousseau se referia? as *cinco*, que primeiro appareceram na edição de Pierre Marteau, em Colonia, e na de



Claude Barbin de Paris em 1669, reproduzidas d'aquella, são de authenticidade inconcussa; as *sete* que se ajuntaram com o titulo de *segunda parte*, Pierre Marteau no *aviso ao leitor* confessa, que não são da mesma *Religiosa*. Não admira que a intuição sentimental de Rousseau não acceitasse o embuste de livreiro como criação de uma alma de mulher; e, para credito da sua intelligencia, entendemos que elle se referia, e com razão, ás *sete* cartas apocryphas, accrescentadas nas edições posteriores a 1669. O estyllo das *sete* cartas é affectado, alambicado, e falso em quanto aos costumes e localidades portuguezas; os nomes de familia são arranjados pelas toadas, ao grado dos pseudo-epistolographos. São em parte compostas sobre pequenos dados tirados das *cinco* cartas verdadeiras com que se podia phantasiar á vontade. O estyllo das *cinco* cartas da *Religiosa* rescende á syntaxe portugueza; a alma portugueza imprimira ao sentimento uma forma propria, que as palavras francezas não puderam apagar. Conhece-se isto traduzindo-as do francez com o maior rigor grammatical; vertidas assim dão o portuguez mais vernaculo e legitimo. Com as apocryphas não succede o mesmo. José Maria de Sousa Botelho provou-o á evidencia na sua edição de 1824; e os editores francezes adoptaram a sua idéa, publicando sómente as *cinco* cartas que restam. (1) Os editores antigos imprimiam as *sete* cartas em primeiro logar, e as *cinco* em segundo;

(1) Edição de 1853.

*



com certeza Rousseau, nauseado com a falsidade das princiras *sete*, nunca chegou a lêr as genuinas Cartas da Religiosa. O seu juizo é portanto incompetente.

Só na edição de 1690 é que as *doze* cartas foram attribuidas inteiramente á Religiosa portugueza. Sobre esta e as edições subsequentes, que a seguiram, se tem feito o juizo publico. Tenho para mim que os que as elogiavam não sabiam bem porque o faziam. Foram tambem moda. Era do tempo o imprimir collecções de cartas. Passado o contagio pretencioso das epistolas, summiram-se todas essas confidencias nas canastras dos alfarrabistas; o que havia aí de eterno ficou e ficará. Assim succdeu ás *cinco* cartas de Marianna Alcoforado. Se Rousseau lesse as *Cartas* genuinas, veria que ha n'ellas phrases que só uma mulher as saberia dizer, por que só ella tem natureza para uma determinada ordem de expressões. Diz Marianna:

«Não deixaria de ser desgraçada se me amasses sómente por que eu vos amo, e eu queria dever tudo sómente á vossa inclinação; mas estou tão longe de estar n'este estado, que não recebi ainda uma só carta depois de seis mezes.» (1) A alma de mulher revela-se n'estas palavras:

«Não invejo a vossa indifferença, e vós meteis-me dó... Eu vos desafio a me esquecer inteiramente... Eu me gabo de vos ter posto em estado de não teres sem miu senão prazeres incompletos; e sou mais feliz

(1) Let. II, p. 56.



do que vós, porque ando mais entretida.» (1) «Resigno-me sem queixume ao meu mau destino, já que vós o não quizestes tornar melhor.» (2) Sente-se a cada palavra a fraqueza indiana; pôde-se fingir o *pathos* da obra d'arte, mas não a *passividade* da organização feminina que se atraiçoa. Marianna, como estas naturezas que precisam de ser amadas, fizera do amor uma cousa absoluta. Não comprehende meio termo em amor: «Por certo tinhas por mim uma aversão natural, pois que me não amaste perdidamente.» (3) Revoltam-n'a a cada instante os prottestos de amizade do Conde; o conde não sabia que a insultava com a sua cortezia; por isso Marianna detestava aquella boa fé. Vendo a frivolidade das cartas que recebe em resposta ás que escrevia com éstos de vida, mais se desespera por saber que as suas tinham sido lidas. Lêl-as e não sentir doer-se o coração, quando todos tinham pena d'ella! Ha n'essas *Cartas*, cambiantes que a attenção mais concentrada de artista não descobrira.

A inspiração do genio e a verdade da alma encontram-se á mesma altura. Quem hade suppôr que uma obscura religiosa, de um convento de Beja, em 1664, soubesse traduzir o mesmo pensamento que Shakspeare pozera na bocca de Julieta com a mesma ingenuidade sublime! com egual profundidade de sentimento! Julieta assim que viu Romeo, o bello Montai-

(1) Let. II. p. 58.

(2) Pag. 56.

(3) Pag. 91.



gn, sentiu-se tomada de amor por elle ; confessar a sua paixão era fazer com que elle não pudesse vêr a graça e o pudor de um coração virgem. Mas a donzella conhece que entre os requebros esquivos e a fatalidade do destino não ha dilatação possível, declara-se francamente : « Bem sabes que o véo da noite occulta a minha face ; senão, tu a verias córar de um rubor virginal, por amor das palavras que esta noite me ouviste proferir. Eu quereria conter-me nos limites da reserva. Queria negar as palavras que já disse ; mas deixemos de subterfugios ! Amas ? Eu sei que me vás dizer : Sim ; e eu fio-me na tua palavra. Não me faças juramentos ; tu podias quebral-os um dia, e Jupiter, como se diz, ri dos perjurios dos amantes. Querido Roméo, se me amas dil-o lealmente ; ou, se pensas que me venceste muito depressa, eu arranjarei um semblante severo, eu me farei intratavel, heide dizer-te : Não ; mas unicamente para te provoear a me requerer de amor ; d'outro modo seria incapaz d'isso : bem conheço, bello Montaigu, eu amo muito, e o meu póрте deve parecer leveza ; mas fia-te em mim, cavalleiro, tu me hasde achar mais sineera do que aquellas que tem a habilidade de affectar esquivanças. Podia ter mais recato, confesso-o, se me não tivesses surprehendido o segredo da minha leal ternura ; perdoa-me, e não attribuas a minha pouca resistencia á leveza do meu amor, attribue-o á noite que traíu esse mysterio. » (1)

(1) Juliete and Romeo, Act. II, sc. II.



Mariauna Alcoforado, a victima abandonada pelo conde de Chamilly, queixa-se no sentido Julieta: «Se eu tivesse resistido com acinte ao vosso amor; se vos eu dêsse algum motivo de zello e de tristeza para vos incitar mais; se me tivesses notado algum ár artificioso no meu pórté; se, emfim, eu quizesse oppôr a minha rasão á inclinação natural que tenho por vós, a qual me deixastes logo perceber (ainda que os meus esforços fossem sem duvida inuteis) vós poderieis punir-me severamente, e servir-vos do vosso poder; mas parecestes-me amavel antes de me teres dito que me amavas. . . testemunhastes-me uma grande paixão; ella me desvairou e eu me entreguei a amar-vos loucamente.» (1)

A pobre religiosa era sincera, no impeto natural que a atirava para o primeiro que lhe falara na sua belleza, pensou dever-lhe tudo, e entregou-se a elle. Não sabia ser *coquette*, ou *loureira* como na linguagem do tempo diria D. Francisco Manoel de Mello.

Estas *Cartas*, além de serem uma sublime obra de arte, são a historia de um desastre; tem um tanto de narrativa confusa das antigas relações de naufragio. Ás vezes os mareantes ao confiarem-se aos mares presentem a futura catástrophc. O coração de Marianna agouravalle a dura fatalidade: «Lembra-me de vos ter dito em tempo que me tornarieis *desgraçada*. . .» (2)

(1) Lettre IV, p. 71, ed. de 1853.

(2) Pag. 57.



Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

Faint, illegible text, likely bleed-through from the reverse side of the page.

112
112



OS POETAS MENORES

§. I

POESIA COMICA NOS FINS DO SECULO XVI. — As *Poesias e Prosas* de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. — Tradições acadêmicas. — A lucta dos poetas da *escola velha* contra os metros italianos. — As idéas da Reforma em Portugal. — Costumes portuguezes encontrados nas obras de Soropita. — Os poetas do seculo xvi lisongeam quasi todos o dominio de Castella. — As satyras de Soropita. — Artificios provençalescos dos seus versos. — Valeria a pena salvá-los do esquecimento ?

Em frente da cathedral de Florença existe uma pedra a que o vulgo pôz o nome *il sasso di Dante*. A tradição reza, que ali vinha o poeta recitar á turba os versos da visão do inferno. Ainda hoje o povo quando passa afasta-se, para não calcar a pedra veneranda. Tal é o poder do genio; deixa um vestigio da sua immortalidade sobre as cousas que toca. Quem falaria hoje em Fernão Rodrigues Lobo Soropita, senão fosse o culto que elle sagrara a Camões, colligindo e commentando a primeira collecção que se fez das suas poesias lyricas? Desde a perda da nossa autonomia, os versos dos *Lusiadas* tornaram-se o palladio nacional; as innumeradas edições da epopêa eterna mostram que o povo ía fazendo do poema a arca santa das nossas tra-



dições. Levante a grandeza do epico o obscuro collector, que den agasalho aos versos perdidos.

Fernão Rodrigues Lobo Soropita, era filho do Licenciado Manoel Alves, natural de Lisboa, e o seu nome se acha inscripto no livro da matricula da Faculdade de Leis no anno lectivo de 1578 a 1579 e d'aí por diante de 1583 a 1584, como consta no Archivo da Universidade. Na matricula não tem o poeta o nome de Soropita, mas era este um apellido ou aleunha, como se depreheende do dialogo de Dom Francisco Manoel de Mello no *Hospital das Letras*: (1)

«AUCTOR: Fernão Rodrigues Lobo, *a quem chamam o Zarapita...*» Por tanto o assento da Universidade refere-se ao poeta editor da lyrica de Camões. Porém uma contradição parece levantar-se em quanto á sua naturalidade. Na *segunda carta*, que esereve a um amigo, quando saiu de Lisboa em 1589, fugindo do exereito inglez, diz que partiu de Thomar: «Ali fiquei o dia seguinte. Ao outro dia cheguei *a esta minha patria*, que, pela alegria com que a via, me pareceren que tambem me desejava. Ainda o estio não tinha murchado sua virtude; *mas já com contentamento meus naturaes e meus parentes com muito alvoroço me acolham.*» (2)

Soropita não nomeia a terra. Do assento da familia dos Rodrigues Lobos em Leiria, quer alguem inferir d'ali a sua naturalidade; mas escrevendo *a um*

(1) Pag. 376.

(2) *Poesias e Prosas*, pag. 28.



amigo de Lisboa, diz o poeta no final da carta, falando dos bens divinos que gosava: «mas em fim esses são para vossa merecê; e para mim este desterro.» O poeta estava acostumado á corte, e eustava-lhe a viver retirado em Leiria apezar da convivencia dos Duques de Caminha, que tambem disfruetára o poeta da *Primavera* e *Desenganado*. A phrase *esta minha patria*, pôde perfeitamente applicar-se a um sitio d'onde Soropita não fosse natural, mas onde tivesse passado os seus primeiros annos. Os parentes que o aeolheram não era sua mãe; pois a eneontrou em Palmella seguindo o roteiro da sua fuga: «*chegamos á villa já bem tarde onde achei a mãe que me pariu. . .*» (1)

Soropita não mereec que se lhe faça legenda das eidades que lhe deram o berço.

Em 1589 já Soropita estava fóra da Universidade; entre os companheiros de viagem que eneontrou em Santarem, viu «*um letrado de nuestra color; que não estava ainda intitulado pela universidade.*» Esta phrase *nuestra color* refere-se talvez á côr das insignias da mesma faculdade a que pertencia. Depois aecreseenta, «*e como o estudante me conhecia de muito tempo não me faltou credito com os companheiros.*» (2) Estes companheiros eram um poeta aneião, um frade franseicano e um eseudeiro de aldeia, a quem o estudante contaria a bella satyra de Soropita feita ao lente zarolho e ao lente judaisante.

(1) Id. pag. 18.

(2) Pag. 24.

Soropita fala do estudante com a superioridade de quem está independente dos bancos escolares.

Quando Soropita voltou a Lisboa, prompto da Universidade, havia já tres annos que Luiz de Camões morrera ignorado. A curiosidade do poeta, a tradição ainda recente do principe dos poetas da Peninsula, e a conversã com pessoas que o trataram, fizeram-lhe nascer o desejo de colligir as suas poesias lyricas publicadas quinze annos depois em 1595. Soropita, como a maior parte dos poetas do seu tempo entregou-se á jurisprudencia, exercendo a advocacia em Lisboa. Em 1597 deu publicidade á hoje rarissima *Informação de Direito offerecida par parte de Francisco Correia no feito que traz com D. Manoel de Athayde sobre a successão da Villa de Bellas e fructos do morgado de que a dita villa é cabeça.*

As obras de Soropita foram sempre pouco conhecidas. D'esta circumstancia nasceu grande parte da fama que ellas tinham. Faria e Sousa, Soares de Brito, Dom Francisco Manoel, Barbosa Machado, Innocencio Francisco da Silva, e Sismondí não conheceram os seus escriptos, e por isso os elegiaram na fé dos padrinhos. O unico que acertou no seu juizo foi Bou-
teerwek, o revelador das litteraturas da Peninsula, não excedido por Ticknor nem Amador de los Rios; elle faz consistir, com atilado senso, o merito de Soropita no genero satyrico: «A fóra as suas obras juridicas, foi tambem auctor de varias peças *humoristicas* em



verso.» (1) Os encomios de Cordeiro, no *Elogio de poetas Lusitanos* (2) nada significam; apenas mostra o desejo de imitar o *Laurel de Apollo* de Lope de Vega; mas o thuribulo laudatorio na sua mão é fumo sem aroma.

Faria e Sousa sopra-se de seiscentismo, com phrases banaes. Dom Francisco Manoel conheceu mais o caracter do escriptor, quando considerava os seus escriptos como *desvarios*.

Os poetas da Península seguiam aventuras de capa e espada na mocidade; por fim recolhiam o seu espirito e iam acabar no claustro ou junto do altar; em Hespanha Lope de Vega, Calderon, Tirso de Molina, Vicente Espinel, entre nós Frei Agostinho da Cruz, Antonio das Chagas, Simão Machado envolvem-se no burel do claustro. Fernão Rodrigues Lobo Soropita abandonou tambem o mundo pela vida solitaria, como se deduz da sua *Elegia da minha penitencia*. (3) São estes os dados biographicos tirados das suas proprias obras.

As ideas da *Reforma* não se vulgarisaram em Portugal; Gil Vicente foi o unico que se atreven a proclamal-as nos seus Autos. Antonio Pereira Marramaque, senhor de Basto e amigo de Sá Miranda, tambem soffreu por ellas. Os outros escriptores, eram na

(1) Tomo. 2, p. 225.

(2) Est. 48.

(3) Pag. 147.



maior parte catholicos e mediocres, não comprehendem a emancipação do seculo.

Fernão Rodrigues Lobo Soropita, no *Parráfo notavel sobre as barbas d'este mundo*, fala de uns que por seus peccados tem «barba de lutherana tinta de açafão falso» (1) e diz d'elles: «Não ha iguaria de que mais gostem que de vos atirarem aos focinhos com uma praga, posta d'aquella hora como ovo fresco, que elles amaçam debaixo de um remoque achado nas *barreduras dos Autos de Gil Vicente.*» (2) Estas *barreduras* não são sómente as obsceuidades, taes como as coplas a Affonso Lopes Sapaio, mas aquellas partes dos Autos venerandos amputadas pelo Santo Officio. O mesmo Soropita é cheio de *barreduras*; na *Segunda parte do descobrimento da Poesia*, falando de varios desastres de namorados, traz um que nunca succedeu a Ayres Rosado, o escudeiro de fraca moradia da Farça de *Quem tem Farellos*. Eil-o: «Falava á dama algumas vezes de noite; até que amarrado a esta anchora, uma noite de chuva, com duas pipas d'agua sobre si, vem ao posto costunado, e tanto que viu bolir a janella pareceu-lhe que era a seuhora; e, estando com o ponto no alvo, entornam de cima uma panella de. . . . seidiça, dando-lhe com ella nas trombas.» (3)

O estylo de Soropita é chulo; no meio da decadencia do caracter portuguez de que outra invenção

(1) Pag. 63.

(2) Pag. 64.

(3) Pag. 122.



mais digna podiam usar? O *estyllo picuresco* em Hespanha nasce no reinado do tenebroso Philippe II; tambem no tempo do devasso Luiz XV, Chordelos de Laelos escreve as *Liaisons Dangereuses*. A litteratura é o primeiro symptoma onde se revela a decadencia de um povo. Soropita tambem dá venia ao poeta Chiado, quando fala da multidão dos ridiculos que escapam á observação: «mas basta para elles o Chiado, que lhes soube assentar as costuras.» (1)

Entre os tercetos que Soropita escreve, traz um (2) que é visivel imitação de um pensamento de Bernardim Ribeiro, no livro da *Menina e Moça*:

.... consentiu que o tempo alevantasse
A tanta gloria meu contentamento,
Foi para que de mais alto o lançasse.

No monturo dos escriptos de Soropita, não abundam as perolas litterarias; com tudo é bem empregada a leitura pelas noticias disseminadas que se encontram nas suas prosas.

A festa dos reis em Lisboa, em que fez um prognostico do anno, imitado de Rabelais, (3) a citação do velho conto de fadas das *tres cidras do amor* (4), bem como o tremendo curativo da syphilis no seculo

(1) P. 103.

(2) P. 109.

(3) P. 31.

(4) P. 79.



xvi em Portugal (1) alem d'outras euriosidades, são interessantes para o philologo e antiquario. O prologo com que preeede as lyricas de Camões não eondiz com a admiração que lhe votava. É um estudo litterario no gosto de allegação juridiea, em que são authordade legal as eitações dos classieos gregos e romanos; de sorte que o admirador de Camões manifestava o seu amor forçando-o sobre o leito do Procusto da arte, — Quintiliano.

A primeira das *Prosas* de Fernão Lobo Soropita é o *Regimento escolastico para os estudantes*, uma sem-saboria sem estyllo, talvez das primeiras eousas que escreveu quando eursava a Universidade. Bem se vê que era jurista, nas graças com que se pavonêa: «fazei eonta que vos agasalhastes em *fateuzim*; porque amissades uma vez acceitadas, não se podem *encampar* por nenhuma *esterilidade*...» (2) O novato de 1578 ia proeurar na Ordenação a giria dos seus motejos. Na *Carta a um amigo em que lhe dá conta do que passou quando sahiu de Lisboa pela vinda dos inglezes em 1589*, fala da sua entrada em Setubal em termos juridieos: «Entreí por ella em um asno á brida, eom dois escudeiros ao lado, que eonforme a direito era *caso de injuria*.» (3) Falando dos homens de *barba lutherana*, diz: «E, tomando cada um pela frontaria, parecer-vos-ha lagarto em Badajoz que vae eom uma *appellação* dos

(1) Pag. 86.

(2) Pag. 3.

(3) Pag. 20.



rendimentos do verde aos *ouvidores da Rota* por *mandado* do Bispo de Placencia.» (1)

Soropita caracteriza os homens que usam barba mourisca, pelo *chapeo de uma forma quadrada do tempo do Duque de Coimbra*, e por trazerem uma espada loba na cinta do mesmo tempo, «de quatro dedos de largo, que fenderá um *tabellião das notas* até ás virillas.» (2)

A melhor obra de Soropita é a *Satyra* de quando foram nomeados lentes de direito um Figueiredo, que era torto, e um Correia tido por judaizante:

Andam jogando as pancadas
Um judeu eom leis sagradas,
Um torto eom o direito. (3)

Na terceira estrophe imita o *sicut et nos* da carta de Camões:

O judeu e o zarolho
Ambos se deram de pé;
Por que um manqueja na fé,
Outro manqueja de um olho.
Quem os pozera n'um inólho
Como o *boni Sylva* deseja,
Para que n'estes se veja
Cumprida a letra perfeita:
Tarde o torto se indireita;
Guardar do cão que manqueja. (4)

(1) Pag. 64.

(2) Pag. 65.

(3) Pag. 95.

(4) Pag. 96.



Nicolau Tolentino não se apropriara tão bem dos anexins populares, nem da authoridade praxística do *bom Sylva* reinícola.

Mas á medida que avança, a vertigem da maledicencia vae tornando a satyra mais acerada:

Certo é para sentir,
Meus senhores estudantes,
Ver lentes a dois bragantes
Que muito são para rir!
E vem n'esta occasião
Por alta ordenação
A ler nos nossos Geraes
Dois cerrados animaes,
Um por burro, outro por cão. (1)

Uma outra, a que elle proprio chama prophecia, (2) quasi que se não percebe; mas parece que allude ás allegações juridicas dos pertendentes á corôa de Portugal:

Chamae, chamae bachareis
Gente da *vossa facção*,
Que, c'os Bartholos na mão,
Vos defendam de infieis.

O povo já se não lembrava da sua soberania na elevação de Dom João I.

A maior parte dos poetas do tempo lisonjeavam com os seus versos o monarcha de Castella. Soropita

(1) Pag. 99.

(2) Pag. 145.



não se gafou com esta traição. Em 1589, quando os inglezes entraram em Lisboa a protegerem as pretenções de Dom Antonio Prior do Crato, Fernão Rodrigues Soropita fugiu de Lisboa, não porque fosse levado pela covardia da outra gente, mas para *obedecer aos sobresaltos de duas fêmeas que tinha a seu cargo.* (1) No dia de Corpo de Deos, seguindo uma memoria de um contemporaneo do successo, (2) o exercito inglez chegou á cidade, abarracando-se fóra das Portas de Santa Catharina, Boa Vista e S. Roque; só na sexta e sabbado é que os cavalleiros castelhanos fizeram uma sortida pela porta da Annunciada, retirando-se com mais de sessenta feridos. O panico era immenso; a gente de Lisboa estava moralmente morta, sem resistencia. Na noite de sabbado todos receiavam o assalto dos inglezes; a população abandonava a cidade aos invasores: «N'esta noite se evitou que acommettessem a cidade e entrassem, e sem duvida, se acommetteram, houveram de entrar sem resistencia alguma, *porque todos os principaes eram fugidos da cidade,* e os que ficaram todos tinham seus furadouros prestes com cavallos e barcos para se recolherem; mas quiz Deos que a não acommetteram, e antes, esta noite se retiraram para o baixo de Santa Catharina, e ali estiveram até segunda feira, 4 de junho, em que, ante manhã começaram a mar-

(1) Pag. 14.

(2) Publicada no «Jornal do Commercio», e extractada na nota 3 da edição que estudamos.



char muito á pressa para Cascaes. *Então houve muito maior medo em todos acabando-se de despejar a cidade, fugindo todos aquelles que d'antes não tiveram tempo.*» Em uma côrte corrompida não admira esta fraqueza, porque a energia da resistencia vem da força moral. Soropita tambem desamparou a capital, por causa do susto das duas senhoras que tiuha em sua companhia. Elle proprio se admira como os inglezes não tomaram tudo: «Já sabeis que os senhores inglezes, sexta feira, depois do dia de Corpus-Christi, vieram conversar tão estreitamente, que se não mettia entre nós e elles mais que a largura dos muros, e esses tão infermos e debilitados que a poder de apitos os tinham em pé.» Soropita fugiu em uma moleta ou barco de pesca, indo ao anoitecer aportar á Mouta; alguns sete ou oito fugitivos os esperavam n'aquelle sitio, para saberem *novas da cidade*. O que elle lhes disse tinha scus tres dedos de contra-ponto, porque talvez não estivesse a tempo de vêr enforcar o irmão do barão d'Alvito e outros partidarios do Prior, bem como queimar em estatua a mulher de Estevan Ferreira da Gama outro parcial de Dom Antonio.

No meio d'esta sua aventura, o poeta não se esqueceu de ir ao outro *dia ouvir missa a uma ermida do lugar*. Esta circumstancia fez lembrar o episodio da *Vida do Escudeiro Marcos de Obregon*, de Espinel, que em uma noite de lua saíu com um seu companheiro a tomar o fresco, cada qual com seu rosario de contas



na mão (1) Á porta da egreja, falaram de politica largamente, e o poeta quasi que se propunha contra a pertença dos Philippes: «e, antes que entrassemos ao officio, sentamo-nos á porta, os naturaes e forasteiros que ali estavamos, e, sem ser necessario tanger campana, entramos em cabido sobre a ordem e successo da guerra; e com fios secos dados em borda do alguidar vermelho, cortamos duas duzias de conselhos que os podera vestir o principe Dom Filippe. . . Em fórma que ali fizemos e desfizemos capitães, juntamos soldados, trouxemos socorro, e alinhavamos todo o processo do ccrco, em duas palavras finalmente, puzemos o remate á nossa guiza e prognosticamos para diante melhor que quantos astrologos de remonte ficaram aposentados em Arayolos.» (2)

Com um tanto de prudencia-jesuitica, Soropita «fa dizendo alguma cousa tambem, *por não parecer que me tirava fóra do jogo; todas as mais vezes ponha batoque, e ficava veno de palanque os votos dos outros.*» Esta reserva é que justifica todas as traições que se fizeram para auxiliar o governo dos Philippes.

Uma satyra de Soropita descreve o estado de Portugal, comparando-o com um *Asno*, já sob o dominio extranho :

(1) Descanso XII, p. 312, ed. de 1868.

(2) Pag. 17.



Zurra sobre mal tamanho
Asno ; pois quiz teu peccado,
Que para tão triste estado
Viesses a dono extranho. (1)

Em outra estrophe allude ao testamento do Cardeal,
tal como andava nas cantigas populares :

Deixou-te o cura da Igreja...
Grande trabalho te vejo!
Ao muleiro do Alcm-Tejo
Não quiz deixar-te de inveja.

Na seguinte quadra o poeta descobre algum tanto
da sua parcialidade pelo Prior do Crato, alludindo ás
traições de que elle foi victima :

Tambem levar-te queria
(E assaz te fôra melhor,)
O *nosso* honrado Prior...
Tudo foi velhacaria.

Estas quadras tem já um ressaibo de Bandarra ;
mas a allusão vem para encobrir a chufa, que é peri-
gosa no governo dos invasores. Soropita verbera o go-
verno do Demonio do Meio Dia, na seguinte estancia :

Fez barata a *compra* injusta,
Por isso te desestima ;
Porque tudo enfim se estima
Conforme o preço que custa. (2)

(1) Pag. 133.

(2) Pag. 135.



Pelo dono a que te deram
Verás tuas perdições,
Filho de quatro nações
Que nunea bem se avieram. (1)

Referindo-se a Aljubarrota :

Já com teu senhor passado
Sobre ti em pleito andou;
Agora que te comprou
Hasde passar o fiado.

Alludindo á decadencia moral:

Mudos de gritar então,
Desanimados espiritos,
De vêr que não valem gritos
Se os ouvidos surdos são. (2)

Fala dos jesuitas e padres nos versos :

«Por que cobras de capello
Bebem sangue de cordeiros.

Da traição com que os portuguezes se bandearam
a Castella, diz :

Já não derrubam trombetas
Os muros de Jericó...

(1) Pag. 136.

(2) Pag. 139.



Que o som do metal covarde
Abateu todos os mais. (1)

Soropita era do partido dos populares contra Castella; não quiz conspurcar-se com a vileza do poeta da *Primavera*, que tanto festejou Filippe III, em centenas de romances, quando Lisboa o recebeu em triumpho em 1623. Como popular, Soropita allude ás coplas de *Mingo Rivulgo* de Rodrigo Cota, em que satyrisa os vicios da corte de D. João II de Castella:

Brada-lhes Mingo. o do saio, (2)
Cisfranco, o do sacco, brada;
Não dão por seus brados nada,
Nem poupam pão para maio.

D'esta citação podemos concluir, do grande conhecimento que sempre tivemos da velha litteratura hespanhola; no *Catologo dos livros de uso* de Dom Duarte vem citadas as principaes obras dos escriptores castelhanos do seculo xv. Jorge Ferreira queixa-se do nosso povo cantar sómente coplas hespanholas; Gil Vicente fazia falar os seus typos grotescos sómente em castelhano. Bouteerweck louva Sá de Miranda sómente pela belleza das suas composições em lingua castelhana. Se tivessem os nossos escriptores imitado sómente a litte-

(1) Pag. 139.

(2) *Saio de blau*, ou azul, que trazia Mingo; este verso *La traydo al retortero* da copla VI, está imitado no verso *Ao retortero te trazem*, p. 136.



ratura visinha, teriamos uma litteratura mais original, porque emfim o genio dos dois povos é o mesmo. As imitações italianas introduzidas por Boscan e Garcilasso em Hespanha, e por Sá de Miranda e Ferreira em Portugal, deitaram-nos a perder. Lope de Vega reclamava, exaltava a excellencia do verso octosyllabico desprezado pelos novos adeptos do classicismo italiano; Gregorio Silvestre tambem entrou na cruzada. Na sua fuga de Lisboa, Soropita diz quaes as pessoas que encontrou na caravella de Santarem :

«Achei esta companhia, a saber: um letrado de *nuestra color* (canonista? jurisconsulto? letrado?) que não estava ainda intitulado pela universidade ; *um poeta ancião pela medida velha.*» (1) Por aqui se vê como estavam divididos os campos entre as duas escholas de poesia; em Sá de Miranda tambem ha signacs de lucta, que os criticos não tem notado. Nos *Commentarios saragoçanos*, Soropita ridicularisa um pouco a eschola italiana: «As horas que não gastava n'isto ficavam-lhe reservadas para a *poesia em que veiu a empolgar-se, de maneira que de conceitos de Petrarcha e de Garcilasso e de outros beberrões se lhe fez um charco á porta, aonde andavam mais rans que na ponto de Sore.*» (2) Os melhores versos, os que dão o fôro de poeta a Soropita, são as suas satyras, escriptas em octosyllabos; é onde elle é verdadeiramente nacional.

(1) Pag. 24.

(2) Pag. 38.



A sua prosa tem uma grande analogia com a de Vicente Espinel; o engraçado auctor da *Vida de Marcos de Obregon* d'onde Lessage, segundo a questão pendente, imitou o seu *Gil Braz de Santilhana*.

Nos outros versos Soropita é um imitador servil de Camões, *feliz imitador* lhe chama Sismondi; contrafez-lhe o sentimento e a dicção, a ponto de o sr. Visconde de Juromenha attribuir a Camões os versos do Licenciado seu editor. (1) A elegia vem inserida com a denominação de *Tercetagem no Descobrimento das Ilhas da Poesia*. (2) D'ella diz o auctor: «A dita tercetagem vae com o sangue na guelra. Fez-se a uma senhora de muitos merecimentos estando em Sacavem, em uma quinta sua, e o pobre servidor na praia do Tejo, carregado com muitas saudades.» (3)

Soropita n'esta especie de *post-scriptum* descobre o artificio da elegia, o qual passaria desapercebido para o descurado leitor: «Tem um artificio secreto, que vão revesados os tercetos; um que na derradeira regra tem a mesma palavra duas vezes, e o outro apoz elle, tem a derradeira palavra contraria tambem á da ultima regra.»

Vejamos o exemplo:

(1) Vid. Elegia XXVI dos ineditos de Camões, p. 249, vol. III de Juromenha.

(2) Pag. 110.

(3) Pag. 114.



1.º terceto { Que quanto *mais* a vê, *mais* se atormenta
verso 3.º

2.º terceto: { Que nada dá agora mor *tristeza*,
verso 2.º e 3.º { Que o que me dava mor *contentamento*.

E assim por diante vão os tercetos alternados n'este artificio provençal, de que tanto se lembra a escola italiana d'onde se deriva. Soropita também tira versos á maneira de *centão* de Petrarca, Garcilasso e outros; adoptou a escola italiana, ou por amor de Camões ou finalmente por falta de sentimento de nacionalidade e de consciencia litteraria; em um seculo de decadencia moral e politica, Soropita tergiversa entre a *escola velha* ou hespanhola, e os metros italianos, como os seus confrades entre a independencia nacional e a politica do Escorial.

Se as obras de Soropita ficassem no esquecimento nada se perdia; são productos de uma mediocridade, como quasi todas as de que se arreia a nossa litteratura, a qual propriamente consta de Gil Vicente, Camões e Sá de Miranda, que é o que podemos apresentar sem vergonha da critica no concurso das obras primas da Europa.



§ II

POETAS HEROI-COMICOS PORTUGUEZES. (1)—O *Hyssope* de Diuiz e o *Lutrin* de Boileau. — As controversias theologicas prestam-se ao jôeo-serio. — Os versos macarronicos. — A *Benteida* de Alexandre de Lima. — O *Reino da Estupidez*, seus auctores. — O poema inedito do *Foguetario*, contra o padre Bartholomeu de Gusmão. — Juizo sobre a *Santarenaida*. — Extinção do genero do gosto da idade media

O genio comico da idade media, o instincto da parodia que deu alma ás grandes creações seculares das litteraturas modernas, reaparece maliciosamente por entre as graves imitações da antiguidade grega e romana, que se impuzeram aos espiritos academicos entre o seculo xvii e xviii. Seria despertado talvez por esse modelo classico da *Batrachomyomachia*? O genio comico exacerba-se diante de toda a pressão moral, e com rasão se pode attribuir o renascimento dos poemas burlescos ás monarchias absolutas, que não souberam vêr que o accento jovial era o riso de ferocidade que annunciava a Revolução. Em Portugal, como em um microscopo, repetem-se reflexiva e fatalmente estas leis da historia.

(1) No *Instituto* de Coimbra, vol. x, n.º 12, publicamos este primeiro ensaio de critica; era uma tentativa infantil d'onde apenas aproveitamos algumas paginas.



A não ser a *Estante do Côro*, pelas suas satyras Boileau não se libertaria mais do esquecimento do que o nome de Chapclain, do Abbade Cotin, Perrin, e outros miseraveis poetastros a quem mortificava continuamente, associado com Molière e Ménage; tambem Diniz, a não ser o seu grande talento para cantar as Bagatellas, teria por epithaphio no pantheon da fama estes versos de Horacio:

« Pindarum, quisquis studet aemulari,
 « Jule, ceratis ope daedalea
 « Nititur pennis, vitreo daturus
 Nomina ponto. »

Muitas vezes os traductores do um livro, tecem-lhe exaggerados enconios, para tornarem mais apreciado o seu trabalho. Não sei se tal succedeu com Antonio José de Lima Leitão na sua versão do *Lutrin*; ao menos parecc-o, pelo que diz no prefacio: «julgo esta obra como o *non plus ultra* n'este genero joco-serio e que muito inferior lhe são..... e o *Hyssope*.» A *mesa censoria* nunca deu passaporte tão emphatico, com tamanho sangue frio. O *Lutrin* tem quadros que só o genio sarcastico prodigalisa a uma imaginação vehemente. No *Hyssope* não se apontam, basta abril-o em qualquer parte, todo elle é uma maravilha de gôsto e de invenção, um prodigio de talento. Aquella descripção do *Reino das Chimeras*, os tra-



mas da *Lisonja*, o *Deão* na eêrea dos Capuchos, o canto do *Vidigal*, o *Gallo-assado*, e o *Abracadabro*, aonde melhor?

Chamarão a Diniz imitador, pelo menos no episodio do Gonsalves, que vem no canto v, tido por uma variante do quadro do Cabelleireiro e da espôsa no canto I do *Lutrin*. E porque não são ambos parodia do episodio de Dido, em vez de ser o ultimo sómente, como quer Lima Leitão?

Admittir-se-ia que Diniz fôra imitador, se, devendo crear um novo enredo, se servisse d'esse já idealo. Mas vêmos por manuscriptos do tempo de Pom- bal, que o personagem do episodio, Bernardo Gonsalves, fôra Eserivão do judicial em Elvas, e que como rabula tomára parte n'esta pendencia.

Seria desprezar um bello quadro, atropellar a veracidade dos factos, se Diniz não eserevesse o episodio da *Appellação*, só por que Boileau tempo antes fizera recitar a um barbeiro umas tiradas de coragem, e ungira a sua esposa com um xarope de sentimentalismo.

Além d'isso, ninguem ignora este canon de todas as litteraturas -- que o bello é de todos os tempos, de todos os paizes. Concedendo já, que o episodio da *Appellação* fôsse imitado, é sempre superior ao de Boileau, por isso que o revestem mais peripecias, mais sustos, mais valor no:

«Escrivão atrevido e sem piedade,
«Que a si mesmo prendêra, se podêra.»



Dão-lhe a maior parte do merecimento as naturalissimas imagens que o revestem; não faltará algum erudito que avance tambem, que a imagem do rafeiro foi suscitada pelo final do verso 812 do cant. XI de Virgilio, *caudamque remulcens*.

As controversias theologicas, e as luctas sacerdotaes, são a fonte mais genuina d'estes poemas; mas para ter seu preço a jocosidade é necessario assental-a sobre uma verdade historica. Muitos são entre nós os poemas d'este genero, e quasi todos peccam pela linguagem baixa, e ás vezes obscena, caracterisada nos *Burros* de José Agostinho, ou nos sonetos em que o Lobo vasava a sua bilis.

E n'isto é que faziam consistir a *vis comica*. Ella é um dom jovial, uma segunda inspiração, um kaley-doscopo agradavel, que nos mostra acções vulgares e despidas de interesse, transformadas em feitos pedantescos que destampam cataractas de risos stridulos. A norina da *vis comica* encontra-se no chiste natural que ressalta da quintilha salgada de Tolentino, e em muitos dos nossos poemas macarronicos.

A seria lingua portugueza e a italiana são as unicas que pôdem ter poemas d'este gosto. A razão deu-a Camões n'aquelles conhecidos versos:

«..... a qual quando imagina»
« Com pouca corrupção crê que é a latina.»

E já que falámos da poesia *maccarronea*, mostre-



mos o seu parentesco com a burlesca. O nascimento da poesia maccarronea data do seculo XVI. Deu-lhe o nome o principal personagem que entra no *Carmen maccarroneum*, que era fabricante de macarrão em Padua :

« In maccarroneo princeps atque magister. »

Theophilo Folengo, beneditino, e auctor do *Merlin*, com os episodios d'uma vida de aventuras amorosas, fôra digno de ser cantado em egual estylo.

As *Epistolæ Obscurorum virorum* o *Anti-Chopinus*, o *Cantici di Fidenzio* são bellos specimens. O nosso *Palito metrico* em nada lhes é inferior; falta-lhe apenas a importancia salutar que exerceu na idade media a obra do cavalheiro de Hutten.

Os assumptos que Antonio Duarte Ferrão, ou depondo o pseudonymo, que o Padre João da Silva Rebello tracta na sua *Maccarronea* são eminentemente comicos. Os pocmetos *Calouriados*, *Bisnaga poetica*, *Sabonete Delphico*, prendem pela invenção; mas a *vis comica* que n'elles reflecte não é tão apreciada, como a correção grammatical, com que tanto se desvanecem os Schioppios, Despauterios e Perizonios modernos.

Filinto, que em algumas odes apresenta epigraphes tiradas da *Maccarronea*; n'uma d'ellas (pag. 100, tom. III) diz :



«..... folgo que commigo riam
 «Coino eu rio leitores, quando leio
 O meu *Ferrão* jocoso.»

O primeiro poema heroi-comico depois do *Hyssope*, é o *Reino da Estupidez*. Diz porém o snr. Rebello da Silva n'um estudo sobre Diniz: «A *Benteida* do Alexandre Antonio de Lima, publicada em 1758, seria «o segundo se a forma fosse mais castigada, e o estyllo «descesse menos.

«Alexandro de Lima tinha chiste e metrificava «com facilidade; mas a sua veia descae em chula mui- «to a niudo, e a mania dos equivocos e trocadilhos, «preponderante no gosto da epocha, mancha em loga- «res os trechos mais acabados.»

A *Benteida* de Andronio Meliant Laxaed (que é o anagramma do auctor) apesar dos defeitos reconhecidos, seria classificada em primeiro logar, se o *occulto* academico houvesse annotado as allegorias que tornam inintelligivel os tres cantos da sua *Nova metamorphose*. D'este poema diz Innocencio Francisco da Silva: «que é na realidade uma satyra pessoal a individuos e cousas d'aquelle tempo, mas que hoje se torna para nós pouco menos do que um enigma, por faltar a chave das allusões que encerra e a noticia dos personagens que o auctor introduziu na sua acção; recomenda-se todavia pelo seu estyllo chistoso e pelo sal satyrico que em todo elle transparece.»

No *Reino da Estupidez* ha quadros mais completos,



e da-lhe a primazia o conhecer-se ainda o fito que puzeram em mira os seus auctores. Uma cousa que faz lido este poemeto, é o conhecimento das perseguições que soffreram os poetas a quem foi attribuido. Até o circunspecto Ribeiro dos Santos não escapou ás suspeitas. Em 1785 empenhavam-se aquelles que tinham sido victimas da acrimonia da verrina, em achar em quem vingar o seu orgulho. Ricardo Raymundo Nogueira tambem era apontado. Foi então que saiu a lume o poemeto o *Zelo*, escripto pelo pseudonymo (?) Patricio Prudente Calado, contra José Bonifacio de Andrade, e Francisco de Mello Franco, verdadeiro auctor do *Reino da Estupidez*. É este o poema que mais se presta para um ensaio de critica.

O poema dos *Burros* é uma satyra virulenta, escripta por um homem a quem as chufas dos adverbios e a propria vaidade irritavam. Se vemos na antiguidade Licambo matar-se desesperado com o javabo de Archiloco, Elmiro Tagiden, ao contrario, tornava mais balofas as bochechas com as satyras que lhe arremavam: a *Agostinheida* de Pato Moniz exaltou-lhe mais o *genus irritabile* do seu ostro bilioso.

O poema do apologista de Camões pertence á mesma ordem em que está a *Dunciade* de Palissot, ainda que este ultimo é muito aério, vago, e quasi inintelligivel seria, se lhe não valessem os commentarios.

O poeta bordalengo Diogo Camacho, é altamente original no seu poema *Jornada ás côrtes do Parnasso*. O terceto é uma forma ingrata para a expressão es-



pontanea do pensamento, e ainda que o gibelino de Florença lhe achasse um certo timbre para as harmonias do *Inferno*, contudo Camacho soube dar-lhe o pico natural sobre que fundiu a sua hilaridade. Para que o leitor procure esta obra, escusa as recommendações de Costa e Silva dos *Ensaaios biographicos*, de João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal*, e do auctor dos *Apologos dialogaes*.

Sobre o poema inedito de Pedro de Azevedo Tojal, chamado o *Foguetario*, diz o auctor do Dicc. Bibliographico (tom. I, pag. 334), que fôra: « escripto no segundo « quartel do seculo passado, e ainda hoje inedito, mas « de que ha bastantes transumptos nas mãos dos curio- « sos ; cujo auctor usando largamente da liberdade pro- « pria d'um poeta satyrico, distribuiu ao padre Gusmão « uma das partes principaes, tractando-o por um modo « quo torna duvidoso qual o conceito que formava do « *Voador* e do seu invento. »

Todos conhecem o padre Bartholomeu, já pelo seu appellido acima referido, já pelas trovas chistosas do auctor do *Pinto renascido*. E como é mania de portu- guezes quererem arrogar a si a prioridade das gran- des descobertas, muito melhor devemos conhecer este pobre utopista, que deixa pouco firme a gloria dos Montgolfiers, segundo os que mais padecem do acha- que nacional.

O *Foguetario* é essa diatriba equivocada, um motejo ás navegações aéreas do mal apreciado padre.

O unico merecimento que torna este poema lido, é

*



o de andar ligado a um nome tão popular e querido, como o do padre Gusmão. O título nada diz do que é. São mil duzentos e sessenta versos distribuídos em oitavas de versificação não esmerada, e baixa linguagem, que formam o trabalho de Tojal, dedicado a Vulcano.

Fazendo-lhe justiça, esta incorrecção não é toda do poeta; pertence em grande parte aos copistas. O manuscrito existente na livraria da Universidade, (n.º 404) que pertencêra a um tal Antonio Hasse Bellem, além da orthographia extravagante, está escripto com letra de diverso punho.

O estylo é de ordinario froixo; talvez que para isso contribua a negligencia da rima. E como n'um campo safaro rebenta ás vezes uma papoula, tambem o reveste de longe em longe uma imagem soporifica; é uma das melhores, esta do canto II, estancia 23:

«Como o gato do gozo perseguido
 «Que alça o rabo, ergue o lombo, eriça o pello
 «Os dentes arreganha espavorido,
 «E finalmente envolto em um novello,
 «Ao latido do perro enearnizado
 «Se mostra mais medroso que assanhado.»

A pintura, e colorido d'esta imagem é menos natural do que o do gato que traz Fray Diego, no *Morciellago allevo*.

A *máquina* ou o maravilhoso do poema é tirado da mythologia, como a comprehendiam os nossos conceituosos academicos, e lá por fóra tambem Demoustier,



e os mais que faziam cartas ás bellas sôbre a mythologia.

O esbôço de Venus seria um trecho lyrico se Tojal o sustentasse; o congresso em que a deosa apparece está acanhadamente traçado. No fim do poema apresenta-se Morpheu; vem muito a tempo.

Ha no *Foquetario* allegorias que teriam mais pihheria se se conhecessem os alvos onde batiam; como a do Conego :

« . . . que até para matar-me o sentimento
«Em buxas converteu o Breviario.»

Mas diz Voltaire, falando do *Cavalleiro d'Hudibras*, que o poema de Samuel Buttler, que dos actos sanguentos da grande tragedia que então representava Cromwel tirára as scenas d'uma farça risivel, perde algum valor pela mesma falta de claridade; e que supprida ella, perde o seu valor, porque o commentario torna insipido o chiste. D'onde se tira o corollario, que o poema *d'Hudibras* só podia ser devidamente apreciado na epocha para que foi escripto.

O mesmo succede ao *Foquetario* exhumado dos armarios das bibliothecas, onde se acoutou por annos ao desprezo que o aguardava.

Entenderam nossos maiores que os dominios da poesia não tinham raias determinadas; e chegaram a confundil-a com a prosa, differencando-as entre si pelo tamanho das linhas. D'este modo achavam que tudo



era capaz de por-se em verso; esta verdade encontra-se provada nas conferencias da Academia dos *Obsequiosos do Logar de Sacavem*, e nos chorudos sonetos de algum desembargador. Viram que Catullo poetisára o *Pardalsinho* da Lesbia, que Marcial engrandecêra n'um dos seus melhores epigrammas, segundo o abbade Rollin, a *cadellinha* de Publio, e entenderam que mais elevado do que isto, para as dimensões de um poema, era a dita de um taverneiro que morre com uma apoplexia em Santo Antonio dos Olivaes.

Assim Francisco de Paula Figueiredo em longos soliloquios com a sua caturrenta musa celebra esta catastrophe, que é arrastada por oito cantos, em que seis são apenas a symphonia de abertura, ou para falar mais adequado aos tempos d'então, em que o terço é como o prologo d'essa Jornada.

Em uma cousa excede a *Santarenaida*, que o auctor publicou aos vinte e quatro annos, ao *Hyssope*, é no decoro. É esta talvez a pequena mácula do poema de Diniz, unica virtude no arrasoado de Figueiredo.

A versificação da *Santarenaida*, é correcta e monotonamente esmerada, á excepção d'aquelle doesto do aguadeiro de mal semeadas barbas, e de gambias escanchadas, cuja gaguez inexplicavel excede a pachorra do leitor amigo. Apesar de tudo, o academico Ferreira da Costa, não se descobre a razão, tinha-o em conta de *excellente*.

O assumpto tambem não se prestava para mais, e muito fez Paula Figueiredo, ou Palemo, se lhe quize-



rem chamar pelo seu nome arcadico, em estender até áquelle ponto uma concepção frivola. Ha tambem n'elle, certas allusões que necessitam de explicação. O poema heroi-comico é uma satyra, menos aspera, comtudo mais extensa; não fulmina como o jambo do poeta de Paros, ou como um soneto do Diogenes da Madragoa, mas irrita, e cura o ridiculo com o ridiculo.

Falando de Diniz, traz Rebello da Silva a pêlo a *Santarenaida*, e embora se abstenha de jugal-a na fórmula, comtudo faz-lhe justiça separando-a d'essa alluvião de escriptores que desde o reinado de D. João v trazem abarrotados os armarios das livrarias.

Ignora-se se João Jorge de Carvalho, ou alguem por este nome, tinha conhecimento da *Gatomachia* de Lope de Vega, que nada mais é do que uma amostra da fecundidade do auctor de mil e quinhentas comedias. Timoni e Lafond não fazem um juizo decisivo sôbre esta peça ou poema burlesco que appareceu com o nome do licenciado Thomé de Burgillos, que era a mascara de Carpio. Nós temos a *Gaticanea*, que é um arremedo, uma salgalhada de cães e gatos que dão uma sanguinolenta batalha na grande praça de Villa Real de Mafra, impresso em 1828. Da pessoa do seu auctor João Jorge de Carvalho nada se sabe; é o que era carta de 8 de setembro de 1861 diz o incansavel bibliographo Innocencio. Só o amor pelo genero heroi-comico faria lêr aquelle apontado de vulgaridades com pretenções a *Batrachomyomachia*, escripto n'um accesso de furia do estro.... «que qual bravo touro



«espicaçado de mosquitos, que saltando vallados corre «desesperadamente a uma e outra parte, assim (foi seu «auctor) correndo sem saber por onde ou por que maneira...» etc. É esta a confissão do poeta. A dicção é castigada, a versificação também correcta. Mas que? O assumpto é bello, porque segundo Boileau, não ha monstro, ainda o mais feio, que a arte não enfeite. O auctor não soube tirar partido d'elle; nos primeiros dois cantos serve-se unicamente do logar commum de todos os poemas — o congresso — e isto sem interesse. O canto tereeiro é o melhor, ainda que pouco desenvolvido no episodio de Folinga; no quarto são os horrores da morte de milhares de gatos. *Sic itur ad astra*. Contudo se o poema fosse escripto em lingua estrangeira seria mais lido e melhor apreciado.

Enchâmos algumas linhas a falar dos pifios poemas de João Xavier do Monte; conhecem o *Chumacinho roubado*, em quatro cantos, e em oitava rima? É uma imitação do *Rap of the Lock* de Pope. O poemeto inglez caracteriza o motejo, o *humour*, que mais commove ao pranto, do que incita o riso. Consta de algumas centenas de versos, sem invenção, nem sabor, nem vida, capaz de adormeer um sceptico palpitante. O auctor do *Diccionario Bibliographico*, em earta de 8 de Setembro de 61, diz a proposito do *Rap of the Lock*: «Coneordo perfeitamente com a sua opinião. Eu «não sei inglez, porém li-o em duas traducções que «d'elle temos em portuguez, e confesso sinceramente,



«que não sei por onde lhe pegam os seus admiradores,
«se é que os tem.»

Nihil sub sole novum. Se Xavier do Monte moldou o seu *Chumacinho* pelo *Rapto da madeixa*, também Pope tirou o pensamento da sua composição, d'aquelle trecho lyrico de Callimaeo, em que maravilhosamente divinisa o desaparecimento da *coma de Berenice*. João Pedro Xavier do Monte escreveu também os *Sapatos de setim azul ferrete*, e a epopeia faceta da *Logração de prelazia regular de Santarem*, ambos em seis cantos, ambos em oitava rima. Estes poemas convencem de que o seu auctor tem mais em vista a quantidade do que a qualidade. A fórma em que estão escriptos levar-nos-ia a algumas considerações sobre a arte, mas diremos aqui de passagem, que sendo a oitava a fórma mais opulenta e energica da poesia, a strophe privativa da epopea, depois do verso livre nas linguas vivas que possuem o *ore rotundo*, é improprio e até desvantajoso empregal-a em assumptos ridiculos.

O melhor modelo conhecido para os poemas do genero heroi-comico é o *Vert-Vert* de Gresset. Ha muita delicadeza e gôsto no retrato do dengue papagaio das dulcificadas Visitandinas de Nervers. O jesuita era iniciado nos mysterios d'aquelle ocio beatifico da clausura, por isso o desenha com tão finas côres; e fel-o de tal modo, que a apparição do poemeto em 1734, motivou o seu exilio em Flecha.

Filinto verteu este jôco poetico. A traducção é fidelissima, mas aquella linguagem taeiturna, som-



bria e de sobejo arredondada não condiz com a volutuosidade do assumpto. Filinto Elysio foi o homem que no seu tempo melhor comprehendeu Horacio. A sua corôa de traductor é muito marcessivel. Tambem poz em vulgar a *Quaresma engorlada* do mesmo Gresset, não sendo mais feliz n'esta traducção, do que na anteedente.

O *Vert-Vert* é mais uma narrativa do que um poema de acção. Seria isto um defeito se o não salvasse a brovidade, porque

« . . . trop de vers'entraîne trop d'ennui. »

Um excellent *grotesco* escreveria Gauthier se conhecesse José Ferrari e o seu nareotico poema didatico-heroi-comico em doze cantos a *Engenheida*.

Quem poderá classificar a *Mondegueida* de Antonio Castanha Neto Rna, escripta em quintilhas, poema strambotico em quatro cantos, cujo auctor é o Malhão? Infintos são os poemas publicados e poucos os escolhidos.

Como se explicará o appareimento de uma tal quantidade de poemas comicos em um povo entristecido pelo absolutismo e pelo catholicismo? Pela falta de liberdade e invenção, e pelo permanente dominio da imitação e da orthodoxia academiea, que extinguiram entre nós a espontaneidade da arte. Hereulano teria rasão se dissesse, que não tivemos idade media em litteratura.



ROMANTISMO EM PORTUGAL

O ROMANTISMO É A REHABILITAÇÃO DA EDADE MEDIA PELA LITTERATURA MODERNA. — Pressagios sobre a decadencia do character portuguez. — Confirmação deduzida da litteratura. — Importancia philosophica da litteratura. — A arte e o jesuitismo. — Relação da pintura com a litteratura. — O pintor Lebrun e Castilho. — Analogias das duas epochas.

O *Romantismo*, ou a revolução moral e sentimental que se deu nas litteraturas modernas da Europa, no principio d'este seculo, foi como um renascimento do espirito livre, espontaneo e creador da idade media. O genio da revolta, que inspirava os *fabliaux* e as grandes legendas seculares, reapareceu na forma de um exagerado *subjectivismo*. Os escriptores servís, afferrados ás praxes academicas, limitados á imitação do classico, opposeram-se com todas as forças á nova manifestação do sentimento. «A característica da idade media em litteratura, segundo Frederico Schlegell, é a lucta entre o espirito antigo, refugiado na lingua latina, e o espirito novo, que transparece nas linguas nacionaes.» No *Romantismo* dá-se a mesma lucta; mas em vez de ser a emancipação das linguas vulgares, é a liberdade do sentimento, que procura manifestar-se sem convenção.

Travou-se a lucta na Allemanha nos fins do seculo XVIII, communicou-se á Inglaterra e á França, e só chegou a Portugal o ecco do que ía lá fóra muito depois



da emigração. Os embaraços para a introdução do *Romantismo* em Portugal acham-se resumidos em Castilho, a rhetorica velha e cansada condemnando o ideal da arte determinado pela philosophia.

É por isso que lhe cabem algumas paginas n'este livro, como ao que mais contribuiu para a decadencia e esterilidade da litteratnra portugueza, não só pelos seus constantes protestos academicos, como por ter apadrinhado uma geração de mediocres que tanto custa a extinguir.

No meio das vozes ominosas que se levantam, como o grito de arranco no agonisar de um povo, não vale deixarmo-nos gelar pelo terror repentino; antes, paremos para vêr até que ponto o panico tem fundamento. Alexandre Herculano encetou assim a polemica sobre o *Casamento Civil*:

«Ha dois ou tres dias, voltando do campo, e de campo assás remoto e solitario para não chegar até lá o ruido dos negocios do estado, vim encontrar a opinião publica da capital singularmente agitada. Falava-se por toda a parte na legislação relativa ao casamento contida no projecto de *Codigo Civil*, apresentado pelo governo ao parlamento: diseutia-se a sua orthodoxia: censurava-se: applaudia-se. A theologia encostava-se ás hobreiras dos quarteis, das fabricas, das officinas, das vendas e dissertava: os canones apinhavam-se em grupos pelas praças e ruas e debatiam. Lisboa parecia Nieêa. Era Constantinopola, disputando colerica pelas ruas e pelas praças sobre a



materia do sacramento da Eucharistia no anno que precedia aquelle em que Mahomet II havia de lhe bater ás portas para lhe dizer *acabou o imperio de Constantino*. As longas agonias das nações parecem-se, como o rapido agonisar de um homem se parece com o de outro homem.» (1) Em tudo aquella alma enérgica de godó, animada com a melancholia prophetica e terrivel, como se falasse das paginas da historia, descobre symptomas da degradação moral que mina a sociedade portugueza. Deixar aos politicos e economistas que verifiquem o pressentimento, examinando os elementos do progresso e da riqueza publica; nós, seguindo o desenvolvimento da litteratura, vendo n'ella realisado o character nacional, o espirito portuguez nas suas tendencias, os sentimentos da epoca, procuraremos de todos estes principios deduzir até que ponto ha verdade nos pressagios funebres que alcançam a vista do profundo historiador. Hoje a litteratura não é sómente uma nobre ociosidade, de apparatus brilhante, com que se entretém a pompa das academias, e se engrandece o luxo das côrtes dos monarchas magnanimos: não é tambem só aquillo que Cicero julgava quando a definia como uma distracção liberal, um consolo intimo, domestico. Em quanto se pensou assim, não se passava das fórmulas pautadas, dos panegyricos, das dissertações futeis, de archeologia de curiosidade, de sentimentos convenientes, de tragedias re-

(1) Carta ao «Jornal do Commercio,» 1865, n.º 3639.



gulares não ultrapassando as tres unidades : discutia-se o merito comparativo dos antigos e modernos, serviam-se da erudição homérica para demonstrar que Mentor já invocava com saudade os tempos antigos ; havia um certo numero de metaphoras conveniçoes, um *Deus ex machina* para os poemas ; via-se apenas as formas externas, os processos mecha-nicos com que os melhores escriptores, mais classicos por assim dizer, tinham o segredo de mover, de deleitar, de arrebatrar, como quem tem os fios com que se fazem saltar os bonifrates. Quem via a litteratura d'este modo fazia uma ideia falsa, e por isso todas as suas creações eram falsas na origem. Hoje viu-se que a litteratura era mais do que isto, era uma creação humana, e com tal revelava o caracter do povo que a tinha sentido. Esta comprehensão nota-se na tendencia geral de todos os espiritos em voltarem-se ao estudo de todos os livros em que o genio do homem apparece mais independente das regras artificiaes, os poemas seculares, anonymos, as formações das legendas, o estudo dos mythos.

Sob este ponto de vista, a litteratura estuda-se para satisfazer a necessidade do espirito, que procura constantemente descobrir a sciencia do homem, a antropologia. Taine, na *Historia da Litteratura ingleza*, abriu este plano, fazendo as applicações das descobertas recentes ; determina as duas raças, saxonia e normanda, uma terrivel, violenta, batalhadora, a outra branda, susceptivel de todas as modificações ; o caracter impe-



tuoso do norte acha-o representado em Shakespeare, Marlow, Ben Johnson, Milton e Byron, o caracter nor-mando, imitador, com tendencias classicas, reflecte-se em Pope, Addison, Dryden. A litteratura tem hoje esta importancia; a philosophia da arte, a Esthetica veiu dar-lhe altura e consciencia. Pela litteratura chega a definir-se o caracter historico de uma epoca, muitas vezes melhor do que pelas chronicas officiaes que men-tiam á verdade para não divulgarem as intrigas que formavam as ephemerides da côrte.

As obras d'arte tem o poder maravilhoso de não poderem ser falsificadas; falam mais alto do que todas as oppressões, delatam os crimes mais escondidos á pos-teridade pela influencia que sentem.

Os jesuitas, que inventaram uma theologia no seculo XVI, e uma moral no seculo XVII, como diz Michelet, não produziram apesar dos maiores esforços uma obra d'arte: «O bello é a face de Deos.» O despotismo de Carlos V e de Philippe II, infunde um abaixamento da dignidade, acanha o vôo espontaneo da inspira-ção, e a litteratura do seu tempo é como um aleijão de um homem que saca da polé e se ri para desarmar os seus algozes; a litteratura *picaresca* não é mais do que isto, é uma delatção da atrocidade politica contra o desenvolvimento social. Assim a litteratura é como o templo onde ficam impressas as pegadas dos falsos sa-cerdotes que entram de noite e ás escondidas para co-merem as viandas postas diante dos idolos de barro. É pela litteratura que procuraremos a decadencia sue-



cessiva do caracter portuguez, como uma manifestação local de um grande mal organico. Para este fim basta-nos tomar como typo o poeta e prosador Castilho; todos os defeitos dos ultimos escriptores acham-se n'elle em germen.

As formas particulares da arte tem uma analogia intima entre si; na architectura, esculptura, pintura, musica e poesia, a lei das transformações de uma explicam a transformação de todas as outras; em Miguel Angelo se encontra a successão natural e logica na marcha ascendente da sua inspiração; depois de esculptor descobre a pintura, espiritualisa as aspirações vagas na poesia, e é por fim architecto. É por isso que nos serviremos do um exemplo da pintura, para fazer comprehender qual é a posição de Castilho n'este ultimo periodo da litteratura portugueza.

Elle apparece-nos com Lebrun na côrte de Luiz XIV. Lebrun tem a inspiração do seculo do monarcha que se dava o sol por symbolo; no meio de uma pompa ficticia as suas creações são tambem falsas: o colorido é como o dos cosmeticos que purpureavam a face das velhas duquezas que provocavam acintosamente a sensualidade do monarcha; as composições tem o arranjo de nma pequena intriga de amores de alcova; elle borda e entretece com as flores fingidas da sua palheta esta festa lugubre e forçada do despotismo devasso. A côrte admirava-o, a Academia respeitava-o, as tapeçarias pediam-lhe rascunhos, os estofos, os mo-



numentos eram segundo o seu alvitre, era elle que corrigia os planos.

A epoca não via no artista uma unica reprehensão, não a despertava da lethargia moral em que caíra, não a encomodava-a, antes a lisonjeava, o lhe acerava os desejos. Em paga d'esta transigencia, dava-lhe a gloria e rendimentos pingues, e o despotismo sobre os outros artistas que queriam competir com elle. Todos estes caracteres se encontram reproduzidos em Castilho como poeta e prosador. Tanto a Lebrun como pintor, e a Castilho como litterato, o que faz illudir algum tanto com uma grandeza ou superioridade apparente, é a pequenez e vulgaridade d'aquelles que se deixaram influenciar, e não tiveram ao menos a força para renegarem os mestres, e abjurarem da auctoridade. Mas sobem de ponto cada vez mais as analogias da comparação.

Aquelle genio terrivel, de ereação profunda, alma de Miguel Angelo baldeada na côrte de Luiz XIV, Puget, foi perseguido porque as suas composições tinham um quê de forte e energico no meio da mollicia que o despotismo do monarcha gerára; Luiz XIV chamava-lhe um *obreiro muito caro*; Lebrun ao menos sabia condescender com as villanias, era por isso o inimigo nato de Puget.

Uma sociedade decadente não póde comprehender a alta inspiração de um verdadeiro artista. O *Milão de Crotona* só foi apreciado por uma mulher, que ao vê-lo disse sómente — coitado! O grupo de *Andromeda*



libertada por Perseu, cuja belleza consiste nas formas delicadas, pequeninas da mulher, foi desdenhado justamente no que elle tinha de mais bello e de verdade. Não era para aquelles olhos costumadas ás trevas das pequenas intrigas o verem «o marmore de uma alvura de neve.»

Assim a arte convencional de Lebrun, de etiqueta, respeitadora dos usos constituidos, conservadora da rotina, immobilisadora de todas as tendencias, era uma maldicção continua a toda a innovação, a todo o espirito independente. Ella lucta para apoucar os genios firmes de Le Sueur, Claude Lorrain e Poussin, o que a arte franceza tem de mais bello.

As transformações artisticas levam aos mesmos resultados ; depois de todos os esforços para a formação de uma litteratura no scio de um povo que aspirava, ao cabo da lucta, a liberdade da moderna Europa, Castilho, como estes espiritos inertes e sem coragem que desanimam os outros, resume em si todos os caracteres de Lebrun, proclama-se o pontifice da immobilidade e da rotina. Iremos procurando a formação do seu talento litterario, como e em que tempo appareceu nas letras, qual a sua primeira inspiração, qual o seu ideal da poesia, as qualidades que o fazem estyllista, como o estyllo é o mais alto grau a que o eleva o esforço, como comprehende a antiguidade que adopta, renegando as ideias de seu tempo ; determinaremos a influencia que exerceu na litteratura, e pela mediocri-



dade dos discipulos, apresentaremos os symptomas de uma degeneração lenta que se opera de dia para dia em Portugal.

Assim cabe-lhe perfeitamente a parte que tomou na litteratura moderna, ser o ultimo e mais declarado inimigo da revolução moral chamada *Romantismo*.



§. I

PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO DO TALENTO DE CASTILHO. — Legendas da infancia. — Influencia de um desastre sobre o seu character. — Desenvolvimento da imaginação. — O seu ideal da natureza. — A poesia abafada pela Rhetorica. — Retrato da epoca arcadica nos seus ensaios.

Quasi todos os agiographos encetavam a vida dos santos, dando-lhes sempre paes honrados, em quem a propensão da virtude se ía sublimando até á santidade dos filhos. O mêmso se deu com Antonio Feliciano de Castilho; veio á luz com o abrir do novo seculo, e em vez de acompanhal-o em todas as suas fluctuações de principios e de crenças, amedrontado pelos eccos das luctas, retirou-se de corpo e alma para a admiração dos exemplares antigos, cuja predilecção adquirira nos seus primeiros estudos. A sua infancia está ornada com as doces legendas domesticas; ora se conta a sua fraqueza valetudinaria, já a precocidade da sua retentiva, tradições felizes ou infelizes mas sempre coloridas e animadas pelo suavissimo espirito da familia.

Fiquem essas detalhadas ancdoctas para os que, acostumados á pressão da auctoridade, não se atrevem a erguer olhos de critico para este palladio litterario.

Os primeiros annos correram-lhe esquecidos na amenidade campestre, distraído á sombra das arvores de uma quinta dos arrabaldes de Lisboa; ali disfructou a saudavel liberdade e soltura da meninice, esquecido



em folgedos innocentes ; mas é certo que os buxos recortados, as moitas artificiosas do alcerim, as latadas entrançadas, os tanques de forma geometrica, todo este alinhamento de um jardim da capital, regular e symetrico, contribuiu para lhe dar uma ideia mesquinha da natureza energica e viva e espontanea quando mãos de homens não a arrancam da sua eterna infancia. Os cuidados assiduos da doença, a uniformidade dos habitos de uma velha familia portugueza e austera, não concorreram meuos tambem para o fazerem dependente das commodidades e tornarem-no burquez na accepção nova da palavra.

Esta mesma crise perigosa que atravessou, os carinhos e condescendencias para com uma criancinha doente, as vontades advinhadas, os caprichos satisfeitos, as travessuras desculpadas sempre, fizeram-n'ò impertinente, acintoso ; qualidades que mais tarde se desenvolveram a ponto de o acharmos homem feito e sarcastico, malicioso, intractavel pela vaidade.

É facil tirar este horoscopo quando o tempo nos antecipou a verdade.

A familia de Castilho era formada por seu pac, medico e lente de prima da faculdade de medicina, e uma honesta e respeitavel matrona, para quem o unico mundo era o lar domestico, e o unico desejo a educação de seus filhos.

Antonio Feliciano de Castilho ouvia todos os dias as tradições que andavam ligadas a este nome, já de poetas e eruditos, homens de còrte, illustrados por



armas, por letras, por serviços á patria. (1) Começou a formar um ideal de si: As visitas que frequentavam a familia, gosavam o seu leviano disreterear, delicioso, mesmo ainda que as crianças pequem por vaidosas.

Entre as lendas da familia conta-se que fizera aos sete annos um poemasiinho das *Flores*; que tivera uma educação femina com uma dona Escholastica, que algum erudito poderá tomar por um symbolo, como a dona Philosophia da *Vita Nuova* de Daute; consta mais que brincara muito com uma primita, e assim passara os annos até que lhe sobreveiu uma enfermidade, que refluio sobre os olhos, e em seguida o desastre d'onde lhe veiu a celebridade.

Castilho achou-se no alvor da infancia, privado da luz, inteiramente cego. Estava então n'uma idade que nem elle mesmo sabia o que perdia.

É este o momento mais poetico da sua vida! Quem não hade protegel-o, amparal-o, estender-lhe a mão, dar-lhe as suas falas mais doces, abrir-lhe o seio, a alma, quando a natureza lhe cerrou as portas para todas as alegrias. Criança e cego! Faz lembrar aquella dolorida e sentidissima lenda allemã de uma filha de um rei, que de nascença, não sabia que estava cega; todos lhe occultavam esta infelicidade.

Um dia foi o seu noivo que lhe descobriu o segredo, e a infeliz princeza morreu de melancholia. Assim estava aquella pobre alma no meio de tantas carieias

(1) Vid. a sua traducção do drama *Camões*, not. *Castilho*.



e meiguices da familia, e assim viveu não conhecendo a profundidade da catastrophe, até que distrações mais intensas, paixões e pertenções de si vãs, o absorveram completamente e lhe povoaram a obscuridade. Tinha necessidade de fazer versos, de empregar a memoria que estava fresca para todos os conhecimentos. Aqui temos o primeiro germen do litterato. Insistimos sobre todas as particularidades de sua infancia, porque foi este o character que lhe ficou sempre, mesmo nas cousas mais sérias da vida. A graça nativa, a frescura, a promptidão, uma brandura que parece ingenuidade, mesmo os impetos indomaveis da indignação, o animo reservado e rancoroso, não são mais do que as qualidades reproduzidas dos tempos infantís em uma criança homem.

Castilho cegou no momento em que o mundo se deixara vêr festivo, risonho através do prisma dos oito annos, quando tudo nos fala e confidencia connosco, quando a natureza é nossa irmã, como o sentia a Sacuntala da India quando pedia ao pae que a deixasse mais uma vez abraçar a flôr de madhavi. D'este modo *ficou sempre criança*, e é este o característico que nos leva a determinar a origem de todas as suas bellezas, e de todos os seus defeitos.

Começou por comprehender a litteratura como uma nobre ociosidade, que dava communhão e convivencia com os espiritos elevados; bastava-lhe constancia e pachorra, para fazer o mesmo que todos os que tinham poetado. Só um grande habito ou uma espontanei-



dade fervente pode emancipar a imaginação da me-
chanica aborrecivel da metrificação. Castilho começou
por fazer versos muito harmoniosos; continuavam a
toada bocagiaua, e o que estes tinham de fluencia os
outros disputaram em esmero de correção; os adjec-
tivos serviam para colorir e fechar o endecasyllabo, e
tapar os vãos deixados pela deficiencia do pensamen-
to. Conversava-se sobre a habilidade da criança *ad*
sodales, louvava-se, aplaudia-se; os eucomios foram-no
soprando em ambições. Muitas vezes as desgraças que
assignalam os genios, deslumbram a imaginação dos
que se acham feridos pela sorte, e consolam-os assim
persuadindo-os que são tambem eleitos de Deos, e
columnas de fogo no deserto da vida. O genio é a fal-
ta de consciencia das forças que se agitam dentro do
individuo, e ao mesmo tempo a afflicção d'essa lucta,
que a humanidade admira em creações eternas que
disputam quasi a belleza das feitura de Deos. O ge-
nio é um aleijão que oprime o que o traz, e a que nós
fazemos a apotheose, que invejamos sem saber que fogo
lento gera essa febre de inspiração, essa hallucinação
de luz que o faz vêr em todos os tempos, em todos os
logares, com uma intuição prophetica, que assombra;
o genio é como uma harpa eólia, através da qual per-
passam as oudas sonoras das gerações, que a vão ferin-
do e desferiudo para ouvirem o canto das suas triste-
zas, dos seus desejos, dos seus sentimentos.

Estes são almas de excepção e não nascem em
qualquer presepe, nem vem ao mundo pelo aeaso de



uma noite lubrica; apparecem quando as circumstan-
cias os evocam, para virem dar forma e impulso ao
tempo que precisa renovar-se. Castilho não teve o ho-
roscopo do genio, nem o decurso da sua vida lhe deu
essa transfiguração sublime. Por si, elle nunca se es-
queceu de se fazer passar por isso, provocando os seus
amigos para que o proclamassem principe dos poetas
contemporaneos.

O talento é o poder realisador, a consciencia das
formas; qualquer, pelo habito machinal póde chegar a
dominal-as, tornar-se independente d'essa attenção
que attenua as faculdades inventivas. Aqui a habili-
dade chega a fazer-se admirar. E' sobre estes dados
psychologicos que se foi formando o talento de Castilho.

Eil-o nos estudos da boa latinidade, recebendo o
pó sacudido da cabelleira do supersticioso cultor que
se extasia ante as bellezas dos exemplares que vae des-
cobrindo ás noveis intelligencias.

A continuidade de repetir os mesmos trechos, a
certas horas do dia, com minucias de etymologista,
tornam a admiração habitual, sem carecer de funda-
mento, dão-lhe uma intolerancia fanatica, que distin-
gue todos os mestres de latim. O seu mestre José Pei-
xoto ensinava e brandia a férula nos Geraes, especie
de Lyceu que havia ao Cunchal das Bollas, na rua da
Rosa.

Latino Coelho no seu panegyrico de Castilho re-
trata este importante personagem, que tanta influencia
teve sobre o talento do traductor de Ovidio. A uni-



ca apreciação consistia em desentranhar das palavras sentidos que o auctor nunca tivera; era uma cazuística da arte, em que se gastava muito engenho, e mais nada. Isto se chamava a educação classica; entendia-se que o privilegio do latim dava direito a ignorar tudo o mais; era esse que fornecia todo o apparatus de citações, e que fazia retunbar as salas das academias. Esta era a sciencia que não comprommetia, que não precisava de *censura* . A corrente das idéas que abrihantam o seculo XVIII acha-se anathematisada entre nós em todos os escriptores eontemporaneos d'ellas. Para comprehendel-as, era indispensavel pensar, e as intelligencias do Meio Dia, principalmente na península, são morosas, e conservam a tradição do *quietismo* religioso. Da leitura dos escriptores da pura antiguidade, formaram-se os gordos commentarios que abafavam os textos, os scholios, as controversias, as notas, os argumentos, e de tudo isto sain uma sciencia formal chamada *Rhetorica* .

Sciencia dos Quintilianos declamadores, firmava-se em bases convencionaes, com as quaes se graduava a intensidade das emoções, dos transportes, como quem dá a um registo, ou possui uma valvula de segurança! Era esta uma parte da educação liberal, trazida do *quadrivium* da edade media para as academias do seculo XVIII.

O espirito classico, que impoz na lucta da edade media o latim ao uso das linguas nacionaes, triumphou em Portugal.



Castilho foi frequentar, como diz o seu panegyrista: «Nos geraes do Bairro Alto a *Rhetorica* com Maximiano Pedro de Araujo Ribeiro, que ali a professava, com tanto esplendor e eloquencia, quanta é possível em mestres de oratoria, quasi sempre opulentos de exemplares, pobrissimos de engenho e invenção. Era Maximiano um eultor apaixonado do velho Quintiliano, bom humanista, e achaeado da enfermidade de fazer versos, ora originaes, ora versões de escriptores da antiguidade. Traduziu Persio e Juvenal. Caleulava rhetorieamente os seus enthusiasmos em odes pindaricas, de que fieou pouea memoria. Escrevia comedias de propria lavra, de que não resta hoje reordação no theatro nacional. Era Castilho o seu discipulo amado, como aquelle em quem roluziam visiveis mais lumes de poesia. A Castilho tomava por confidente dos seus desafogos metricos, e a elle elegia por auditorio o Pindaro ephemero do Cunhal das Bollas. Tinha por Cicero um amor que raiava em adoração. Ás bellezas nativas, que um simples mortal hade aelhar desprevenido nos discursos do celeberrimo orador, junetava Maximiano perfeições, que elle proprio esquadrinhava, ealumniando de sublime as expressões mais traviaes e familiares que o orador escrevia sem pretenção. A estes tempos de vida litteraria pertencem os primeiros versos portuguezes de Castilho.»

E' ehistoso este retrato escapado da penna do hábil estyllista Latino Coelho.



N'estes ditosos tempos matavam-se as horas compondo epistolas sobre a amizade, aos annos felizes dos conhecidos, odes genethliacas no nascimento dos principes; não havia desembargador que não poetasse, não havia chinó tão bem ajustado debaixo do qual se não fosse aninhar um soneto. Os versos eram bem medidos, bem esteiados e engomados com epithetos, haviam admirações de transportes, em fim a *turba vatum* ia nas pegadas de Horacio como os bons carneiros de Panurgio. Castilho seguiu o movimento; elle mesmo na *Primavera* descreve-nos a amizade e admiração que tributava ao sabio Antonio Ribeiro dos Santos, mais conhecido pelo nome arcádico de Elpino Duriense. Foi lévado na torrente, por falta de individualidade; é uma primeira consequencia do seu character de infancia; não teve força para resistir, não alcançava mundo fóra das estreitas paredes da Rhetorica, do mesmo modo que as crianças limitam o universo ao quintal da casa em que nasceram. A dependencia contínua em que tambem a cegueira o collocara, a necessidade incessante de uma mão que o guiasse, tiraram-lhe a energia da virilidade; como carecia de amparo quando seguia, não concebia como o espirito podesse progredir sem a tutella da auctoridade; curvou-se a ella, reconheceu-a, foi com os mestres. (1)

Viu na poesia o que todos os demais viram, um brinquedo infantil, como torres de cartas; não era a

(1) Vid. *Primavera*.



expressão profunda e seria das paixões humanas, mas um meio de enterter os intervallos das palestras familiares, do mesmo modo que as charadas e adivinhações.

Os poetas não sabiam o que era a dignidade do pensamento; empenhavam todo o seu esforço em cantar os grandes á sombra das quaes iam vivendo; este defeito macula as melhores composições de Diniz, Quita, Garção, Dias Gomes, e Filinto; tornaram insensivelmente a poesia uma coisa official, cerimoniaes das festas da corte; isto se vê nos volumes das composições dos socios da *Academia dos Obsequiosos do lugar de Sacavem*.

Castilho, como criança, foi embalado na doce illusão da origem divina da realeza; cantou-a com toda a ingenuidade da sua alma; na morte de Dona Maria I concorreu, com todos os poetas, com o seu *Epicedio* chorado e miserado. Quando cantou, depois do *le roi est mort, o vive le roi* no poema extenso á coroação de Dom João VI, não se esquece de lembrar que já cantou ou carpiu a defuncta rainha na sua urna cineraria. Era um serviço lembrado a magnanimidade do rei.

Reinava n'este tempo tambem despoticamente o petulante José Agostinho de Macedo; fundara á maneira de Adisson, um *Espectador portuguez* para fustigar os que se rebellavam contra a sua theocracia. Representava entre nós a litteratura franceza do seculo XVIII; tragedias racinianas, odes á Rousseau, poemas didacticos á imitação do insonso Delille, vol-



teriano orthodoxo, o atrevido padre affectava em tudo uma erudição de encyclopedista. Lêra no *Ensaio sobre os Epicos* de Voltaire, dois desacertos sobre Camões, e tratou de os repetir em Portugal. Levantou-se a polemica com Pato Moniz. Pela defeza do poeta nacional, vê-se que nenhum lado o comprehendia; era preciso que surgissem Humboldt, Schlegell e Quinet, para nol-o apresentarem como a epopea unica que acompanha o movimento da Europa moderna na Renascença. José Agostinho de Macedo era tão vingativo como orgulhoso; atacava em tudo e por tudo o pobre Pato Moniz; procurou aviltal-o demonstrando que o seu *Epicedio* á morte de Dona Maria I era inferior ao do uma criança; Castilho não comprehendeu o fim para que o elevavam; não sabia que o atiravam á cara de um bom homem. Foi assim que começaram os seus primeiros creditos.



§ II

FALSO IDEAL DA POESIA. — A aclamação de Dom João VI, assumpto de um poema. — Direcção errada do seu talento. — Tradições classicas na familia. — Reminiscencia da Arcadia. — Ideia da Mythologia como recurso poetico. — A poesia grega e as *Cartas d' Ecco*. — Puerilidades d' este livro.

Nunca a lyra desceu tão baixo na mão dos poetas cesarêos, como no poema em trez cantos: *A' faustissima acelimação de sua Magestade fidelissima o senhor D. João VI, ao throno: Poema dedicado ao mesmo senhor por seu auctor Antonio Feliciano de Castilho*. (1) A bajulação chega tambem a enfadar os mesmos que procura engrandecer, quando desce abaixo de um pudor conveniente. Só uma falsa idea do sentimento e da poesia, e uma errada comprehensão dos modelos antigos, podia delinear assim um edificio composto de tres pilhas de seiscentos e sessenta e tres versos, setecentos e sessenta e seis, e mais seiscentos e cincoenta e trez com outros cincoenta versos da dedicatoria, ao todo, mil setecentos e trinta e dois versos para cantar o mais supinamente burguez de todos os heroes, Dom João VI.

O proprio panegyrista Latino Coelho, não pode

(1) Jornal de Coimbra de 1817, vol. XI n.º 59; parte II.



deixar passar esta noticia sem uns laivos maliciosos de verdade: «Mas Dom João VI era o rei mais bondosamente prosaico, de quantos se tem assentado no throno portuguez. Mediocre na prosperidade, e mediocre ainda no infortunio, nem admirava pelas suas acções, nem interessava pelas suas desventuras. A sua côrte podia ser uma comedia de intriga, mas repellia infelizmente para a nação todas as ambições da tragedia purpurada. Um rei, que reina antes de o ser, que embarca ao estrepito dos francezes, que indireita para o Brazil, escoltado pelos seus cortezes alliados, que se acelima á sombra dos coqueiros, que desconhece com um cosmopolitismo verdadeiramente assustador o menor assomo de nostalgia, que prosegue sem se deliciar no Rio, como d'antes na pavorosa Mafra, com a melodia soturna do canto-chão; que depois ouvindo rugir ao longe o tigre popular, reparte o seu animo entre condescendencia e terrores, que acceta as bazes da constituição, com a sineeridade de um Manoel Borges, e depois com monachal sinceridade as anulla sem azcdume e sem pezar; um rei que a si decreta a corôa de imperader, e pede, nos seus receios dynasticos, a toga de presidente da republica; um rei assim é um exemplo seguro para moralistas, mas é o pessimo dos assumptos para poetas. É a burguezia coroada com todos os accidentes afortunados ou adversos da sua despoetizada condição.» (1)

(1) Revista Contemporanea de Portugal e Brazil, Vol. 11, p. 178, (1860).



Eis o digno ideal para o interprete da dor pungente e da acerba magoa que rasgou o peito da infeliz Lysia, quando viu Maria excelsa, o esplendor das Musas, tornada cinzas funereas.

Este poema á coroação do monarcha é um mixto de allegorias mythologicas, ainda abaixo das pinturas das salas de Mafra que representam Dom João VI levado pelos tritões dentro de uma concha.

Segundo a Lyra de Castilho o magnanimo João só devia suster as redeas do Imperio Universal; é por isso que não lhe pode negar seu canto; um canto sublimado ao Grande, ao Augusto Heroe, ao Pae da Patria, ainda não disse tudo, ao Nume d'ella. Quer remontar-se *ab jove principium*, não sabe d'onde começará a dar principio ao canto. A mente limitada de mortal, o eugenho da especie humana não poderão tecer todos os louvores, porque a naturza não dá com bocas, nem um cento de linguas, nem uma voz de ferro, que iguaem o assumpto. (1)

- (1) Dos vasallos o bem, o bem da Patria;
Se a patria exulta; se largando o luto
No throno assenta dos Avós herdado
Magnanimo João, que só devia
Do Imperio Universal suster as redeas,
Não podera eu tambem negar meu canto
Ao Grande, Augusto Heroe, ao Pae da Patria,
E mais que ao Pae da Patria, ao Nume d'ella.

CANT. I, V. 70, ETC.



Isto faz lembrar o canto de Vidigal no poema do *Hyssope*, quando, depois de escarrar e pôr os olhos em alva, começou a belisear na pansa da bandurra, para exaltar até aos astros a camara municipal de Elvas por mandar deitar quatro gatos de ferro em um sino rachado. Se alguma vez Castilho se mostrou um genio foi n'este poema, em que inconscientemente se eleva ao mais alto comico.

O poema vae-se desdobrando em myriades de versos, requebrados, campanudos, cuja harmonia é dada por aquella inspiração que o poeta Waller descobriu quando cantou a morte de Cromwell, e a elevação ao throno de Carlos II.

A mente do mortal, o engenho humano
De todos o louvor jamais tecera:
Cem boccas, linguas cento, e voz de ferro
Natureza não dá, que o assumpto eguallem:

v. 87.

Nascete Grande já: Teus Altos Feitos
Fizeram-te maior: a Gloria herdada
D'outra gloria immortal cobrir soubeste.

v. 104.

Ao Mundo ostentas piedade angusta,
Sagaz prudencia, rectidão, justiça,
Um genio liberal, affavel, brando
Da santa paz o amor, da guerra o odio.

v. 121.



O nascimento do monarcha é brilhante de despejo: viu a luz primeira no suave Maio, quando a Esposa de Titão safu mais bella derramando orvalho no carro d'ouro; n'esse dia Lampso soberbo e Phaetonte ufano, surgiram com garbo novo do Oriente, e foram assim pisando o Esquadrão dos astros com mais vaidade; até as Pleyadas refulgentes se adornaram com novos resplendores, e Scylla e Charybides deram treguas ao mar, na montanha de Encelado cessaram as laberedas; parecia que mostrava ao mundo uma universal primavera. No averno pararam os supplicios, e as filhas da Noite nos rios infernaes tinham suspendido os horridos flagellos. Esquecia dizer que o Fado sobre o molle berço bafejou-o ao cingir a fronte com frondosos nardos para que a inveja não podesse escurecer o brilho e a glória das futuras acções.

As Graças tomaram-no em seus braços e o nutriram aos seus niveos peitos, e no puro leite d'ellas bebeu os nobres sentimentos, dos quaes bem que do fecundo germen brotam mil feitos immortaes, que servem de honra á patria e de brasão e de esmalte ao Throno (1). — O poema vae todo martellado n'este diapasão.

A falsidade do ideal disputa competencia com aquella Deosa que lhe appareceu n'um extasis sublime sustendo na dextra um brilhante facho semelhante ao da Tocha Oriental «a formosa e candida Verdade,»

(1) Canto I, v. 129 até 170.



que o força para que surja, brade e rompa o silencio, e levante nas azas do louvor os Grandes Feitos do Monarcha Excelso. (1) Isto parece uma caricatura grotesca em vez de um digno encomio para apregoar os feitos de Dom João VI, que não passou de escavar rapé n'um dos bolsos do collete, e desentranhar frangãos assados das algibeiras do casaco. A leitura d'este poema faz-nos lembrar uma estampa do frontispicio das grossas edições da *Academia da Historia portugueza*, ou os frescos estupidos que estavam nas salas do palacio de Mafra.

N'este tempo a poesia descera ao mister de pregão mercenário, pedia-se esmola em verso; isto vemos nos sonetos de Garção, nas satyras de Tolentino. Sobre este ponto diz o testemunho insuspeito de Latino Coelho: «Quando o poeta canta o povo, como Beranger, recebe a moeda do povo, a gloria; quando se lembrava outr'ora de cantar os reis, á semilhança de Boileau, conseguia a magra pensão do poeta cesarêo. Castilho recebeu uma rendosa mercê em paga da sua oblata.» (2) Dom João VI remunerou burgueza-mente aquella inspiração burgueza que o fazia seu Nume, e despachou o poeta com o logar de Escrivão, com a renda annual e vitalicia de quatro mil cruzados. Estes factos definem o artista, caracterisam a sua feição.

(1) Dedicatória do poema, v. 2, 5, 20.

(2) *Revista* citada, p 179.



N'este poema, que é um aviltamento da arte, o maior monumento da sua decadencia, canta-se a fuga do rei para o Brazil, e o temporal que a esquadra soffreu na altura das illhas (1); canta-se o Decreto de 10 de Fevereiro de 1792 em que Dom João VI resolveu assistir e prover o despacho dos Negocios em nome da rainha sua mãe, e assignar por ella durante o seu notorio impedimento, não se fazendo alteração na ordem normal e chancellaria (2).

Nas notas ao poema, as paginas vem recbeadas de Decretos, Portarias, Regulamentos, Provisões, Officios, Cartas Regias, Resoluções, Diplomas, Alvarás, Editaes, Avisos da Secretaria, todos os papeis officiaes expedidos durante o reinado do Monarcha celebrado. É d'aqui que tira a marcha do poema que não tem acção; já o exalta por dar a liberdade aos presos pelo nascimento da princeza, já o engrandece por fazer no lugar da Aziuhaga, termo de Santarem, um deposito de rezes vacuus, por crear a companhia de veteranos e o monte pio litterario, e providenciar a favor dos expostos e mestras de meninas em Lisboa, e a barra de Aveiro, e o encanamento do Cávado, e a Diligencia entre Coimbra e Lisboa, e as commendas, titulos, e prebendas com que assignalou varios individuos, tudo isto forma uma especie de Chronica em verso, desdobrada aos olhos munificentes do soberano.

(1) Verso 272, 1.

(2) Verso 350, 1.



Toda a insistencia sobre este poema, não deixa vêr a minima parte dos seus ridiculos e degradações, nem tam pouco deixa bem patente um exemplo para fugirem os futuros escriptores. Ha porém um lado que defende Castilho; tinha a fraqueza de eriança, e deixou-se levar pelos que lhe aconselharam este meio de tornar-se protegido. O modo como elle julga os factos da sua epoca, são o ecco das palestras domesticas que ouvia; maldiz a constituição hespanhola por querer estabelecer a responsabilidade real, e diz que a *egualdade* e a *liberdade* são um criminoso orgulho, cujos principios tem desterrado a paz do mundo inteiro e manchado de sangue as purpuras dos reis; era isto ao que se chamava ideias francezas. (1)

N'este correr da inspiração, alentada pelas classicas e infatuadas tradições de todas as arcadias, este culto intenso pelas Musas, nove senhoras muito respeitaveis e condescendentes ao appello do cantor palaciano, não podia deixar de se conservar sempre vivo em outras lyras. Castilho começou a ser então feste-

(1) Ó criminoso orgulho, os tens principios
Tem desterrado a paz do inteiro Mundo,
De sangue as Regias Purpuras manchado,
Abatido as Nações ao jugo, á morte.
Quem primeiro sonhou louca *egualdade*,
E *livres* quiz deixar de todo os homens,
Bebido tinha da corrente escura
Do Gallo insano, que veloz se alonga
Lá junto ás altas, invernaes Celenas.

Canto I, v. 291, 299.



jado nos *Outeiros poeticos*, velha usança, que de todo passou de moda, e deixou ao abandono os poetas que ficaram hoje a suspirar pelas brisas. Os mirantes, pela eleição de alguma nova abbadessa, bordavam-se de luminarias, e de véos alvejantes que fluctuavam nas vibrações da noite; a multidão apinhava-se no adro, e ao som de escarros constipativos e maliciosos, lá se escutava uma voz afflautada e argentina, que declamava docemente no ar a terna divisa do — *Lá vae mote*. Os poetas apressavam-se a glosal-os, com a mesma preseteza de quem sabe apanhar mosquitos no ár. A poesia, d'este modo, resumia-se a um bom provimento de rimas, para salvar nos acasos da inspiração; o verso por si lá se endireitava com um *nariz de cera*, com mais uma palavra, com mais um prolongamento na intonação da voz.

Pertencem a esta eschola os bons versos de Bocage e de João Xavier, e os repentes sarcásticos do Lobo da Madragôa.

Castilho, no seu tirocinio da Universidade filiou-se na eschola, para a qual tinha já tão bons preparativos. Acreditou-se nos *Outeiros* de Santa Clara e Therezinhas; mais tarde, quando os *Outeiros* passaram para o theatro, tambem lá foi colher seus louros, exaltando a grandeza com que Dom João VI jurou as bazas da Constituição; parece que se jurara ou encartara poeta cesarêo da casa de Bragança-Bourbou, pelo que vemos do *Tributo saudoso á memoria do Libertador*, e no *Transito do senhor Dom Pedro V*. Tudo ver-



duras de uma infancia perpetua, que se desdobra em una prolixidade de fructos.

Vejamos agora como elle sente e ama a Natureza; deve-lhe apparecer com aquella transparencia e graça dos sete annos. Já dos trabalhos anteriores se discrimina qual hade ser o genero de assumptos da sua predilecção.

A *fabula* desenha-se-lhe á phantasia graciosamente, como um brinco infantil; escolhe o mais infantil de todos os assumptos — o amor não correspondido de uma terna nymphá por um mancebo cruel. Foi n'umas ferias de Coimbra, que deu começo ao poemasiño flo-rianesco das *Cartas d' Ecco e Narciso*.

A Mythologia é de todas as creações a que tem menos recursos poeticos, quando se ignora a religião que ella traduzia. O sentimento do *maravilhoso* é o primeiro que se manifesta no homem, é o primeiro tambem que dá forma á sua poesia. Esses typos do velho olympo são como conchas sem perola para os que só conhecem a mythologia pela rotina das Academias; no fogo da inspiração o muito que consegue é deixar-nos sómente um pósinho calcinado que qualquer sôpro espalha. Era e é ainda assim que Castilho comprehende a antiguidade, através de Ovidio que só procurava engraçadas aventuras, scenas lascivas, jogos, brincos, transformações de amores, para divertir uma sociedade sem crenças, e uma corrupção ameaçada pelo tedio; a mythologia pelas *Cartas a Emilia* é uma galanteria, um thema para requebros de phrase e



ternos versinhos de Dumoustier, peor ainda que as seccas e absurdas indicações do Diccionario de Chompré. Um falso conhecimento das formas e das imagens falsificou-lhe a expressão do sentimento.

A Mythologia é uma phase dos symbolos materiaes que exprimem o sentimento religioso, depois de ordenados e de determinada a unidade d'elles. É um facto humano, inconsciente, que Pythagoras, Empedocles, Xenophanes e Thales procuraram interpretar; umas vezes o simples nome de um phenomeno constituia-se em realidade independente pela audacia da metaphora. *Nomen, numen*. Outras vezes a lei dos phenomenos naturaes vela-se sob uma forma dramatica, sacramental dos mysterios eleusinos; as differentes interpretações de um mesmo facto considerado em civilisações differentes dão-lhe uma existencia multipla; o modo de perpetuar um successo, e pelo decurso do tempo perdida a memoria d'elle e conservada apenas a forma que o lembra, tudo isto encerra as causas de formação e o sentido do polytheismo grego. O orphismo de Pythagoras, o systema evhemerista, o exclusivismo de Dupuis e de Creuzer, a erudição de Voss e de Lobeck, elevaram á altura de uma sciencia antropologica isto que para alguns desasisados parece uma curiosidade, uma ficção divertida creada pelos poetas, como um *deus ex machina* para valer aos seus heroes nos lances difficeis.

A mythologia comparada tem encontrado nos symbolos religiosos de todos os povos uma unidade que



leva á lei da sua formação; e esses typos ideados na India, na Persia, na Grecia, na Etruria exprimem uma poesia, a da primeira impressão do mundo, do regosijo da vida, da apparencia das realidades, um sentimento puro não viciado por nenhuma sciencia convencional e arbitraria. É o que não sabem os poetas dos Arcadias, os Memnides Eginenses.

As *Cartas de Ecco e Narcizo!* a primeira obra que Castilho escreveu intencionalmente para o publico. Fructo das licções do senhor José Peixoto seu mestre de latim e de poesia «e muito bom poeta latino e portuguez.» Foi esse eximio interprete do Lacio Pindo, que lhe excitou n'alma o primeiro amor das Musas da sabia Roma; foi elle que lhe fez exprimir na patria lingua, os altos versos de Virgilio o cantor de Eneas, e os sons da lyra venusina, e os ternos queixumes do amante de Corina. Oh! bem hajias interprete facendo, eximio Peixoto. (1) Ensinou-lhe a conhecer a antiguidade, as nobres e vetustissimas tradições dos homens primitivos, como engraçadas allegorias, finos tropos,

- (1) Graças, graças a ti, Peixoto eximio,
Do Lacio Pindo interprete facendo!
Tu foste, quem primeiro o amor das Musas
Da sabia Roma me excitaste n'alma!
Os altos versos do Cantor de Eneas,
Os sons da lira, que afamou Venusa,
Do amante de Corina as ternas queixas,
Me fizeste exprimir na patria lingua,
Em cantos que inda então soltava a custo.
Oh vate, cuja mão plantou meu estro,
Olha com brando rosto os fructos d'elle.

Cart. de Ecco, pag. 10, ed. 4.^a



que se prestavam facilmente á mechanica do verso. Andava n'este tempo em voga o chato e assucarado livro de Dumoustier intitulado *Cartas a Emilia sobre a Mythologia*. Era tambem moda o systema de cartas a Sophia, a Helosia, restos do seculo XVIII. Olhada a mythologia por outra qualquer face, a não seguir os trabalhos de Vossio, Dupuis, Pomey, Creuzer, Guignaut, Preller, ou Otfried Müller, ella só apresenta uma serie de puerilidades engenhosas, que deleitam a imaginação, e nos desenfandam dos cuidados da vida. Aquelles vultos serenos de Olympo hellenico desenharam-se-lhe na phantasia como figurinhas recortadas, visualidades caprichosas do paganismo.

É esta a tendencia infantil; Castilho procurou reproduzilas, como quem aviva uns traços mal debuchados que se apagam. A escolha da acção mede o artista: *Ecco* é a alma do poeta, solitaria, não tendo no mundo quem lhe responda á expansão que a lança para a natureza que se lhe esconde.

Castilho tinha um sentimento vulgar, e as tradições classicas da eschola não o deixavam comprehender as consas. O amor grego, indefinivel, artista, como o achamos na *pederastia*, não o podia fazer sentir o José Peixoto; ainda Otfried Müller não tinha encetado esse trabalho. Ha na mythologia hellenica o amor com um caracter de fatalidade invencivel, é um destino diante do qual se verga. O forte, o heroe triumpho d'elle, não o conhece; ama o fraco, aquelle não sabe resistir e se deixa ferir; ali a mulher conserva ainda o seu ideal in-



diano de perfeição a *fraqueza*; é ella que é vencida pelo amor.

Esta é a base de todos os mythos, é o que explica às uniões desnaturaes de Pasiphae, de Biblis, os impetos vertiginosos de Phedra, de Sapho; Ecco entra tambem no côro das suas irmãs prostradas pelo amor.

Na paixão de *Ecco e Narciso* é que apparece o *pathos*, que só se encontra mais tarde nas obras d'arte; a verdade da alma da Grecia transparecia brilhante nas creações populares. A educação litteraria de Castilho, a tutella forçada em que se achava sob a *virga ferrea* da auctoridade magistral, empeciam-no de descobrir estas cousas, achadas pela critica moderna. O Ovidio, cujas *Metamorphoses* estava já traduzindo, (1836) apresentava-lhe a serie d'estes violentos amores, não como um accesso natural e franco da alma antiga, mas como enredos licenciosos, devaneios lubricos dialogados declamatoriamente para excitar a sensualidade das damas romanas em quanto as escravas liam no toucador d'ellas.

Os mestres, e os mesmos poetas illudiram-no; acreditou n'elles com a boa fé de criança. Sem se lembrar de que nos tempos ante-homericos era desconhecida a escripta, e que nos poemas homericos nem uma só vez é claramente citada, concebeu abstrusamente *Ecco* pelo tom da pastoral de Longus, e pol-a a escrever os seus requebrados galanteios pela casca das arvores do bosque.

A forma de *Cartas* tinha sido adoptada por Pope,



para os insulsos anhelos que poz na bocca de Heloisa e Abailard. A Carta presta-se ao monologo vago, scisnador, tempestuoso, como é a poesia romantica; era a forma menos grega que podia escolher. A serenidade da arte classica, a harmonia de todas as partes absorvendo-se na perfeição do conjuncto, a nitidez dos traços, das côres, deixando predominar em todas a creações um aspecto visivel, particularmente esculptural, nada, nada d'isto se encontra n'esse innocente livro das *Cartas d'Ecco*; a frescura primitiva, a suavidade, a natureza espontanea e simples, está ali substituida com um colorido de adjectivos — de gentil, amavel, formoso, lindo, bello, juvenil, terno, doirado, crnel, tyranno, ingrato, e isto variado segundo as exigencias de metrificação.

Os versos nem uma vez se quebram, estão interiçados pela promptidão dos epithetos. Aquellas iras e ameaças, e arrojos, e esperanças são ainda de uma alma infantil; é por isso que o assumpto se esgota depois da primeira carta, até á puerilidade. Ecco escreve no tronco de um choupo, que cresce nas *verdes* margens de um *sereno* rio augmentado pelas *ternas* lagrimas que chora. No delirio da paixão, ella não se esquece das figuras da rhetorica do mestre Maximiano para medir as emoções :

Em lagrimas, em ais consummo os dias,
Em lagrimas, em ais as noites vélo.



Ecco vac queixando-se, e invocando o exemplo dos animaes que tambem aman; o rei dos animaes não se envergonha de arrastar o grilhões que o amor lhe lança. É uma comparação de maior para menor, mas não importa; o que Ecco aspira é encher os campos com fillos formosos como Narciso, e ornar as florestas com novas Nymphas que vençam as Nymphas suas rivaes. (1) Desculpe-se pela candura e ingenuidade da alma do poeta; as circumstancias foram-lhe prolongando a infancia; faz ideia da vida, pelo arranjo domestico; privado da vista nunca póde abandonar o lar, ama-o, enfeita-o como um typo d'um quadro flamengo. Tem um ideal burguez de commodidade, que lhe faz escolher de preferencia por Mecenas Dom João VI, o mais completo de todos os alarves.

Narciso, não sei por que iuflição amorosa, foi lêr a epistola da sua incognita Amadora, e lhe envia paz e saude, ao fazer da resposta. Depois começa a tirar-lhe da cabeça essa hallucinação. Dá graças ao céo, por que desconhece o amor, o Monstro, de cujo facho tem ouvido citar os barbaros effeitos. Pede-lhe que não se fie n'elle; que é pequeno infante mas é bolicoso e amigo de brincar; que só tem alegria em cravar fundas

- (1) Tu que podes encher os nossos campos
De fillos, como tu, formosos todos;
Tu, que podes ornar estas florestas
De Nymphas novas, que estas Nymphas vençam,
Esta gloria á ti mesmo hasde negar-te.

Pag. 34, ediç. quarta.



settas, e exulta com o pranto e os ais que arranca. Elle gera cuidados, e faz murchar os prazeres, faz do somnno pacífico uma guerra, e anda acompanhado do receio, da inveja, do odio e do ciume voraz. O amor é filho da rocha cancasea, de tigre hyrcano, e de Megeras. Á vista d'isto pede-lhe que se deixe de imaginações: e para mostrar em factos a verdade, não se esquece de retorquir tambem com a sua figurinha de rhetorica:

O mundo para mim é todo graças,
Angustias para ti é todo o mundo. (1)

N'este ponto está esgotado o assumpto; tudo o mais não tem movimento; gira sempre no mesmo eixo; o poeta continua os monologos como uma criança inquieta, que se não causa de assoprar freneticamente em um assobio de feira, até quebral-o. O poema é todo d'este feitio. O amor ali é uma cousa ainda não sentida, nem tam pouco adivinhada. O esmero dos versos, regrados, cadenciados, adjectivados, metaphorisados, tem uma doçura que nausêa; são como a linguagem de uma criança que dá uma lição bem sabida. Foi este o livro que lhe deu nome em Portugal e no Brasil, e aquelle que serve sempre de antonomasia; foi por isso que nos demoramos na apreciação d'elle. Apesar de toda a mythologia academica d'este livro, o auctor ousou cha-

(1) Pag. 42.



mar-lhe *romance*. (1) O resto do livro é digno de compaixão pelas futilidades da puericia.

A carta que o auctor recebeu de uma senhora, pelo correio de Lisboa, defendendo o seu sexo atacado nas *Cartas d'Ecco*, forma uma legenda revelada na *Chave do Enigma do Amor e Melancholia*.

O *Processo de Cythera* em que a mais nova das graças Aglaia vem accusal-o, servindo de representante das Senhoras portuguezas toca o ridiculo; o auctor defende-se em outro discurso, e depois escuta a sentença concebida n'estes termos:

«O Supremo Tribunal de Cithera depois de haver attentamente ouvido o discurso recitado por Aglaia, contra o Poeta Autor das *Cartas d'Ecco e Narciso*, assim como a sua defeza apresentada pela sua Musa, declara que o accusado está innocente; e como tal determina que o seu credito publico lhe seja restituído por todo o Imperio de Amor: ordenado igualmente, que a accusadora convencida, como o foi, da calunnia, seja por tres dias privada de tomar parte nas Festas de Cithera, e nunca mais seja vista por Mancebo algum durante a sua estada no banho. Cithera 1 de Abril. — Venus. — Os Prazeres. — Os Jogss. — Os amores.» Eis o resultado de um espirito que não pôde soltar-se livre das faixas; é esta a causa de tudo aquillo de que a gente hoje se ri. Foi uma boa sociedade a d'esses tempos; estas graças fizeram as delicias dos serões

(1) Pag. 165.



nas famílias. Sobre este pedestal o proclamaram genio. Não faltaram imitações dos poetastros do reino, *Marcias* e *Branderinos* eserevendo suas confidencias. Era mais um passo além do *Piolho Viajante* e *Feliz Independente*.

Castilho não concebia a poesia como a expressão subjectiva dos sentimentos; estava privado de contemplar o mundo exterior, e tendia constantemente para elle. Imaginava a Natureza como a vira aos sete annos, por isso a sua poesia tinha «por objecto appresentar-nos os mais risonhos quadros campestres animados com toda a doçura e sublimidade do sentimento.»

Castilho não imagina a differença na ordem de factos que exprimem o *bello*, ou que exprimem o *sublime*. Dá-nos metaphoras e imagens de semilhança por ideias; assim a poesia é a «Prinogenita das Musas; nasceu no meio das florestas, criou-se entre os Amores ao seio da Natureza, cresceu nas cabanas simpleses dos primeiros homens. A sua fronte seupre risonha e serena não se corôdu de louros, mas de rosas e de murtas; os seus passos eram ligeiros, o seu ar elegante, sem affectação de Magestade, o seu trajo um véo transparente. Foi ella e não Pan, quem offereceu a primeira flauta aos pastores, quem lhes ensinou a tirar d'ella sons faceis e harmoniosos. Os primeiros cantos que ella inspirou, tiveram por objecto descrever o amor em todas as suas differentes situações, e pintar os campos em todos os seus pontos de vista mais agradaveis.» (1)

(1) *Cartas d'Ecco*, p. 19.



Quem faz esta ideia da poesia não podia elevar-se a cima das *Cartas d' Ecco e Narciso*.

Castilho já então aconselhava á mocidade que evitasse o movimento *romantico*, dizendo-lhe: «cantae a ternura, o amor, o prazer e a felicidade.» Eis o ideal do bucolismo estafado das pastoraes caleadas sobre a *Daphne e Chloe* de Longus; é um genero falso, impossivel, ridieulo, insipido.

Castilho sente de vez em quando uma saudade da natureza que se lhe furta; vae para ella, e engana-se, sonha em toda a parte um rio que corta os prados ao longe, um rebanho que gira no vale, um bosque extensissimo e frondoso cujas cimas são meneadas por um zephyro; agora ouve as aves a saltar de ramo em ramo ou por entre as flores tão gentís como ellas; além vê um pastor eoroando com murta e rosas as tranças da sua bella pastora. Finge valles ornados de violetas, florestas onde as nymphas estão juntas, e mil Faunos que habitam as grutas. (1)

- (1) Se a natureza me negou seus quadros;
 Se os fracos olhos meus não descortinam
 O sublime espectaculo dos campos;
 Se de uma rocha no elevado cumc
 Não me é dado sentir, gosar prazeres,
 Vendo um rio, que ao longe os prados corta.
 Vendo um rebanho; que no valle gira,
 Vendo um bosque extensissimo e frondoso,
 Cujas cimas um Zephyro menêa,
 Vendo as aves voar de um ramo em outro,
 Por entre as flores tão gentís como ellas,
 Vendo como um pastor de murta e rosas



Depois dos sete annos Castilho não tornou a communicar com a natureza senão através de Florian, e dos idyllios artificiaes e de uma ingenuidade tola de Gessner. Elle nos diz que é pela estrada florida de Gessner que se póde ir até ao seio da Natureza.

A falta de indivuadilidade facilita-lhe o falar pela bocca dos ternos pastores, não é preciso sentir quando o som das frautas, o aroma dos festões, os gemidos dos grutas, vêm encher sonorosamente o verso. E' tudo quanto póde dar a poesia chamada pastoril. Agora entendem-se melhor as harmonias brandas, melifluas da sua *Primavera*.

E' um d'estes livros que trazem o sello do esquecimento, como os insectos de um dia de calor, que bailam em uma restca do sol vinda por entre a folhagem

Corôa as tranças da pastora bella,
E um beijo em premio docemente furta,
Se não me he dado, contemplando o mundo
Vêr, ah! vêr quanto é grande a Natureza,
Co'as Musas meditando eu sinto e goso
Novas scenas, phantasticas, risonhas.
Finjo mil valles, que violetas ornain,
Planto florestas, aonde ajunte as Nymphas,
Faço um rio correr por entre um bosque,
Que em si retrata a abobada pendente,
Que o tolda e guarda, e d'onde eheiro as flores;
Mando mil Faunos habitar as grutas,
Dou rebanhos ao campo, aves á relva,
E graça a todo o mundo, e luz ás sombras.

Cartas d'Ecco, p. 16.

*



do arvoredo ; é uma *Primavera* breve e duvidosa como a de um paiz sem vida.

Cita-se por ser uma das corôas da gloria de Casti-
lho ; não se ataca a gloria do homem desmerecendo o
livro que tem uma influencia funesta sobre o gosto de
todos e é preciso modificá-la.



§. III

A SOCIEDADE PORTUGUEZA, SUAS LEITURAS. — Madame Cotin e o *Feliz Independente*. — Impressão das *Cartas d' Ecco e Narciso*. — As cartas anonymas. — Relação d' este livro com o *Amor e Melancholia*. — A *Chave do Enigma*. — Direcção pueril do talento de Castilho. — Reminiscencias da litteratura do seculo XVIII da França. — Poesia pastoral da *Primavera*. — Imitações de Florian e Gessner.

Castilho guardou fielmente a tradição arcadica; sempre eriança, e de passo tibio e mal seguro, teme aventurar-se pelos mundos da litteratura subjectiva do Romantismo, que se aproveita dos sentimentos novos da idade moderna para as suas creações artisticas. Todas as allusões dos seus prologos referem-se ao movimento de Garrett no impulso dado á litteratura nacional. Fazendo a sua profissão de fé mythologica, lembra-se da abertura da *Dona Branca* e da inspiração que abjurava os «Aureos numes de Ascreo, ficções risonhas — da eulta Grecia amavel» e diz que não se alista «debaixo das bandeiras triumphaes dos modernos espancannunes.» (1)

O renascimento da critica, da historia, da philosophia, do direito politico, as invenções, as revoluções que agitaram o seculo que se abria, tudo para o poeta dos idyllos eram loucuras, desvairamentos, ruinas.

(1) *Primavera*, pag. 41.



Elle mesmo se sente infante no meio d'este ruído de cyclopes: «quando me olho e me vejo a brincar com flores e cordeiros, ao tempo que em redor de mim estão no chôco tão grandes destinos do mundo, não me lastimo, porém rio-me, e cuido estar vendo *em mim proprio un menino*, que por um dia de tempestade, enthezoura conchas e forma lagoasinhas na praia, enquanto andam á vista galeões alterosos á luta com os elementos, e na mesma praia uns pasmam, outros se aterram, outros suspiram pelo instante do naufragio para se arremessarem aos despojos, apenas o mar os cuspir.» (1) Fique embora na doce illusão da sua poesia pastoril; é aí, n'esse mundosinho, reminiscência da quinta ajardinada dos arrabaldes de Lisboa onde lhe correu a infancia, que elle se mostra aos amigos. Na *Primavera* diz que teve a intenção de retratar-se na sua face moral, conservando-a tal como cantara aos vinte e cinco annos. (2) De vez em quando o poeta torna-se intolerante com o seu bucolismo; mal diz o tempo, porque não voltam para as cabanas das serranias. Quando o genero bucolico era deslavado mas innocente, supportava-se; assim, violentando a que o admirem, dá vontade de limpar o rosto d'essas falsas caracterisações.

A verdadeira, a intima poesia da natureza, só se encontra reproduzida na primeira impressão virginal

(1) Ibid. pag. 43.

(2) Ibid. pag. 30.



nos poemas da India. O divino poema do *Ramayana* eleva, beatifica o que o escuta ; sudra que o ouvisse lêr, ficava n'esse instante livre.

Na Grecia, a poesia da natureza, não foi achada nem por Daphnis, Stesichoro ou Theocrito; a vida pastoral tem ali tambem um caracter aryano, profundo; o boi, cantado nas theogonias orientaes, entra nas legendas da vida pastoricia dos reis da cidade heroica. Anchises era pastor da Troada, Paris do monte Ida; o sceptro era o cajado desfolhado; os heroes derrubam os monstros que andam roubando os bois. Assim foram as velhas legendas de uma vida que passara, avivando as saudades do passado, e dando expressão a esse sentimento. A poesia veiu revelal-o na sua forma mais ingenua; um dialogo de pastores sobre a lavoura, sobre os rebanhos, uma aposta, a alegria das cearas, as torrentes, as calmas compunham os successos de uma vida tão simples como pacifica. Suppoz-se assim uma *idade d'ouro*, hypothese gratuita que deu origem á tradição litteraria do bucolismo. O poema de Hesiodo, os rudimentos do theatro hellenico, alguns personagens da tragedia classica são o fundamento da arte de Theocrito! Arte convencional e estreita, com que o vate de Syracusa chega, á custa de muito esforço, a tocar a brandura e a uenidade compestre. Elle não copia directamente da natureza; canta sobre as reminiscencias da Sicilia, no bulicio de Alexandria, no palacio dos Ptolomeus, com os outros poetas a quem Timon o Sillographo chama melros fechados em uma gaiola. Theo-



erito obedee a toda a metralha de preeitos impostos pelos grammatieos, e no meio das adulações, poeta da corte de Hieron e de Ptolomeu, vem aliviar-se e desabafar, aspirando a vida desassombrada dos campos. Egger; nas *Memorias de litteratura antiga*, diz que é favor demasiado o chamar-lhe genio pelos seus idyllios. (1) Todos os poetas pastorís seguiram as pisadas de Theocrito, serviram-se do mesmo molde; viram a natureza através do prisma baço dos seus idyllios. Na renaseença dos modelos da antiguidade, eom as tragedias, eom as epopêas, eom a eomedia, floreseu tambem o idyllio; por si ehega a formar um género dominante, infectando a litteratura italiana, franceza, hespanhola e portugueza. Todos os nossos poetas lhe sagram suas lyras; Bernardim Ribeiro domina o bucolismo; os poetas francezes imitam os antigos e fazem dos quadros campestres uma aguarella deseorada que serve de typo n'esta tradição litteraria; Raaen, Sagrais, Madame Deshoulières e Fontenelle lançam as balisas ao genero pastoral.

Estes dialogos de pastores absorviam sempre a musa dos poetas eesarêos. O proprio Salomão Gessner, o genio pastoril da Allemanha, é aceusado pelos seus de ter imitado os francezes, que tambem o reproduziram mais tarde. Com uma alma sempre infantil, e já de si tambem poeta eesarêo, Castilho não podia faltar á tradição bucolica; elle eonfessa abertamente essa

(1) Obr. cit. pag. 267.



predileção pelo genero, e deelara todo o desvaneeimento que tem pelos seus mestres Florian e Gessner: «Alguma cousa farão para aqui palavras do meu Florian, que, porque d'elle são, as verterei de muito boamente. — Oh se nós podessemos lêr em seu original texto os bons auctores d'essa Allemanha, enlevar-nos-ia a tanta singeleza, a tanta doçura por onde de todas as outras se extremam suas obras! Em conbeer a natureza, e especialmente a natureza campezina, levão-nos elles uma infinita vantagem: amam-n'a mais deveras, retratam-n'a com tintas mais fieis. Todos nossos poetas pastorís nada têm que vêr eom as meras traducções de Gessner. Niuguem jámais fecha a *Morte de Abel*, os *Idyllos* ou *Daphnis*, sem já se sentir mais soffrido, mais terno, mais mavioso, e porque tudo diga, mais virtuoso que antes da lição. Não respira senão moral pura e facil, e virtude d'aquella que logo vem trazendo bemaventuranças. Fosse eu paroch de aldea, que sempre á estação da missa, havia de lêr e relêr Gessner aos meus freguezes: e por certissimo tenho que todos meus aldeões se fariam probos, todas minhas parochianas castas, e niuguem me havia de ao sermão adormecer. — Isto dizia de Gessner Florian, digno de o louvar pelo mui bem que o sabia comprehender e seguir. Isto não o eserevia eu, nem o dizia, mas amplamente o sentia n'esse bom tempo que já lá vae. Gessner não era para mim um nome, senão um individuo presente, um suavissimo contubernal; nem já as suas obras me eram livros, mas realidade, vida e



mundo.» (1) Estes poetas pastoris tem uma innocencia de leite, navegam em mar de rosas, vêem uma deosa em cada nuvem.

Castilho descreve a influencia de tão mirificos modelos: «Muito aproveitei em tão boa eschola: como poeta não, que bem o sabem, meus leitores; como homem sim, que d'isso tive mui cabal e experimentada eerteza. Minhas nativas propenções beneficis se arraigaram; *minha interior aspereza*, que todos de si a tem, se amolleem; sentia-me palpitar no peito um eoração da idade d'ouro; esvoaçava-me na eabeça uma alma inteira de Areade; compunha todo o meu economico futuro de nma choupana, um pomarinho e pombas mui brancas e cordeiros mui nedios; em summa, se Florian fosse meu parochio, propor-me-hia nas suas homilias como um santo da sua bemaventurança.» (2) Que engraçada infancia! prolongada ainda até aos trinta e cinco annos de idade do poeta! Mas Florian é um eeo amortecido de Gessner; o mesmo poeta pastoril da Allemanha, na opinião do profundo Herder, (3) e de Augusto Schlegell, e de João Paulo Richter não dá pelas plantas de Theocrito. Elle não tirou dos Alpes, nem das eabanas, nem das bozinas dos pastores o delicioso colorido da natureza; segundo João Paulo é uma especie de requijão freseo da aldea, que os fran-

(1) *Primavera*, pag. 10, (1837).

(2) *Ibid.* pag. 14, op. cit.

(3) *Obras completas*, 2.^a parte, pag. 127, 142.

cezes acclimaram ao pé do *superfino idylico de Fontennelle*. (1) O primeiro erro de todos estes poetas bucolicos estava em não collocar o mundo pastoral fóra de deccantada cidade d'ouro; estavam fóra da sociedade civil, sem paixão, n'uma beatifica monotonia. Quando se concebeu que a poesia do idylio não consistia em frescas fontes, esconsos valles, frondentes arvoredos, ciciosos regatos, fissipide armento, e ternas queixas de enamoradas pastoras, mas na simplicidade e no remanso da vida, então é que poderam haver escriptos como *Hermann e Dorothea* de Goëthe, foi então que Schiller pode abrir o seu poema da *Resignação* com este verso: «E eu tambem nasci na Arcadia» não menos energico que o «E eu tambem sou pintor» de Corregio. Estas são as creações puras do *Romantismo*; mas Castilho desatou com elle, odeia-o de morte. Até disse: «Quando será que outro homem, da laia e costumes dos nossos velhos, possa dizer na sinceridade da sua alma: — Se fosse parochó, leria Byron ou Schiller á estação da missa, para tornar castas e probas as minhas ovelhas?» (2) A immensa felicidade cansa; é preciso contrastes, agitações, para que a criação do artista corresponda as multímodas volições, e encontradissimas impressões que se passam no individuo.

Os idyllios gessnericos, e os dos seus imitadores estafam pela monotonia da felicidade; é sempre o mes-

(1) *Poetica*, t. II, pag. 140.

(2) *Primavera*, pag. 14.



mo tom, a vibração da mesma corda; nos de Castilho este defeito torna-se insuportavel pela prolixidade e abundancia dos versos e minucias dos detalhes; é como estas caricias forçadas de uma pessoa que nos está encommoando; é como quem mata uma sêde vivissima das calmas com um copo de agua morua.

A *Primavera* foi escripta sob o influxo dos pastores Elmiro, Anfrizo, Josino, Auliso, Salicio, Albano, Franzino, quem ornavam de grinaldas e festões a cabeça do Mémnide Eginense, entre o descante da *Minha Lilia morreu* ensoado no violão do padre Leitão. E' n'este livro, de todos, aquelle em que o poeta se mostra mais criança. Causa dó o lembrar que foi preciso lê-lo; uma pagina avulsa qualquer, basta para ficar odiando para sempre o *genero pastoril*. As qualidades de criança, a frescura, a graça, a espontaneidade e uma ignorancia feliz, a candidez, a expansão e alegria, deviam realçar n'este assumpto; o poeta teve a força de dominar todos estes instinctos, e com o intuito de imitar Florian e Gessner, deixou apparecer sómente a loquacidade e a indiscrição

A predileção por Gessner e Florian, na França explica-se pelo exagerado *sentimentalismo* propagado por João Jacques Rousseau, que fazia dizer a Voltaire, que o auctor da *Nova Heloisa* desejava andar de quatro pés. Foi quando se viu a poesia separada da religião, e em lugar d'ella fabricado um Olympo, não com a sympathia sensual da Renascença, como diz Taine, nem com o espirito archeologico moderno, mas por conve-



niencia; era uma especie de gíria grega e latina tão necessaria como um chinó; citavam-se as musas e as graças, como quem faz cartinhas de namorado; havia um dicionario mythologico como um codigo de pragmatica palaciana. (1)

A inspiração de Castilho alentava-se exclusivamente da tradição do seculo XVIII; exagerou ainda mais todos estes defeitos; elle proprio nota em si um *estiramento de periodos*. (2)

Ali a natureza está revestida de paphias allegorias; povôam Faunos os montes, andam Dryadas á escuta pelos arvoredos, brinca com Flora um Zephiro inconstante, a Aurora abre o roxo mez das flores, Hamadriades, Nayades, Silvanos, os ledos Eisos, a amorosa Venus, Vertumnos insoffridos, Castalias fontes, Favonios subtis, todo o sacro povo morador do Olympo, com os dons de Pomôna enfeitam a natureza inteira. Na sua ingenuidade *infantil*, com que, na ebo-

(1) «On vit alors le spectacle le plus extraordinaire et le plus ridicule, la poésie séparée de la religion, dont elle est le fond naturel et l'element intime, l'Olympe restauré non par sympathie archeologique, comme aujourd'hui, mais par convenance, pour remplir un cadre vide et ajouter une parade de plus à toutes celles dont ce siècle s'était affublé. Il y eut une sorte de jargon grec et latin convenable au même timbre qu'une perruque; on employa Apollon en les Muses comte l'hémistiche et la esure; on mit en œuvre l'Amour et les Graces comme les cédrats confits et les billets doux; il y eut un dictionnaire mythologique comme un code du savoir-vivre et les pauvres dieux antiques arriverent à cette humiliation extrême de servir de pastiches et de paravents.» Taine, *La Fontaine et ses Fables*, p. 224.

(2) *Primavera*, p. 36.



lição do pleno seculo dezenove, o poeta procura elamar para o mundo das idyllos, não se contenta só em aconselhar o leite e o mel dourado, elle mesmo se transporta a esse mundo: «Meti-me pythagorieo aos vinte e trez de Agosto do anno de 1822, tendo sido gastos os mezes, que desde a feitura do Poema deoerrem até esse, em acabar de me resolver e aparelhar para tão grande façanha; e permancei na observancia do voto até vinte e trez de Agosto do seguinte anno. Aea-bei o noviciado, e em logar do professar, despedime.» (1)

A impossibilidade da vida aconselhava, tornava evidente a falsidade do ideal. Castilho é como um d'estes poetas da decadencia classica na litteratura do Imperio em França; pertence á eschola descriptiva, didactica, e com uma procurada melodia de versificação embala os ouvidos para não ouvirem as pequeninas comparações de coisas futeis; Delille, o mestre de todos estes pseudo-poetas, passava em revista todas as descripções e ufanava-se de ter feito doze camellos, quatro cães, trez cavallos, seis tigres, dois gatos, muitos invernos, immensos estios, innumeras primaveras, cincoenta e seis occasos, uma infinidade de Auroras: Castilho faz tambem o seu inventario.

A sua *Primavera* é uma *bemaventurança* de fatuos; não tem acção, e como pode tel-a um livro que se compõe de «Todos os amores de que se urdo e tece a do-

(1) *Primavera*, p. 284.



mestica felicidade, se acham aqui representados por um modo que se recommendam e d'elles se embae de mui bom grado o animo: o amor filial, o paterno, o materno, o conjugal, a amizade, até o affecto aos animaes, arvores, flores, e mais criaturas de Deos, companheiras nossas n'este mundo, que vem de envolta com a recreação.» (1)

Sempre uma nauseabunda doçura, nua lymphatica brandura! Fiquem por uma vez destruidas estas funestas influencias dos poetas didacticos do Imperio. A *Primavera* deve o acolhimento á falta de leitura que soffren a nossa sociedade. Tinhamos apenas chronicas sneenlentas de frades! O pobre livrinho era um manué. Depressa mereceu as honras de occupar um lugar no çafatinho de costura, ao pé dos romances moeraes, enternecidos, graciosos de madame Cotin e madame de Montolien, que então se traduziam por cá, e andavam em moda. As leitoras amaveis estavam restrictas ás *Mil e uma noites*, ao *Grandisson*, ás *Novellas* em que não apparecia uma dada vogal, e nas faltas suppria o *Flos Sanctorum* em nua edição pequenina.

Foi isto o que deu largas ao poeta: festejaram-no com cartas anonymas, a ponto de não poder sustentar o papel do *Narciso*. É este caso a origem do *Amor e Melancholia* ou a *Novissima Heloisa*, que o anetor mais tarde explica loquaz e pnerilmente na *Chave do Enigma*, na prosa que accompanha as insonsas quadrinhas.

(1) Ibid. Pag. 44.



Castilho não conhecia a Heloisa da legenda, nem o sublime livro de Rousseau, senão, não se atreveria a baptisar com esse titulo compromettedor um livro banal, frio e mal feito; as quadrinhas parecem sortes da noite de Sam João, ou d'estes ternos disticos que então era de costume bordar nos lenços de assoar; exprimem scismaticos enlevos e brandos queixumes que levavam á piedade os meigos corações dos quinze annos.

Melhor lhe fôra ter subido á pyra fumegante com as doces cartas a que respondia; o seu fumo iria formar em volta do auctor um vago nebuloso, uma lenda engraçada, já que a realidade o humilha tanto. Mas em roda do poeta levantava-se uma arte turbulenta, devastadora; havia um excesso de vida que elle não sentia, era o *Romantismo*.



§. IV

CASTILHO EVITA O MOVIMENTO ROMANTICO. — Victor Hugo e a *Notre Dame de Paris* no prologo dos *Quadros historicos*. — A idade media na *Noite do Castello*. — Sentimento falso dos *Ciumes do Bardo*. — Um poema de Madame Girardin. — Regresso aos estudos classicos.

Não vale appresentar novamente o quadro do renascimento de todas as litteraturas da Europa na abertura do seculo XIX; era preciso o hymno do *secoul si rinuova*.

A grande individualidade alcançada pelas revoluções liberaes e pelo desenvolvimento dos estudos metaphysicos, assignalam uma transformação brilhante de que a humanidade só teve consciencia nas suas creações, — na litteratura. Como *subjectiva*, realisando sentimentos que se não previneu, e cujos impulsos não podem ser calculados nem medidos, a arte romantica não teve modelos, era essencialmente livre. Foi d'esta liberdade que cada litteratura tirou forças para *nacionalisar-se*. O Romantismo não se implantou sem lucta; lucta travada, renhida, como provocam sempre as ideas novas; ao cabo viu-se ao sol da verdade que os que debatiam contra eram velhos academicos que já se não podiam desacostumar da senda aristotelica. Estes se chamaram os *classicos*, não com o nobre sentido que lhe deu Goëthe, mas como simples contrapo-



sição aos *romanticos*. Diz Goëthe na sua correspondencia com Eckermann: «A determinação da poesia *classica* e da poesia *romantica*, que agora se adopta por esse mundo, e que é causa de tantas disenssões e dissenções, é, no que respeita á essencia, minha e de Schiller. Eu tinha adoptado para a poesia o processo objectivo, o unico que me pareceu bom. Schiller, que pelo contrario, procedia de um modo todo subjectivo, julgou seu methodo melhor, e foi para se defender contra mim, que escreven o seu tratado da poesia sentimental e da poesia simples. Os Schlegell apoderaram-se d'esta distincção e levaram-n'a mais longe, de forma que hoje se estende por todo o mundo.» (1)

As bellas traducções dos romances de Walter Scott por José Maria de Ramalho e Souza, a traducção do *Oberon* de Wielland por Filinto, foram as primeiras disposições para o Romantismo; passaram por assim dizer desaperecidas. E' ao visconde d'Almeida Garrett que se deve a renovação da moderna litteratura portugueza. Castilho viu-se no meio d'este espirito novo, como o dormente da Roma pagã que acorda na Roma do christianismo. As suas primeiras palavras foram de maldição aos perturbadores da serenidade da velha Arcadia. Viu que não podia dizer d'elles, nem de Schiller e que Florian dizia de Gessner; essa leitura não podia tornar castas e probas as suas ovelhas. Ve-

(1) Ejespraechen mit Eckermann, 203, João Paulo, *Poetica*, t. II, p. 436.



jamos o pavoroso quadro d'essa invasão nos valles e amenidades do seu idyllo, tal como nol-o descreve circumstanciadamente no prologo dos *Quadros Historicos de Portugal* (1838):

«A actual litteratura (onde a ha) em desconto de seus outros grandes peccados de scepticismo religioso e, o que mais forte e indesculpavel é, de *scepticismo moral*, (1) tem introduzido e refinado muito conhecimento de relações das partes e individuos do mundo

(1) No prologo da segunda edição das *Viagens na minha Terra*, respondeu a esta allusão Garrett com as seguintes linhas: «Tem sido accusado de *sceptico*, é uma accusação mais absurda, que só denuncia, em quem a faz, ou grande ignorancia ou grande má fé. Quando o nosso auctor (Garrett) lança mão da cortante e destruidora arma do sarcasmo, que elle maneja com tanta força o dextridade, e que talvez por isso mesmo, conscio do seu poder, elle rara vez toma nas mãos—veja-se que é sempre contra a hypocrisia, contra os sophismas, e contra os hypocritas e sophistas de *todas as cores*, que elle o faz. Crenças, opiniões, sentimentos, respeita-os sempre. As mesmas suas ironias que tanto ferem, não as dirige nunca contra individuos: vê-se que despreza a facil vingança que, com tam poderosas armas, podia tomar de inimigos que o não poupam, de invejosos que o calumniam, e a quem, por cada dicerio insulso e ephemero com que o tem pertendido injuriar elle podia condemnar ao eterno opprobrio de um pelourinho immortal, como as suas obras. Ainda bem que o não faz! mais importantes são as suas obras, e quanto a nós, mais punidos ficam os seus emulos com esse desprezo do homem superior que se não apercebe de sua malignidade insulsa e insignificante.

«Voltando á accusação de *scepticismo*, ainda dizemos que não pode ser *sceptico* o espirito que concebeu, e em si achou côres com que pintou tam vivos, caracteres de crenças tam fortes como de Catão, de Camões, de Frei Luiz de Sousa, — e aqui n'esta obra (*Viagens*) os de Frei Diniz, de Joanninha, da Irmã Francisca.» p. vii.

*



entre si; e d'ahi nos ter expremido para o coração uma quinta essencia mui pura de interesse e affecto universal, misturada com uma decima essencia subtilissima de egoismo esterelizador (não sei como diga, para que a entendam a verdade que me abafa.)

«Depois que a Mnsa se chrimou em Natureza, e largou por velhos os graves cothurnos, e fidalga fala do seu tempo; depois que se fez cosmopolita, *liberal* e *plebea*, prestes para tudo, para banquetes de cynicos sobre a lamagem nas tabernas, para a adoração profunda do Eterno; para dançar núa com as prostitutas, ou voar pelos alcantis e espinhos de todas as difficuldades ou de todas as virtudes; depois que disse na sua nobre ou delirante ambição: *Tudo é meu*, e cravou no meio do mundo espantado bandeira livre de conquistadora que, remontado pelos céos, vae tremular por cima da cabeça de Deos; depois que olbou para o espectro do Passado, e lhe cuspiu na face e riu; para o embrião do futuro, e lhe atirou veneno, e riu; e disse ao Presente: — Dança ao redor de mim, por que eu te abri o magestoso manancial de todas as dores impias, — e riu; levantou-se entre todos seus ministros uma grande confusão, por que se ouviram os gemidos do Provir, os lamentos do Passado, as blasphemias do Presente.» — Estes dislates, com pretenção a estylo biblico, enójam. «Uns, almas generosas nascidas para amar, disseram: — Nós procuraremos salvar tudo isto pelo amor. Outros, almas indomaveis nascidas para o triumpho, disseram: — Nós assignalaremos as rodas



do nosso carro sobre estes trez cadaveres de Tempo. E a poesia lhes disse: — Ide e os bafejou a todos.

«O povo, que só das palavras alheas compõe a sua sabedoria (absurdo) corre aos theatros a apprender, como se consumina, explica e defende o adulterio, o incesto, a traição, o perjurio, o parricidio, o patricidio, o infanticidio, o regicidio, o deicidio, horrores que o grande Solon nem quizera se julgassem possiveis, para lhes prevenir penas em suas leis; palavras de agouro e maldicção, que semelhantes ás que uma antiga religião defendia, nunca haviam sahir de humanos labios.» É com estas mesmas palavras que o clero fanatico tem amotinado as túrbas contra todos os progressos. «O mesmo povo abre livros, e n'elles se encontra com os mais formosos quadros de toda a imaginavel brandura.» Aqui a jumenta de Balaam obrigou o falso propheta a falar verdade. «Por um ouvido, um demonio lhe espira como se embotam os punhaes, para que a ferida seja mais vagarosa; como se farpam, para que mais dôa; como se hervam, para que não sare; por onde se hão de embeber e quanto sangue hade manar, quantas fibras descozer-se, quantos gemidos e arrancos ouvir-se, com que gestos, com que sorrisos e palavras se hade desesperar a agonia, como é que o pé se lhe hade pôr sobre os olhos para que não veja o céo. No outro ouvido, um Anjo lhe insinua que a felicidade toda assenta na paz interior, a paz interior na virtude, a virtude no amar sempre a todos e a tudo, no amar sem outro fim senão o propriô



amar. Aparecem á porfia os sophismas do parricidio nos *Salteadores* de Schiller (este não podia tornar com os seus poemas mais probas e castas as ovelhas de Florian) e os extremos da affeição a um pobre cão no *Jecelyn* de Lamartine; (admira-se talvez, por que entende como christão que os cães devem ser tratados como os tratava Malebranche) os horrores de una *Justina*, e as piedosas magoas de um *Leproso de Aoste*; *Catherina Howard* e as *Prisões* de Silvio Péllico. Que digo? o mesmo livro, e quasi o mesmo momento, muitas vezes combina estas repugnancias: o famoso monstro litterario intitulado *Nossa Senhora de Paris*, por Victor Hugo, é um libello diffamatorio e infernal contra a natureza humana, e junctamente um Evangelho do amor materno. E' a lucta perpetua do Bom e do Mau Principio: são os dois extremos do homem, nefandamente amarrados entre si pelo genio do homem; imagem d'aquelle supplicio, inventado por um antigo rei de Italia, o desprezador dos Deoses, como lhe chama Virgilio, o vivo abraçado com um cadaver, os labios que respiram e gemem pregados n'uns beiços mudos que exalam morte, e os olhos que vêem sobre dois globos que olham sem verem. Esta é a incomprehensivel, a espantosa Litteratura da nossa idade! Oh quem soltasse este vivo, por que o contacto d'este defuncto o não contaminasse! Oh quem enterrasse este morto, por que a presença d'este vivo lhe não aggravasse a condemnação! Homens innovadores, sublimes, infernaes, *Romanticos*, algozes do coração, da



alma e da fé, que resplandeceis na vossa gloria como Satanaz em seu throno de fogo, *eu* escriptor desconhecido do mais pequeno recanto do mundo; *eu*, cujas galas poeticas são tam mesquinhas que por minhas mãos ao rasgo sem dó; *eu vos desprezo*, e por uma fama sete vezes mais alta do que a vossa, por thezouros sete vezes mais fartos de que vos rendem as vossas phrazes magicas, não quizera ser o que sois; que assim como inventastes um veneno infallivel para cada virtude, não inventastes outro para a vossa propria consciencia, temerosa tem de ser a vossa ultima hora na vida.» (1) Se este homem tivesse consciencia do que diz, responder-se-lhe-ia, que os *contrastes* que formam o processo artistico do Romantismo, não são filhos de um systema exclusivo de elocução quintilianesca; os *contrastes* apparecem sempre onde ha verdade na arte. Mesmo em Homero, Achilles appresenta esta doçura de character: «Por que choras tu, Patroelo, como uma criança que ainda não sabe falar, que corre atraz de sua mãe e que a segura pela saia, e a detem e a contempla chorando para que a leve ao collo.» (2)

E o mesino heroe diante de Heitor mostra esta impetuosidade indomavel: «Cão, não me supplices de joelhos, nem pelos meus parentes. Oxalá que a minha colera e o meu coração me levassem a dilacerar e a comer a tua carne crua, pelo mal que tu me fizes-

(1) *Quadros historicos*, p. 4, 5. Edição brasileira de 1847.

(2) *Illiada*, xxii, 345.



te.» (1) Os *contrastes* na poetica moderna, como se acham principalmente em Victor Hugo, não tem este fim immoral que lhe acha o classico agoureiro; tendem constantemente a mostrar-nos que a natureza não conhece o feio, nem produz aleijões; o que ha de mau é uma criação nossa, das nossas circumstancias, e por isso no fundo das cousas repugnantes, aonde existirem ainda alguns vestigios da natureza, lá pode transluzir o bello. E' a isto o que se chama um *ideal de reflexão*, emquanto o bonito é um ideal immediato, evidente em si mesmo.

Falando do *Roi s'amuse*, explica Victor Hugo o pensamento d'este modo: «Tomae a disformidade physica a mais feia,... illuminae por todos os lados, pelo clarão sinistro dos *contrastes*, esta miseravel criatura; e depois dae-lhe uma alma, e dotae esta alma com o sentimento mais puro que seja dado a homens, o sentimento paternal; o sêr disforme tornar-se-ha bello.» E quem negará a perfeição moral, a sublimidade da alma de Triboulet, o degradado bobo, sempre verdadeiro, mesmo interpretado na musica por Verdi?

O *Romantismo*, denominado por Victor Hugo o *liberalismo na litteratura*, foi condemnado na sua essencia por Castilho: «A *liberdade e equaldade* que, para nivellar a face da terra, vão apagando a figura e pml-verisando o ser proprio de tantas cousas, já invadiram

(1) Id. xvi, 6.



e senhorearam a litteratura.» (1) Em França a lucta do *Romantismo* tinha levado Baour-Lormian, Jouy, Arnault e Etiénne, a pedirem ao rei Carlos x, em janeiro, a proscricção do *Romantismo*; entre nós Castilho ameaça os Romanticos, que affligem a banalidade enthronisada, com as penas do fogo eterno e com a agonia da hora da morte. Quando Castilho proscrescia Schiller por não servir para tornar probas e castas as suas orelhas, um folhetinista francez, falando desdenhosamente do theatro de Schiller, dizia que quem escreve a *Donzella d' Orleans* merecia ser açoitado no pelourinho. Em toda a parte o *Romantismo* soffreu uma lucta assim ridicula; as *venias* de Goëthe e Schiller, as digressões insultantes de Byron, os epigrammas de Victor Hugo, foram confirmando aquelle aphorismo oriental: « A verdade é grande, ella prevalecerá.» Contra a bagagem de regras desligadas como os ossos de um esqueleto, e mais que tudo mal comprehendidas pelos que se arrogaram o nome de classicos, appresentou Victor Hugo o prologo de *Cromwell*; ali os esmaga com o pezo da ignorancia d'elles; aos discipulos de La Harpe, que ainda se regulavam nas suas composições pelo codigo epico do Padre Le Bossou, e traziam presentes a definição de Voltaire, que o gosto não é para a poesia outra cousa mais do que os enfeites para as mulheres, mostrou-lhes que o gosto era a rasão do genio, que se revoltava contra a poesia amaneirada, arrebi-

(1) *Quadros Historicos*, pag. 6.



cada, empolvilhada, já velha no seculo XVIII, o que vinha disputar competencias de mocidade com a alma que se renovava. (1) Em 1836, quando o *Romantismo* entre nós tinha sido implantado por Garrett, quando a nossa litteratura havia sido enriquecida com um theatro nacional, com o *Camões*, *Dona Branca*, *Alfageme*, com a *Harpa do Crente* de Alexandre Herculano, esse livro profundo do sentimento para o qual não bastam elogios, com o *Eurico*, e *Monge de Cister*, Castilho descrevia os estragos do *Romantismo* n'este tom:

«A poesia amavel, a que nas mãos e scio nos vinha offercendo ramilhetes, e fructos no regaço, e amores nos olhos, e nas falas consolações, affastou-se d'entre nós, onde ainda a alguns poderia aproveitar, e assim como outras muitas boas artes e prendas, foi reclinar-se á espera na beira da torrente dos dias, d'onde não volverá, sem que primeiro se restaurem muitas optimas cousas e todas suas, que o mundo velho tinha produzido. Mas d'onde virão estas cousas? Do mesmo mundo velho? mal o creio, que o novo quebrou a ponte que os juntava, e riu de ufania vendo abysmar-se fabrica que assim parecia eterna. Renascerão por tanto da propria natureza da terra, da indole da alma humana que já uma vez as produziu, ou do sopro do céu: renascerão tarde; renascerão quando nós já não formos; renascerão talvez diversas, mas renascerão. E quaes são estas cousas do mundo passado cuja perda

(1) *Cromwell*, pag. 54, ediç. de 1850.



tanto dóe ás Musas e á Virtude? são as formosuras e magnificencias da religião, o respeito aos finados e a seus sepulchros, ás lições da experiencia, ás obras dos antigos homens, a veneração ás cãs, o quasi culto ás mulheres, a beuevolencia e sociabilidade, o aferro dos usos e modas patrias, o amor do estudo, que nós dissipámos com as leituras ephemeras, e o amor do torrão natal, nobre fecundissimo sentimento, mas impossivel onde se vive sem muita brandura, e sem firme certeza de permanccer. Tudo isto se perdeu para nós e não sei que bens haja em seu logar posto a *Philosophia.*» (1) É d'este modo que nas aldeias se revolta o povo contra qualquer ministerio; estas palavras são malevolentas.

O genero pastoral absorvera-lhe todas as predilecções; pela innocencia imbecil do mundo dos idylios, procura Castilho sustental-o delatando ao publico fanatico e nada instruido, as creações *romanticas* como immoraes e scepticas. Em verdade, o genero pastoril leya a este refinamento, como se pode observar na velha farça do *Advogado Patelin*, onde o typo astuto, vesano, solerte do camponez Agnelet, chega a pregar um logro ao trapasseiro *Advogado*, que acabava de enganar o honrado burguez commerciante. Levam a isto os idylios do campo. Demais, quando menos se esperava, o poeta, falto de individualidade, e transigindo com todos os poderes, declara-se alfin *romantico* no

(1) *Primavera*, pag. 20, ediç. 2.^a



poema da *Noite do Castello* e. no poemeto dos *Ciumes do Bardo*. Escreve com as exigencias do publico, e porque vê *que as passadas obras não occupam meia hora os homens graves e bons juizes*; o partido horaciano e caturra dos contubernaes pede *que torne ao seu primeiro caminho*; por fim sem inspiração propria não sabe *como contentar a todos*. Conhecendo que as suas obras tinham o defeito da prolixidade desconnexa, a que chama *estiramento do periodo*, Castilho conta-nos assim a primeira tergiversão da sua Musa :

«Sairam a *Noite do Castello* e *Ciumes do Bardo* muito mais contraídos e apanhados em cousas e palavras (sujeitos a um plano, quer dizer com isto) do que estes poemetos (*Primavera* e as *Cartas de Ecco*) pois contudo muitos houve e ha, que por isso mesmo ficaram preferindo os antigos e até os velhos opusculos (Epicedios a D. Maria I, e o poema á *Acclamação de D. João VI.*) A cada hora me diz um, que torne ao meu primeiro caminho; outro que não desampare o novo: uns, que estas ultimas obras se não lêem senão de escasso numero; outras que as passadas não occupam meia hora os olhos dos homens graves e bons juizes. Oh! quem reconheceu nunca a verdade da fabula do velho, do rapaz e do burro como o triste, que para expiação talvez d'algum grande peccado, entrega e desampara a publico os partos do seu tinteiro! Pois que não pôde ser contentar a todos, ir-me-hei como e por onde o meu juizo, gosto e natureza me levarem.» (1) A arte d'es-

(1) *Primavera*, pag. 36.



te modo não tem elevação, nem um fim sério; é um caminhar ora a cavallo, ora com o burro ás costas, segundo o exige o gosto do publico; d'este modo o artista é ainda o que pede esmola em verso, como os velhos poetas palacianos. A arte assim dá só estiramento de periodos, e a dependencia dos modelos para imitar, e o culto das tradições de escola com que se proteger. O artista é o que faz o gosto, o que domina e educa o seu tempo; a mediocridade é que anda tateando as conveniencias, evitando ir contra as rajadas que lhe podem arrancar as pennas fugidas com que se empavona.

A *Philosophia* ou a independencia intellectual, e a *Liberdade* ou a independencia politica, levantaram ao brilhantismo que hoje tem em toda a Europa, a litteratura moderna. Castilho olha a philosophia como uma causa de ruinas, (1) e diz que os que sonham com liberdade mentem ou deliram. (2) Vejamos quem assim pensa como póde contrafazer a poesia de um seculo agitado pelas conquistas dos eternos principios, pelas grandes applicações nas maravilhas das descobertas: a poesia das almas fortes e das almas doentes; a poesia suave e crente de Lamartine e dos *lakistas*, e a poesia tumultuosa, desoladora, afflictiva, vertiginosa de Alfred Musset, Heine, Espronceda e todos os da escola chamada *satanica*! Castilho deu justamente,

(1) *Primavera*, pag. 21.

(2) *Quadros historicos*, pag. 9.



sem o saber, um poema romanesco, a *Noite do Castello*, e um poemeto impetuoso, byroniano: *Os ciumes do Bardo*; o primeiro é uma idade media recortada, cujos sentimentos são inspirados pela impressão que então exerciam os romances de Madame de Radcliffe; os *Ciumes* são nma pagina intima e sem grandeza; o sentimento que procura communicar, em vez de tomar uma forma natural e sublime, como o comprehendeu Shakespeare, esvae-se em imprecações e pragas e monologos de fraqueza. No ciume do Othello, não se vê a offensa pessoal; elle vinga não a affronta propria, mas a justiça e o dever que foram ultrajados; é executor bem contra sua vontade, mas obedece a uma força moral que lhe vem da consciencia. O pobre *Bardo*, traça o manto de uma maneira chateaubrianesca e vae bravejar aos ventos, ameaçar os ares, vendo o mundo através de um vexame que em parte talvez o merecia. Os *Ciumes do Bardo*, pela sonoridade do verso, lêem-se uma vez; d'aí lhe vem o acolbimento do publico; lidos segunda vez desfazem-se como um papel doirado que se descolla. O defeito provem todo de o auctor ter renegado da catholica religião do classicismo e transigir com a seita dissidente que tomara a litteratura de assalto.



§. V

FALTA DE INDIVIDUALIDADE. — As traducções de Ovidio e de Virgilio — Tendencias imatadoras do seu espirito — O espirito frivolo de criança leva-o a firmar a *Mnemonic*, o *Tratado de Metrificacão* e o *Methodo repentino*. A sua critica litteraria — Conclusões.

Em todas as composições de Castilho apparecem sempre os caracteres d'aquella *infancia* de sua alma; não envelhece, parece-se com esses monges bretãos que tinham recebido o bastão do peregrino, que dava uma perpetua mocidade. Porem esta infancia tem sido sempre desbaratada, ou melhor, nunca nos deixou vêr d'ella mais que os seus defeitos. Como criança ama o descriptivo e o excesso de colorido; não forma plano, vae ao acaso da inspiração; é digressivo e interrompido de incidentes do discurso o estylo; é imitador e de preferencia traductor. A mesma *infancia* nunca lhe deixou ter uma individualidade propria, a dependencia de ampáro tornou-o tambem moralmente fraco; bem o conhece e defende-se com ella. Quando no *Portugal Illustrado*, M. Kinsey disse, que Castilho não tinha o sentimento da natureza e que a pintava mal, o poeta defende-se d'este modo: «este descriptivo é desbotado e de côres pouco vivas e proprias se com o de Gessner ou Kleist se compara, mas é o melhor que eu soube; eu que nem podia ir-me pelos campos fazendo, como de si dizia Kleist, caçadas poeticas de imagens, nem



discorrel-os como Gessner, de lapis na mão. Já pôde ser que o Padre Kinsey, ou o seu ponto (pseudonymo) não houvessem de se me avantajarem muito, se lhes coubesse tirar ás escuras, ou quasi, o retrato da natureza:» (1) Castilho descobre em toda a parte esta fraqueza, com uma simplicidade que desarma; na sua vida domestica parecia vêr-se aquelle quadro de interior, Milton entretido pela leitura de suas filhas. «Uma mulher, toda boa, toda extremosa, tomou unicamente a peito o vingar-me da natureza; cerca-me de continuo, como um anjo, de amor e de luz; empresta-me olhos para eu ver o mundo e as obras dos seculos... (2)

A perda de sua esposa foi como diz em um *post scriptum* de um prologo, o maior infortunio da sua vida, uma perda de que em nenhum tempo o coração se poderá consolar: «Quebraram-se as forças para continuar no trabalho, bem como se esvaíram muitos, antes todos, meus projectos.»

Nos *Quadros Historicos* lamenta a morte de um modelo de irmãos, que o coadjuvava no que dizia respeito ao revolver, apurar e digerir todos os successos, deixando-lhe o estylo e a poesia, que é o quem tem principalmente a obra. (3) Todas estas circumstancias o privaram da virtude masculina e superior da individualidade; fizeram-no um espirito frivolo, entretido

(1) *Primavera*, p. 40.

(2) *Idem*, pag. 290.

(3) *Quadros Historicos*, pag. 245.



com combinações de *Mnemonicas*, fazendo-o apaixonar por bagatellinhas como um *Tratado de Metrificação*, e o uso dos versos com letra pequena. O *Methodo repentino* é nóbre na intenção, mas pueril.

Por toda a parte as traducções occupam um valor secundario na litteratura; reconhecem-se a impossibilidade de trasladar com uma precisão geometrica para uma lingua os sentimentos, por si indefinidos, expressos nas differentes cambiantes das palavras e formas prosódicas de outra lingua.

Todas as traducções modernas são em prosa, por que servem para estudo, e é a prosa que dá a mais ampla liberdade ao pensamento. Para traduzir uma obra d'arte é preciso sentir-a novamente, e quem sabe sentir é creador tambem, e inventa por si.

Com esta esterilidade de alma e sem recursos de imaginação, Castilho lançou-se aos poetas antigos; serviu-se d'esta abundancia de phrases que traz de memoria ordenadas em forma de vocabulario, vacas baralhando pacientemente, e com o acinte de quem pensa enterter o vazio do espirito e a solidão do isolamento, segue ora *verso a verso* o poeta que tortura, ora lhe dá tratos de polé na redundancia de *paraphrases*.

Traduz como um grammatico; não vê o intimo das palavras; começa por não comprehender o poeta que traduz. Ovidio foi o primeiro que lhe veiu á mão, sem escolha, casualmente; versando-o com mão diurna e nocturna chegou a apaixonar-se por elle, a tornal-o o seu dilecto. Para os que não são latinistas, para le-



rem Ovidio bastava-lhes qualquer traducção ou de Panckouke ou da collecção Nisard. Castilho diluindo cada hexametro do Sulmonense, em tres endecasyllabos portuguezes, tornará mais conhecido o exemplar antigo? Se elle mesmo não comprehende mais do que as palavras; e essas mesmas palavras são como senhas sacramentaes cujo valor não aleançam os profanos que as repetem. Castilho começou pelas *Metamorphoses*. «As Metamorphoses, diz um profundo critico moderno, nenhum livro melhor do que ellas mostra quanto se ignorava a antiguidade heroica e divina. Estas nobres legendas, todas animadas de vagas ideias philosophicas, da mais larga e da mais pura poesia, tornaram-se nas mãos de Ovidio, lindos contos ornados de felizes antitheses, perfumados de espirito e galanteria, que uma dama romana dispenderia voluntariamente no seu toucador.» (1) Agora comprehende-se como Castilho obedeceu á sympathia que o uniu a Ovidio; espirito futil, sem profundidade, conhecendo a fabula pelas explicações chatas do Diccionario de Chompré, não vendo mais do que brilhantes nadas das imaginações antigas que adoravam falsos numes, era-lhe facil pôr em vulgar essas personificações allegoricas, cujo processo de poetisação já estava ensinado pela rotina da estafada rhetorica das Academias do seculo XVII e XVIII. Que esses poetas academicos não comprehendessem a *fabula*, e a reduzissem a um armazem de

(1) Taine, *Essai sur Tile-Live*, pag. 17.



mataphoras d'onde extraíam todos os tropos para as suas odes saphicas, pindaricas, epodicas, alcaicas, percebe-se, porque, intelligencias vulgares, desbaratadas em frivolidades, não tinham assistido á descoberta dos grandes poemas da India, da epopêa germanica, das theogonias do norte, factos que engrandecem o seculo; não podiam por isso partir da unidade das tradições para a lei da sua formação, nem descobrir como os povos perpetuam os dogmas religiosos, o direito, as descobertas, os successos n'essas creações caprixosas de symbolos, legendas e mythos. Castilho vive n'um mundo phantastico, ignora o presente e amaldiço-a. O espirito moderno ri-se d'elle, como o povo de Roma se riu dos dormentes que despertaram em meio de uma sociedade nova, com outros usos e costumes. Depois dos trabalhos de Kreutzer, de Guigniaut, de Preller sobre a mythologia, a opinião de Taine sobre Ovidio não precisa de demonstração. O seculo XVI, a *moderna antiguidade*, comprehendeu Ovidio como simples pagão, e tratou de lhe salvar o texto e de apural-o com commentarios eruditos; no seculo XIX um homem esforça-se em voltar ao passado, até se tornar um rhetoricoda decadencia. De um gosto convencional, sente-se pela inclinação do character um litterato byzantino; a *Arte de Amar* é uma composição erotica sem valor, uma lisonja á depravação romana. Na traducção dos *Fastos*, melhor do que em nenhum livro, se encontra o gráo de ignorancia dos homens que em Portugal escrevem;

*



Castilho convidou mais de cem escriptores para commentarem o texto; tudo o que ali se lê é ou traduzido das encyclopedias, tirado de Jacou, das notas dos scholiastes; ha muita minucia, muita citação, mas faltam só vistas novas; não apparece um unico resultado da critica moderna, nenhuma apreciação da philosophia de arte, nenhuma interpretação da moderna sciencia da Mythologia; ainda eá não chegou esse movimento. Castilho maldiz todos os traductores de Virgilio: João Franco Barretto, Leonel da Costa, Lima Leitão, Barretto Feio, Odorico Mendes, todos o interpretaram mal; Castilho insulta-os, deprime o trabalho d'estes homens, e ameaça-nos com uma nova traducção. E como poderá elle comprehendel-o, quando só se acha capaz de traduzir melhor os termos da lavoura, e em menor numero de versos? Virgilio não é isto que entre nós se pensa. É preeiso uma alma pura de toda a inveja, simples, boa por natureza para avalial-o, para aspirar aquelle perfume de melancholia que fez com que elle presentisse o christianismo. Como é que um grammatico póde traduzir este hemistichio divino: «Suunt lacrimae rerum» quando para elle a arte é um mister e uma lisonja á corrupção de um novo Baixo Imperio? Ao menos o grammatico de Ravena, que jurava pela infallibilidade de Virgilio, tinha mais alma para comprehendel-o do que um que o parodia em palavras mentidas. O sentimento de Virgilio só póde ser comprehendido depois de se couhecer como alimentou e por assim dizer refreseou a alma humana durante todo este perio-



do de aridez theologica, de sevieias feudaes, que formam o deenrso da idade media. A egreja chegou quasi a levantar-lhe altares; Sam Paulo vem ao tumulo de Virgilio, e ehora por não ter vindo mais eedo, para salvar uma alma tão pura, tão apta para reeeber a doutrina do ehristianismo. Depois de se haver estudado a Renaseença é que se aehou desenvolvido n'ella o genio de Virgilio; foi, por assiim dizer, nm conheei-mento *a posteriori*.

Dante diz n'un dos tereetos da *Divina Comedia*, dirigindo-se ao seu guia: «por ti eu fui poeta, por ti eu fui ehristão.» E Virgilio adiante, vendo-o perturbado e querendo fortalecel-o, diz-lhe que um espelho não reflectiria melhor todas as emoções que lhe vêm á faee. E' a alma da Renaseença, o espelho em que se vin representada. Castilho não fórma ideia do que seja a Renaseença moderna, nem da aeção que ella teve na Europa; está d'este modo privado de lêr o melhor e o mais profundo commentario de Virgilio. Uma palavra de Dante, uma legenda grotesca de Virgilio na meia idade, fazem-no-l'ó comprehendem melhor do que todos os scholios de Donato, Servio ou Despauterio. Até sómente com a bondade natural se comprehendem melhor Virgilio, do que com toda a ferramenta de palavras e synonymias. Como a raça celtica o comprehendem!

Que melhor commentario de Virgilio do que esta bondade celtica, feminina, incompativel com a indole vaidosa, e rebaixada por uma iuveja incessante?



Castilho está privado do melhor criterio para avaliar Virgilio; é um traductor fiel, e tanto como estes pintores chinezes que entendem que a verdade da pintura está em saber o numero de nevruras que tem uma folha, e limitam toda a sua arte a um processo mechanico de reproducção servil. Muitas vezes as analogias dos caracteres, fazem com que conheçamos melhor o que estudamos. Castilho modernamente representa-nos o mesino que Pope na litteratura ingleza; o traductor do *Homero*, tiuha uma maledicencia de homem raehytico e descontente, não conhecia amigos, nem affeição diante do seu orgulho e vaidade litteraria; para elle a poesia não é mais do que uma gymnastica de palavras, em que, com apparencias de propriedade de expressão, encobre o vazio do artificio. Castilho, entre nós tem tambem a perfeição da symetria, da lima que desgasta as saliencias do diamante, procurando contornal-o para o metter dentro do engaste da rhetorica mesquinha.

Causas fataes e irremediaveis obrigaram Castilho a permanecer em uma perpetua infancia. Quem o accusa por isso? o que obriga a pô-la em relêvo, é o apresentarem o que é uma incapacidade como faculdades superiores. Do seu genio pueril e infante provém todas as suas obras litterarias, taes como o tratado de *Mnemonic*, o *Cerebro artificial*, o *A B C repentino*, os versos de letra pequena, o seu anachronismo idyllico, a tendencia irresistivel para traductor, isto é, a necessidade de ir pela mão de quem teve primeiro o tra-



balho de pensar; a abundancia esteril do seu estylo, e sobretudo uma necessidade absoluta de adulações.

Havia annos que morrera Garrett, o revolucionario ineansavel do *Romantismo*; Hereulano deixara a imprensa e a vida publica, desenganado e aborreeido do governo constitueional por quem combatera. Castilho tratou logo de avoear a si a supremaeia litteraria; um dos seides que o cercava eh egon a sustentar na *Revista Contemporanea*, que era elle e não Garrett o verdadeiro principe da poesia moderna; por uma doee illusão da idade veiu a considerar-se um pontiffee litterario, passando bullas de indulgencia aos que se apresentavam nas lides da imprensa. Era moda trazerem todos os livros que se publicavam nma carta ou breve da infallibilidade do mestre; ninguem podia ser lido sem trazer a ehancella saerosanta só obtida por bajulações e negação absoluta de novidade. Reinava a doee paz no santo mundo das letras, Castilho e o seu rebanho todos conformes em dar e receber as incensadellas apparatusas. Comtudo a litteratnra da Europa avançava, e novos principios foram introduzidos no mundo pelos pensadores, tendo fatalmente de produzir em dado tempo os seus resultados.

Foi então que appareceram dois escriptores deseonheehidos, que pensavam e esereviam com independencia; era preciso detel-os nos seus impetos iconoelasticos; já se não podiam fazer accusações de *gallicistas*, descobriram outra — de *nebulosos*. Aeeusaram-nos do crime de introduzir o espirito allemão na litteratu-



ra. Crime estupendo. A Allemanha, ha mais de sessenta annos, tem-se tornado a iniciadara da actividade intellectual da Europa; os estudos historicos, a critica sobre tudo, a metaphysica, as sciencias naturaes, tem experimentado num impulso brilhante; os sabios d'Alem-do-Rheno deixaram a lingua latina, usada nos trabalhos eruditos pelos Scaligeros e Wolfius, pela linguagem vernacula, mais susceptivel de exprimir todas as cambiantes do pensamento, por isso que era aquella em que se pensava; tornou-se uma especie de algebra, como tal incomprehensivel ao vulgo. N'um estudo sobre Otfried Müller, diz Hildebrand, o traductor da *Historia da Litteratura grega*: «Por muito tempo ainda, franca e altamente se reconheceu ha alguns annos para cá, que o principal trabalho dos philologos francezes, inglezes e italianos será com effeito o de implantar e aclimar nas suas patrias as conquistas positivas da sciencia allemã, antes de curar em continuar esta corrente de estudos; e a vareda que ainda se conhece tão imperfeitamente, tem necessidade de ser seriamente preparada. É o que se comprehendeu, e o de que se occupam com um notavel desinteresse. Grandes talentos que pareciam destinados a abrir vias novas, dedicam-se a esta obra de interpretação e de iniciação; estendendo á Europa civilisada riquezas que só pertenciam a um povo, exaltam-lhes o valor pela clareza e com essa forma com que as revestem, de que têm sós o segredo.» (1)

(1) *Historia da Litter. greg.*, Introd. xxvi.



Entre nós ainda se concebe a litteratura como um divertimento, um mister mercenario; os que escrevem são *curiosos* e ignorantes, e bastante peninsulares para ficarem inertes e scismadores. O movimento d'este espirito novo foi acompanhado emquanto deu escandalo; mas passa desaperebido n'uma terra que chegou ao mais terrivel de todos os indifferentismos, o indifferentismo politico.

FIM.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is too light to transcribe accurately.



INDEX

A MR. MICHELET	v
INTRODUÇÃO	vii
MYTHOLOGIA IBERICA	
Endovelico, Hypsistos, Nethon	1 a 12
O CYCLO DE SAM-GRAAL	13
VIRGILIO NA EDADE MEDIA	
§ 1.º Formação das lendas de Virgílio.	23
§ 2.º Sanctificação de Virgílio	32
§ 3.º Virgílio e a Renascença	41
OS CONTOS DE FADAS	
Tradições dos seculos mudos	53
<i>O Rei Lear</i> no Nobiliario.	60
<i>A Dama Pé de Cabra</i>	61
<i>As tres Cidras do Amor</i>	65
<i>A Cacheirinha</i>	70
LENDA DO JUDEU ERRANTE.	77
LENDA DO DOUTOR FAUSTO.	89
POESIA DA NAVEGAÇÃO PORTUGUEZA	115
A POESIA MYSTICA AMOROSA	
§ 1.º Poesia Mystica na Italia	135
§ 2.º Poesia Mystica na Hespanha.	158
§ 3.º Poesia Mystica em Portugal.	168



AS CARTAS DA RELIGIOSA PORTUGUEZA . . .	183
OS POETAS MENORES.	
§ 1.º Poesia comica nos fins do seculo XVI	217
§ 2.º Poetas heroi-comicos portuguezes .	236
ROMANTISMO EM PORTUGAL	
Introducção. — O Romantismo é a reha- bitação da litteratura pela Edade Media.	251
§ 1.º Primeira manifestação do talento de Castilho.	260
§ 2.º Falso ideal da poesia	271
§ 3.º A sociedade portugueza, suas leitu- ras	293
§ 4.º Castilho evita o movimento roman- tico.	305
§ 5.º Falta de individualidade.	319





FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo 6.903

Autor Braga, Theophilo

Título Estudos da Idade Média

Classificação 869.4
B813e

N.o do Leitor	Data

TOMBO: 6.903

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro
do prazo, o leitor perderá o direito a novos
empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não
houver pedido para este livro.

MOD. 88 63 - B - 15.000





unesp